Vida & Labor no Mundo Espiritual

Uma Descricãò de Locais, Ocupacọ̃es, Entornos ẹ Condicôes nas Esferas

Mary T. Longley (Shelhamer)

Tradúção: Amadeu António

Por Membros da Banda Espiritual de MISS M. T. SHELHAMER, Médium do Círculo Público Gratuito do Banner of Light.

“O raio refulgente da Verdade é todo-penetrante; nunca pode ser apagado; a sua luz ainda iluminará o mundo.”

BOSTON:

COLBY & RICH, EDITORES. CANTO DE BOSWORTH E PROVINCE STS. 1885. Cumprimentos de JAY BENSON HAMILTON. D. IX Editor, Bible Champion.

FONTE DESCONHECIDA

2 de Agosto de 1940

PRÉFÁCIO

Quando a ideia de publicar este volume me foi primeiramente sugerida pelos meus guias espirituais, perguntei-lhes: que bem resultará disso? E eles responderam: ensinará aos mortais aquilo que lhes é impossível obter de qualquer outra fonte, mas sobre o qual têm um desejo supremo de se informarem — as condições, os arredores, os prazeres e as ocupações, bem como a influência exercida sobre os habitantes da Terra pelos habitantes do mundo espiritual; revelará algo sobre a vida que os seus familiares e amigos falecidos levam, e à qual eles próprios se aproximam rapidamente; mostrará que essa vida é uma realidade tangível, que é, na verdade, a substância, sendo esta apenas a sombra — o eterno, enquanto isto é apenas transitório; que, embora as alegrias que lá podem possuir ultrapassem todo o poder humano de conceção, só são alcançadas pela pureza de pensamento e pelo fiel cumprimento do dever, e que cada avanço feito nesses aspetos, nesta vida, os coloca num estado correspondentemente mais elevado quando entram no reino espiritual. Não tive desejo de fazer mais perguntas; a realização de tal obra pareceu-me, em todos os aspetos, desejável; acedi de bom grado aos seus desejos, e o resultado aqui se apresenta.

Acredito que tudo o que aqui é dado provém das mentes de inteligências espirituais, que até as próprias palavras empregues foram escolhidas por elas como as mais adequadas para expressar os pensamentos que queriam transmitir. Elas vieram até mim em momentos de tranquila reclusão, quando nada havia que perturbasse a harmonia absolutamente necessária para a transmissão das verdades que desejavam comunicar.
M. T. Shelhamer.

ÍNDICE

PARTE PRIMEIRA

Capítulo I — Violeta Espiritual. Simpatia. Raparigas. Velhice.

Capítulo II — Ecos Espirituais. Um Encontro de Espíritos Missionários. Um Espírito Regressa para Confortar a Mãe. Justo Reconhecimento de Espíritos que Regressam. Pensamentos Consoladores para Mães Enlutadas. A Ministração dos Espíritos. A Chuva da Terra do Verão. Felicidade dos Espíritos ao Comunicar com Amigos na Terra. Poesia das Esferas Espirituais. A Minha Mãe (poema).

Capítulo III — A Vida Real no Mundo Espiritual. Um Espírito Obscurecido Conduzido à Luz. Um Proscrito da Terra Regressa para Ajudar os Caídos. Auxiliadores Invisíveis num Incêndio. A Chegada de um Mortal à Vida Espiritual.

Capítulo IV — A Cidade de Zencollia e os seus Arredores. Um Templo de Saber. Salão da Metafísica. Salão da Literatura. Salão da Música. Vida Social em Zencollia. Vista Interior de Zencollia. Uma Assembleia de Mulheres; Igualdade de Sexos. Habitantes de Zencollia. Vista Suburbana. A Minha Casa, a sua Vida e Associações.

Capítulo V — Lugares que Vi. O Povo da Cidade Jardim da Primavera. Liceu Infantil. Cidade Harmónica. Um Magnífico Templo. Cidade da Alegria. Florália, o Vale das Flores. O Vale do Deleite. O Feliz Território de Caça dos Índios.

Capítulo VI — Cenas e Incidentes na Terra Espiritual. Prova e Triunfo. Um Lar para os Cansados. A Condição de Alguém Egoísta na Terra. Primeiros Passos para o Esclarecimento. Libertação de um Espírito. Liceus Infantis Progressivos. Métodos de Instrução em Liceus Espirituais. Recitação da Cadeia Dourada.

Capítulo VII — Como Trabalham os Espíritos. Uma Mãe Espiritual Socorre uma Filha Empobrecida. Pais Subitamente Enlutados. A Dor do Pai Afeta o Espírito. O Espírito Procura Dar a Sua Presença a Conhecer. O Reconhecimento e os seus Resultados.

Capítulo VIII — Um Eco da Terra do Verão. A Lição do Sacrifício. Dias de Trevas. Palavras de Ânimo do Mundo Espiritual. Dissipação das Brumas.

Capítulo IX — A Sorte do Pequeno Georgie. Sombras nos Caminhos Terrenos. Uma Mãe Espiritual Guia o Seu Filho. Visões da Noite. Sonhos que Pareceram Estranhos. Cumprimento dos Estranhos Sonhos.

Capítulo X — A Missão de Lucy Aiken. Auxiliadores Invisíveis. Os Esforços de um Espírito para Alcançar o Pai. O Último Tostão e o Último Apelo. O Início da Influência Espiritual. A Presença da Filha Espiritual. Felizes Resultados dos Esforços Espirituais. Visitas de Anjos nem Poucas nem Distantes.

Capítulo XI — Experiências na Vida Espiritual. As Várias Classes de Espíritos Próximos à Terra. O Poder e Alcance da Influência Pessoal. Beulah, uma Missionária Espiritual. A Generosidade Sacrificial de Beulah. Reforma de Espíritos nas Esferas Inferiores. Instância Ilustrativa da Reforma de um Espírito. Conclusão da Obra. O Espírito Reformado Regressa à Terra para Reformar Outros. Primeiras Sensações ao Entrar na Vida Espiritual. O Reino Final de Paz e Felicidade na Terra.

Capítulo XII — Sanatórios na Vida Espiritual. Localização e Características. Métodos de Tratamento. A Música como Meio de Recuperação. Restauração dos Doentes Mentais. Melhorias no Tratamento Médico na Terra. Um dos Sanatórios do Mundo Espiritual. Incidente Interessante — uma Mãe Encontra o Seu Filho. Cultivo de Talentos Inerentes.

Capítulo XIII — Circunstâncias e Condições dos Espíritos. Razões para Diferentes Visões dos Arredores Espirituais. Condições Terrenas que Retardam o Progresso Espiritual. O Sucesso Mundano como Frequente Desvantagem. Continuação de Condições Terrenas na Vida Espiritual. Uma Ilustração. Arredores Externos Produzidos por Condições Mentais. Cientistas Materialistas na Vida Espiritual. O Alvorecer da Luz Espiritual. O Cientista Liberal. Causas e Efeitos Contrastantes. O Puramente Intelectual. Tristeza de uma Falta de Espiritualidade. União do Espiritual e do Intelectual. Felicidade que Só Pode Vir de Dentro. A Natureza Humana dos Espíritos. Estados de Contentamento Certos e Errados.

Capítulo XIV — As Nossas Sociedades Cooperativas. Reformas Terrenas Originam-se na Vida Espiritual. Divisões da Missão Espiritual de Trabalho. Sufrágio Feminino. Os Índios. Arbitragem da Paz. Hereditariedade. Uma Organização de Espíritos para a Elevação dos Habitantes da Terra. Cuidado e Proteção de Médiuns. Desenvolvimento de Novos Médiuns. A Nossa Sociedade Cooperativa; o que Constitui a sua Membrosia; Planos, Objetivos e Influência.

PARTE SEGUNDA

Capítulo XV — Introdução. — Maio Espiritual. O Conselho das Flores. Para os Pequenos (poema). Quem Pode Dizer (poema). Trabalho (poema). À Minha Irmã Genevieve (poema). O Animal de Estimação da Avó (poema). Dois Passarinhos (poema). Anoitecer (poema). O Despertar das Flores (poema). Bebé Nellie (poema). Um Feliz Ano Novo (poema). Gotas de Neve (poema). Uma Canção da Noite (poema). Crianças (poema). Flocos de Neve (poema).

Capítulo XVI — Uma História para as Crianças.

Capítulo XVII — As Crianças da Terra do Verão.

Capítulo XVIII — O Pequeno Bertie e Outros.

Capítulo XIX — Ninho Dourado e Outros Lugares. Amor Celestial (poema).

PARTE TERCEIRA

Capítulo XX — John Critchley Prince. As Suas Experiências no Mundo Espiritual. Eu Venho a Ti (poema). Tesouros do Coração (poema). “E Ele Tornará Claro” (poema). Junto ao Mar (poema). Voltando a Casa (poema). O Conselho de um Amigo (poema). O Acolhimento que os Anjos Dão.

Capítulo XXI — A Minha Vida e Experiências na Terra.

Capítulo XXII — A Minha Vida e Experiências no Mundo Espiritual.

Capítulo XXIII — O Conselho dos Poetas.

Capítulo XXIV — Uma Visita a Robert Burns.

Capítulo XXV — O Meu Trabalho Espiritual.

VIDA E LABOR NO MUNDO ESPIRITUAL

PARTE PRIMEIRA

Capítulo I — Violeta Espiritual

Katie Ammidown Kinsey — o belo espírito a quem devemos a maior parte do conteúdo deste livro — foi a segunda filha de Joseph e Ann Frances Kinsey, de Cincinnati, Ohio. Nascida naquela cidade a 7 de outubro de 1856, viveu no lar dos seus pais — salvo quando estava fora a estudar — até ao vigésimo primeiro ano de idade, quando, em julho de 1877, durante uma visita a casa de um tio em Milton, Indiana, foi subitamente chamada a entrar no mundo espiritual após uma doença de apenas alguns dias.

O caráter e a índole da Srta. Kinsey eram de uma natureza exemplar e encantadora. Dela se podia dizer com verdade: “Ninguém te conheceu sem te amar, nem te nomeou sem te louvar.” Não foi uma vida comum; imbuída de profunda e sincera simpatia pela humanidade, e sempre desejosa de fazer o bem, passou os seus dias em atenciosos cuidados para com os outros e em procurar dar expressão prática à regra de ouro. Num discurso memorial elaborado pelos dirigentes da escola dominical, da qual Katie era assídua frequentadora, e entregue aos seus pais como prova da rara estima em que era tida por todos, encontram-se as seguintes palavras elogiosas da sua vida terrena:

“O seu coração era aberto, franco e transparente; todos nós reconhecemos a doçura e a beleza do seu caráter e vida, e elas deixaram uma marca difícil de apagar. Foi sempre o mesmo doce e gentil espírito; nenhuma expressão que não fosse adequada a qualquer lugar, nenhuma palavra áspera ou olhar pouco amável mancharam a sua bela vida; sempre pronta a cumprir alegremente qualquer dever que lhe fosse atribuído, e sempre bem. Como estudante parecia absorver tudo o que lhe era ensinado e beber a grande verdade do amor redentor. A sua longa ligação à nossa escola e o interesse em tudo o que pudesse promover o seu bem-estar registamos como dignos de toda a imitação.”

Durante algum tempo antes da sua morte física, a Srta. Kinsey revelou um gosto pelas atividades literárias, o que agradou muito aos seus amigos e a ela própria. Por vários meses antes da sua última doença, ocupou o cargo de editora de um animado jornalzinho chamado *The Spectator*, publicado pelo Liceu dos Amigos, organização da qual era membro; e é desnecessário dizer que dirigia o periódico com competência, habilidade e discrição.

A morte da sua querida presidente e editora foi amplamente lamentada pelos diversos membros da sociedade, e um conjunto de resoluções, exprimindo pesar pela perda e a estima em que era tida, foi redigido e aprovado na primeira reunião após o seu falecimento.

Notícias do falecimento da Srta. Kinsey surgiram nos jornais de Cincinnati e exprimiam o amor e respeito universais em que era tida; cartas de condolências chegaram aos seus pais de todos os lados. Pouco depois da morte da filha, o Sr. e a Sra. Kinsey reuniram os discursos memoriais, resoluções, cartas de simpatia, artigos de jornal, etc., relativos ao seu falecimento, e, juntamente com as produções literárias da sua filha ascensa, publicaram-nos num volume elegantemente encadernado, do qual ofereceram exemplares aos numerosos amigos que a conheceram e amaram.

Esse volume memorial traz a seguinte inscrição na sua página de título:

“Assim, muito além de todo o ruído das lutas terrenas
Ou da morte silenciosa, repousa sob o longo verde do relvado;
Partiste triunfante para a vida perfeita,
A verdadeira vida da alma em Deus.”

Os artigos que se seguem, da pena da Srta. Kinsey, indicarão ao leitor a sua capacidade mental e as opiniões liberais que sustentava. Foram escritos enquanto ocupava o cargo de editora de *The Spectator* e publicados nas suas colunas nas datas especificadas:

Simpathy

“De todos os dons concedidos ao homem, o poder de simpatizar é o mais divino, e o homem que o não possui não sabe o que é a vida; quando chegar ao fim da sua jornada deste lado, tendo sido supremamente egoísta durante todo o percurso, descobrirá que aquilo a que chamava vida não passava, afinal, de uma morte em vida.

O amor e a simpatia parecem quase sinónimos, mas o primeiro pode ser egoísta, enquanto a essência da segunda é pensar nos outros. O génio não é senão um intenso poder de simpatizar, aliado à capacidade de o expressar. Na verdade, esta única palavra faz parte de tantas coisas boas que, para desfrutarmos da vida, precisamos de simpatizar com a natureza, com o homem ou com Deus.

A simpatia com a natureza é fonte de um conforto maravilhoso; Shakespeare compreendeu-o quando disse:

‘E esta nossa vida, isenta da visita pública,
Encontra línguas nas árvores, livros nos ribeiros que correm,
Sermões nas pedras, e o bem em todas as coisas.’

Há momentos em que a vida, tornada pesada, pende como um peso de chumbo sobre o nosso pescoço; queremos escapar de nós próprios, e é preciso usar toda a força para esmagar o desejo de nunca termos nascido; então, se podemos ir para os campos ou bosques e, deitando-nos no chão, repousar a cabeça sobre a terra amorosa, depressa encontramos alívio.

A brisa suave é como uma mão amiga na testa; o murmúrio do ribeiro, o canto dos pássaros e o zumbido dos insetos são como bálsamo sobre uma ferida; somos crianças nos braços da mãe, e as velhas árvores majestosas são nossos irmãos e irmãs. Quaisquer que sejam os amigos humanos que nos deixem ou desiludam, teremos sempre doces simpatizantes nas flores, árvores, ribeiros, rochedos, relva e em tudo o que brota de vida nos campos ou bosques, nas montanhas ou nos vales.

A simpatia com os nossos semelhantes é mais elevada do que a com a natureza, porque é mais ativa e requer tolerância. ‘Põe-te no lugar dele’ tem um mundo de significado. Devemos esforçar-nos para que o nosso seja o dedo que toque a mola secreta no coração do nosso próximo, que liberte o bem que ali jaz dormente por falta de ajuda para o trazer à luz. Esforcemo-nos por compreender as suas mágoas e tentações.

Se pudéssemos, por uma hora apenas, colocar-nos no lugar de alguém que agora condenamos com tanta amargura; se pudéssemos ver como as circunstâncias teceram à sua volta a teia fatal, como muitas vezes a tendência para o mal é o terrível legado dos pais, quantas vezes o juízo severo não cairia por terra, e a misericórdia amorosa não cobriria com o seu manto protetor! Se pudéssemos quebrar esta crosta de gelo em que tantos de nós parecemos encerrar-nos, quanto mais bem poderíamos fazer? Agora, permanecemos afastados; unidos, ajudando-nos mutuamente, cumpriríamos o propósito do nosso ser.

Simpatia com Deus! Será blasfemo para fracos mortais pensar em tal coisa? Não! O Pai amoroso é o único que nos conhece verdadeiramente e, portanto, o único verdadeiro simpatizante que temos. ‘Ele conhece a nossa estrutura; lembra-se de que somos pó.’ Começamos a estar em harmonia com Deus assim que, cultivando a simpatia pelo homem, nos tornamos seus cooperadores.”

2 de março de 1877

RAPARIGAS

“As raparigas são criaturas esquisitas, mas não podemos deixar de gostar delas. Por baixo de toda a tolice e vaidade, há em cada uma uma veia de ouro que é, sem dúvida, genuína — por vezes vem à superfície, mas muitas vezes está tão profundamente embebida em disparates que um observador superficial não suspeitaria minimamente da sua existência. Parte desta falta de sentido é natural, mas grande parte é adquirida de forma negativa. A maioria das raparigas tem muito pouco objetivo na vida e não vê utilidade em acumular material que nunca espera utilizar; é certo que todas tencionam casar-se um dia, mas, a julgar pelos espécimes de pretendentes masculinos, veem que tal exige muito pouco esforço e ainda menos inteligência.

Assim, quando o papá e a mamã, depois de muita deliberação, decidem uma boa escola, a filha lá vai, mas dificilmente saberia dizer porquê. Se não tiver amor verdadeiro pelo estudo, o seu principal objetivo, enquanto estiver na escola, será despachar as lições do dia o mais rapidamente possível, e ‘fica assim’. Quando terminam os dias de escola, espera não voltar a ter nada a ver com as matérias aí tratadas, exceto um pouco de leitura, escrita, ortografia e aritmética.

Vai entrar na sociedade, o que, para centenas, significa passar os dias com um pouco de trabalho doméstico, fazer muitas visitas e algumas compras. As noites são dedicadas a dançar ou conversar com jovens de cérebro vazio, que nunca tiveram uma ideia na vida e consideram um insulto se uma senhora ousa ter uma. Ou, pior ainda, conversar com jovens que ela sabe que têm inteligência, mas que não se dignam a usá-la na sua presença.

“Passado algum tempo, espera-se que a rapariga case com um destes indivíduos. Servem muito bem como parceiros num cotilhão, mas e para a vida? Vejamos o que ela dirá a uma amiga de confiança: ‘Ah, sim, está decidido que o Sr. B. e eu vamos ser feitos um só. Não posso dizer que o ame perdidamente, e às vezes acho-o decididamente estúpido; mas suponho que é tudo para o melhor, pois, veja, eu não sei fazer absolutamente nada, e se o papá viesse a faltar ou perdesse a saúde, tendo agora apenas o salário para viver, o que seria de nós? Assim, o Sr. B. é rico e posso dar uma casa confortável tanto à mamã como ao papá em qualquer momento depois de casarmos.’

“Que ideias tolas e românticas tínhamos sobre o casamento quando andávamos na escola! Como se desvanecem depressa na vida real! Temos de aceitar o melhor que conseguimos arranjar e agradecer por isso. Acreditamos que o exemplo acima é representativo de centenas de casamentos feitos nos dias de hoje. O homem quer uma governanta, a mulher quer uma casa. Cada um obtém o que negociou, e ainda mais, de tal forma que não admira que os jornais estejam cheios de notícias sobre processos de divórcio.

Que as raparigas, assim como os rapazes, sejam educadas para fazer algo que lhes permita ganhar honestamente a vida, e acreditamos que muita infelicidade será evitada. Parece-nos justo permitir que as mulheres façam 'tudo quanto as suas mãos encontrem para fazer, com todas as suas forças', seja costura, cozinha, lavandaria, ou o exercício da advocacia e da medicina. Também nos parece nada mais que direito que tenha voz nos assuntos do país cujas leis regem a sua vida e a educação dos seus filhos.

"O sexo masculino não precisa de temer que, quando a mulher tiver o voto, usurpe o privilégio de fumar, praguejar, usar o cabelo curto, lutar nas assembleias eleitorais e outras tais delicadezas; nem que monopolize os comícios eleitorais, discursando ao povo e chamando nomes que pessoas decentes se envergonhariam de dirigir a um cão, a quem dela discorde.

Alguns fingem recear que, quando as mulheres votarem, não terão tempo para as lides domésticas e que a própria instituição do lar será destruída. Pintam-se quadros comoventes do pater familias, sentado junto à lareira abandonada, tentando em vão acalmar um bebé choroso, enquanto a mãe foi aos 'pollsys, wollsys'. Como disse a velha: 'Sentimos por esse homem, mas não o conseguimos encontrar'; nem conseguimos encontrar a mãe que confiasse o seu bebé a cuidados tão duvidosos.

Pelo alarido que se faz sobre o tempo retirado das tarefas domésticas, dir-se-ia que é preciso uma semana para colocar um pequeno pedaço de papel numa caixa de tamanho médio. Ora, conhecemos homens que conseguiam colocar meia dúzia em menos de metade desse tempo, e ninguém suspeita que as mulheres sejam menos capazes do que eles.

"Quanto ao lar, quem o fez em primeiro lugar? A mulher, naturalmente; e ela ama-o como ama a sua vida. Aqui a veia dourada da sua natureza virá à superfície e brilhará esplendidamente. Será o seu lar menos doce quando sentir que pode ser verdadeiramente uma companheira de ajuda para o marido, se ele sofrer um desastre nos negócios? Serão os seus filhos menos queridos porque ela tem a consciência de que pode protegê-los e cuidar deles se o chefe da família faltar? Amará ela menos o marido, sabendo que se casou com ele para ter um companheiro amado, e não simplesmente uma pessoa para a sustentar?

"A mulher deseja naturalmente respeitar e admirar o marido; por isso, decidimos que a sociedade, quando estiver aperfeiçoada, deverá ser vista como um lance de escadas — concedendo ao homem o degrau mais alto, se quiser, mas havendo sempre uma mulher no imediatamente abaixo, e os degraus não sendo muito altos. Assim, alternam-se até ao degrau mais baixo e que encontramos lá? Um velho solteirão desconsolado, de cabelo desgrenhado, entoando uma cantiga cujo refrão é que as mulheres não têm nada que votar."

18 de Maio de 1877.

VELHICE

“É um facto melancólico que a maioria da humanidade odeia envelhecer. Se o pecado fosse encarado com tanta repulsa e receio como é a ideia de envelhecer, haveria rapidamente uma grande reforma no mundo. Isto é mau; é, de facto, prova de que estamos a olhar pelo lado errado da luneta. Se tivéssemos uma viagem a fazer, no fim da qual houvesse um país delicioso, mais belo do que tudo o que a imaginação pudesse conceber, onde tudo o que o coração desejasse fosse nosso, aquele que estivesse mais próximo do destino não seria visto como o mais infeliz.

No entanto, assim acontece muitas vezes na vida; ao olharmos para alguém que vai muito à frente, pensamos, porque o seu corpo está frágil e quase gasto, que deve estar infeliz; não o estaria, se, conhecendo a viagem, tivesse procurado compreender e aceitar as bênçãos encontradas pelo caminho.

“Confessamos que, olhando para a vida como agora a vemos, há muitas vezes desculpa para aqueles que pensam que a juventude é a única estação agradável. Mas, parando um momento para pensar, vemos que isto está totalmente errado. Avanço, não retrocesso, é a palavra de ordem adequada em todos os empreendimentos. Será o botão mais perfeito que a flor, ou a flor mais que o fruto?

A velhice é o fruto maduro da vida, e cabe inteiramente a nós fazer com que seja doce e agradável ao paladar, em vez de amarga e desagradável. Uma causa desta última condição encontra-se nas pessoas que, tendo-se desiludido, dizem aos filhos: ‘Aproveita enquanto és jovem; a velhice não traz nada senão preocupações e responsabilidades.’ Melhor seria dar veneno a uma criança de uma vez do que mandá-la pela vida com essa ideia. Alguns dirão: ‘As crianças são tão felizes, por serem inocentes; deixem-nas ser crianças para sempre.’ A inocência da infância é infelizmente resultado da ignorância e nunca pode formar carácter; quem faz o bem porque não sabe fazer o mal não tem mais carácter do que aquele que faz o mal porque não conhece o bem.

“Na juventude, sabendo pouco, temos pequenas ideias sobre a vida e, consequentemente, não podemos ter um gozo amplo e completo dela. Mas mais valia permanecermos crianças se o conhecimento adquirido com os anos não nos tornasse mais sábios e não nos impedisse de enveredar por cada atalho que vemos, ficando quase atolados na opinião de outrem e tendo de voltar atrás.

Agindo assim, não podemos esperar chegar à velhice sem estar cansados e desgostosos da viagem. Tendo desgastado o cérebro a tentar fazer duas linhas paralelas encontrarem-se, e o corpo a tentar segui-las até um ponto impossível,

o tempo foi demasiado curto para considerar o que é espiritual, e teremos de estar miseráveis perante a ideia de entrar numa vida que é inteiramente espiritual. À medida que o corpo se torna frágil, a alma deveria crescer forte e triunfante, pois então sabemos que os nossos pés estão mesmo na fronteira da 'Terra Prometida', esperando apenas que a fina névoa que a esconde seja dispersa pela luz do sol da vontade de Deus."

Durante vários anos, o Sr. Joseph Kinsey, pai de Miss Katie, foi um espiritualista convicto e devoto, e as suas opiniões sobre a vida futura do homem são bem conhecidas na comunidade onde reside e entre os homens de negócios do país com quem se relaciona. A sua filha, no entanto, não se tinha convencido das verdades da filosofia espiritual antes da sua morte. Citemos as suas próprias palavras sobre este assunto, dadas através do seu médium escolhido, numa comunicação ao pai alguns anos após a sua transição para a vida superior:

"Não estava suficientemente familiarizada com o Espiritualismo, querido pai, para compreender e aceitar as suas revelações; nem foi senão quando me tornei um espírito desencarnado e percebi que possuía o poder de regressar e comunicar inteligentemente com os meus amigos mortais, que me interessei em investigar as suas pretensões e em aproveitar os ensinamentos e privilégios que o Espiritualismo oferece ao homem."

Após a sua partida do corpo mortal, Miss Kinsey aproveitou todas as oportunidades para comunicar com o pai e outros amigos; mas não foi senão a 22 de Dezembro de 1878 que se apresentou num círculo em South Boston, Massachusetts, e controlou a então conhecida médium do *Banner of Light*, Miss M. T. Shelhamer, que na altura era a médium de mensagens do *Voice of Angels* — um jornal espiritualista então e ainda hoje publicado quinzenalmente em Boston — e transmitiu a seguinte longa comunicação, que apareceu nesse jornal a 15 de Janeiro de 1879:

"Foi no belo tempo de verão que parti da Terra, mas não do amor, nem das verdadeiras afeições do lar, dos corações dos meus pais. Então, as aves, as brisas suaves e as flores tornavam a vida bela e alegre, e a Terra ressoava com a melodia da primavera perfeita. Agora surgiram os ventos do inverno — o sopro frio e a tempestade cortante.

Eu amava o alegre e quente verão; amava também o inverno, com a sua coroa de gemas de gelo cintilantes e o seu manto branco de neve, que cobre todos os lugares feios com um manto de pureza, tal como o manto da caridade, puxado pela mão da bondosa piedade, cobre todas as manchas desagradáveis na vida dos que a rodeiam.

Venho esta noite com alegria, não fraca e extenuada pela dor, mas forte e robusta, para trazer hastes de lírios brancos de Natal, que só respiram pureza e paz, e para os plantar nos corações do meu querido pai e da minha querida

mãe, com as bênçãos de todos os seus entes queridos que desenvolveram e estão a desenvolver as graças da cultura espiritual na vida superior.

“Oh, pai, oh, mãe, a vida é tão bela! Aqui, as forças e atributos do espírito não amadurecem à custa da forma externa. O crescimento espiritual é tão natural, tão em harmonia com a lei exterior, que o interior acompanha o exterior, e ambos se expandem juntos.

O estudante não apresenta faces pálidas nem corpo enfraquecido, pois o conhecimento é adquirido vivendo em conformidade com as leis da natureza. O meu espírito está a expandir-se, a desenvolver-se; ganho força diariamente. Os meus instrutores são sensatos e bondosos, e é tão glorioso exprimir, com linguagem aperfeiçoada, a verdadeira e pura essência do pensamento que permeia o espírito.”

“Daqui a algum tempo, encontrar-nos-emos e saudá-lo-emos, oh, com tanto carinho, no nosso querido lar espiritual. Até lá, vimos ter consigo diariamente, aconchegando-nos no nosso doce e velho lar, extraindo amor e simpatia das vossas almas, trazendo paz e afeto para coroar os vossos espíritos. Oito joias [1] irradiam esta noite um fulgor de amor celestial na vossa direção, desde este lugar distante. Oito gemas, polidas pela mão do Grande Lapidador, brilham na coroa de luz que vos aguarda no alto.”

[1] Referindo-se a si própria e aos irmãos e irmãs no mundo espiritual.

“‘Sim, senhor,’ — dirigindo-se ao Sr. Robert Anderson, presidente do círculo do *Voice of Angels* — ‘já regressei da vida espiritual antes, mas não aqui. Vimos com frequência. Manifestámo-nos de forma tangível e satisfatória aos nossos amigos em diferentes locais. No verão passado, fizemo-lo de maneira inequívoca no Oeste. Há um ano, alguns de nós tentaram manifestar-se na casa da Sra. Boothby, em Boston.

Vimos sempre que podemos. O nosso lar está cheio de harmonia e amor, e fortalece os nossos espíritos vir, ao mesmo tempo que consola os nossos pais acreditarem que estamos com eles. O meu tio, que partiu há muitos anos num acidente, adquiriu muita experiência e conhecimento com o meu pai no banco e noutros lugares de negócios; e ele abençoa o pai pela sua fé na ministração espiritual, pois é-lhe de grande ajuda.

“O editor espiritual [2] do *Voice* diz-me que, se eu quiser, em qualquer momento, escrever os meus pensamentos ou expressar as minhas ideias através deste médium (Miss Shelhamer), terá prazer em publicá-los. Agradeço-lhe e talvez me aproveite da sua gentil oferta; se o fizer, o pai e todos os meus amigos reconhecer-me-ão sob o pseudónimo de *Spirit Violet*, pois é este o nome que adotarei. Amo as violetas; o seu doce perfume espalha ao meu redor uma atmosfera de beleza, e elas respiram inocência e paz.”

[2] L. Judd Pardee, graças a quem o Voice of Angels foi estabelecido e gerido, em colaboração com D. C. Densmore, editor.

"Não sei se disse tudo o que gostaria, mas não devo abusar mais do vosso tempo. Agradeço-vos muito por me receberem. O meu nome é Katie A. Kinsey. Venho de Cincinnati, Ohio. O meu pai é o Sr. Joseph Kinsey, dessa cidade."

O jornal contendo o texto acima foi enviado, conforme a direção do espírito, para Cincinnati, e suscitou uma carta de inquérito do Sr. Joseph Kinsey, dessa cidade, sobre como e onde a mensagem foi recebida pela primeira vez. O Dr. D. C. Densmore, editor do *Voice of Angels*, respondeu, dando todos os factos, tal como os tinha recebido dos responsáveis do círculo. A seguinte resposta, recebida a tempo pelo Dr. Densmore — e que se explica por si mesma — foi publicada no *Voice* de 15 de fevereiro de 1879, o mesmo número que continha a primeira produção literária de *Spirit Violet*, transmitida pela mediunidade de Miss Shelhamer:

"Cincinnati, 3 de fevereiro de 1879.

D. C. Densmore, North Weymouth, Mass.

Caro senhor, — Recebi a sua estimada carta de 20 do mês passado, em resposta à minha carta de inquérito sobre os pormenores de como, e através de que médium, chegou a bela mensagem de Katie A. Kinsey, publicada no seu jornal de 15 de janeiro. A sua exposição muito completa dos factos e circunstâncias, juntamente com a doce mensagem de amor, afeto e simpatia, que desde então foi parcialmente corroborada por J. V. Mansfield, em 61 West 42nd St., Nova Iorque, levam-me a concluir que a mensagem é, na verdade e verdadeiramente, da nossa querida filha Katie, que deixou o corpo mortal há cerca de dezanove meses, com vinte anos de idade. Nessa mensagem, ela recorda-me acontecimentos da família do meu pai, de quase cinquenta anos atrás, de que provavelmente nunca ouvira falar na vida. Envio-lhe esta afirmação como um agradável dever no sentido de apoiar o seu trabalho para o *Voice of Angels*.

Sinceramente seu,
Joseph Kinsey."

Pouco depois da publicação da mensagem acima referida, *Spirit Violet*, Katie Kinsey, apareceu a Miss Shelhamer com o propósito de escrever para a imprensa, e, na qualidade de espírito literário, tem acompanhado essa senhora desde então, fazendo parte do seu grupo de inteligências espirituais, cujo trabalho é auxiliar outros espíritos a comunicar com os seus amigos mortais através da secção de mensagens do *Banner of Light*, instruir os habitantes da Terra sobre os seus deveres uns para com os outros e sobre a melhor forma

de se prepararem para a vida futura, bem como informá-los sobre a condição, o ambiente e a existência dos espíritos.

Spirit Violet contribuiu depois regularmente para as colunas do *Voice of Angels*, e é do que ela assim forneceu aos mortais, de tempos a tempos, acerca da verdadeira existência e experiências dos espíritos, que selecionámos a maior parte do conteúdo deste livro.

Numa carta particular escrita ao pai há algum tempo, o espírito explica assim como aprendeu e se aproveitou da mediunidade de Miss Shelhamer:

"Quando soube que era possível aos espíritos tomar posse de certos sensitivos na Terra e, através dos organismos assim fornecidos, manifestar o seu amor e simpatia aos seus amigos terrenos, a minha grande ansiedade em chegar até si e à mãe levou-me a procurar avidamente um médium adaptado ao meu propósito, e aproveitei todas as oportunidades para me exprimir a si e a outros.

Lembrei-me de que estava fortemente interessado na Secção de Mensagens do *Banner of Light*, e de que tinha elevada opinião das capacidades da médium que presidia a essa secção. Assim, manifestei o meu desejo de visitar o círculo do *Banner* ao meu irmão espiritual John, que prometeu acompanhar-me lá em breve. Mas, ao apresentar-me nesse círculo, fiquei desapontada ao descobrir que era totalmente impossível para mim controlar, ou influenciar de qualquer forma, a médium que lá encontrei.

"O seu magnetismo não se assimilava em nada ao meu, e embora tivesse assistido muitas vezes aos seus círculos, e observado a facilidade com que outros espíritos tomavam posse do seu organismo, nunca fui capaz de realizar tal operação.

"Nesses círculos, contudo, conheci o espírito Rev. John Pierpont, frequentador habitual do local, que notou a minha ansiedade e acabou por me interrogar sobre ela. Relatei-lhe as minhas dificuldades, e ele ofereceu-se gentilmente para me indicar um médium através do qual achava que eu poderia exprimir-me.

O espírito acrescentou que a senhora a quem se referia estava sob os cuidados de um grupo de espíritos do qual ele próprio e a Sra. Conant faziam parte, e que estavam a desenvolver-lhe as faculdades para que pudessem ser utilizadas pelo mundo espiritual na plataforma do *Banner of Light*, visto que a senhora que então presidia a esse cargo em breve não poderia continuar as suas funções. E, para esse fim, tinha sido estabelecida uma sucursal em South Boston, onde os espíritos que desejassem comunicar com os seus amigos, e que não o conseguissem no estabelecimento do *Banner*, tinham oportunidade de se fazer ouvir através das colunas do *Voice of Angels*.

“O Sr. Pierpont apresentou-me então ao irmão espiritual da minha atual médium, e fui convidada por ele a participar num círculo na casa terrena dele e a manifestar-me através do organismo da sua irmã.

“Isto ocorreu no início do outono; mas, embora me tivesse tornado visitante regular dos círculos semanais da médium, só no inverno seguinte é que obtive força para controlar o seu organismo e ditar aquela mensagem que foi depois recebida por si através do querido pequeno jornal. Entretanto, tinha feito conhecimento com o Sr. Pierpont, o Sr. Pardee, John Critchley Prince e outros nobres espíritos nessas sessões, que cordialmente me convidaram a tornar-me colaboradora literária do *Voice*.”

As seleções dos escritos de *Spirit Violet* contidas neste livro consistem principalmente em relatos e narrativas da vida no mundo espiritual, juntamente com uma exposição inteligente dos métodos utilizados pelos espíritos no seu trabalho em benefício dos mortais. Deixaremos agora que a autora desta breve biografia fale por si nos capítulos seguintes, sobre aquilo que diz respeito aos domínios da vida espiritual.

CAPÍTULO II
ECOS DO ESPÍRITO

O que há de mais belo do que uma manhã na Terra do Verão? Tudo respira harmonia e paz. Nenhuma dissonância quebra o ar envolvente; nenhum sentido de fealdade ou angústia perturba o espírito; nenhuma nuvem tempestuosa tolda os céus com cólera ameaçadora. O sol dourado tempera os seus raios com suavidade e calor benéfico. As aves cantam sem receio no cimo das árvores; as águas correm alegremente para o mar risonho; as brisas brincam com deleite travesso, agitando as folhas nas árvores e roubando às flores o seu perfume mais precioso para deleitar os sentidos de quem passa.

Almas puras, a quem não adere qualquer mácula de materialidade; doces espíritos, que nunca sentiram — ou, tendo sentido, se elevaram acima — a influência das paixões terrenas, aqui habitam e, reunindo-se em convocações — não para cerimónia, nem por orgulho de posição, mas por simpatia e amizade — trocam os ricos tesouros da mente, cultivam, pela comunhão da alma, as verdadeiras graças do espírito e trabalham juntos em unidade, desenvolvendo assim a aptidão de cada um para a sua missão própria e, sobretudo, procurando, por meio desses esforços unidos, nascidos da sinceridade de propósito e do amor pela humanidade, conceber modos e meios de aliviar o sofrimento na Terra, bem como de elevar seres humildes e pouco desenvolvidos no mundo espiritual.

Esta é a querida Terra do Verão das almas ascensas. Uma Terra do Verão tão afastada daqueles espíritos que ainda habitam nas trevas emitidas pela sua

carreira terrena, e que continuam agarrados à sombra da escória material, como o está daqueles habitantes de barro cujos pensamentos do futuro se confinam a desejos de grandeza pessoal e cujas almas nunca se erguem nas asas da aspiração para alcançar os reinos mais altos de pureza e bondade, ou para buscar o querido Pai e os seus anjos ministrantes.

O toque prateado dos sinos flutua no ar da manhã, banhando o meu espírito em ondas de som doce e melodioso. Grandiosa e solenemente, a sinfonia ergue-se, elevando a alma acima de todos os pensamentos e propósitos egoístas; levando-a para cima e para a frente nas asas da música sagrada, bem alto, em adoração à fonte de toda esta vida bela, benéfica e imortal.

Doce e baixo, o som flui também para baixo, trazendo um sentido do que é mais alto e melhor àqueles mergulhados em tristeza, dor e dúvida, dando-lhes esperança de uma vida mais doce que ainda há de ser alcançada por meio de esforço honesto e empenho individual. Doce e baixo, descendo, descendo, até aos corações dos entes queridos na Terra, enchendo-os com uma calma de paz celeste, um sentido de repouso perfeito, e levando às suas almas ecos eternos de amor, simpatia e lembrança, vindos dos seus queridos que já partiram.

Um encontro de espíritos missionários.

“Waft, waft, ó ventos, a história;
E vós, ó águas, rolai
Até que, como um mar de glória,
Se espalhe de pólo a pólo.
Progresso, oh, Progresso!
Anunciai o som jubiloso,
Até que a mais remota nação da Terra
Aprenda o nome do Progresso.”

Acabei de ouvir a interpretação acima do inspirador hino missionário, e a minha alma vibra em harmonia com as aspirações e o desejo de difundir a luz da verdade a todos os povos, assim expressos.

Não foi numa sala de culto e assembleia que as palavras do hino chegaram ao meu ouvido. Mas, regressando da casa terrena de entes queridos, onde tinha ido sussurrar o meu cumprimento matinal de simpatia e afeto, aos meus refúgios no mundo espiritual, encontrei um pequeno grupo de espíritos missionários que se tinham reunido para trocar relatos do seu labor e unir forças e energias para fazer o bem aos necessitados, derramando um fio de luz sobre os lugares obscurecidos da Terra.

Havia homens veneráveis, cujos anos tinham sido gastos a trabalhar pelos outros. As suas longas túnicas e as sandálias nos pés davam-lhes uma

aparência patriarcal. Havia também mulheres idosas, cujos semblantes irradiavam luz de puro amor e benevolência. Estas últimas eram as enfermeiras, as ternas conselheiras, as doces mães espirituais, cujas vidas são dedicadas a ministrar a almas doentes de pecado e marcadas pela batalha, que entram na vida espiritual sem esperança nem fé. Estavam também presentes jovens homens e donzelas, noviços na tarefa de ensinar outros, mas que, pelo seu sincero desejo de serem úteis e fazer o bem, eram atraídos para este campo particular de labor.

O traje de todos, exceto dos patriarcas, era semelhante ao usado na Terra; mas as mulheres vestiam roupas mais simples e menos elaboradas do que creio que qualquer das suas irmãs mortais aceitaria usar. Nenhuma insígnia de cargo brilhava no peito ou cintilava no ombro. E não era necessário; as suas credenciais brilhavam nos olhos cintilantes e resplandeciam nos rostos ternos e compassivos. A sua é uma missão de paz, e só necessitam dos instrumentos do amor e da boa-vontade, como a palavra terna e sincera, corações fiéis e mãos prestativas, para cumprir a sua obra.

Percebi o propósito do seu encontro; ali, num local relativamente isolado, onde as árvores os resguardavam das cenas exteriores, sem serem perturbados por outros, tinham-se reunido para apresentar os seus relatórios e ganhar força, ânimo e encorajamento através do convívio amigável e sentido. Tinham começado a cantar o velho e familiar hino, um verso do qual citei acima, quando me aproximei, e a melodia, que se infiltrava pelas linhas como um fio de luz, juntamente com a sinceridade da sua expressão, prenderam a minha atenção e encheram o meu ser com um novo propósito e aspiração. Oh, pensei, que missão gloriosa, ser útil aos outros, ser uma estrela-guia para algum viajante solitário nas provações da vida, falar palavras de bondade, esperança e amor aos corações partidos e tristes. Oh, que eu pudesse ser como estas pessoas!

Instantaneamente, um dos membros do grupo, uma bela e gentil senhora, voltou-se para mim com a mão estendida em saudação, todo o seu semblante iluminado de alegria, e disse: “Querida criança, a tua missão já começou; tua é a tarefa de levar amor e simpatia a mortais cansados, de sussurrar palavras de paz e esperança, e de lhes apontar uma vida mais elevada. Que tarefa mais celestial do que esta! A obra mais divina para a alma é cumprir o dever que lhe foi confiado. Em ti vemos a promessa do labor que há de ser feito.

Prossegue no teu caminho, inspira os espíritos daqueles a quem te aproximas com fé e confiança no amor de Deus; aponta cada um para a terra da vida para além da maré que chamais morte; leva pensamentos puros e gentis aos mortais que lutam com as provas da vida; deixa cair a luz solar da paz sobre todos os que encontrares. Assim tu e cada espírito podeis tornar-vos mensageiros de alegria, missionários de esperança e de verdade. Deus te abençoe e guie nos teus esforços para o bem.”

Como uma santa bênção, as palavras caíram sobre o meu espírito, enchendo-me de amor por todas as coisas. Ali mesmo, resolvi fazer tudo ao meu alcance para animar, esclarecer e instruir os que sofrem e os que desconhecem, sentindo que, assim, poderia cumprir o meu trabalho e, ao mesmo tempo, fortalecer os elos dourados que me ligam aos entes queridos do lado mortal.

UM ESPÍRITO REGRESSA PARA CONFORTAR A MÃE

Neste momento, a minha mente está cheia das recordações de uma entrevista que recentemente tive com uma bela jovem, que há pouco quebrou os laços que a prendiam a um corpo material. Estava triste, muito triste. Toda esta vida lhe é nova e estranha e, embora cercada de cuidados ternos e de amorosa simpatia, o afeto filial atrai-a constantemente de volta para junto dos queridos pais que, sofrendo como aqueles que não têm esperança, não conseguem compreender a sua presença junto deles.

— “A minha mãe,” disse-me ela, “oh, a minha mãe! Se eu pudesse falar-lhe e contar-lhe sobre o meu lar no Céu! Mas a minha morte foi um golpe tão pesado para ela; está tão triste, tão infeliz, e eu não a posso ajudar!”

— “Podes; irás abençoar e confortar a tua mãe” — respondi eu. — “Se vieres comigo, mostrar-te-ei como enviar uma mensagem àqueles que amas na Terra. Já ouviste falar de um médium?”

— “Oh, sim, mas não serviria de nada visitar um. Os meus amigos não aceitariam nada vindo de tal fonte; acreditariam que era tudo disparates. Não, não vale a pena.”

— “Mas podes fazer um esforço para chegar à tua mãe e, se falhares, não será pior do que está agora.”

— “Oh, sim, seria” — exclamou ela — “poderia não ser capaz de transmitir factos suficientes através de outro organismo para estabelecer a minha identidade junto dos meus amigos, e penso que me partiria o coração ver o meu amor rejeitado. Prefiro não tentar.”

Contudo, passado pouco tempo, consegui que a jovem aceitasse acompanhar-me a um círculo espiritual, e espero conseguir induzi-la, finalmente, a enviar uma mensagem aos seus amigos na Terra. A sua evidente tristeza e aflição encheram-me de profundo empenho em uni-la espiritualmente à sua mãe enlutada.

JUSTO RECONHECIMENTO DOS ESPÍRITOS QUE REGRESSAM

É tão verdade que centenas de espíritos, manifestando-se através de organismos estranhos ao seu próprio e fazendo o melhor que podem, exprimindo o seu amor e simpatia, trazendo palavras de conselho e ânimo aos mortais, foram repelidos com desconfiança e suspeita, até mesmo com a

negação positiva da sua presença, simplesmente porque não puderam dar todos os pormenores da vida material que lhes eram exigidos.

Tal receção aos seus esforços de comunicação causa a espíritos sensíveis e amorosos uma dor e tristeza imensas; leva-os a recuar das condições terrenas e, assim, atrasa a sua manifestação aos mortais. Se eu estivesse na Terra, entendendo esta questão como a entendo agora, aceitaria uma comunicação carinhosa e bondosa, que se dissesse vinda de um espírito amigo, não com credulidade excessiva, mas com o pensamento de que pode vir do meu amigo, que ainda não consegue dar-me tudo o que desejo saber; mas não rejeitaria esse sinal de amor, para não correr o risco de, ao fazê-lo, magoar e afastar o meu amigo espiritual. Desta forma, estenderia uma escada de amor recíproco, pela qual o meu querido poderia descer e trazer-me notícias da vida imortal, fortalecendo assim as condições até que esse espírito ganhasse poder para me dar tudo o que a minha alma necessitasse.

PENSAMENTOS CONSOLADORES PARA MÃES ENLUTADAS

Quem pode compreender a angústia do coração de uma mãe amorosa quando chamada a separar-se do corpo mortal de um filho querido? Outros podem sofrer e chorar; os parentes mais próximos podem sentir dolorosamente o vazio no círculo familiar, um nicho no seu amor que nunca mais poderá ser ocupado. Mas têm afazeres e, com o tempo, alegrias que lhes chamam a atenção, e logo o seu pesar se torna uma memória terna, doce e, ainda assim, sagrada. E ainda bem que assim é, pois a morte não foi senão uma ponte dourada sobre a qual o seu ente querido passou para as margens imortais; e aquela que os deixou fisicamente está invisível apenas porque chegou tão perto dos seus corações que pode entrar no seu amor e permeá-los com uma radiação espiritual.

Mas o coração da mãe é o que mais tempo leva a sarar. Como ela espera que a sua querida venha ter com ela! Como adormece a chorar e acorda com um sentimento de perda, de desespero quase absoluto; e como, hora a hora, chama em espírito pelo nome do filho que lhe é mais querido, justamente por estar invisível!

Oh, queridas mães! Oh, mães aflitas e de coração partido! não choreis; os vossos queridos estão à vossa volta, trazendo amor, paz e conforto às vossas almas. Não estão perdidos; doce e suavemente sussurram notícias de uma feliz reunião que há de vir; e, embora não o saibais, os seus braços amorosos estão à vossa volta, a sustentar-vos e a fortalecer-vos. Os seus doces lábios encontram os vossos; as suas mãos brancas guiam-vos para a vida mais elevada e melhor! Feliz, abençoada mãe, que aceita esta verdade! Para vós é uma pérola de grande valor — uma coroa de glória indizível.

A MINISTRAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Oh, que a minha missão seja a de gravar nos corações dos mortais enlutados as verdades fulgurantes da imortalidade. Levar a pais, irmãos e irmãs, esposos, esposas e filhos em luto; a todos os que se lamentam porque acreditam que a morte lhes arrancou os seus queridos — esta convicção gloriosa: de que eles não estão debaixo da terra, nem vivem a milhões de quilómetros, para além das estrelas, mas que, no meio dos raios dourados que descem sobre os seus amigos mortais, brilham os seus rostos ternos; e, através das brumas douradas da morte, as suas vozes suaves chamam pelos entes queridos aqui.

Oh, amigos, os vossos queridos estão convosco. Nenhum está perdido, nenhum está separado de vós; vêm ter convosco na penumbra ou na tristeza, ou no silêncio da noite. Caminham ao vosso lado e abençoam as vossas vidas. Quer a vossa visão consiga ou não penetrar as nuvens da dúvida e do medo, os vossos entes amados certamente vêm, e, ao permearem a vossa vida com um pensamento mais santo e uma aspiração mais pura, conduzem-vos para mais perto das portas celestiais, que um dia haveis de atravessar — e, encontrando os vossos queridos junto de vós, então sabereis que nunca morreram.

A CHUVA NO PARAÍSO

Um véu de neblina prateada cobriu a minha casa na Terra do Verão — tão fino e etéreo que mal oculta o sol dourado que brilha através do vapor cintilante, transformando-o em ouro derretido e, por vezes, mudando-o para vermelho, azul e todas as cores do arco-íris. A névoa brilhante, descendo de nuvens alvas como a neve, cai silenciosamente, como bênção de amor, sobre o relvado verde, as flores perfumadas e as árvores que se erguem com alegria grata para receber o banho refrescante.

As colinas e montanhas distantes resplandecem através do delicado véu com uma luz suave e atenuada que acrescenta novo encanto à sua beleza. As águas de ribeiros e rios murmuram com uma doçura musical mais intensa, como se soubessem do novo vigor que terão quando as névoas se dissiparem. Os pássaros chilreiam satisfeitos nos seus recantos verdes, como que a saudar esta chuva espiritual, e toda a vida se anima de novo, vibrando com mais doce força e energia.

Não há tempestades violentas, nem turbilhões devastadores para destruir as obras da natureza. Esses fenómenos são apenas efeitos de forças que atuam através da matéria, pertencendo unicamente ao mundo terreno; mas, suave, silenciosa e docemente, desce a chuva da Terra do Verão, cobrindo colinas e vales, arbustos e árvores com uma minúscula humidade semelhante a orvalho, que traz novo vigor e frescura a todas as coisas.

Sozinha, no meu recanto tranquilo, sento-me e olho para a neblina dourada; quase perdida em admiração e encanto, pergunto a mim própria: terá havido algo mais belo do que isto? A própria essência da vida parece descer nessa chuva espiritual, e, sob a sua influência, o meu espírito ergue-se como que com nova energia, força e poder.

FELICIDADE DOS ESPÍRITOS

AO COMUNGAR COM AMIGOS NA TERRA

Da contemplação das belas obras de Deus estendidas diante de mim, o meu pensamento dirige-se para os queridos que habitam no corpo mortal, e, cheio de amor e simpatia, alcança os seus corações, formando uma cadeia magnética que liga as suas vidas à minha. Uma paz silenciosa que se infiltra nesses entes queridos na Terra, um feliz sentimento de repouso bem-aventurado que enche as suas almas, prova que estão *en rapport* com a Vida Superior; e, embora não deixe o meu aposento na minha casa espiritual, posso ver e comunicar com eles, enviando-lhes os meus pensamentos pela cadeia de afeto que liga cada alma à minha; sei que recebem a mensagem e respondem, na consciência íntima dos seus corações, a estes ecos vindos da margem espiritual.

Mas, embora os espíritos possam assim viver próximos dos seus amigos terrenos sem saírem das suas moradas superiores, é-nos doce e agradável regressar, em presença espiritual, às casas que amámos na Terra e, misturando-nos com os nossos queridos ainda no corpo, partilhar as suas alegrias, participar das suas tristezas, abençoá-los com o nosso afeto e, pela silenciosa impressão nas suas mentes, permear os seus pensamentos com as nossas ideias, procurando sempre elevá-los e conduzi-los para o belo e o bom. Tal é a missão abençoada de muitos espíritos amorosos e devotos que trabalham pela elevação da alma dos amigos que ficaram na Terra.

POESIA DAS ESFERAS ESPIRITUAIS

Nas minhas frequentes visitas a este médium, encontrei por vezes alguém que, sendo poeta quando estava na Terra, ainda se deleita em entoar as suas melodias através dos lábios dos mortais, e nessas ocasiões senti o meu espírito banhado num halo de luz, enquanto escutava as suas expressões métricas ou, melhor ainda, quando entrava em *rapport* com o seu espírito, via as gemas de pensamento nele contidas e o observava a tecê-las em versos de suprema graça e beleza.

Ó, vós, mortais, os poemas que recebeis de mentes terrenas, quer sejam proferidos pelo poeta reconhecido, quer através dos organismos dos médiuns, não passam de sombras de uma gloriosa realidade superior; são como esqueletos quando comparados com as formas plenas e perfeitas, revestidas da majestade de uma expressão aperfeiçoada no mundo da alma; um simples

esboço, que talvez vos transmita uma ideia do belo conjunto, tal como irrompe do reino do espírito.

Na poesia, como na música, e de facto em todas as artes e ciências, nunca podereis contemplar as suas grandiosas revelações, as suas possibilidades e os seus poderes, o seu fulgor e a sua glória, até que deixeis cair dos ombros o manto da materialidade e vos apresenteis totalmente espírito, com um desejo constante, no íntimo da alma, de encontrar o belo, o santo e o puro.

Esta alma de poeta,[3] de quem falo, pediu-me por vezes que desse expressão a alguns dos meus pensamentos à luz dourada da poesia, que os revestisse com as alvas vestes do canto melodioso; mas retraio-me da tarefa, sentindo que não consigo fazer justiça às nobres regras da rima e do ritmo.

3. John Critchley Prince.

Os espíritos não tendem, por regra, a subestimar as suas próprias capacidades; não há delicadeza fingida a assumir; compreendem algo das possibilidades interiores e aceitam, com gratidão e avidez, as oportunidades que lhes são oferecidas para cultivar as suas faculdades e desenvolver essas possibilidades da alma. Por isso, embora de momento não sinta que deva ecoar esses sons vindos da outra margem através do canal da expressão poética, sinto, no entanto, que algum dia poderei desenvolver as minhas forças interiores de tal modo que consiga cantar, em tons e cadências medidas, o canto do meu espírito, a melodia da minha alma.

Mas há um ser na Terra a quem eu levaria os primeiros esforços do meu espírito, a cujo nome cantaria a minha primeira canção, e sobre cuja alma derramaria a melodia do meu amor imortal. E assim, fraca, tosca e imperfeita embora seja, trago a minha canção e canto-a à

MINHA MÃE

Querida mãe, quando eu vi que havia morrido,
E que a minha alma ao túmulo escapara,
As primeiras palavras que eu tinha proferido
Foram: “O coração da mãe se quebrara;
E assim não posso deixá-la até que traga
Do mundo além um bálsamo de cura,
E sobre a dor que no seu peito alaga
Lance a perfeita paz que Deus assegura.”

E então os anjos que encontrei à entrada
Trouxeram repouso e alívio ao teu coração,
Que, na hora de oração sagrada,
Achou a paz celeste sem cessação.

Depois, das cenas terrenas me afastei
Para com passos de espírito ir vagueando
Por reinos onde sempre encontrei
O sorriso de Deus nos abençoando.

Há lá um “lar não feito por mãos humanas”,
Mas erguido por actos de amor e bondade;
Herança eterna, bela, de luzes soberanas,
Onde a alma encontra tudo o que de facto há-de.
À porta aberta, rostos amigos vêm
Com mãos estendidas para nos receber;
A alma, deixando a praia terrena, também
Busca a perfeição que o Céu lhe quer oferecer.

Oh, mãe! fiéis e ternos são os amigos anjos
Que junto a mim, no portão, se reúnem contentes;
Em perfeita harmonia, nos nossos arranjos,
Unimos as almas e esperamos pacientes;
Guardamos-te com luz de amor sem fim,
Abençoamos-te com calma e paz sagrada,
Guiamos-te ao Céu, para que chegue enfim
A um lugar onde a saudade é calada.

Campos celestes brilham de verde luzente,
E com flores eternas ricamente bordados,
Que embelezam a paisagem envolvente
E perfumam os ares sempre encantados;
O sol sorri, e as águas correm risonhas,
A mata revela luz e sombra entrelaçada;
E aves cantoras, nas árvores medonhas,
Espalham orvalho pela campina estrelada.

Tudo é alegria, e a alma se eleva
Em perfeita harmonia com Deus, lá no alto;
E, inspirada, em gratidão releva
Louvores ao Seu trono, num doce assalto.
E assim colho as mais raras flores e dons
Para abençoar-te, ó mãe, que tanto venero,
E com as forças e inspirações que são meus tons
Guiar-te ao lar dos anjos, que é o que mais quero.

CAPÍTULO III
A VIDA REAL NO MUNDO ESPIRITUAL

O meu objetivo ao escrever estas páginas é dar aos mortais uma ideia da vida real que decorre constantemente no mundo espiritual e informá-los das condições, dos arredores, dos deveres, dos trabalhos e dos prazeres dos habitantes do estado imortal. Os lugares feios e desolados que descreverei são tão reais para os seus habitantes quanto o são, para vós, os becos escuros e as ruelas sombrias das vossas grandes cidades.

Mas, enquanto as ruelas e becos das cidades foram ocupados e tornados desagradáveis e feios pela negligência e pela falta de conforto físico, esses pontos espiritualmente sombrios foram cercados e tornados miseráveis e estéreis por causa do pecado e do egoísmo acumulados em torno da vida interior daqueles que aqui permanecem, à custa das belas qualidades da alma que deveriam brilhar e tornar todos os lugares luminosos.

Assim, os espíritos cujas vidas terrenas foram impuras e egoístas encontram-se rodeados de trevas e melancolia quando entram no outro mundo. As cenas objetivas à sua volta representam o estado caótico e estéril das suas vidas passadas e apresentam um aspeto de grande desordem. Mas, logo que compreendem plenamente a sua terrível condição, começam a lamentar os erros e as loucuras passadas e a lutar para se erguer desse estado infeliz, a escuridão começa a dissipar-se, a luz começa a despontar para eles, encontram campos floridos onde antes viam rochas estéreis e areais desertos; e sentem e percebem, ainda que vagamente, a presença de espíritos ministrantes, onde antes tudo lhes parecia solitário e desolado.

Então começa a luta para romper os velhos laços e associações que ainda prendem a alma; então começam o arrependimento e a reforma, e o espírito não descansa até ter abandonado os antigos erros e alcançado conhecimento, luz e paz. Espíritos desta classe, que passaram pelas águas purificadoras do sofrimento e da prova, que sentiram o fogo depurador da tribulação, do remorso e da contrição, não param nem se dão por satisfeitos com a sua própria libertação da tentação e do mal, mas tornam-se invariavelmente grandes e eficientes colaboradores daqueles doces anjos missionários que se comprazem em fazer o bem e, como mensageiros da luz, passam o tempo a tentar ajudar outros infelizes a saírem do lamaçal do erro ou do desalento.

No mundo espiritual existem muitos lugares belos que apresentam um aspeto de paz e encanto, mesmo de grandeza e fascínio, para aqueles que neles permanecem. Desses lugares vos falarei mais adiante, e ficareis a conhecer a vida e as ações dos seus habitantes. Mas, primeiro, desejo dedicar uma parte deste capítulo a cenas e acontecimentos que testemunhei entre os recantos e refúgios sombrios e pouco aprazíveis de espíritos que ainda não ascenderam à luz.

O que estou prestes a descrever-vos está longe de ser uma cena celestial, e, no entanto, é algo que eu próprio testemunhei, quando, na companhia de uma tia muito querida, uma verdadeira anjo-missionária, visitei um dos muitos campos do seu labor angélico.

UM ESPÍRITO ENSOMBRECIDO LEVADO A VER A LUZ

Uma planície deserta de areia e rochas estendia-se vastamente diante de nós; sem plantas floridas, sem árvores altas, sem aves canoras para despertar música com as suas melodias; tudo era silêncio, profundo, uma desolação total. Ao longe, percebia a espuma branca e as ondas revoltas de águas coléricas, quebrando contra uma longa fileira de rochedos escarpados e lúgubres. Oh, que aspeto de inquietação havia ali!

De início, não via sinais de vida humana, nem sequer vestígios de existência animal. O lugar era demasiado estéril, árido e inóspito para albergar sequer a mais baixa forma de ser consciente.

Voltei-me para a minha companheira, surpreendido por ter sido conduzido a um local tão profano; percebendo o meu espanto, ela apontou silenciosamente para um objeto ligeiramente à nossa frente, que me pareceu apenas uma das muitas rochas em redor, tão envolto estava numa nuvem de trevas; mas, passado pouco tempo, percebi que tinha a forma de um ser humano.

A figura estava encolhida na areia, com a cabeça pousada sobre os joelhos, transmitindo o aspeto mais abjeto e desesperado. Era, evidentemente, um homem, e parecia sofrer intensamente. Jamais esquecerei a terrível pontada que senti ao vê-lo; não precisaria de mais nada, ao longo da vida, para sentir piedade, simpatia e o desejo de ajudar os miseráveis e infelizes.

Vi claramente que esta alma infeliz não percebia a nossa aproximação. Os seus sentidos estavam absorvidos na sua própria condição e nos arredores dissonantes; mas podíamos distinguir, na nuvem vaporosa que o envolvia, linhas que indicavam que a sua vida tinha sido dura e amarga. Miséria, intemperança e impureza marcaram o seu caminho; sem pranto nem saudade na Terra, entrara na vida espiritual submerso em degradação e desespero. E ali aprendi que este lugar, tão terrivelmente desolado, era o reflexo típico da vida terrena dos que aqui vinham temporariamente, devido à sua existência impura durante a mortalidade.

Aproximando-se mais, a anjo que me acompanhava estendeu as mãos sobre a cabeça do infeliz e, de imediato, pequenas linhas de luz, emanando dos seus dedos brancos, começaram a penetrar a escuridão, e o ser diante de nós gemeu e moveu-se inquieto.

Prosseguindo a sua obra, a minha bendita companheira fez rápidos passes sobre a figura, a luz continuando a fluir-lhe das mãos. Ele tremeu, grandes

lágrimas rolaram-lhe pelo rosto e, por fim, clamou: “Oh, Senhor, salva-me! Ajuda-me, e serei um homem melhor!”

Era o clamor de um espírito, lutando através das trevas, da degradação e do pecado de anos, ansiando pela luz e rogando auxílio. Para mim, o lugar começou a tornar-se claro e belo. A penumbra foi-se preenchendo de faixas de luz rosada. Doce música flutuava no ar, que perdera o seu frio cortante. Deixei de ver as rochas áridas, a areia do deserto e as ondas impetuosas. Apenas o ser suplicante e choroso diante de mim, inchado e desfigurado como estava, e o espírito luminoso ao meu lado, eram visíveis. As lágrimas do homem redobraram, grandes soluços sacudiam-lhe o corpo, suspiros profundos subiam-lhe do peito agitado; palavras entrecortadas de remorso, contrição e desespero caíam-lhe dos lábios.

Ainda não nos via; mas, para mim, o lugar tornava-se cada vez mais luminoso, até não restar vestígio de sombra.

Continuando os seus passes magnéticos, a minha amiga lançou um feixe de luz sobre o rosto do homem e, erguendo os olhos, ele descobriu a sua forma angélica, inclinada em compaixão sobre ele. Estendendo as mãos num gesto suplicante, mas sem emitir som, o infeliz contemplava-a, como se quisesse beber dali esperança, ânimo e até a própria vida.

Logo me apercebi de outra presença ao meu lado; uma mulher idosa, luminosa, radiante, bela, e ainda assim triste, muito triste.

Ao ver este novo rosto inclinado sobre si, o espírito sofredor exclamou: “Minha mãe, oh, minha mãe!” e inclinou a cabeça, escondendo-a de vista.

Afastando-me, a minha companheira disse: “Vamos deixá-lo agora aos cuidados ternos da mãe; ela ajudará a redimir-se. Ele está no vale da tribulação, mas em breve erguer-se-á para a liberdade e a felicidade.”

Na companhia dessa anjo-missionária, a minha querida tia, que partiu da Terra há muitos anos, uma doce e inocente donzela, visitei muitas vezes esses becos escuros onde espíritos pouco desenvolvidos, cercados por nuvens sombrias, permanecem, muitos deles talvez indiferentes à sua condição. Mas podemos sempre encontrar, entre eles, um ou outro que se cansou e deseja mais luz e bondade; e, quando os encontramos assim, é uma bela tarefa falar-lhes, mostrar-lhes como podem melhorar e, pouco a pouco, conduzi-los a condições de existência mais agradáveis.

UMA REJEITADA DA TERRA

VOLTA PARA AJUDAR OS CAÍDOS

Mas, prosseguindo na descrição dos lugares que vi: Uma floresta densa, quase impenetrável, estendia-se vastamente diante de nós, o seu sub-bosque profundo e sombrio formando grandes moitas; vinhas entrelaçadas cobriam os troncos das árvores, de tal forma que nenhum raio de sol se infiltrava pelo dossel frondoso. Não havia canto de pássaro nem perfume de flor que ali se encontrasse. Tudo era tão escuro, tão solitário, tão impenetrável, que parecia que nem mesmo um espírito poderia entrar nos confins de tal lugar sombrio.

Mas, à medida que nos aproximávamos, o que parecia ser floresta objetiva tornou-se apenas subjetiva; percebi que podíamos atravessá-la com facilidade. Nas profundezas dessa mata, encontrámos um espírito feminino, aparentemente adormecido; macilento, pálido e abatido, apresentava um ar de profundo sofrimento.

A minha companheira explicou-me o significado desta cena. Esse espírito habitara, até há pouco tempo, um corpo mortal. Lançada de um lado para o outro pelas ondas da pobreza e do infortúnio, desprezada, negligenciada e humilhada, sentira-se uma rejeitada da família humana e, num acesso de desespero, pusera termo à vida mortal com veneno.

O seu desejo ardente de solidão, o ódio por qualquer tipo de sociedade, a aversão à cidade e o desejo de se enterrar a si própria e às suas mágoas num lugar inabitado, haviam envolvido o seu espírito nesta floresta profunda, onde nenhum passo perturbava as suas vigílias solitárias. Compreendera que não podia matar a alma; encontrara-se neste ermo selvagem, só e sem reclamar, e, durante algum tempo, agradeceu que nenhum olhar pudesse pousar sobre ela.

Mas o silêncio, a penumbra e a solidão produziram tal efeito no seu espírito que se instalou uma terrível reação. Tivera tempo para refletir, para compreender a sua vida passada e a causa de grande parte da sua miséria. Chorara e, por fim, até rezara; e ali, sozinha consigo mesma, reconhecera a sua dependência da humanidade e os deveres que lhe devia, assim como à sua própria natureza imortal. Então veio o anseio de companhia, o desejo de deixar aquele lugar horrível e a vontade de ir para onde pudesse começar uma nova vida e ser feliz, inocente e boa como os outros.

Cansada das emoções contraditórias, deixara-se cair, exausta, e o seu espírito guardião — que não era outro senão a sua própria mãe, que nunca a abandonara — lançara-a num transe profundo, no qual a encontrámos, ainda assistida por aquela alma materna.

Erguendo a pobre criatura nos nossos braços, nós, três espíritos, levámo-la para fora da solidão, da penumbra e das trevas, até a um vale formoso, onde o sol brilhava caloroso, os pássaros chilreavam nas árvores, as águas azuis de

um riacho gargarejavam alegremente entre margens verdes, onde flores desabrochavam em perfume e beleza; e, deitando-a suavemente sobre um dos leitos de musgo, ajudámos a mãe no espírito a trazer de volta os sentidos da filha.

Logo os olhos azuis se abriram e, à medida que começavam a contemplar o cenário em volta, encheram-se de uma luz feliz, e um sorriso sereno desenhou-se nos lábios pálidos. Muito fraca estava esta filha de Deus, e deixámo-la naquele leito perfumado, onde brisas suaves levavam novo alívio ao seu corpo cansado.

Mas não por muito tempo; voltámos a visitá-la repetidamente e, pouco depois, soubemos que fora levada pela mãe para uma pequena casinha branca, onde ia recuperando forças e tornando-se melhor.

Por vezes, pensamentos da vida antiga faziam-lhe empalidecer o rosto e estremecer o corpo; mas, como estava profundamente arrependida de tudo o que houvesse de errado na sua vida e animada de tão grande desejo de expiar erros passados, de aprender as leis do seu ser, e de cumprir qualquer trabalho que a minha amiga e mestra lhe indicasse, tão disposta estava a aprender e tão ansiosa a ajudar os outros, que a memória da Terra deixou finalmente de lhe causar dor e passou apenas a servir para aprofundar na sua alma uma terna compaixão e um amor gentil e prestativo para com as almas sofredoras e provadas pelo pecado que ainda vivem na Terra.

Chamamos-lhe “Caridade”, e ela tornou-se uma meiga ajudante sempre que uma pobre alma necessita de força ou encorajamento; vai sozinha para a escuridão onde outros sofrem e, com o seu amor espiritual, dissipa a penumbra e envia raios de esperança e misericórdia às baixas profundezas da degradação e da dor.

Acima descrevi cenas que testemunhei na vida interior ou anímica de indivíduos cujas perceções morais estavam insuficientemente desenvolvidas, ou haviam sido deformadas e limitadas na sua ação durante a sua estadia na forma material. Tentarei agora transmitir-vos a ideia de uma cena que testemunhei há pouco tempo, ligada a um terrível desastre ocorrido no plano terrestre.

AUXILIADORES INVISÍVEIS NUM INCÊNDIO

Um terrível incêndio lavrava numa das vossas grandes cidades. Na zona comercial, tinham sido construídos edifícios de rendimento, destinados a alojar famílias humanas. Tinham-se tornado velhos e inseguros, mas continuavam apinhados de gente — uma família com crianças, bem como adultos, em cada andar; e foi ali que um fogo irrompeu durante a noite, ardendo havia já uma hora antes de ser descoberto. Por fim, chegou o socorro, mas demasiado tarde para salvar todas as vidas dessas pobres criaturas indefesas. Os corpos de

várias crianças, bem como de homens e mulheres, ficaram reduzidos a cinzas naquela hecatombe de chamas.

Atraídos à cena pelo sofrimento e pela necessidade humana, multidões de espíritos invisíveis penetraram a fumaça e o fogo (que, embora incapazes de destruir seres desencarnados, ainda assim criavam uma escuridão e uma penumbra à sua volta) e, na companhia de queridos espíritos cujo trabalho é sempre o de aliviar o sofrimento e a aflição, tive o privilégio de me aproximar, com a esperança de poder ser útil àqueles que estavam a deixar a vida mortal no meio das chamas.

E que visão se apresentou! Espíritos pouco desenvolvidos, sem compreenderem a grandeza da vitória do bem sobre o mal, juntavam-se como que para se deleitarem com o sofrimento dos infelizes diante de nós; reunidos pela atração mórbida emanada do espírito do incendiário que provocara aquele terrível incêndio; e parecia que se alegravam com a calamidade que ali se desenrolava. Mas um grupo nobre de espíritos, unidos pelos laços da simpatia e atraídos ao local pela piedade profunda que sentiam pelos que sofriam, aproximou-se e, trazendo consigo uma luz tão radiante, fez com que as influências malévolas se retirassem rapidamente.

Voltámo-nos então para os espíritos que lutavam por libertar-se da carne; com suaves passes magnéticos libertámo-los do fogo e do fumo e levámo-los para cenas aprazíveis e lugares floridos no mundo espiritual, onde nada pode destruir.

Foi a nossa boa sorte libertar três crianças pequenas de uma terrível sensação de sufoco e medo — queridas crianças, que levámos para a Terra do Verão e, colocando-as num caramanchão de rosas em flor, deixámo-las ao cuidado de uma bondosa mãe-espírito, cujo amor terno e solicitude iriam acalmar qualquer tristeza ou medo que pudesse atingi-las quando despertassem do profundo sono magnético lançado sobre elas pelo poder espiritual, a fim de remover todos os traços de sofrimento e angústia.

Oh, se pudésseis ver, do lado espiritual da vida, os resultados de uma terrível conflagração como esta, nunca descansaríeis até que as vossas ruas estivessem traçadas, os vossos edifícios construídos e dispostos de tal forma que fosse impossível a um incêndio propagar-se entre eles e espalhar tamanha destruição nas suas dobras flamejantes.

E, no entanto, apesar da cena terrível de fumo negro e chamas rubras, da presença de influências malévolas atraídas pelos elementos destruidores, do sofrimento, da miséria e do desespero — apesar de tudo isso, a visão de inteligências elevadas e sublimes, cuja vida interior iluminava brilhantemente os seus rostos e dissipava as trevas, constrangendo os mal-intencionados e estimulando os esforços compassivos dos mortais para socorrer os aflitos, era algo que se contemplava com alegria; gerando em nós um sentimento de

gratidão por sabermos que, acima e para além de toda a dor, mal e sofrimento, existe uma vida povoada por seres altruístas e santos, que glorificam o seu Pai aliviando as dores dos tristes e dos aflitos.

E observei que, em torno das boas almas, ainda encarnadas, que trabalhavam com esforços hercúleos para salvar as vidas e bens dos moradores daqueles edifícios — em torno dos nobres bombeiros; da multidão que, com todas as forças e boa vontade, procurava ser útil; dos que abriram as suas casas para acolher os desabrigados e sofredores — brilhava uma luz dourada, e grupos de espíritos luminosos e prestativos reuniam-se, auxiliando com força e simpatia; e uma luz resplandecia na escuridão do desespero, uma estrela cintilava intensamente sobre a luz da simpatia humana — a estrela do amor celestial.

Os lugares desagradáveis, repulsivos e desolados que vi na minha experiência de vida espiritual foram, na verdade, muito poucos em comparação com os muitos lugares belos que visitei e com as cenas de grandeza, sublimidade ou doçura que tive o privilégio de contemplar.

Descobri que a paisagem natural do mundo espiritual ultrapassa em muito, na beleza das formas e das cores, tudo o que existe na Terra; pois, embora o pôr do sol resplandecente, o nascer do dia encantador, a mistura requintada de cores nas flores perfumadas, os vales floridos, as florestas luxuriantes, as velhas montanhas majestosas e os oceanos espumosos da Terra se combinem para formar cenas de beleza indescritível, essas mesmas formas e tonalidades, tal como existem no mundo espiritual, são tão refinadas, tão delicadas, e ainda assim tão grandiosas, majestosas e fulgurantes, que é impossível aos mortais da Terra compreender-lhes a beleza ou experimentar as emoções de deleite reverente e solenidade que um espírito sente ao contemplar as maravilhosas formas da natureza e ouvir a melodia arrebatadora que sobe das gargantas das aves, das águas murmurantes e das folhas sussurrantes.

CHEGADA DE UM MORTAL À VIDA ESPIRITUAL

Descrever-vos-ei agora, o melhor que puder, uma bela cena que uma vez testemunhei e cuja lembrança percorre toda a minha experiência espiritual como um fio de música.

Há pouco tempo, viveu na Terra uma jovem de cerca de vinte anos. De constituição delicada e figura esguia, via-se que a privação e o sofrimento não lhe eram estranhos. O seu lar ficava numa das vossas grandes cidades, onde, numa modesta habitação, vivia sozinha com a mãe inválida, a quem sustentava com o fruto do seu trabalho de costura.

Durante anos, manuseara aquele fino instrumento — que tem, de facto, sido um verdadeiro instrumento de tortura para muitas mulheres trabalhadoras e sofredoras —, paciente, resignada e alegre, enquanto conseguisse prover às necessidades de vida da sua querida mãe, que pouco ou nada podia fazer por

si própria. Supunha-se que a mãe partiria desta vida muito antes da filha; mas a exposição a uma forte tempestade provocou uma grave constipação à pobre rapariga e, poucos dias depois, foi declarada em estado terminal com pneumonia.

Quem poderá descrever a dor terrível da mãe aflita, enquanto a respiração penosa da filha lhe dizia, de forma inconfundível, que o fim estava próximo? Mas anjos velavam junto daquele leito humilde e, quando o último suspiro foi dado, lançaram misericordiosamente um véu de inconsciência sobre os sentidos da mãe, enquanto levavam suavemente o espírito recém-liberto a um porto de repouso.

No meio de um encantador vale espiritual, onde lindas flores brotam e florescem, perfumando o ar suave, onde árvores majestosas lançam sombra agradável sobre margens cobertas de musgo, onde águas cintilantes correm, em música, por entre maciços e sebes de rosas, e onde pássaros fazem música ao voar aqui e ali na luz branda e dourada, há um caramanchão feito inteiramente de rosas vermelhas e brancas, que erguem as suas cabeças reais e oferecem incenso à brisa. Este caramanchão foi construído por anjos amorosos como lugar de repouso para aquele belo espírito cuja doença e morte acabo de relatar.

Dentro do caramanchão, sobre um leito de miosótis e violetas orvalhadas, reclina-se a forma espiritual da donzela; está vestida com roupas brancas, arranjadas por espíritos ministrantes.

Tem descansado, sorvendo longos haustos de saúde e vigor das flores que a rodeiam e sustentam; a palidez desaparece-lhe das faces, que perdem o ar magro e debilitado; os olhos, ao abrirem-se, já não se mostram baços e encovados pelo cansaço, mas revelam um brilho e uma beleza indescritíveis.

Ergue-se, olha em volta e, ao ver as flores, solta um grito baixo de arrebatamento; agarrando as rosas, os miosótis e as violetas nos braços, aperta-os ao peito e enterra o rosto no rico perfume das suas pétalas. Nunca antes tinha visto tantas flores frescas e belas juntas; nunca, na sua vida, possuíra tamanha abundância de flores; e perde-se na sua fragrância e beleza com um deleite puro e ilimitado.

Mas não lhe é permitido ficar muito tempo sozinha; espíritos amorosos, mulheres gentis, cujas almas são todo amor e ternura, entram no caramanchão e, tomando-lhe a mão, dão-lhe as boas-vindas em palavras afetuosas. Ela contempla-as com encanto; parecem-lhe a personificação de tudo quanto é belo e puro; e, à medida que a recebem com bondade no seu lar celeste, o seu espírito enche-se de afeto e gratidão por tudo o que vê.

Agora que recuperou forças e repouso, as suas doces companheiras conduzem-na do caramanchão de rosas a uma pequena e bela casinha,

rodeada de flores, que se ergue na orla do vale encantador. Está cercada por um pequeno jardim repleto de delicadas cores e impregnado de perfumes deliciosos.

A casa é aberta de um lado, feita de rendilhado branco por onde penetram os raios dourados do sol e as folhas tenras das roseiras. O interior, simples mas requintado, é mobilado em branco e azul, e tudo nele revela pureza e simplicidade. A recém-chegada é recebida à entrada por um rosto maternal e amoroso, mãos estendidas em saudação, e sente-se de imediato em casa.

O grupo de espíritos ministrantes que até então cuidara dela deixa-a agora ao cuidado da alma maternal que a esperava no larzinho; e ela descobre logo que esta nova amiga é a sua própria avó, falecida há muitos anos. Este é um lar que a pobre costureira nunca sonhara, e parece-lhe quase chão encantado.

Havia passado pouco tempo desde que o espírito deixara o corpo; ficara no caramanchão de rosas, cuidada por espíritos missionários, mergulhada num estado semi-inconsciente, mas envolta numa sensação de êxtase suave para a alma cansada, até que, após o enterro do corpo, fora despertada e levada ao lar espiritual pelos seus acompanhantes.

Oh, como ela apreciou o canto doce das aves, o ar perfumado e as flores fragrantes. A casa que habitava não possuía adornos grandiosos; apenas cortinas brancas, móveis rústicos mas graciosos, soalhos polidos, aqui e ali um pequeno quadro ou toque de cor no interior; trepadeiras e flores no exterior; e, no entanto, tudo era belo e agradável; e, melhor ainda, aquele lar encantador fora erguido, pouco a pouco, a partir da própria vida diária da sua ocupante. Paciência, abnegação, devoção a uma mãe inválida, alegria e um espírito de perseverança que não esmoreceu em meio de sofrimento, pobreza e aflição, juntamente com um amor quase apaixonado pelo belo, tinham fornecido material da vida desta jovem que fora aproveitado com entusiasmo pelos seus guias espirituais para erguer a sua casa.

E dentro dela fora instalada a terna avó, para lhe dar as boas-vindas e companhia. Da entrada deste pequeno lar, as suas habitantes podiam olhar, para lá do jardim florido, o vale resplandecente, com as suas árvores majestosas, regatos a correr e recantos cobertos de musgo, aqui e ali uma casa branca rodeada de jardins, diante da qual as crianças enchiam o ar de música alegre. Acolhido entre duas cadeias montanhosas imponentes, cujos rochedos brilhavam ao sol como bronze ou se tingiam de púrpura ao crepúsculo, o vale oferecia uma paisagem de paz e tranquilidade sorridente.

Mas não deveis pensar que a jovem, transportada das lides da vida material para este belo lugar, se tivesse esquecido da mãe inválida que deixara a sofrer cuidados e dores terrenas. Não; toda a sua alma se voltava em amor, simpatia e saudade para essa mãe solitária e, guiada por um fino cordão de luz prateada que, embora invisível para outros, era sempre visível para si e se

estendia desde o seu lar espiritual até ao local onde a mãe jazia, regressava constantemente ao lado daquela que tanto amava e, com as suas atenções, aliviava muitas dores e suavizava a passagem da mãe para a terra espiritual.

Soube que a mãe fora transferida da antiga habitação para uma enfermaria de hospital, e ela — a filha espírito — encontrou entre as enfermeiras uma a quem podia influenciar para tratar a inválida com ternura.

Mas a ternura terrena não foi necessária por muito tempo. O choque da súbita doença e morte da filha foi demasiado para a pobre enferma e, um mês após o falecimento da filha, a mãe juntou-se a ela no mundo espiritual.

Tendo eu tido o privilégio de acompanhar o grupo guardião que assistira o espírito jovem na entrada na Vida Superior, também tive o privilégio de estar presente no nascimento espiritual da mulher mais velha; mas a primeira a recebê-la foi a filha que a precedera nos reinos imortais e que agora, radiante como um anjo de luz, regressava para levar a mãe a descansar no seu doce e pequeno lar.

A expressão de alegria ao vê-la foi o que primeiro chamou a atenção da filha para si mesma; pela primeira vez, desde a mudança, apercebeu-se de que já não estava pálida, abatida e com aspeto cansado, mas radiante, luminosa e bela. Com a abnegação tão natural nela, estivera tão absorvida na condição da mãe que não se apercebera da beleza que agora envolvia o seu próprio ser como um halo de luz. Essas duas almas — mãe e filha —, com a nobre avó, vivem juntas e felizes no seu lar no vale; e passam o tempo a fazer o bem e a influenciar outros a ajudar os necessitados e sofredores.

CAPÍTULO IV
A CIDADE DE ZENCOLLIA E OS SEUS ARREDORES

Deverei falar-vos dos meus arredores na Terra do Verão? Deverei contar-vos da bela cidade que, no mundo eterno, chamamos Zencollia — que significa, literalmente, “cidade da luz” — assim designada pelos raios brilhantes que se refletem das suas torres, minaretes e paredes resplandecentes quando sobre elas incide a luz do sol? As agulhas e torres desta bela cidade fulgem ao longe, enquanto me sento junto à minha janela voltada a oriente. As suas paredes brancas, cintilando com a alvura do alabastro, parecem falar de pureza e paz.

UM TEMPLO DO SABER

No meio daquele maravilhoso conjunto de trabalho requintado ergue-se um templo de bronze, cuja imponente cúpula parece coroar a estrutura com um diadema de luz viva. Este grandioso templo visitei-o na companhia de caros irmãos que alcançaram a compreensão da verdade e do conhecimento nas escolas de sabedoria da vida espiritual, e que, pela frequência com que

assistem às palestras instrutivas ali ministradas, se tornaram íntimos do seu interior resplandecente. O templo do saber em Zencólia é o edifício mais maciço que jamais vi. Está rodeado por um espaço aberto, pavimentado com delicadas lajes cor-de-rosa e brancas, de pedra translúcida e brilhante. Uma escadaria de mármore variado conduz ao vestíbulo, igualmente pavimentado com lajes cor-de-rosa e brancas.

O edifício contém quatro amplos salões, o mais notável dedicado à Ciência, o segundo à Literatura, o terceiro à Metafísica e o quarto à Música. Cada salão possui assentos espaçosos para o público; ao fundo, um estrado elevado sobre o qual se encontra uma mesa de mármore e um assento almofadado, semelhante a um sofá amplo, destinado aos oradores ou instrutores.

Os pavimentos são de mármore variado — branco, com veios de delicado rosa e verde-mar; as colunas, de marfim esculpido; as paredes, adornadas com belas pinturas que ilustram a natureza da atividade a que o salão se dedica; e os tetos altos, decorados a fresco em tons suaves de azul-claro, branco e ouro.

Um dos meus companheiros, estudante no salão de ciência, mostrou-se ansioso por que eu fosse admitida ali como espectadora, o que se conseguiu rapidamente. No momento da visita, os assentos estavam cheios de gente de todas as idades e de ambos os sexos. A lição era sobre as leis da química; o orador, um homem aparentando cerca de quarenta anos, mas que — segundo o meu irmão me assegurou — estava no mundo espiritual havia muitas décadas, tinha diante de si vários instrumentos de aspeto estranho, com os quais ilustrava o tema e comprovava as suas teorias por meio de experiências.

“Repara naquele senhor de cabelos grisalhos à frente, o de testa alta, cujo olhar penetrante e inquisitivo parece acompanhar cada gesto do orador”, sussurrou o meu companheiro. Acenei afirmativamente.

“É Michael Faraday, o cientista; digo-te que é tão aplicado como qualquer de nós; assiste a todas as nossas conferências. Já foi convidado a participar nos trabalhos, mas recusa, preferindo estudar a ensinar. Oh, minha irmã, muitos dos homens mais inteligentes da Terra vêm aqui ou vão a outros lugares aprender, quando chegam à vida espiritual.”

A lição foi muito instrutiva e as experiências, interessantes; mas, por serem novas para mim e bastante avançadas, não as compreendi bem.

“Olhe, Sr.ª Ammidown,” disse o irmão J., em tom brincalhão, quando manifestei espanto perante alguns dos resultados das experiências do professor, “hei de trazê-la cá quando tivermos uma lição sobre Vida Elétrica, e verá o mestre obter resultados assombrosos sem qualquer instrumento. Está com ar incrédulo; mas, Kitty, isso é porque está habituada aos instrumentos materiais da Terra. Aqui conseguimos usar as correntes elétricas sem auxiliares desse

género. Um dia verá algumas das minhas experiências privadas. Ainda tem muito que aprender."

E, de facto, senti-me como uma criança acabada de entrar na maravilhosa arena do conhecimento, diante de visões e sons estranhos que não conseguia compreender, mas que pareciam deliciosamente claros e interessantes para os que me rodeavam. Isso foi há muito tempo, mas o sentimento ainda perdura; e sinto que há tanto por aprender e compreender, que nunca se pode estar ocioso.

SALÃO DA METAFÍSICA

Fomos até ao Salão da Metafísica. A oradora era uma mulher; e embora as ideias que exprimia fossem grandiosas e belas, a linguagem que as envolvia era quase demasiado abstrusa para mim.

"Trouxe-a aqui, querida irmã," disse o meu companheiro, "não por esperar que compreendesse o que se passa; está ainda demasiado ligada às expressões terrenas para isso; mas para que pudesse visitar um lugar onde se reúnem aqueles que se enchem de ideais elevados acerca da alma e da sua relação com a vida, trocando pensamentos e aprendendo uns com os outros. Emerson há de gostar de frequentar este lugar quando vier para o nosso lado. Temos dezenas de outros recantos", continuou, "onde mestres como Theodore Parker, Channing e centenas de almas igualmente nobres discursam com fervor para elevar e santificar as pessoas. A esses compreenderá; e os seus ensinamentos costumam ser transmitidos em câmaras arejadas ou bosques frondosos, onde todo o ambiente convida à adoração de Deus. Irá a muitos desses lugares acompanhada por quem a ama."

SALÃO DA LITERATURA

Não permanecemos muito no Salão da Metafísica. A oradora era de beleza imponente, vestida com túnicas clássicas e fluídas; a voz, suavemente modulada; os gestos, graciosos; o porte, sério e convincente; e para quem a entendesse, parecia oferecer um verdadeiro banquete espiritual. Eu sentia-me humildemente arrependida por não compreender tudo; apercebendo-se disso, o meu guia apressou-se a levar-me ao Salão da Literatura.

Ali pude apreciar, pois entendia. As sessões eram conduzidas por vários homens e mulheres, que nos brindaram com relatos verídicos, não publicados, mas presenciados por eles próprios; também com leituras de autores célebres, passagens de rara força descritiva, ricas caracterizações de escritores talentosos, e excertos das suas obras; seguidos de expressões de imagética deslumbrante e brilhantes trechos de poesia. Aqui fiquei profundamente interessada, tanto mais que o meu companheiro me indicava a presença de homens e mulheres talentosos cujas obras eu lera e admirara na Terra, sem jamais sonhar encontrá-los pessoalmente.

SALÃO DA MÚSICA

Mas tenho de apressar-me. Depois de tudo o que vi e ouvi, que dizer do Salão da Música? A fachada inteira deste espaçoso salão é uma varanda elevada, onde se sentam habitualmente os executantes e coristas.

Ali juntou-se a nós uma querida irmã, que chamarei May; como as flores de Maio, é bela e doce; e, de mãos dadas, em silêncio — e, no meu caso, em reverente admiração — ouvimos os sons encantadores que se desprendiam de instrumentos de cordas e de teclas, tocados por dedos hábeis; e as vozes, ora graves e profundas, ora leves e trinantes como as das aves. Nunca conseguirei descrevê-lo.

Tudo o que disse é apenas um pálido reflexo do que testemunhei naquele templo maravilhoso; mas a música! — era tão grandiosa, tão poderosa, tão inspiradora, e ao mesmo tempo tão doce, tão subtil, tão cativante, que me senti flutuar, sem outro pensamento senão o de subir até ao próprio trono da Vida e do Amor. Todas as pequenas preocupações da existência, todo o sentido exterior de viver, dissolveram-se; e, na atmosfera pura daquela melodia celestial, a minha alma afirmou-se nas suas mais puras aspirações pela perfeição da vida.

Amo Zencólia pela sua divina harmonia de música doce e inspiradora; e, oh, queridos que amo na Terra, se me tivésseis acompanhado em espírito, a minha felicidade teria sido completa.

VIDA SOCIAL EM ZENCÓLIA

Ao percorrer as ruas da bela Cidade de Zencólia, observei a perfeita liberdade dos seus habitantes, a forma desinibida de viver, a franqueza aberta e a confiança que cada um parece depositar no vizinho, bem como a hospitalidade simples e despretensiosa de cada lar; pois todo o transeunte é bem-vindo para entrar, descansar, retemperar-se e examinar o que quer que desperte o seu interesse.

Notei isto porque, a princípio, me pareceu muito estranho — tão contrário aos costumes dos mortais, que se fecham em casa, tornando-se por vezes exclusivos e cerimoniosos no trato com os outros.

Mas aprendi que, se para os mortais seria imprudente e inseguro deixar as suas casas abertas à inspeção de qualquer curioso, e extremamente arriscado convidar todo e qualquer estranho a entrar, é perfeitamente seguro fazê-lo na cidade espiritual de Zencólia, cujos habitantes são puros e imaculados, purgados de todos os apetites e hábitos grosseiros e carnais, que não difamam nem caluniam, que se amam mutuamente, cujas famílias estão unidas pelos mais fortes laços de simpatia e afeto, e cujas vidas são tão puras, tão dedicadas ao bem-estar dos outros, que nada têm a esconder.

Cada lar é um santuário de louvor devoto; cada família curva-se perante o altar da Sabedoria Infinita; cada habitante tem uma lição para transmitir ou uma experiência para partilhar com o recém-chegado a estas altas esferas, para lhe servir de guia; cada habitação contém algo de interesse para o visitante que possa ter ascendido recentemente aos átrios superiores de Zencólia. E não há risco em acolher o forasteiro; pois nenhum espírito impuro, egoísta ou mundano pode entrar em Zencólia — não conseguiria respirar o seu ar refinado, nem suportar o brilho da sua luz.

Se é verdade que os espíritos elevados podem descer a esferas ou condições inferiores, onde habitam inteligências grosseiras, rodeadas pela escuridão que o seu estado mental projeta, para ali atender às necessidades dessas almas presas à Terra, é, contudo, tão impossível para esses espíritos subirem às alturas superiores como o é para os mortais penetrarem nos mundos celestes com os seus corpos materiais; pois, assim como o peso do físico mantém o homem preso à Terra, também o peso da paixão mantém esses espíritos em baixo.

Assim, nenhum espírito impuro entra em Zencólia, e nenhum dos que lá habitam teme acolher o forasteiro, pois todos os habitantes daquela cidade celestial possuem visão clara e podem ler facilmente o pensamento e o desejo interiores de quem quer que entre no seu raio de ação. Os moradores daquela feliz cidade associam-se em grupos, todos trabalhando para o bem comum; cada um obedece à lei que todos ajudam a formular; todos contribuem para o bem-estar do povo, para o embelezamento da cidade, para a manutenção de escolas livres e abertas de instrução, e para o apoio a um bom governo.

Muitas vezes tenho pensado na beleza e na glória desta doce vida, desejando poder levar os mortais a vê-la como eu a vejo — a contemplá-la e a imitá-la, a trazer para a Terra algo das suas condições felizes; pois então não haveria necessidade de muros de prisão, nem motivo para castigos corporais, mas o amor e a justiça reinariam supremos, e o milénio, há muito predito por profetas e videntes, despontaria sobre a nova terra.

VISTA INTERIOR DE ZENCÓLIA

Zencólia, “Cidade de Luz”, a visão das tuas muralhas brancas, fulgurantes ao longe, traz-me à memória as tuas belas ruas, tão diferentes das ruas que os mortais conhecem. Nenhum ruído estridente perturba a serenidade dos teus espaços; e, no entanto, o murmúrio constante, a presença sempre viva de uma atividade enérgica no teu seio, proclamam que aí existe vida sensível, individualizada e consciente.

Os edifícios, tão belamente construídos de pedra reluzente, artisticamente adornados com entalhes de graça e simetria requintadas, não se apinham nem se atropelam por falta de espaço; cada um ergue-se dentro do seu próprio recinto, rodeado de canteiros e taludes de verde-esmeralda. Árvores altas, cuja

frondosa copa oferece sombra refrescante, erguem-se aqui e ali, emprestando beleza natural à paisagem. As próprias ruas, embora pavimentadas no centro com pedras polidas, são ladeadas por folhas verdes e flores ondulantes, que nenhum pé descuidado ousa esmagar.

E, no entanto, é uma cidade vasta e magnífica. Os seus edifícios imponentes, os seus incontáveis habitantes, assinalam a diferença entre ela e uma vila ou campo. A intervalos regulares, amplos espaços encerram canteiros floridos de todas as cores e perfumes; pequenos lagos e fontes jorrantes; pavilhões reluzentes, com assentos e mesas rústicas; pequenos bosques de sombra, grutas minúsculas e recantos encantados onde as aves entoam música ao longo de todo o dia soalheiro — tudo mantido com cuidado constante para o deleite de todos os que aí passeiam; e não é raro grupos de espíritos harmoniosos reunirem-se num destes jardins e passarem ali uma hora em comunhão de alma, expressa no canto de hinos, em exortações de lábios inspirados ou em palavras de incentivo trocadas de uns para outros, que elevam o espírito ainda mais perto da Luz Infinita que, em certa medida, permeia todo o espaço e toda a vida.

UMA CONVOCAÇÃO DE MULHERES

IGUALDADE DE SEXOS

Assisti recentemente a uma convocação de mulheres, num destes jardins da cidade, mulheres dedicadas, nobres e sinceras, que se reuniram para discutir planos e elaborar medidas para o bem-estar das suas irmãs na Terra. Tinham-se juntado para enviar a sua simpatia silenciosa, penetrante e elevadora àquelas que estão quase esmagadas pela mão impiedosa da pobreza, ou que são evitadas e desprezadas devido às vidas infelizes que as circunstâncias as obrigaram a levar.

No reino espiritual, as nossas sociedades não se limitam a um sexo; não há exclusivismos; a mulher não é tida como incapaz de discutir com o seu irmão as questões da vida. Os homens não se reúnem em clubes ou tabernas para se entregarem a cenas que teriam vergonha de mostrar às suas irmãs, nem as mulheres têm os seus sorosis* vedados aos homens, ou círculos de costura onde a bisbilhotice e a calúnia — essas iguarias tão deliciosas para alguns paladares — se entretecem nas roupas que confecionam, com a sua perniciosa e maliciosa influência.

**(NT: Primeiros clubes femininos dedicados ao desenvolvimento intelectual e social das mulheres, fundados em Nova Iorque em 1868)*

Cada assembleia, cada organização assenta no sólido alicerce da Igualdade, e a filiação é livremente concedida a homens e mulheres, completando assim o círculo perfeito de uma vida harmoniosa. Mas esta convocação de que falo, composta unicamente de mulheres — ternas, prestativas, amorosas — que

tinham testemunhado as lutas e as dores dessas queridas crianças da humanidade, que os mortais consideram perdidas, mas que os anjos sabem que ainda hão de ser redimidas para a honra e a virtude, foi convocada porque se tornara claro para as mentes refletidas que o chamado Progresso da Humanidade continuará a ser apenas uma farsa enquanto a sociedade não despertar para o facto de que, enquanto uma única proscrita permanecer fora da porta fechada da simpatia fraterna, enquanto uma única sofredora for privada da mão amiga ou da palavra bondosa que a encoraje a seguir pela estrada do bem, ela é um agente de intolerância e indigna do nome que ostenta.

Assim, ao ar livre e límpido, com o céu radiante por cima e o tapete florido sob os pés, onde as árvores seculares entoavam os seus hinos de glória ao sabor da brisa, essas mulheres espirituais reuniram-se e, com rostos sérios e palavras solenes, dedicaram-se à alta missão de ir, uma a uma, ao mundo material, semear sementes de amor e boa vontade nos corações dos mortais — saindo dos seus belos lares espirituais como mestras da humanidade; e a pequena lição, tão fácil de ler, tão difícil de recordar e aplicar na vida prática, que procuram gravar nos corações humanos, é esta: “Não julgueis, mas estendei a mão amiga, a palavra e o sorriso amáveis e, mais ainda, se puderdes, o copo de água e o pedaço de pão à pobre infeliz, cuja vida se curva ao peso dos seus próprios erros, e que carrega na alma mais castigo do que possais imaginar que alguém possa suportar.”

E assim, dessa companhia de seres celestiais, cuja influência acalma toda a agitação, cuja presença transmite bênçãos de conforto e paz ao espírito que passa, venho hoje até vós, caro leitor, e, em tom de amor, digo-vos, habitantes da Terra: “Oh, cultivai em vós os verdadeiros princípios cristãos; desenvolvei os germes de benevolência, caridade, paciência, simpatia e bondade, e deixai que fluam das vossas almas para todos — homens ou mulheres — que trilham os caminhos da dor ou do vício, até que, como uma enxurrada purificadora, rolem em ondas de luz sobre as suas almas manchadas pelo pecado.

Sede justos; dai a cada alma a medida completa de amor que desejaríeis para vós! Então a era da humanidade tornar-se-á de facto uma idade de ouro, cujos frutos brilharão em vidas nobres, vidas redimidas e vidas progressivas; e a sociedade florescerá tanto sob a influência desenvolvida do Amor e da Simpatia que espalhará a sua riqueza de fragrante beleza pelos corações de toda a humanidade, e cada alma será conhecida pelo nome afetuoso de irmão ou irmã.”

HABITANTES DE ZENCÓLIA

Os habitantes de Zencólia são almas calmas, pacíficas e felizes que, tendo conhecido os cuidados, as dores e as tentações da vida mortal, se elevaram, pela sua dedicação e aspirações, acima de todas as contrariedades exteriores

e cresceram em harmonia com a lei do Amor, que é a lei de Deus. Associando-se em grupos de simpatia fraterna, passam o tempo a encontrar formas de aliviar a condição dos que estão vergados pela dor e pelo sofrimento, de iluminar os ignorantes, confortar os aflitos e libertar a alma aprisionada pela escravidão do erro, quer esteja encerrada na carne mortal, quer habite na escuridão espiritual.

Fundaram escolas de saber, colégios onde eminentes mestres nas várias áreas do conhecimento presidem e transmitem a sua sabedoria à mente sedenta, despertando e desenvolvendo todas as mais profundas e amplas capacidades de compreensão, e ativando todas as mais nobres faculdades do estudante.

A investigação dos domínios da Lei Natural prossegue com minuciosa exatidão; realizam-se experiências para comprovar conclusões quanto à causa, utilidade e resultado das forças químicas e elétricas; e as escolas enviam constantemente diplomados cuja missão é procurar entre as crianças da Terra mentes capazes de receber, e cérebros alargados pelo estudo e reflexão sérios, aptos a apreender e elaborar as ideias transmitidas pelos espíritos, a fim de levar ao mundo terreno uma demonstração prática das suas experiências e investigações.

Tal é Zencólia — cidade feliz, pacífica, laboriosa e luminosa; e, ao contemplar as suas muralhas cintilantes da minha janela, parece-me sentir um pulsar vibrante, emanando do seu centro, de boa vontade para com o homem, atravessando-me todo o ser, até me tornar uno em simpatia com a missão divina dos seus habitantes, que é o amor a Deus, manifestado através do amor e da ajuda para com todas as criaturas e todas as coisas.

Esta é apenas uma das muitas cidades desse país espiritual que nenhum pensamento pode medir, nenhum ser pode sondar. É a mais querida porque a mais próxima de mim; concede luz, instrução e alimento para a alma a mim e aos que amo. Mas há inúmeras outras cidades igualmente gloriosas, pacíficas e enobrecedoras, das quais falarei noutras páginas.

Entre elas, posso mencionar a Cidade Jardim da Primavera, lar do intelecto, da filosofia e da verdade; a Cidade Harmonia, morada de sabedoria, pureza e paz; Washingtonia, dentro das cujas muralhas habitam o conhecimento, a justiça e a liberdade; e muitas mais que apresentam um belo registo de vidas nobres e atos duradouros, que hão de perdurar para além de qualquer testemunho perecível de grandeza — pois estão gravados no espírito e nunca poderão manchar-se ou decair.

Oh, queridos amigos ainda em estado mortal, das fronteiras dessa doce cidade de luz enviamos-vos saudações espirituais, amor que nunca mudará, simpatia que sobrevive a toda a separação exterior e apenas se torna mais doce; paz que o mundo não pode dar nem tirar, e que ultrapassa todo o entendimento.

UMA VISTA SUBURBANA

Já vos falei da bela cidade de luz, tão próxima do meu lar espiritual; permiti-me agora falar-vos das envolvências naturais sobre as quais posso continuamente pousar o olhar, em êxtase de deleite, a partir do meu pórtico ocidental, ou onde posso vaguear livremente, cheia da bem-aventurança de conhecer a verdade da existência e de a gozar entre as belas obras da Natureza — essa mãe bondosa de todos nós — que oferece os seus doces dons de águas, bosques e flores, aves e insetos, montanhas e colinas, para satisfação e prazer da humanidade.

Mesmo junto à casa que habito, estende-se um doce vale, adornado com prados férteis e clareiras soalheiras, regado por riachos cintilantes e ribeiros murmurantes, sombreado por magníficos carvalhos e olmos, e salpicado de flores estreladas de todas as cores e de fragrância deliciosa.

Sebes de rosas, florindo em abundância luxuriante, pontuam a paisagem aqui e ali — rosas independentes de dias e semanas limitados, que florescem continuamente, um botão abrindo-se em beleza após o outro, sem que nenhum fique sozinho a florescer.

Um bosque de pinheiros gigantes enche de música este vale frondoso, quando as brisas percorrem os seus ramos sussurrantes; o canto das aves, o zumbido dos insetos, o murmúrio das águas e a melodia das aragens conjungam-se numa doce harmonia de sons, que, fundindo-se com a pura harmonia da paisagem, traz descanso e paz às almas de todos os que ali se demoram.

Doce vale espiritual! querido Auburndale! — pois assim gosto de te chamar — dentro das tuas fronteiras, em doce comunhão com Deus e a Natureza, a alma purifica-se de todas as impurezas materiais e aproxima-se cada vez mais das leis sagradas do ser: Amor, Simpatia e Pureza.

Ao longe ergue-se aquela imponente elevação que, para mim, é o Monte Miradouro; e, quando o sol repousa sobre ele em esplendor magnífico, sei que, sobre o meu lar terrestre, o astro se vai lentamente pondo, tingindo de rosa e púrpura gloriosa as colinas do ocidente.

Quem poderia imaginar dor e tristeza no seio da doçura ensolarada deste vale encantador? E, no entanto, mesmo aqui chega por vezes, de longe, um som de aflição e angústia, trazido claramente aos nossos ouvidos espirituais pelas ondas de simpatia que se agitam nas nossas almas; e ouvimos os lamentos de dor a subir da vida terrena, e percebemos os sinais de devastação e sofrimento a abater-se sobre amigos em estado mortal.

Mas por que acontece isto? Porque, das profundezas do sofrimento humano, da dor e da morte que vemos à nossa volta, nasce uma simpatia celeste dentro das nossas almas, e sentimos o desejo de ajudar os necessitados, uma piedade compassiva que nos impele a estender o cordão de amor que

seguramos, até que envolva e eleve, para os reinos de paz inefável, os espíritos atormentados pela tempestade da dor.

Calamidades atingem a Terra — incêndios, desgraças — e delas resultam, por vezes, sofrimento e morte; mas, glória Àquele que governa! do seio destas cenas de tristeza brotam puras correntes de auxílio, força e amparo para os aflitos, que não só enriquecem quem as recebe, como transbordam de simpatia e abençoam a alma de quem as concede.

Das vagas revoltas da aflição, do cadinho ardente da provação, ergue-se o puro Espírito do Amor, limpo pelo contacto com a água ou refinado pela passagem pelo fogo — nobre, resistente, verdadeiro — que cresce mais forte e melhor no seu voo ascendente, buscando, no caminho, a simpatia dos anjos que, olhando das alturas, enviam o cordão sustentador da afeição para elevar o espírito, entoando, à medida que este sobe, o grandioso refrão:

“Mais perto, meu Deus, de Ti, mais perto de Ti;

Ainda que seja uma cruz a erguer-me.”

O MEU LAR: A SUA VIDA E ASSOCIAÇÕES

O lar que habito na Esfera Celestial pareceria aos mortais uma ampla e espaçosa mansão branca, rodeada de pórticos, varandas e afins, cujas portas se abrem sobre um cenário de beleza incomparável; pois ali a Natureza ostenta as suas vestes mais ricas para embelezar a vida exterior.

O interior desta morada está dividido em diversos aposentos, cada um mobilado e decorado de forma adequada, o conjunto concebido para harmonizar numa fusão perfeita de forma, cor e textura, agradável à vista e repousante para todos os sentidos do observador.

Temos compartimentos privados, onde, quando necessitamos de repouso mental, estudo silencioso ou profunda meditação, o espírito pode recolher-se, afastado de toda a companhia, exceto daquela que sopra por todo o espaço — a presença de Deus.

Há momentos, em toda a vida, em que é melhor estar só, quando o espírito requer um diálogo silencioso e sem perturbações consigo próprio, e a presença exterior se torna intrusão para a alma; e, nessas alturas, podemos recolher-nos ao nosso santuário privado, sem sermos questionados ou mal compreendidos pelos outros.

Na minha agradável casa espiritual há um recanto sossegado onde adoro recolher-me para meditar sobre os grandes problemas da vida, que continuamente se desvelam diante de mim; e ali, rodeada de beleza natural e artística — flores naturais trepando por sobre estátuas de mármore, aves canoras fazendo música sob alguma pintura requintada — esforço-me por desvendar os aparentes mistérios da existência; e não em vão, pois ao

buscador sincero da verdade chega um clarão de luz, iluminando os lugares escuros e respondendo a todas as interrogações silenciosas.

Mas a minha casa também tem aposentos onde reina a sociabilidade, e onde um grupo feliz de espíritos se reúne diariamente para se divertir, instruir e abençoar mutuamente; ali, a conversa amigável, misturada com o relato de alguma experiência, lição ou conselho, rostos afáveis e corações amorosos enchem o lugar daquela harmonia e paz que só se encontram onde o espírito encontra espírito em simpatia e bondade apreciativa. Oito de nós, todos almas jovens, reunimo-nos durante horas, cada um trazendo o seu cabedal de conhecimento adquirido ou revelando a sua ignorância sobre determinado tema, apenas para vê-la dissipada por alguma nova verdade que outros nos revelam. Nunca somos infelizes, inquietos ou ociosos. Na experiência terrena, alguns são bem mais jovens do que eu; mas, em amor e vida espirituais, sou a mais nova de todos, e revigora-me a alma participar do que aqueles que amo têm para oferecer em matéria de conhecimento adquirido.

Este é um exemplo de vida coletiva no mundo espiritual: um grupo de espíritos amorosos e dedicados, cuja maior ambição é tornar-se grande em conhecimento, para compreender as leis da vida, evitando assim erros e estando aptos a transmitir luz e entendimento da vida às pobres almas obscurecidas e desencaminhadas que se debatem na dor e no sofrimento.

Os membros destes grupos ou bandas são protegidos e guiados por espíritos sábios que, tendo vivido no corpo mortal até este amadurecer naturalmente para a mudança, passaram a gozar os frutos da sua experiência e, tendo vivido muito tempo no espiritual, estão aptos a orientar e instruir estas jovens almas ligadas às suas por laços de afinidade espiritual, bem como de sangue, mas sem estarem sujeitos a leis arbitrárias que aprisionem ou restrinjam as emoções mais elevadas; assim, as nossas vidas decorrem serenamente, e cada momento da existência nos traz uma nova lição ou oportunidade de sermos úteis a algum dos muitos espíritos que percorrem os caminhos do erro ou do sofrimento.

CAPÍTULO V

LUGARES QUE VI

Já ouvistes falar da Cidade de Zencólia, com os seus lares pacíficos e templos imponentes. Deixai-me agora falar-vos daquela doce, florida e encantadora Cidade Jardim da Primavera, onde os bons, os belos e os nobres se reúnem para se dedicarem a obras de amor pela humanidade. É impossível para vós, na Terra, conceber a magnitude e extensão desta cidade espiritual, que parece quase ilimitada em largura e comprimento.

As habitações têm cores e texturas variadas; muitas erguem-se no meio de bosques luxuriantes, onde os ramos de árvores majestosas lançam uma sombra agradável e onde as aves cantam ao longo de todo o dia soalheiro; ou no centro de jardins floridos, onde canteiros de belas flores enchem de perfume o ar ameno e fazem resplandecer a paisagem de beleza.

Estas habitações, construídas ora de pedra imaculada semelhante ao alabastro, ora de mármore, ora de um tipo particular de pedra variada própria deste lugar — quase translúcida, cintilando em cores de arco-íris sob o sol radiante — estão todas mobiladas e decoradas com suaves cortinas de veludo, reposteiros alvos, mesas e assentos de puro branco, quadros belos e realistas, estatuária de marfim e cestos suspensos de plantas em flor, compondo um quadro de conforto caseiro e hospitalidade.

Muitas casas estão abertas de lado, os tetos apoiados em colunas de pedra primorosamente lavradas, em torno das quais sobem e se enlaçam trepadeiras verdes carregadas de flores perfumadas; e quem passa pode observar o aspeto de pureza, paz e conforto do interior.

O POVO DA CIDADE JARDIM DA PRIMAVERA

Os habitantes desta cidade celestial estão sempre ocupados, seja a conceber novos métodos de auxílio aos aflitos, a frequentar alguma das suas muitas escolas de instrução, os seus salões de música e literatura, seja a trabalhar em conjunto para elevar e instruir almas necessitadas na Terra ou nos planos inferiores da vida espiritual.

Estes espíritos vestem-se de forma simples e natural, em túnicas esvoaçantes, de qualquer cor que mais harmonize com a sua condição interior; todos são belos, irradiando luz de cada rosto, com uma expressão de paz e contentamento e um sorriso nos lábios — tudo isso embeleza os traços e cria uma auréola luminosa em redor da figura.

Belos bosques, regados por ribeiros correntes, sombreados por árvores altas e adornados por taludes de musgo aveludado, salpicados de flores fragrantes, encontram-se no meio desta cidade de almas; e, nesses recantos, sob o azul do céu, respirando o ar perfumado e revigorante, muitos espíritos reúnem-se

diariamente para ouvir palavras de conselho, instrução e sabedoria de lábios inspirados. E destes lugares partem os habitantes da Cidade Jardim da Primavera para os seus lares, exaltados no espírito, ou descem até aos mortais que vivem na tristeza, derramando sobre eles a influência divina recolhida em cenários mais elevados, que eleva e fortalece os que lutam cá em baixo.

LICEU DAS CRIANÇAS

No centro de um dos maiores e mais belos bosques, onde águas murmurantes, brisas a balançar os ramos frondosos das árvores e o canto das aves enviam um fluxo constante de melodia pelo ar, perfumado por flores odoríferas, ergue-se um templo majestoso. É de prata polida, que cintila e brilha à luz do sol. No interior, as paredes estão decoradas com pinturas de paisagem e cortinados de cetim azul-celeste. O pavimento é de mármore branco, e o teto imaculado está pintado a fresco com imagens de beleza maravilhosa.

Aqui reúne-se diariamente o liceu espiritual da Cidade Jardim da Primavera, onde crianças espirituais são ensinadas nas lições e deveres da vida. Algumas das mais elevadas e brilhantes almas residentes nesta cidade são professoras e guardiãs nesta escola, e a sua alegria é cultivar e educar as jovens mentes ao seu cuidado, de modo que apenas as belas qualidades da alma cresçam e que o egoísmo da vida seja erradicado. E é graças à instrução e desenvolvimento recebidos em escolas como esta que as criancinhas podem regressar tão facilmente à Terra, abençoando e confortando os mortais que choram com as suas doces palavras de simpatia e amor.

CIDADE DA HARMONIA

A Cidade da Harmonia é uma ampla, bela e extensa cidade do mundo espiritual. As suas ruas são verdadeiramente resplandecentes, largas e direitas, pavimentadas com blocos de pedra branca, fresca e puríssima, ladeadas em ambos os lados por flores belas e perfumadas.

No centro de cada rua, uma fonte, feita de um material semelhante à prata, esculpida nos mais maravilhosos desenhos, lança jatos de água cristalina, que se erguem em leques e caem novamente em salpicos brilhantes sobre os canteiros floridos na base, de onde sobe uma nuvem de perfume doce que impregna o ar ameno.

A intervalos regulares, nesta cidade espiritual, dispõem-se belos parques, ricos em toda a beleza natural de flores, árvores, arbustos e água, para deleitar a vista e acalmar os sentidos da alma.

As habitações desta cidade de harmonia são feitas de diversas matérias, cada morador construindo a sua mansão ao seu gosto; assim vemos o pequeno chalé branco, coberto de trepadeiras e rodeado de jardim florido, lado a lado com a mansão imponente, cercada de caminhos suaves e relvados aveludados.

Os habitantes deste lugar são particularmente harmoniosos e compassivos; vivem em paz com o mundo e consigo próprios; não tomam parte ativa nas lutas e conflitos alheios; não comunicam com a Terra, salvo quando transmitem as suas mensagens por meio de espíritos que lhes estão abaixo em condição.

Aqui existem templos grandiosos e maciços, mais ricamente decorados e adornados do que quaisquer outros que tenha visto; templos dedicados à Poesia, à Música, à Literatura e à Filosofia. Aqui o cientista ativo, crítico e minucioso não encontra o seu lugar; mas o músico, o poeta, o filósofo e o idealista encontram um céu.

A poesia que encanta a alma do bardo respira-se aqui por entre flores e regatos; tudo à volta parece feito de poesia, tão perfumada, doce e subtil é a vida calma e bela que se vê nesta maravilhosa cidade. Bem lhe assenta o nome de Cidade da Harmonia; pois a sua própria atmosfera, as suas graciosas casas, os seus adornos, e os rostos e formas dos seus habitantes, tudo respira harmonia e paz. Dizem-me que os que aqui vivem se assemelham não tanto a membros de uma só família, mas a partes de um corpo saudável, cada um cumprindo a sua função e dever, todos se harmonizando numa forma de simetria e beleza; e posso bem crer nisso, pelo que observei.

Nesta cidade, músicos, poetas, artistas e idealistas — transcendentalistas, se quiserdes — amam reunir-se nos seus respetivos templos, sempre abertos a todos os que desejam entrar; e, pelo contacto das mentes, desprendem novas harmonias em verso, delineiam novas obras de beleza, desenvolvem novas ideias sublimes ou evocam novas melodias das esferas. E dessas almas-mestras descem à Terra belas ideias, melodias e ideais, que, transmitidos pela atmosfera inferior, acabam por despertar eco no coração de alguma alma aspirante — quando, eis, um novo poema, uma nova melodia, um novo pensamento harmonioso é dado ao mundo.

Tive a boa fortuna de visitar uma ou duas vezes esta maravilhosa Cidade da Harmonia, e desde então a minha mente guarda um novo e belo quadro para pendurar nas paredes imaculadas da memória — um quadro de cores harmoniosamente fundidas, de canteiros floridos, fontes soalheiras, templos maciços repletos de rostos de onde todo o traço de paixão se extinguiu para sempre, restando apenas o cunho de uma paz inefável; onde a harmonia é a vida do espírito, e a melodia corre como um fio líquido por todos os dias ensolarados.

UM TEMPLO MAGNÍFICO

Imaginai, se puderdes, um magnífico templo construído de uma espécie de pedra branca translúcida que, ao receber a luz do sol, brilha e cintila com as cores prismáticas do arco-íris; imaginai este templo tão vasto e espaçoso que a sua cúpula luminosa parece trespassar as nuvens brancas, enquanto o seu comprimento se perde no horizonte; imaginai grinaldas, relevos e imagens

delicadamente esculpidas nas paredes exteriores, e um magnífico jardim, florescendo na rica exuberância do verão, a rodeá-lo por todos os lados; e, depois de o imaginardes, tereis apenas uma pálida ideia desse maciço templo da Cidade da Harmonia, onde artistas de todos os graus se reúnem para prosseguir os seus estudos favoritos.

O interior deste esplêndido palácio está decorado com as mais ricas tapeçarias e adornado com as mais raras obras de arte, criações de espíritos-artistas que se deleitam em dar expressão exterior aos ideais de beleza que guardam na alma.

Olhos mortais nunca viram formas de arte tão hábeis e belas, tão vivas em todos os sentidos, tão arrebatadoras, como as que aqui se encontram. Ouvidos mortais não captam os tons celestiais de harmonia, as notas divinas de melodia, que aqui são proferidas por espíritos que parecem ser música e harmonia em todo o seu ser.

O interior deste belo edifício está dividido em quatro amplos compartimentos, com um vasto salão por cima.

Os salões inferiores são dedicados à escultura, pintura, música e poesia. Cada um está ricamente ornamentado, com cortinados brilhantes e obras de beleza incomparável. Aqui o estudante permanece, a alma extasiada com a glória da sua obra, o ser iluminado pela inspiração divina que recolhe.

O edifício inteiro, com o seu esplendor, é como um poema divino, um acorde completo de harmonia, uma pintura perfeita ou uma estátua acabada de graça e simetria; e as formas e rostos dos mestres que instruem o estudante emprestam glória e bondade a todo o conjunto.

O vasto salão superior é o lugar mais belo que jamais vi — pavimentado de branco e ouro, paredes adornadas com pinturas delicadas e estatuária reluzente, interrompidas aqui e ali por aberturas que deixam entrar o ar perfumado; o teto de branco e azul-celeste, salpicado de estrelas douradas; fontes cintilantes no chão, lançando sprays de água cristalina; cestos de flores exuberantes suspensos; tribunas de ouro resplandecente onde se reúnem os filhos prediletos do génio; sofás de seda e estrado para os visitantes — tudo compõe um cenário de riqueza e beleza difícil de descrever.

Neste lugar realizam-se grandes eventos, a que os habitantes da cidade e de outros lugares são admitidos, para se deleitarem com as maravilhosas criações do artista, do poeta, do escultor e do músico, e ouvirem palestras instrutivas sobre as artes. É verdadeiramente um festim para a alma assistir a uma destas receções; é uma experiência que eleva o espírito a uma condição mais pura e refinada; pois pureza e bondade são os temas que inspiram o artista, e o amor envolve tudo, manifestando-se no desejo de instruir e abençoar todas as vidas. Este é um dos maiores templos que já vi, embora muitos outros, mais

pequenos mas com fins semelhantes, se espalhem pelas esferas superiores da vida espiritual.

CIDADE DA ALEGRIA

Há uma bela cidadezinha na Terra do Verão que, situada entre colinas cobertas de verdura eterna, apresenta um aspeto de tranquila serenidade e paz harmoniosa. O seu nome significa “Cidade da Alegria”.

As habitações deste lugar têm todas forma circular, com aparência de pavilhão, simbolizando a plenitude perfeita da vida humana. Estes edifícios estão abertos de lado, com telhados de brilho resplandecente, sustentados por colunas de marfim branco, delicadamente esculpidas e entrelaçadas de plantas trepadeiras e flores. Dispostos em círculos ou esferas, cada um composto por oito destas casas, ligadas por jardins floridos, formam-se anéis habitacionais. Aqui e ali erguem-se pórticos que conduzem a vastos e belos terrenos, onde tudo o que pode encantar a vista e deleitar o ouvido se encontra. Estes portais são de pedra sólida semelhante ao alabastro, em forma de arco.

Por toda a parte observamos o círculo e o arco, nunca ângulos agudos ou arestas duras; tudo é suave, acabado, harmonioso. Os canteiros de flores formam anéis, florindo em tons suaves e requintados, exalando aromas delicados.

Os habitantes desta cidade vivem em união, cooperam em associações, cada um trabalhando para o bem de todos. A sua esfera é de amor fraternal e fidelidade honesta; a sua aura é clara, luminosa e transparente.

Compreendo que estes seres raramente, se é que alguma vez, regressam aos cenários terrenos. Há muito que ultrapassaram as condições materiais; estão isentos de paixões, mas deleitam-se em ministrar às almas sofredoras; conhecem a arte de preparar as suas belas vestes a partir de elementos colhidos nos jardins, e o seu alimento cresce espontaneamente sob a forma de frutos ricos, sumarentos e nutritivos.

Os hábitos de vida destes seres são extremamente simples; não têm necessidades nem desejos artificiais; o vestuário é de estilo fluído e drapeado; as casas são mobiladas de forma simples, com móveis feitos de troncos e arbustos, adornados com trepadeiras e flores.

São um povo estudioso, interessado em tudo o que diz respeito à humanidade, e possuem bosques e templos dedicados à Verdade, Sabedoria e Conhecimento; também templos em forma de grandes rotundas, onde o sábio e o filósofo, o químico e o cientista discursam em palavras de sabedoria.

Este lugar só o vi uma vez, e mesmo assim de forma imperfeita. Até lá fui guiada por um venerável espírito ministro, que se deleita em instruir os jovens e ignorantes. Mas observei uma particularidade: em vez da luz dourada do sol a

derramar-se em brilho sobre a cena, toda a cidade parecia velada por uma espécie de neblina rosada, que lançava um encanto delicioso sobre as casas brancas, as águas cintilantes das fontes circulares e os jardins floridos.

Os habitantes desta cidade sublime percorrem o espaço principalmente pela intensidade da força de vontade, mas, segundo me dizem, também dispõem de meios de transporte aéreo — veículos circulares, revestidos de sedas, que deslizam pela atmosfera como graciosas aves de plumagem dourada. Estes não os vi, mas já vi veículos aéreos semelhantes noutros lugares.

Ah, se fosse possível transmitir-vos uma compreensão adequada das maravilhas e belezas de uma vida diferente desta, seria uma tarefa sobre a qual um anjo se alegraria.

FLORÁLIA, O VALE DAS FLORES

Não posso começar a enumerar-vos as belas cidades da vida espiritual, e os doces recantos campestres; nem posso esperar transmitir-vos uma descrição dos vales radiantes e bosques da Terra Melhor. Mas há dois belos vales de que desejo falar, que vos poderão dar uma ideia dos muitos lugares férteis e de exuberante vegetação que adornam a Terra das Almas.

Florália, ou Vale das Flores, situa-se encantadoramente entre duas cadeias de montanhas maciças, que brilham ao sol com fulgor mais que rosado, ou se tingem de púrpura quando as sombras frescas sobem pelas suas encostas reluzentes.

O vale estende-se longo e largo, doce e formoso, salpicado aqui e ali de bosques e maciços de árvores; um riacho límpido e cristalino, espelhando o azul do céu, corre pelo centro, alimentado por nascentes vivas que brotam da montanha. Abundam grupos de casas brancas como neve, cujos habitantes são pequenos e inocentes meninos, com os seus guardiões, professores ou pais espirituais; pois as criancinhas que chegam à nossa vida sem pai nem mãe que as recebam são de imediato adotadas por espíritos bondosos que dedicam a vida aos seus cuidados e orientação.

Mas a característica mais notável deste vale, e aquela de que vem o seu nome, Florália, é a profusão exuberante de flores por todos os lados. O relvado verde, macio como veludo, está literalmente coberto de flores — flores de todos os tipos, graus e cores — compondo um cenário magnífico de beleza e fragrância, tão harmoniosamente se combinam as cores e se casam os aromas. Como podeis imaginar, é o lar de insetos amantes do néctar e de aves canoras, e todo o conjunto é um perfeito quadro de encanto.

É para este lar florido que vêm as crianças que deixam a Terra nos primeiros anos; aqui são trazidas por anjos protetores e amorosos, e cuidadosamente criadas e acarinhadas. Muitas destas pequenas nunca conheceram na Terra o significado de cuidado e ternura, mas todas são aqui amadas e cuidadas.

Frequentam aqui a escola da Natureza, aprendendo com as flores, as aves e os regatos murmurantes; e são instruídas nas lições da vida e nas leis do ser pelos seus ternos guardiões. Apenas a pureza e a paz abundam aqui, e as crianças desenvolvem todas as suas mais doces qualidades da alma.

O VALE DO ENCANTO

O outro vale de que falei chama-se Vale do Encanto. Este vale é algo deprimido e quase circular; aninhado entre colinas gigantes, assemelha-se a uma grande taça verde salpicada de flores multicolores. Nenhum vento abrasador, nenhuma tempestade o varre; tudo ali é suave e ameno. A água cristalina irrompe de muitas fontes e borbulha de nascentes saltitantes.

Neste doce recanto moram mais de um poeta e mais de um artista; mas a grande atração do lugar é uma construção académica maciça e branca, situada no centro do vale. Este edifício é, de facto, um colégio de saber; nas suas paredes elevadas ensinam-se e aprendem-se não apenas as artes e ciências habituais, mas, acima de tudo, a arte de ensinar e de se tornar competente para guiar, instruir e desenvolver todas as melhores capacidades das crianças. É deste colégio no Vale do Encanto que partem espíritos — homens e mulheres, jovens e donzelas — para Florália, para se tornarem professores e guias das crianças que lá se reúnem.

Neste colégio, até homens e mulheres de idade avançada são admitidos como alunos — aqueles que viveram a vida terrena sem as vantagens de uma educação, ou que passaram a mortalidade confinados a um só ramo do saber. No nosso mundo, todo o espírito tem oportunidade de adquirir instrução, e todos, em algum momento, aproveitam-na.

Existem muitas escolas de ensino como esta no mundo espiritual, e são de valor incalculável para a alma que procura saber.

Seria inútil tentar descrever nem sequer um décimo dos lugares que visitei e das cenas que testemunhei no espiritual. A linguagem mortal não consegue transmitir devidamente certas fases da vida do espírito, mesmo quando a mente do nosso instrumento recebe corretamente os pensamentos que lhe transmitimos. Para compreender plenamente as belezas, assim como as deformidades — se me é permitido usar esta palavra em relação às esferas inferiores da vida espiritual — é necessário vê-las com visão espiritual. Por isso, procurei apenas dar-vos uma ideia ténue, mas real, dentro do que é possível, do que presenciei noutras terras que não a da Terra.

A TERRA FELIZ DE CAÇA DOS ÍNDIOS

Antes de encerrar este capítulo, devo falar-vos dessa região montanhosa, bela e serena, do mundo espiritual, onde a raça indígena encontra o seu lar feliz. Para alcançar esta região a partir das cidades de que falei, é preciso avançar para o campo aberto, atravessar vales e colinas, florestas densas e clareiras

soalheiras, subindo sempre, até chegar a uma vasta planície verde, onde o sol dourado brilha e flores miúdas se abrem. Para além desta planície de verdura, corre um rio largo e azul, de águas ondulantes, cujas vagas cintilantes dançam ao sol sob as singulares embarcações em forma de canoa que nelas repousam. Kanalaw, Rio Sorridente, já ouvi chamar-lhe; e parece-me nome acertado, pois a visão das suas águas brilhantes só sugere paz e alegria.

Para além deste rio ondulante, estende-se uma terra densamente arborizada. Aqui estamos já no alto das montanhas; é o lar do homem vermelho, a sua terra feliz de caça, onde nenhum inimigo o perturba e nenhuma tempestade chega.

A raça branca é bem-vinda como visitante, e alguns vivem aqui como mestres dos seus amigos de pele escura; mas esta é, acima de tudo, uma terra indígena. Por entre as florestas profundas, onde ribeiros frescos correm e aves fazem alegre música nos ramos das árvores majestosas, erguem-se os pitorescos tipis dos índios, brancos e brilhantes, bordados com espinhos, penas e sedas de todas as cores, pendendo de cortinas multicolores de textura sedosa, e ornamentados com flores naturais que espalham doce perfume pelas brisas. Os jovens desta raça gostam de tecer grinaldas floridas para enfeitar os seus lares.

Nas clareiras soalheiras desta região, onde flores de todas as espécies brotam e se abrem, onde os ribeiros murmuram sobre pedras cobertas de musgo e toda a vida é alegre, erguem-se as grandes tendas do país — as suas escolas e os seus salões de conselho — onde se reúnem para dar ou receber instrução e ouvir os sábios chefes que honram e amam.

As tribos aqui convivem em unidade; não há ódio, nem ira, nem medos a perturbar-lhes o espírito; crescem em harmonia e ganham força de alma, que enviam de volta para ajudar os rostos-pálidos através dos médiuns que escolheram. Aqui o índio encontra repouso e paz, obtendo liberdade, vigor e força das águas, bosques e colinas; tornando-se dócil como as flores e suave como a brisa do entardecer. A sua alma cresce e expande-se no poder do amor, adquirindo conhecimento não só das cenas à sua volta, mas também pelas suas faculdades intuitivas, recetivas à verdade, e ainda dos seres instruídos e cultos das esferas superiores, que se alegram em ensinar o homem vermelho e que ele, por sua vez, ouve com reverência e amor.

Esta bela terra, mais formosa do que qualquer olho mortal jamais viu, tem sido uma bênção para muitos espíritos cansados. Não é apenas um refúgio para o pobre e perseguido índio, que, fugindo das correntes mortais, ali encontra paz e descanso, mas também um porto de abrigo para muitos rostos-pálidos fatigados, que, deixando a vida terrena sem cuidado nem companhia, são recolhidos por espíritos ternos para este país florido, e, no seu ar puro e colinas verdes, cuidados pela meiga donzela indígena, recuperam força e serenidade

de mente e corpo. Aqui também muitas crianças ganham vigor e poder para regressar à Terra como mensageiras de luz para corações cansados.

E há liceus na terra indígena — liceus onde se aprendem lições com o regato cantor, a pedra coberta de musgo, a flor que desabrocha e o pássaro que canta; onde a grande marcha se realiza sob arcadas de verde vivo, e bandeiras multicolores são formadas por flores em flor; onde a vida é natural e as almas são felizes e livres.

CAPÍTULO VI

CENAS E INCIDENTES NA TERRA ESPIRITUAL

Quando vos reunis em volta das vossas lareiras, como mortais, e vos alegrais nas doces associações e afetos do círculo familiar, não pensais por vezes nesses lares “não feitos por mãos humanas”, que o grande exército dos que chamais mortos habita? E não sentis desejo de saber algo deles e do seu modo de existência?

Recentemente, visitei uma dessas casas no mundo espiritual, sobre a qual me esforçarei por lhe contar. Imagine um grande edifício branco, rodeado de agradáveis jardins e sombreado por árvores altas (semelhantes às suas árvores de bordo e carvalho), na forma, construção e envolvência muito parecido com uma sólida e confortável quinta de campo de algum próspero comerciante na vida terrena. Esta casa de que falo está situada no “Vale Agradável”. Nenhuma tempestade invernal, nenhuma vaga súbita de frio, nenhuma visitação de calor extremo alguma vez chega a este lugar! A temperatura do vale é amena e deliciosa. Há muitas casas como esta de que falo no Vale Agradável, mas nem todas são habitadas pelo mesmo tipo de pessoas.

PROVAÇÃO E TRIUNFO

Nesta casa confortável vivem dois seres, homem e mulher, companheiros em todos os sentidos do termo, cuja alegria é servir as necessidades dos outros. Não conheço todos os caminhos de sofrimento que percorreram, mas sei que, na Terra, há muitos anos, esta mulher amou e confiou neste homem e que, por força de circunstâncias e condições (talvez por uma natureza vacilante e volúvel), ele a abandonou ao desprezo impiedoso de um mundo sem compaixão.

Sozinha, sem amigos nem ajuda, a lutar contra as batalhas da vida, como espantar-se que tenha sido mergulhada no desespero? O seu bebé viveu apenas cerca de três meses na Terra, antes de partir para o mundo espiritual. Enlouquecida por este culminar de todas as suas dores, a pobre mãe pôs fim à sua existência mortal através do suicídio. Durante algum tempo levou uma

existência sem rumo e inquieta no espírito, devido à lei da associação que a puxava de volta a cenas passadas; mas, em breve, através da ajuda de espíritos benfeitores, foi despertada para a sua verdadeira condição e persuadida a estender-se em busca de uma vida mais elevada.

O seu coração de mãe ansiava e rezava pelo pequeno bebé que perdera, quando, eis que, foi colocado nos seus braços por ternas mães-espírito, que o haviam cuidado com carinho e bondade. Mãe e filho foram levados para um lar luminoso, onde flores desabrochavam e ramos ondulavam, onde tudo era belo e não havia nada de egoísmo ou sofrimento que pudesse perturbar a serenidade do cenário. Aqui, no Vale Agradável, rodeados por ajudantes e guias amorosos, estes dois seres desenvolveram-se em doçura e pureza, as suas vidas crescendo em harmonia com toda a humanidade.

Mas a mãe, a quem chamarei Maria, não conseguia esquecer o seu amor de juventude; o objeto das suas mais profundas afeições continuava querido à sua alma, e, apesar da indiferença, do abandono e da negligência, o seu coração de mulher voltava-se para ele numa devoção nascida de um amor imortal. Por vezes, sentia algo como uma corda vibrando dentro de si, como que de dor, e percebia que o espírito do seu querido a chamava.

Por fim, encontrou-o ainda na Terra, mas, oh, como estava mudado! Tristeza, necessidade e dor estavam marcadas em cada traço do seu rosto. Oh, quanta tribulação e sofrimento tinha sido o seu! Amigos tinham morrido ou o haviam abandonado; a fortuna fugira, e a doença marcara-o como sua. Nas horas de miséria, pensamentos de Maria vinham-lhe à mente; amargamente se arrependia da sua conduta passada, lamentando profundamente a sua vida desperdiçada.

Em breve foi chamado ao mundo espiritual, mas não encontrou de imediato o anjo dos seus sonhos; embora ela estivesse perto, procurando ajudá-lo e ampará-lo a afastar as nuvens que o oprimiam e a libertar-se das terríveis condições que o cercavam, não lhe era possível anunciar a sua presença.

Por fim, através de um esforço hercúleo de vontade, por uma determinação de viver para os outros em vez de inteiramente para si próprio, conseguiu livrar-se do peso que esmagava a sua alma e a mantinha cativa na prisão da escuridão. Então, que visão gloriosa se abriu à sua consciência desperta — o rosto daquela que outrora conhecera e amara, o rosto daquela a quem havia magoado, sorrindo-lhe com ternura e paz, glorificado por amor e perdão angelicais, enquanto ao lado brilhava outro rosto — doce, inocente, encantador — o rosto do seu anjo-filho.

É impossível que outros compreendam a miséria e a angústia de um coração humano, ou percebam o caminho espinhoso que uma alma pode ter de percorrer na sua jornada de purificação; por isso, não posso transmitir-lhe um conhecimento exato do sofrimento e da tristeza que estes dois seres

experimentaram — um através da confiança traída, o outro através do egoísmo e da má conduta; mas podemos bem acreditar que a angústia deste último terá, em última análise, excedido em dez vezes o sofrimento do primeiro, pois o culpado deve enfrentar os aguilhões e os açoites da consciência de que o injustiçado nunca tem consciência.

UM LAR PARA OS CANSADOS

Guiado por Maria e pelo seu filho por caminhos de paz e, finalmente, de doçura, o espírito transviado começou a libertar-se das antigas condições e a desenvolver profundezas de bondade na sua natureza, até então insuspeitadas. Por fim, tornou-se desejo deles abrir um lar espiritual de paz e conforto para almas cansadas que, como a nossa amiga Maria, foram forçadas a deixar a existência mortal pela mão implacável do desespero, e rodeá-las daquela doce magnetização do amor que serve para aliviar as suas dores e fortalecer-lhes o coração.

Assim, esta bela casa no Vale Agradável, rodeada de passeios sombreados, ribeiros murmurantes, flores em flor e campos sorridentes, é mantida por eles como refúgio para almas cansadas e abatidas, que, por miséria, necessidade ou negligência, deixaram a Terra pelo seu próprio ato. No interior, os aposentos estão dispostos de forma agradável, com vistas para a cena jubilosa lá fora; conforto, e até luxo, abundam; o mobiliário da casa agrada ao olhar e harmoniza-se com os sentidos; forma, cor e textura fundem-se numa perfeita união. Quem desejar pode ter isolamento e privacidade; a convivência alegre também é livremente oferecida. Seguramente, tal casa de refúgio, tal lar de paz, deve ser bem-vinda a uma alma cansada e fustigada pelas tempestades.

Felizes no seu trabalho para os outros, Maria e o seu companheiro passam o tempo a inventar constantemente algo novo para o alívio do sofrimento humano, ou a dar da sua energia e influência para fortalecer e encorajar os moralmente fracos e cegos. Como professores, ajudantes e guias, são inestimáveis para os outros, e o seu trabalho é recompensado pela bênção e apreço de todos. Serenidade e paz estão estampadas nos seus rostos, enquanto as suas formas, vestidas com túnicas simples, brilham com dignidade; de mãos dadas percorrem a vida, felizes um no outro e no seu trabalho.

E que diremos da sua filha — a inocente, de olhos estrelados, Stella — aquela que regressa diariamente às cenas terrenas como missionária de luz e paz para os mortais cansados, que leva um influxo de benevolência aos corações dos afortunados, para que estes concedam o seu auxílio aos necessitados; que consola os tristes e leva uma bênção para onde quer que vá? É uma missionária da luz, realizando um trabalho nobre ao guiar corações dilacerados pela dor a um porto de descanso. Os anjos abençoam-na, assim como os mortais o fariam, se soubessem da sua presença entre eles, por vezes, quando

um profundo influxo de força e consolo flui da sua vida para a deles, sem que saibam de onde vem.

Mais algumas palavras: Esses seres felizes, calmos e tranquilos, que atualmente habitam a casa no Vale Agradável — o “Lar de Maria”, como gostamos de lhe chamar — jamais seriam reconhecidos como as criaturas tristes, de olhos encovados e infelizes que, há pouco tempo, arrastavam os seus corpos cansados pelas ruas da Terra. Agora, a paz e a satisfação são deles; a afeição e a simpatia alimentam as suas vidas, e os seus corações já não passam fome pelo sustento que tanto anseiam.

Mas estes seres não permanecerão sempre aqui. Um a um, à medida que ganham forças e se sentem revigorados, à medida que são imbuídos pelo desejo de ajudar outros, partem para outras cenas, novos trabalhos e novas associações, onde, como missionários, continuarão a trabalhar para os outros, deixando doces memórias que se agrupam em torno do velho lar, e luminosas influências que abençoam e fortalecem os cansados que vêm ocupar o seu lugar.

Tal é a obra realizada no Lar de Maria; tal é a vida vivida por aqueles que, através de muita tribulação e tristeza, encontraram a alvorada de uma nova existência. Não desprezamos um espírito pelo que foi; honramo-lo pelos seus esforços para avançar e crescer em algo melhor; pois é assim que a felicidade, a paz e a bênção chegam à humanidade.

A CONDIÇÃO DE UM SER EGOÍSTA NA TERRA

Ao passar por diversos lugares e condições do mundo espiritual, com propósitos missionários ou benéficos, depara-se com cenas e pessoas estranhas e surpreendentes, apresentando uma aparência bizarra e disforme, bem como com aquelas que trazem o cunho do sofrimento e da aflição.

Recordo-me bem de um ser com quem fui colocado em contacto por um espírito bondoso, cujo prazer é sempre realizar algum benefício para outros. Este ser, ao lado de quem fui levado, era uma mulher, alta, magra, infeliz; as suas vestes pareciam feitas de uma massa heterogénea de tecidos, de todas as cores e texturas, apresentando de imediato um aspeto grotesco e antinatural.

“Veja,” disse ela, enquanto eu a contemplava, “veja as minhas belas roupas, tão lindas, tão ricas; escondi as minhas joias, para que ninguém as encontrasse; cortei os meus belos vestidos, para que ninguém os pudesse usar quando eu morresse; escondi o meu ouro, para que ninguém o gastasse em vida devassa; e veja, tenho-os todos aqui novamente, nestas belas vestes minhas.”

Via-se claramente que esta infeliz criatura acreditava no que dizia; apresentando aos outros uma aparência lamentável, para si própria via-se

como o perfeito ideal de dignidade e beleza. Depressa descobri o segredo da sua deplorável condição. Na Terra, esta mulher tinha sido amaldiçoada com grande riqueza. Digo “amaldiçoada” porque, para o seu espírito, isso provou ser realmente uma maldição, estreitando o seu intelecto na ânsia de acumular mais riqueza e deformando as suas faculdades espirituais de modo verdadeiramente lamentável.

Embora não se negasse os luxos da vida, recusava-se a gastar um único centavo para o conforto dos outros; de facto, tão egoísta e gananciosa se tornara, que não podia suportar ver outros usufruir de um grão da riqueza e luxo que possuía, e decidiu que, uma vez que tinha de “morrer” — não acreditava numa vida futura, nem na existência de um poder superior ao homem —, uma vez que tinha de deixar tudo o que possuía, ninguém mais deveria gozá-lo; e assim destruiu as suas riquezas e vestes, e escondeu grande parte das suas joias e ouro, para que, depois de morta, os seus parentes não pudessem beneficiar deles.

Esta mulher vivera sozinha na Terra, um ser solitário, altivo, mercenário; e, neste espírito de inquietação, passara para o Mundo Eterno, apenas para se encontrar despojada de toda a riqueza, grandeza e honra — uma criatura pobre e miserável.

Mas ainda não se tinha apercebido deste facto; sentia-se uma rainha destronada; não percebia a total pobreza e miséria da sua envolvência; o seu único desejo parecia ser manter o ouro e as joias escondidos da luz do dia.

Interessei-me bastante por este espírito. Procurei despertar algum sentido de justiça, honra e benevolência na sua alma, mas sem resultado. A todos os meus pedidos, argumentos e persuasões, voltava um ouvido surdo. A sua mente parecia apenas deleitar-se com as desilusões daqueles que, na Terra, procuravam o seu tesouro escondido, e passava o tempo a zombar da sua busca inútil, a lamentar a sua própria incapacidade de usufruir da sua riqueza, ou a desfilar de um lado para o outro diante dos olhos de qualquer transeunte.

Os arredores desta mulher miserável pareciam tão estéreis e sombrios quanto a sua própria alma — frios, desolados e desertos. Nenhuma flor em flor, nenhum arbusto de verde luxuriante adornava a paisagem; apenas rochedos nus e solo pedregoso se apresentavam à vista; nem sequer o mal-afamado cardo ou a silva estavam ali para animar o cenário; e, no entanto, este ser, na sua altivez de espírito, não percebia a tristeza, a escuridão e a falta de vida. Esta mulher — aparentemente, em tudo, exceto na aparência exterior, tudo menos uma mulher — tão altiva, egoísta, até vingativa — o que poderia produzir de mais doce do que um cardo ou uma silva?

Pais espirituais e amigos deste ser infeliz reuniam-se à sua volta, desejosos de a ajudar a sair da sua condição miserável; mas ela não os reconhecia, e afastava-os com um gesto da sua presença.

Mas este estado de coisas não poderia continuar por muito tempo; assim como a queda constante da água pode desgastar uma pedra, também a influência contínua de espíritos dedicados, derramando-se sobre outro, produzirá o seu resultado — e assim a influência destes bons e benfeitores começou, lenta mas seguramente, a exercer um efeito suavizador no coração desta mulher. Tornou-se infeliz, inquieta; o ouro e as joias dos seus dias passados assombravam-na; ansiava por voltar a vê-los. Num destes estados de espírito, encontrou-se, em presença corpórea, com um parente — pobre, mas digno — a quem desprezara como inútil, porque, tendo a seu cargo uma esposa inválida e uma família de crianças pequenas, nada mais conseguia fazer senão manter-se a si e aos seus acima da necessidade e da dívida.

Pensando intensamente no esconderijo do seu tesouro, e desejando ardentemente vê-lo outra vez, não se deu conta de que a intensidade do seu desejo, e a impressão na sua alma relativamente ao local da ocultação, se transmitiram à mente, ou espírito, do seu parente. Este encontrava-se num estado de sono parcial, era de manhã cedo; precisamente a hora e a condição favoráveis para produzir a impressão espiritual. Sobressaltando-se do sono, exclamou para a esposa enferma: “Acredito que sonhei com o esconderijo do dinheiro da tia Sara; creio que o posso encontrar; pelo menos, vou procurá-lo.”

A sua companheira tentou acalmá-lo, mas em vão; ele não conseguiu sossegar e, pouco depois, saiu de casa, seguido pelo espírito agora ansioso e profundamente alarmado.

Não preciso entrar em pormenores; antes do anoitecer o tesouro foi encontrado — notas de banco, ouro e joias — juntamente com um bilhete, na letra da mulher falecida, declarando que o dinheiro deveria pertencer a quem o encontrasse, mas que as joias deveriam ser devolvidas aos herdeiros da família. O único herdeiro da propriedade era uma jovem, preceptora numa cidade distante. O afortunado descobridor comunicou-lhe de bom grado, e, como as joias valiam tanto como o dinheiro, ela aceitou-as de bom grado, deixando o restante ao seu parente.

Assim, corações honestos foram alegrados, e necessitados providos. Aquele que encontrara o tesouro passara por duras provações; a saúde da esposa tornara-se mais precária do que nunca, e a sua família carecia até das necessidades básicas da vida; ele estava desempregado e não havia perspetiva nem esperança de dias melhores.

Pode imaginar a alegria naquela noite na modesta casa do pobre homem; as crianças estavam exultantes, mas as lágrimas da inválida corriam livremente, enquanto, em frases entrecortadas, agradecia ao Pai de todos nós pela Sua terna misericórdia.

LIBERTAÇÃO DE UM ESPÍRITO

Foi esta cena que amoleceu o coração daquele espírito infeliz, chegando até a fazer-lhe brotar lágrimas. Primeiro alegrou-se ao rever os seus tesouros, depois ficou alarmada ao perceber que eles lhe tinham fugido para sempre; mas, quando testemunhou as lágrimas e ouviu os agradecimentos da mulher enferma, o seu próprio coração derreteu-se e chorou em simpatia.

E assim, uma pequena flor à beira do caminho ousou erguer a cabeça acima do solo árido e espalhar o seu perfume sobre uma vida amarga — a flor da Simpatia, tão próxima do Amor que os anjos as consideram lírios gémeos brotando do mesmo caule.

Neste momento abençoado, aqueles espíritos dedicados que há muito ansiavam por isto rodearam a mulher, dissipando as sombras com a sua brilhante presença e revelando-a a si mesma como realmente era. Horror, vergonha, angústia encheram-lhe o espírito por algum tempo; o remorso pelo bem que deixara de fazer trespassava-a por completo.

Mas, possuindo força, resistência e energia, e assistida pelos amigos, acabou por recuperar e emergir da sua velha condição para uma mais luminosa; as vestes antigas caíram, e simples roupas femininas revestiram o seu corpo, que depressa se arredondou em beleza de expressão e proporções harmoniosas. Continua a crescer, procurando aprender mais sobre a sua nova vida e beneficiar outros; e é para ela um prazer influenciar os que receberam a sua antiga fortuna a gastar parte dela em benefício de outros.

Assim, as flores de beira de estrada — simpatia, amor, benevolência, humildade e paz — desabrocharam da corrupção do egoísmo e do orgulho.

LICEUS PROGRESSIVOS PARA CRIANÇAS

Neste capítulo, que dedico ao relato de cenas e incidentes que ocorrem na terra espiritual, devo mencionar algo sobre os Liceus Progressivos para Crianças desse mundo, que estão em funcionamento neste momento. Vou descrever essa escola que se reúne diariamente no imponente templo da Cidade Jardim da Primavera, dedicado à Verdade e à Educação. Tal como em todos os nossos liceus espirituais, incutem-se princípios e aspirações espirituais e instila-se nos jovens que enchem os seus amplos salões o conhecimento das leis da vida.

Nesse delicioso templo, adornado com expressões artísticas de graça e beleza, onde a branca estatuária cintila de recantos e nichos, exibindo o talento do escultor — criações maravilhosas de idealidade, representando toda a graça e encantamento da conceção humana; onde belas pinturas ornamentam as paredes de cristal: cenas de beleza natural, paisagens radiantes, quadros de águas cintilantes, representações de vida calma e pacífica, que a alma do artista fez falar a partir da tela inerte; onde o teto é lavrado em delicadas

formas de beleza, e as paredes abertas convidam ao perfume das flores e ao bálsamo da brisa passageira; onde, em suma, todo o ambiente é pensado para despertar apenas pensamentos do bem, desenvolver o amor pelo belo na mente em crescimento e fazer a sensação florescer sob a luz da Pureza — grupos de crianças-espírito reúnem-se para aprender as lições da vida, desenvolver todas as mais altas e nobres faculdades da mente e cultivar a mais forte e pura saúde para a forma exterior.

Aí, professores espirituais reúnem-se para instruir estas jovens almas; para despertar as forças interiores das mentes ainda não desenvolvidas que têm a seu cargo e para lhes incutir os princípios da verdadeira espiritualidade, que são amor, pureza, fidelidade à verdade e sentido de justiça.

E esses grupos de crianças inocentes, desde o bebé que balbucia até ao jovem ou donzela risonhos, formam um quadro ao mesmo tempo sublime e convidativo. Quer cantando em coro os seus belos hinos espirituais, que despertam devoção; quer recitando em conjunto as suas “declamações da corrente dourada”, que falam da sabedoria e do amor infinito do nosso Pai; quer relatando alguma simples história de experiência real, quer transmitindo as grandiosas e inspiradoras palavras de outros.

Quer exercitando os membros em movimentos de asas, quer executando as evoluções graciosas e fortalecedoras da grande marcha triunfal — em cada um e em todos estes momentos apresentam um quadro de beleza e inocência juvenis, de poder e propósito em desenvolvimento, que convence o observador de que esses grupos de espíritos exercerão um dia um grande poder. Mais tarde, essas jovens almas partirão para ocupar os seus lugares como professores, guias e ajudantes dos necessitados e humildes da Terra, ou das mentes ignorantes e obscurecidas que entram na vida espiritual cobertas pelo manto da superstição e do medo; e para tais seres serão uma luz que iluminará o caminho para o conhecimento.

MÉTODOS DE INSTRUÇÃO NOS LICEUS ESPIRITUAIS

Estes liceus espirituais são escolas de educação onde o pensamento é desenvolvido e o amor despertado; onde belas visões e sons encantadores estimulam o jovem espírito à atividade e o atraem para um estado de perfeita harmonia. As lições são todas instrutivas e, ao mesmo tempo, agradáveis, retiradas de algum objeto natural — ave ou flor —, ou inspiradas por uma bela pintura ou grupo de estátuas, que representam a ideia a ser transmitida à mente sedenta de conhecimento.

Cada criança cujo gosto musical esteja a desenvolver-se recebe instrução nas leis da harmonia e do som melodioso; cada criança que ame a arte na sua forma expressiva de pintura ou escultura recebe lições de mestres talentosos, que se deleitam em orientar o talento emergente na direção certa. Todos trabalham em concordância e todos se alegram em agradar uns aos outros.

A rosa e a bolota, o pardal e a abelha, o regato cintilante e a pedra coberta de musgo — todos transmitem ao espírito infantil uma lição de vida ativa e em constante mudança. As estrelas e os raios de sol transmitem-lhe uma lição de bondade divina; e o espírito de todas as coisas é sentido enquanto ele comunga com a Natureza. E assim estas crianças preparam-se para sair dos seus liceus espirituais levando santas inspirações às vidas dos outros, conduzindo-os suavemente para a vida que tudo conhece, o Amor que envolve a todos.

Oh, pais e mães, que hoje chorais com tristeza porque algum ente querido foi tirado dos vossos lares terrenos; se soubésseis com que ternura o vosso amado é cuidado, e para que bela escola o vosso filho entrou, para se preparar a tornar-se um glorioso mensageiro de vida, luz e paz para os cansados e os tristes, não lamentaríeis, antes vos alegraríeis por terdes sido dignos de oferecer ao serviço do Senhor um tão belo e puro missionário de amor.

Estes liceus espirituais, ao contrário das vossas reuniões terrenas com o mesmo fim, reúnem-se diariamente; e as crianças e os líderes, em constante associação, crescem tanto em harmonia, simpatia e amor que se tornam um todo perfeito, cada um encaixando-se natural e lindamente no seu lugar; e, assim, conseguem realizar uma quantidade de bem para a humanidade sem igual; e constatei que a estas bandas de santos anjos, juntamente com os esforços da raça vermelha — os nossos irmãos índios —, pertence o mérito de ter escancarado para sempre as portas de pérola da vida imortal, para benefício daqueles que ainda permanecem no corpo mortal.

UMA DECLAMAÇÃO DA “CORRENTE DOURADA”

Gostaria de dar-lhe um exemplo das declamações da corrente dourada que ouvi no liceu da Cidade Jardim da Primavera. O Guardião da escola recitava a primeira linha; os professores dos vários grupos ou classes seguiam, em coro, com a segunda linha; depois as crianças do primeiro grupo recitavam a terceira; os alunos do segundo grupo a quarta; e assim por diante, até que todos tivessem participado no exercício e se tivessem deixado impressionar pela sua beleza e tendência devocional; então todos se uniam na recitação das últimas quatro linhas.

Espírito de Vida e Amor!
A Ti as almas trazemos,
E no Teu Fontal de Verdade
O mais puro Teu ofertemos.

Espírito de Paz sem fim!
Que tudo fazes perfeito,
A Ti entoamos louvor divino
Em cânticos de amor repleto.

Deus dos bons e dos sábios!
Que reinas por lei perfeita,
Tuas vastas criações revelam poder
Sem falha que se deteta.

As tempestades e ventos
A impureza afastarão,
E após a noite, resplandece
O dourado lume do chão.

O fruto verde e amargo
É bem que não amadureceu,
E cada vida crua e imperfeita,
Quando bem se compreendeu,

Ensinará à alma humana
O poder sem morte da ascensão,
Que embeleza a forma viva
Com perfeito fruto e flor na mão.

Pai! a Ti entregamos
Tudo o que a alma encerrar
De amor, respeito e alegria,
Sem um toque de pesar;

E, oh, pedimos-Te agora
Tua bênção, sempre e mais,
Para que andemos junto a Ti —
Tu, a quem a alma ama em paz.

CAPÍTULO VII
COMO TRABALHAM OS ESPÍRITOS.

O trabalho do espírito é verdadeiro labor; pode não ser trabalho das mãos, mas é do coração; é o impulso da força espiritual projetada para fora, a partir do íntimo, dirigindo essa força por certos canais, ou contra obstáculos específicos, a fim de alcançar um objetivo. O trabalho espiritual é sempre para a consecução de um fim ou propósito definido, nunca para passar uma hora ociosa, nem para executar uma tarefa destinada a deleitar apenas por um breve e fugaz momento.

Deixe-me dar-lhe um exemplo de como os espíritos trabalham; mas este caso não é, de forma alguma, exemplo de todos os métodos que os espíritos usam para realizar o seu labor. Oh, não; esses métodos são variados, assim como variam os indivíduos nas suas naturezas e constituições.

UMA MÃE-ESPÍRITO REFORMA O FILHO DESVIADO

Numa certa cidade desta bela terra vive um indivíduo que, à data em que escrevo, é universalmente respeitado e estimado por todos os que o conhecem; mas nem sempre foi assim. Há vinte anos, esse indivíduo era um jovem entregue à devassidão nas suas várias formas; a sua mãe, então ainda no corpo, chorava e suplicava-lhe em vão que abandonasse o mau caminho e se voltasse para uma vida melhor. Finalmente, a mãe entrou na vida espiritual e, por algum tempo, o jovem mergulhou na mais desenfreada das dissipações.

Entretanto, a mãe, desperta no mundo espiritual, descobriu que podia regressar para junto do filho e, até certo ponto, exercer influência sobre ele. Começou a segui-lo para onde quer que fosse, aplicando firmemente o seu poder de vontade sobre a mente dele. Entrava, com o filho transviado, em lugares de má fama e vício; cenas que faziam adoecer a sua alma pura surgiam-lhe à visão. No entanto, não vacilava; o seu trabalho estava diante dela, e havia de cumpri-lo, quaisquer que fossem os obstáculos.

Seria um volume interessante relatar as experiências e incidentes que sucederam a essa mãe-espírito. Durante algum tempo, o caso pareceu sem esperança, mas ela não desesperou. Ocasionalmente, pensamentos dos ensinamentos da mãe e recordações da sua devoção e amor surgiam-lhe na mente, e, por um momento, o coração do jovem dissoluto parecia amolecer; mas a força do hábito e das más companhias tinha sobre ele tal domínio, que esses breves instantes de remorso passavam e pareciam não deixar vestígio. Contudo, todas essas experiências deixam sempre a sua marca benéfica no espírito e, neste caso, forneceram meios de encorajamento e poder à mãe angelical, cuja missão era operar a reforma da alma imortal de um filho muito amado.

Três, cinco, oito anos se passaram; o jovem, agora adulto, mas aparentando um perfeito destroço humano, afastou-se do lar da infância, entre estranhos, sem casa nem família. Claro que caiu novamente em más companhias, mas, ainda assim, memórias de outros tempos e, ocasionalmente, pensamentos de remorso pela vida impura continuavam a persegui-lo.

A mãe-espírito persistia na sua influência, até que, finalmente, esta se manifestou de forma singular. Caminhando às apalpadelas pelas ruas da cidade, numa noite escura, tropeçou e caiu, batendo com a cabeça no pavimento, ficando inconsciente por alguns momentos; quando abriu os olhos, viu o rosto da mãe a fitá-lo com olhar de profunda tristeza.

Sobressaltou-se, confuso e alarmado; mas a dor latejante na cabeça não o abandonou, e sentou-se no lancil da rua, segurando a cabeça entre as mãos.

De repente, abriu-se diante dele uma cena: viu o lar da sua meninice, e a mãe de pé à porta, a recebê-lo quando regressava da escola; ouviu as suas

palavras ternas e sinceras: “Meu filho, seja o que for que faças na vida, procura manter um coração puro e uma mão limpa.”

Foi tudo. Depois, uma calma desceu sobre o seu espírito, como se a paz do céu ali tivesse pousado. Sentiu o toque de um anjo na cabeça dorida, e lágrimas de angústia caíram dos seus olhos cansados. Nesse estado foi encontrado e levado a um hospital, onde lhe trataram dos ferimentos e cuidaram dele até se recuperar do golpe. Entretanto, a mãe-espírito, que o seguira, conseguiu influenciar um dos médicos responsáveis, em favor do filho; tanto que este se ofereceu para lhe arranjar trabalho manual, caso quisesse trabalhar — proposta que foi aceite.

Não entrarei em detalhes; basta dizer que o homem outrora miserável parecia ter mudado de natureza por completo; e porquê? Porque a influência da mãe alcançara ascendente sobre ele. Trabalhou cedo e tarde, primeiro em tarefas rudes, depois em labor mais adequado. Com o tempo, tornou-se respeitável e de porte digno; evitou os antros do vício e seguiu o caminho do bem. Finalmente, conseguiu uma posição confortável; e sabe qual é hoje o seu trabalho? É superintendente e guia de uma missão para a supressão do crime e a promoção do bem entre as crianças de rua e a juventude desfavorecida da cidade.

Durante dez longos anos, uma mãe-espírito vigiou, trabalhou e esperou, mas, por fim, foi recompensada, pois o filho foi salvo — não só para bênção sua e dela, mas também para fortalecer e ajudar muitos outros.

Assim trabalhou, vigiou e esperou uma mãe, durante anos, pela reforma e elevação de um filho. Este é um modo de agir dos espíritos, mas não o único para alcançar os seus propósitos.

UMA MÃE-ESPÍRITO SOCORRE UMA FILHA POBRE

Uma viúva, que vivia numa pequena e asseada casa de campo com a sua única filha, uma rapariga de dezasseis anos, sustentava-se e à filha fazendo certos trabalhos de fantasia, nos quais era muito habilidosa e que, estando em grande procura, lhe davam rendimento suficiente para viverem ambas com conforto.

Esta mulher era uma boa, cuidadosa e terna mãe, e a filha crescera respeitando-se a si mesma, ao próximo e a Deus. Mas cometeu um erro: amando a filha como amava, dizia a si própria que não poderia sujeitá-la a trabalho duro ou penoso e, por isso, deixava-a entregue ao lazer, em vez de lhe ensinar uma profissão útil e remuneradora.

Quando a jovem tinha entre dezasseis e dezassete anos, a mãe adoeceu subitamente e morreu, deixando a filha sem meios de sustento. Por algumas semanas após a tragédia, a órfã viveu como pôde. Tendo de deixar a casinha, vendeu parte do mobiliário e, com o resto, instalou-se num quarto no sótão de

uma pensão. Enquanto durou o dinheiro da venda, conseguiu viver, embora sobre ela pesasse um profundo manto de tristeza e solidão; mas, em pouco tempo, o dinheiro acabou e a miséria começou a espreitá-la.

Entretanto, a mãe-espírito, dolorosamente consciente da situação da filha, lamentava não lhe ter dado um meio de ganhar a vida e ficou ansiosa por cuidar e ajudar aquela alma solitária. Não conseguia permanecer no mundo espiritual com as suas queridas companheiras, mas voltava constantemente à Terra para junto da filha, procurando sempre influenciá-la e guiá-la pelo caminho certo.

Finalmente, perante a necessidade urgente de arranjar trabalho, a jovem — quase desesperada — decidiu tentar executar um dos trabalhos que a mãe fazia com tanto talento, e que tantas vezes observara os dedos maternos executarem com destreza. Tendo à mão o material necessário, juntou-o e iniciou a tarefa, nervosa e excitada ao princípio; mas, à medida que os dedos se moviam pelo labor delicado e minucioso, acalmava-se e ganhava esperança, até que, concluído o trabalho, ergueu-o à luz, admirada: “Está quase tão bom como os da mãe!”, exclamou.

Tentou outra peça, e depois outra, e, de cada vez, o êxito era mais certo; quando a noite caiu, um pequeno monte de trabalhos delicadamente acabados estava diante dos seus olhos cansados, mas brilhantes.

Na manhã seguinte, depois de uma refeição apressada de bolachas e água, levou o trabalho acabado a um dos antigos clientes da mãe, que o examinou, comprou e pagou, fornecendo material para mais. Voltou apressada a casa e retomou a tarefa, repetindo-se o estranho fenómeno: uma jovem inexperiente e sem prática a executar trabalho que exigia destreza, sem cometer um só erro. Assim foi, de dia para dia, até que deixou de ser principiante e se tornou hábil no ofício, ganhando tempo para o lazer.

Qual o segredo deste mistério para a jovem? Apenas que a mãe-espírito, atraída pela intensidade do amor e da preocupação, a inspirou a tentar o trabalho e guiou-lhe os dedos, não fazendo ela própria o labor — o que nada ensinaria à filha —, mas mostrando-lhe como proceder, até que esta já não precisou de mestra.

E mais: o contacto íntimo, ainda que inconsciente, com a mãe-espírito dissipou-lhe a sensação de solidão e tristeza, trazendo-lhe paz e serenidade. Assim, um duplo bem foi alcançado — a subsistência e a felicidade.

Para os que se interessarem em saber, direi que a jovem depressa fez amizades e, hoje, vive como esposa e mãe feliz e útil.

Todo o espírito que ama mais o próximo do que a si mesmo — e todos virão a amar assim — tem um trabalho a fazer: elevar, beneficiar e abençoar um ou mais seres, encarnados ou desencarnados; e não desistirá até o realizar. E, ao

terminá-lo, não dirá: “Cumpri a minha obra; agora vou descansar”; antes, seguirá adiante, sorridente, para novos campos e novas tarefas.

PAIS SUBITAMENTE ENVOLVIDOS PELO LUTO

Uma jovem e bela rapariga, a favorita e orgulho de pais afetuosos e indulgentes, a alegria do lar e a sua única flor, acabava de entrar na fase em botão da juventude feminina, quando sofreu um acidente. Estava a passear de carruagem com uma amiga, quando o cocheiro, que se encontrava parcialmente embriagado, perdeu o controlo do fogoso animal que conduzia, o qual disparou pela estrada a grande velocidade, até ser subitamente travado ao embater contra um grande rochedo à beira do caminho. A carruagem virou-se; uma das ocupantes escapou com poucos ferimentos, pois caiu sobre a sua companheira; mas a outra, a jovem de quem escrevo, foi recolhida inconsciente e levada para casa, onde o exame médico revelou uma lesão fatal na coluna vertebral.

Durante quase três semanas, a jovem permaneceu viva, suportando as mais excruciantes dores físicas, incapaz de se mover, encontrando alívio apenas quando lhe eram administrados anestésicos. Por fim, o seu espírito exausto deixou o pobre corpo quebrado, e ela encontrou descanso.

Os pais desta criança, a quem chamarei Estelle, viviam em boas condições económicas e eram pessoas cultas e refinadas; o pai, contudo, não acreditava numa vida futura, e a sua dor pela doença e morte da filha única era quase incontrolável. A mãe, uma bela mulher de olhos castanhos, era membro de uma igreja cristã e, embora sofresse profundamente com a perda, sentia-se como alguém que ainda tem algo a aguardar, pois esperava reencontrar o seu tesouro noutro mundo.

Estelle, que havia deixado a vida terrena e as dores físicas, foi carinhosamente recebida e ternamente cuidada por bondosos espíritos servidores, que a levaram para um lar luminoso, onde flores imortais desabrochavam e tudo falava apenas de beleza e alegria. O doce espírito ficou encantado com tudo o que via e, por algum tempo, pareceu banhar-se na glória da sua nova morada.

A DOR DO PAI AFETA O ESPÍRITO

Mas, em breve, os que a rodeavam notaram que deixara de se interessar por eles e pelo seu trabalho; os seus pensamentos voltavam constantemente à Terra e ao lar dos pais. Sombras de tristeza apareciam nos seus belos olhos e anuviavam o seu rosto puro. Logo se percebeu a causa: o pai afastava-se do seu espírito, e ela não conseguia retê-lo com o seu amor. Com a mãe, conseguia encontrar-se, confortá-la e animá-la, deixando-lhe uma bênção silenciosa de santa paz, que a sustentava e fortalecia; mas o espírito do pai estava tão obscurecido e agitado que a filha não encontrava conforto junto dele.

E não admira, pois, à medida que as semanas passavam, o pai tornava-se cada vez mais inquieto e infeliz. Disse ele a um clérigo que o foi consolar:

“Senhor, é inútil; não posso acreditar na sua religião. Não encontro nas suas doutrinas esperança de vida futura, nem garantia da existência de um Criador divino. Pois digo-lhe, se acreditasse na existência de um Deus que permitiu que tal sofrimento e horrível morte atingissem a minha bela e inocente filha, que nunca fez mal a ninguém nem praticou ato de crueldade na vida, eu amaldiçoá-lo-ia como a um demónio, indigno de convívio humano, muito menos de adoração.”

Palavras assim, geradas por sentimentos mórbidos e amargos, afligiam a esposa e atormentavam a filha no espírito; mas que podia ser feito? O homem parecia caminhar rapidamente para uma insanidade irremediável, e ninguém lhe conseguia oferecer auxílio ou alívio. Os amigos tentavam consolá-lo com palavras de simpatia religiosa e exortação, mas isso só o irritava mais; enquanto a pobre esposa apenas podia erguer as mãos e ajoelhar-se em oração Àquele que conhece as necessidades de cada um e responde como julga melhor.

O ESPÍRITO PROCURA FAZER-SE RECONHECER

A bela Estelle aprendera que era possível aos espíritos voltarem aos mortais, manifestando a sua inteligência e demonstrando a sua identidade aos amigos terrenos; e, sentindo que só um reconhecimento completo e perfeito da sua presença convenceria o pai da sua contínua existência — restaurando-lhe o equilíbrio mental vacilante —, decidiu dedicar-se a provar-lhe a imortalidade da alma.

Mas como começar? Os pais nunca tinham convivido com espiritualistas, nem queriam ouvir falar deles; não eram mediúnicos e o seu lar não oferecia condições para manifestações espirituais. Que fazer? Estelle visitou médium após médium, tentando influenciá-los a contactar os pais; frequentou círculo após círculo, para ganhar experiência no controlo espiritual; dedicou-se a esta tarefa durante meses, sem qualquer satisfação, vendo apenas aumentar a tristeza e a sombra no lar terreno, enquanto, no seu lado, só conseguia exercer influência suficiente para impedir o pai de enlouquecer por completo.

Finalmente, pela mediação de um espírito bondoso, Estelle conheceu uma jovem operária de cerca de vinte e dois anos; após algumas tentativas, percebeu que conseguia orientar os pensamentos e controlar as ações dessa pessoa como desejava.

Certa manhã, a operária acordou com uma estranha sensação de melancolia; a ideia de ir trabalhar na grande fábrica, como era seu costume, parecia-lhe mais desagradável do que nunca, enquanto a perspetiva de tirar um dia de descanso era-lhe muito atraente.

Depois de um pequeno-almoço cedo, vestida com a sua melhor roupa, saiu da pensão, mas, em vez de seguir para a fábrica, caminhou na direção oposta, para o centro da cidade, vagueando sem rumo definido.

O RECONHECIMENTO E OS SEUS RESULTADOS

Quase ao meio-dia, a mãe de Estelle entrou apressadamente na biblioteca do marido e pediu-lhe que fosse ao jardim, pois havia dentro do portão uma estranha que se comportava de forma muito incomum.

O marido saiu, seguido da esposa, e encontrou a operária sentada junto a uma roseira que fora das favoritas da filha.

Os olhos da jovem estavam fechados e as mãos pousadas no colo, mas, ao aproximar-se o casal, estendeu-as e disse:

“Oh, pai, pai, não me reconheces? Sou a tua pequena Estelle, que julgaste ter-te deixado; não morri, estou aqui contigo, para trazer a ti e à querida mãe o meu amor. Não te lembras de como me chamavas ‘pequena’, ‘pintainho’ e a tua ‘bela de olhos azuis’? Oh, pai, estou tão feliz por vir dizer-te que um lar maravilhoso vos espera, a ti e à mãe, junto de mim.”

O casal ficou atónito; não sabia o que dizer; tinham ouvido falar de espiritualismo, mas nunca o tinham investigado, e não compreendiam como lidar com aquele estranho caso. A jovem continuou a falar, relatando episódio após episódio da infância de Estelle, até que, por fim, as névoas começaram a dissipar-se na mente do pai, que aceitou a alegre verdade: a filha estava ali, não no seu corpo material, mas controlando o organismo de uma desconhecida.

Não posso prolongar estes pormenores; basta dizer que, quando o espírito de Estelle deixou o corpo da médium, os pais estavam banhados em lágrimas de alegria. O pai interrogou a estranha, que estava em perfeito estado de espanto e incredulidade, sem compreender bem onde estava ou o que se passara.

A sua humilde história foi rapidamente contada e confirmada como verdadeira. Pouco depois, foi convidada a viver na casa dos pais de Estelle, recebendo remuneração generosa como companheira e médium. Aceitou a oferta e, hoje, é uma estimada residente daquele lar feliz, onde, ao cair da noite, Estelle faz a sua visita diária para instruir e informar os pais sobre a vida celestial e encher-lhes o coração de bênçãos amorosas, que purificam e elevam as suas almas.

Já não é a mãe triste e desesperada; já não é o pai amargo e misantrópico; a paz e a alegria são agora hóspedes da casa. Já não é a humilde médium solitária e sem apoio; tem agora um lar acolhedor e carinho amigo. E Estelle já não chora nem lamenta; regressa todos os dias do mundo espiritual para cumprir a sua missão de guiar os entes queridos ao lar melhor.

CAPÍTULO VIII
UM ECO DO PARAÍSO

O Paraíso está tão próximo desta esfera mundana vossa, meus amigos, que muitas vezes me pergunto por que razão não conseguem ouvir, mais frequentemente, os sons da sua vida ativa e movimentada. Mas sei que o ruído e a agitação, as preocupações, lutas e perplexidades da existência mortal vos ensurdeceram o ouvido e selaram os sentidos para a bela vida interior, sempre nova, e para as atividades do universo espiritual; e que apenas em raros casos conseguem sentir a presença e o poder de seres invisíveis mas potentes.

Contudo, tenho de relatar um caso de perceção das coisas espirituais, que posso chamar de um eco vindo do Paraíso— um eco que trouxe música, alívio e paz a dois corações humanos cansados e sofredores, ainda encerrados no templo de carne.

Recentemente chegou ao meu conhecimento um raro exemplo de sofrimento e devoção. Uma mulher, jovem de anos, mas já mãe e viúva, lutava apesar da necessidade, da pobreza e da dor, tentando ganhar sustento para os seus dois filhos, quando, exausta e enfraquecida, viu-os ser-lhe arrancados sem qualquer aviso e levados apressadamente para o mundo espiritual por aquilo a que, na Terra, chamais acidente. Brincavam juntos quando um talude desabou, soterrando-os sob os seus escombros.

A pobre mãe ficou quase louca de dor. Adoeceu e, pouco depois, descobriu-se que jamais poderia voltar a ver. O choque, aliado à exaustão acumulada pelo excesso de trabalho, paralisara o nervo ótico, deixando-a cega.

Num andar inferior do humilde prédio onde vivia esta mulher morava outra — uma alma nobre, alguém que já conhecera dias melhores, mas que fora também reduzida a extrema pobreza pela mão da adversidade. Tratava-se de uma mulher pobre, de meia-idade, que trabalhava como enfermeira noturna num hospital público da cidade. Sempre mostrara uma atitude amável e amistosa para com a viúva e os seus filhos, mas nada de especial tinha ocorrido entre elas.

De repente, contudo, após a terrível catástrofe que lançara as duas crianças na eternidade, esta mulher pareceu despertar para a aflição da vizinha; e, quando se soube que a pobre estava doente e precisava de ajuda, toda a fibra heroica da sua natureza se manifestou. Correu para o leito da sofredora, cuidou dela com rara dedicação, negligenciando o seu próprio conforto pelo bem da vizinha, e acabou por abandonar o emprego no hospital para poder estar presente sempre que a sua companhia fosse necessária.

Aquando do acidente, ao tornar-se conhecida a situação da infeliz mãe, algumas pessoas compassivas contribuíram com pequenas quantias para a sua ajuda; mas, em pouco tempo, esses recursos esgotaram-se e ela voltou a

ficar sem nada. Foi então que a dedicada enfermeira tomou uma decisão rápida: não contente em cuidar dela, levou-a para os seus próprios aposentos, mais confortáveis, partilhou com ela o pouco que tinha e tratou-a como uma mãe cuida de um filho amado.

Mas a inválida estava infeliz — profundamente infeliz. Com os filhos mortos, o lar desfeito, a vista perdida, fraca e miserável, dependente da caridade de outra — e essa outra também pobre, quase uma estranha —, perguntava-se o que lhe restava viver. Nada, concluía, e todos os dias ansiava e rezava para que a morte viesse libertá-la.

Pouco tempo depois, contudo, os magros recursos da enfermeira esgotaram-se; então ela procurou e conseguiu um trabalho simples de costura barata que podia levar para casa, permitindo-lhe continuar a assistir a doente.

Foram dias sombrios. A pobreza, a fome e o frio por vezes batiam-lhes à porta; mas a nobre mulher não vacilava no seu labor de amor, nem deixava de falar com ânimo e encorajamento à inválida desamparada a quem escolhera dedicar-se.

A LIÇÃO DO SACRIFÍCIO PESSOAL

Permitam-me aqui uma pausa para comentar o nobre espírito de sacrifício desta humilde enfermeira. Sem recursos para si própria, ainda encontrava algo para partilhar com outra; e, mais ainda, privava-se das próprias necessidades da vida para dedicar tempo, atenção e cuidados a alguém que não tinha qualquer direito sobre ela, senão o de apelar à simpatia de uma alma terna. Arriscando a própria necessidade e sofrimento, renunciou ao seu único meio de sustento para poder cuidar dessa outra, acolheu-a no seu lar, partilhou o seu pouco, privando-se de saúde, forças e de muito do que torna a vida suportável, para confortar e sustentar a sua protegida. Poderá o amor humano fazer mais do que isto? Será o amor espiritual mais terno, mais abnegado, mais belo?

O Nazareno disse: “Sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes”; e também: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos.” Mas melhor ainda que o sacrifício da vida é a constante renúncia de si, que continuamente abençoa outro à custa do próprio indivíduo.

Ó espiritualistas, atentai na lição do trabalho desta mulher, como aqui vos é revelado; prestai atenção, pois é por tais labores que a alma entra em comunhão com os anjos e se torna apta a gozar das bênçãos da vida celeste.

Há milhares de corações humanos que anseiam por ter alguém a quem amar e alguém que os ame; se apenas olhassem em volta e tomassem um interesse ativo e compassivo nos seus semelhantes, encontrariam depressa alguém para amar e conquistariam em troca o afeto de uma alma.

DIAS DE ESCURIDÃO

Os dias passavam, trazendo apenas pobreza e necessidade ao pequeno lar humilde. A corajosa mulher lutava com bravura para manter o lobo longe da porta, mas com pouco êxito. A inválida continuava prostrada, fraca e cega, um fardo desamparado, sempre a suspirar pela libertação que não vinha.

Os dias pareciam cada vez mais sombrios e desolados; não tinham amigos, e os vizinhos não lhes prestavam atenção. Ainda assim, a enfermeira resistia ao pedido da doente para ser enviada embora; sabia bem que, se cedesse, a infeliz ficaria entregue à indiferença e negligência, e por isso continuou a lutar, até ao dia que vos relato.

Parecia que a aflição humana não poderia ir mais longe. Tinha sido um dia de sofrimento indizível. A fome, o frio e a escuridão instalaram-se naquele pequeno lar, ao cair da noite de um dia sombrio de março. O último bocado de comida desaparecera, a última acha de lenha ardia no dia anterior.

O silêncio caiu sobre as duas habitantes daquele quartinho; a ansiedade e a preocupação eram demasiado grandes para palavras. Um sentimento próximo do desespero tomou conta dos seus corações; parecia que o peso da vida era já demasiado para suportar.

PALAVRAS DE ÂNIMO DA TERRA ESPIRITUAL

De repente, através da quietude e da escuridão, soou um leve e doce som de vozes infantis; como um eco distante vindo de uma terra invisível, foi crescendo e crescendo, até que os sons se tornaram perfeitamente audíveis, e estas palavras, cantadas em coro, flutuaram no ar tranquilo daquele pequeno quarto, tornado sagrado pelo espírito de amor e abnegação:—

> “Viemos, viemos da Terra do Verão,
> Saudar os amigos de outrora;
> Viemos, felizes, em alegre procissão,
> Com bênçãos puras de agora;
> Trazemos paz do Céu radiante,
> Onde a dor não tem morada;
> Chamamos as vossas almas, amante,
> Ao lar da vida sagrada.”

Um silêncio de sagrada tranquilidade caiu então sobre os corações torturados das duas mulheres; a paz, de facto, entrou-lhes na alma, pois, naquelas vozes angelicais, reconheceram timbres familiares — a primeira, os dos dois filhos, tão recentemente arrancados ao seu convívio; a segunda, o de um belo rapazinho que, anos antes, com apenas quatro anos de idade, fora chamado para junto dos anjos, deixando-a quase enlouquecida de dor e saudade.

O episódio aqui relatado foi o primeiro eco que as nossas amigas receberam da Terra do Verão — nada mais, nada menos que aquela pequena quadra cantada nos timbres conhecidos dos filhos já falecidos, e que ambas identificaram como sendo as vozes dos entes queridos que as haviam precedido.

A falta de espaço obriga-me a resumir o relato. Não me demorarei a descrever o longo, duro e frio inverno que estas duas mulheres tiveram de suportar; apenas direi que, no dia seguinte àquela noite abençoada que lhes trouxe tão grande consolo e paz aos corações cansados, a boa enfermeira conseguiu encontrar um pequeno trabalho que, de tempos a tempos, lhe garantia um rendimento modesto, suficiente apenas para comprar o mais básico para a sobrevivência.

Muitas vezes sentiram a dor da fome e do frio; muitas vezes, durante aquele inverno implacável, estiveram prestes a perder a esperança de manter a vida no corpo; mas acontecimentos posteriores mostraram que essas experiências amargas haviam servido para as refinar, espiritualizar e fazer desabrochar as suas naturezas.

Durante dois meses após a experiência espiritual que narrei, nada mais de semelhante foi ouvido ou sentido; contudo, a memória daquela bela hora permaneceu viva no coração das mulheres, levando-as a falar dela com frequência e alegria. Por fim, chegou o tempo em que a nossa pobre inválida, sem visão, começou a ouvir palavras sussurradas e sons doces; luzes de tons dourados e azulados passavam-lhe diante dos olhos, e acabou por ver rostos sorridentes e formas luminosas — primeiro as dos filhos queridos e do marido já falecido, depois outros que reconheceu como sendo de entes queridos que haviam deixado a vida terrena anos antes; e, por fim, rostos desconhecidos, que, no entanto, lhe sorriram e trouxeram mensagens de encorajamento, esperança e conforto.

A sua fiel companheira e amiga tinha-se visto obrigada a deixar a inválida sozinha algumas horas por dia, para ganhar o pouco que podia com trabalhos humildes para terceiros, e foi durante essas horas de solidão que a doente viu as formas radiantes e ouviu as comunicações espirituais de que falo.

Muitas noites, as duas passavam juntas em felicidade — uma a relatar as agradáveis experiências espirituais do dia, a outra a escutá-las com atenção; e, embora o frio e a fome por vezes as atingissem duramente, não havia, em toda aquela grande cidade, duas criaturas mais felizes, pois possuíam um alimento espiritual que outros não conheciam.

Ao descrever alguns dos visitantes espirituais que a procuravam, e ao mencionar as palavras que estes proferiam, a nossa inválida teve a alegria de ver que eram reconhecidos pela sua companheira; assim, uma dupla alegria se instalou, pois, graças às capacidades mediúnicas que floresciam numa delas,

ambas puderam manter doce e amorosa comunhão com os entes queridos no mundo espiritual.

AS NÉVOAS DISSIPAM-SE

Era um claro e frio domingo de março; as nossas amigas estavam sentadas no seu modesto quarto, conversando sobre assuntos espirituais, quando um bater à porta as surpreendeu — visitantes não tinham — e, ao convite “Entre”, uma senhora, vestida com roupas pesadas e de alto valor, entrou. Tratava-se da esposa de um rico espiritualista, que fora dirigida àquela modesta casa pelo espírito do seu filho, o qual, por intermédio de um médium, lhe dissera que ali encontraria múltiplas provas da existência dos espíritos e uma médium de grande poder, pobre e desconhecida, necessitada de ajuda.

Os acontecimentos confirmaram estas palavras; mal a senhora entrou, a médium viu uma luz intensa irradiar ao redor, e, nessa luz, muitos espíritos que lhe disseram os nomes e lhe sussurraram mensagens de esperança, acompanhadas de palavras e frases reveladoras da sua identidade; e uma força irresistível levou-a a descrever esses espíritos e a repetir em voz alta as mensagens. A visitante chorou de alegria ao receber tais provas de poder e presença espirituais; reconheceu os espíritos, tanto pela descrição como pelas palavras, e, por momentos, parecia que o céu tinha descido à terra e se manifestava, sobretudo, naquele lar quase desprovido de bens materiais.

Pode imaginar que a senhora insistiu em pagar generosamente à pobre cega pelos seus serviços como médium naquele dia, e partiu prometendo voltar em breve. E não só cumpriu a promessa como enviou amigos para receberem a bênção espiritual. Ninguém saía desapontado; todos ficavam satisfeitos com o que recebiam e pagavam de bom grado. Com o tempo, as visitas tornaram-se tão frequentes que a boa enfermeira teve de ficar em casa para cuidar da amiga e atender os que vinham diariamente.

Em vez de diminuir, o poder espiritual parecia aumentar, e a médium tornou-se forte e feliz. A preocupação com o dia de amanhã desapareceu, e as duas amigas começaram a colher a recompensa de tanta vigilância e paciência confiada em Deus. A boa enfermeira encontrou doce compensação para todas as horas de trabalho, renúncia e sacrifício; pois não só tinha alguém para amar e que a amava, como também a companhia diária dos anjos, e ainda o conforto que os meios materiais podiam oferecer.

Pouco depois, puderam mudar-se do seu humilde quarto para uma acolhedora casa de tijolo, no centro da cidade, que mobiliaram com gosto e sentido de conforto. Ali o trabalho cresceu e prosperou; ali viveram e se abençoaram mutuamente, uma providenciando sustento e luz espiritual, a outra oferecendo ternura e cuidado constante. E, hoje, estas duas mulheres residem numa das vossas grandes cidades, honradas e respeitadas por todos os que as conhecem.

O trabalho espiritual continua; a médium nunca recuperou a visão, mas já não é a figura pálida, abatida e desesperada que foi. Os amigos angélicos salvaram-na de uma morte em vida, e ela sente alegria em repartir as suas bênçãos com os outros. Nunca precisou de anunciar os seus serviços, pois tem sempre mais trabalho do que consegue atender; e não é apenas para os ricos que se senta, pois muitos pobres receberam dela bênçãos espirituais, gratuitamente; enquanto à nossa querida enfermeira, ainda forte e disposta na sua prática do bem, cabe o prazer de cuidar do conforto físico daqueles que passam necessidade.

Ocasionalmente, também ela ouve vozes angelicais, o que lhe enche o coração de alegria; mas o seu grande trabalho parece ser cuidar dos outros.

Não ignoramos o trabalho do espírito; neste caso, o trabalho de muitos espíritos. A pobre mãe, que expirara a sua vida terrena num catre de hospital, juntara-se ao marido e encontrara um doce lar no mundo espiritual; mas não se esquecera do seu pequeno e desamparado filho na Terra, e era agora o seu propósito e a sua missão, auxiliada pelo seu companheiro, trabalhar dia e noite pelo bem-estar daquela criança.

Com o coração entristecido, vigiavam o seu amado; com sentimentos de angústia, contemplavam a miséria da sua vida diária, causada e alimentada pela severidade do seu cruel senhor; e com a maior ansiedade procuravam protegê-lo do mal e guiar o seu espírito pelo caminho do bem.

UMA MÃE ESPIRITUAL CONDUZ O SEU FILHO

Até que, numa calma tarde de verão, cerca de oito meses depois de a criança ter sido levada para o Oeste e colocada sob o poder do seu guardião, o nosso pequeno menino foi feliz ao ver a sua querida mãe. Tinha sido um dia de sofrimento invulgar — fora-lhe dado trabalho demasiado pesado para ele realizar e, quando sucumbiu, fora recebido com pancadas e maldições. Dorido com a agressão, retirara-se para o seu modesto quarto, debaixo do telhado da velha casa, e, atirando-se sobre a humilde cama, adormecera a soluçar.

Ainda era cedo, quando o pequeno acordou subitamente e viu o rosto bem conhecido da mãe a sorrir para ele, e ouviu a sua voz familiar dizer:

— Vem, meu querido, ficaste aqui demasiado tempo; não consigo ver-te sofrer mais sob o poder do teu cruel senhor; segue-me, e Deus cuidará de ti.

A criança, confusa e meio adormecida, sem duvidar de que a mãe o encontrara e viera levá-lo — pois nunca se apercebera realmente de que ela morrera —, levantou-se do seu baixo leito e seguiu suavemente a forma espiritual, que deslizava para fora do quarto, descendo as escadas e saindo para o doce e fresco crepúsculo de uma tarde de verão.

Na luz difusa, tropeçava pelo caminho, sempre seguindo aquela forma que acreditava ser a da mãe, embora meio impressionado e um pouco assustado por esta não falar, limitando-se a deslizar, como que apenas roçando o chão que percorria. Mais adiante, o pequeno ouviu o ruído e a azáfama de uma grande cidade, ainda não mergulhada no sossego da noite, mas perdeu de vista a figura que o conduzira por tão longo caminho, apercebendo-se então de que estava sozinho.

Que situação para uma criança de nove anos — sozinha no mundo inteiro, sem lar nem amigos, um náufrago no vasto mar da humanidade. Mas imaginas, por um instante, que os bons espíritos tinham abandonado aquele pequeno? Ah, não! Sem esperança, indefeso e só, a criança caiu junto à berma da estrada; a noite era quente, as estrelas brilhavam por cima da sua cabeça; tinha os pés doridos, cansados e feridos da longa e penosa jornada. Logo adormeceu num sono agitado, com a cabeça a balançar de um lado para o outro, gemendo no sono.

Foi assim que o encontrou um viajante que passava, um homem de negócios que regressava a casa, nos arredores da cidade, não muito distante dali. Sem ter coragem de deixar a criança sozinha, e sabendo que não havia habitação por perto, este cavalheiro decidiu levá-la consigo para casa; como viajava de carruagem, tal foi facilmente realizado.

Ao chegar ao destino, o pequeno foi recebido com bondade e cuidado por Mrs. Webster, esposa do cavalheiro que o encontrara, e pela cunhada desta, Mrs. Harris, que, juntamente com o marido, visitava aquela região, vinda da sua casa no Leste.

Os terríveis sofrimentos que o pequeno Georgie suportara durante meses, juntamente com o esforço físico e mental daquela noite de viagem, deixaram-no prostrado numa cama de doença que durou muitas semanas, durante as quais nada soube do que se passava ao seu redor; mas os cuidados atentos e o tratamento hábil acabaram por triunfar sobre a febre perigosa, e a criança voltou à vida e à consciência.

Devemos agora deixar o nosso pequeno órfão aos cuidados dos bons amigos que o encontraram, e regressar à cidade do Leste, de onde fora levado pelo agricultor do Oeste.

Os leitores recordar-se-ão de que, por volta da época em que o pequeno Georgie vagueava, sem amigos, pelas ruas da cidade, enquanto a mãe jazia doente no hospital público, uma criança pequena, loira e inocente, agonizava num quarto ricamente mobilado de uma residência elegante. Mr. e Mrs. Harris eram pessoas religiosas; frequentavam uma igreja respeitável e de moda, ouviam os ensinamentos do seu pastor e acreditavam que a Bíblia era, sem restrições, a palavra de Deus. Mas, na hora do luto, não encontraram alívio nem consolação nessas coisas; o deles era um pesar profundo e absoluto.

VISÕES DA NOITE

A saúde da senhora, nunca robusta, começou a fraquejar; tornara-se facilmente impressionável pelo ambiente e sensível à mais leve influência que sobre ela se exercesse; o médico assistente declarou o sistema nervoso prostrado e recomendou uma mudança de cenário e de convívio para seu benefício. Por vezes, enquanto os sentidos mortais estavam adormecidos, Mrs. Harris via o rosto do seu pequeno e ouvia-lhe a voz conhecida chamando-a com palavras de amor. Tais visões pareciam-lhe tão reais que dificilmente podia acreditar que fossem sonhos, embora — como disse ao marido ao contá-las — o bom senso lhe dissesse que não podiam ser outra coisa.

As semanas passaram, e Mrs. Harris continuou a sonhar, tirando conforto e paz das visitas noturnas do seu filho espiritual. As visões tornaram-se mais fortes e nítidas; outras formas, além da do pequeno, começaram a aparecer, e outras vozes, além da dele, soavam-lhe aos ouvidos. Estas falavam-lhe do mundo espiritual, das suas alegrias, do seu lar e das suas tarefas; tão vívidas eram, que ela as recordava e repetia ao marido nas horas de vigília.

A senhora acabou por declarar a sua convicção de que Deus permitira ao seu pequeno regressar-lhe nas horas de sono para a confortar na sua dura aflição; e parecia, de facto, mais calma e feliz de espírito, embora o corpo se tornasse mais frágil e delicado. Preocupado com a saúde da esposa e receando que a sua mente estivesse a desequilibrar-se, Mr. Harris consultou o médico de família, que declarou a senhora em pleno uso das suas faculdades mentais; mas confirmou que o sistema nervoso estava debilitado, recomendando viagens como meio de recuperação.

Nessa altura, Mrs. Harris recebeu uma carta da irmã e do cunhado, que viviam no Oeste, instando para que ela e o marido os visitassem no seu distante lar. Depois de madura deliberação, decidiram aceitar o convite caloroso dos Websters e prepararam-se para partir assim que a primavera chegasse, tornando a viagem mais confortável e fácil.

SONHOS QUE PARECIAM ESTRANHOS

Certa manhã — pouco depois desta decisão — Mrs. Harris surgiu à mesa do pequeno-almoço com um ar preocupado, que o marido notou e sobre o qual perguntou.

— Eu digo-lhe — respondeu ela. — Lembra-se de Mrs. Stevens, a costureira a quem eu costumava confiar a roupa simples? Pois bem, da última vez que cá veio notei que tinha dificuldade em respirar e, receando que tivesse apanhado uma forte constipação, paguei-lhe e aconselhei-a a ir para casa tratar-se. Foi na altura em que o Freddie estava tão mal, e, na minha ansiedade por ele, esqueci-me da pobre mulher; até que, há cerca de seis semanas, mandei

chamá-la e soube, pela primeira vez, da sua morte no hospital, ocorrida no inverno passado.

— Perguntei-me o que teria sido feito do seu pequeno, mas supus que alguém conhecido da mãe o teria acolhido. Lembra-se de como o nosso Freddie simpatizava com o menino, e de como insistia para lhe mostrar brinquedos e dar-lhe bolo sempre que a mãe o trazia consigo?

— Pois, nas últimas três noites, tenho visto a Mrs. Stevens tão claramente como alguma vez a vi em vida, mas com uma expressão de aflição que nunca lhe conheci. Na noite passada, o nosso Freddie estava com ela e ouvi-o dizer: "Oh, mamã, o Georgie dela está com problemas, não é bem tratado, é infeliz, e isso também a entristece. Eu gosto do Georgie, e quero que o encontres e o faças feliz, como eu sou feliz neste lindo mundo."

— Pronto — concluiu a senhora —, contei-lhe o meu sonho. Prometi ao Freddie que faria o que pudesse pelo pequeno Stevens; mas não sei onde ele está. Contudo, tenho a certeza de que recebi uma visita dos mortos, e sinto que devo cumprir a minha promessa.

Este episódio convenceu Mr. Harris de que a sanidade da esposa dependia de a afastar imediatamente de casa; e tão apressados foram os preparativos que, ao fim de outra semana, já estavam de partida para a longa viagem.

Não nos propomos a descrever em pormenor a viagem nem o acolhimento na casa da irmã. As expectativas de Mr. Harris pareciam concretizar-se: a excitação da viagem, a mudança de ares e de ambiente exerciam efeito benéfico na esposa; o extremo abatimento, antes tão frequente, desapareceu; o passo tornou-se firme, o olhar mais límpido, a voz mais alegre. O apetite melhorou, a nova vida enchia-a de interesse e, para satisfação do marido, já não se falava em visões noturnas ou espíritos visitantes.

Era uma bela manhã de verão quando Mrs. Harris surpreendeu o marido exclamando:

— Recebi outra visita da Mrs. Stevens esta noite, que me disse: "Lembra-te da tua promessa; o meu filho está em apuros; será trazido até ti antes de vinte e quatro horas; confio-te que cuides dele." E, quando ela desapareceu, veio o nosso Freddie, tão belo que quase gritei de vontade de o abraçar, e disse: "Querida mamã, venho assim porque te amo, e quero que vejas como sou feliz no mundo espiritual. Amo-te a ti e ao papá, mas não quero voltar para viver aqui. Virás ter comigo um dia; mas quero que tenhas aqui um menino para amares e cuidares, e traremos o Georgie Stevens. O homem cruel bate-lhe e insulta-o; tu e o papá devem amá-lo e ensiná-lo sobre Deus e os anjos; ele será o vosso presente."

A senhora calou-se e o marido ficou a fitá-la em silêncio. A doçura e solenidade das suas palavras impressionaram-no profundamente, mas um medo terrível de que a esposa enlouquecera encheu-lhe a alma de uma dor muda.

O CUMPRIMENTO DOS ESTRANHOS SONHOS

Nessa mesma noite, Mrs. Webster aguardava ansiosa pelo regresso do marido da cidade distante. Ele tardava, e receios inquietantes perturbavam-lhe a mente. Mr. e Mrs. Harris tinham-se recolhido, mas não para descansar; ambos estavam perturbados — ela, pela visão da noite anterior; ele, pelo estado da esposa.

Já perto da meia-noite, Mr. Webster chegou finalmente, trazendo um fardo — o corpo inconsciente de uma criança que encontrara à beira da estrada. O barulho da chegada despertou Mr. Harris, que decidiu investigar. Qual não foi a sua surpresa ao ver o cunhado com um pequeno, de cerca de nove anos, cujo rosto queimado do sol lhe parecia estranhamente familiar. Movida por um pressentimento, Mrs. Harris, envolvendo-se num xale leve, desceu também para saber o motivo do atraso.

Mal pousou os olhos no rosto da criança — que fora levada para um quarto e colocada sobre um leito, onde Mrs. Webster a assistia —, avançou exclamando:

— É, é o Georgie Stevens!

Num instante, o marido estava ao seu lado e, ao contemplar o pequeno, também ele reconheceu naquele o menino que vira mais de uma vez em sua casa, e que sabia ser filho de uma pobre mas digna mulher, outrora empregada como costureira pela esposa. Um silêncio surpreendido caiu sobre todos, pois cada um conhecia os “estranhos sonhos” de Mrs. Harris; e, à medida que a quietude se adensava, uma luz peculiar brilhou sobre o rosto febril da criança, formando-se em letras e depois em palavras, até que se podia ler: **“Dom de Deus e dos Anjos”**; e, lida a frase, lentamente se desvaneceu.

Quando a febre amainou e o pequeno Georgie recuperou a consciência, deu por si a ser cuidado por amigos afetuosos, que tinham aceitado a sua responsabilidade com respeito e alegria; e, quando se tornou capaz de relatar a história da sua vida miserável no Oeste, sob as perseguições do seu cruel patrão, confirmou-se o que os espíritos haviam dito à Sra. Harris. Pouco depois, a criança estava em condições de viajar e foi levada pelo Sr. e pela Sra. Harris para a sua casa no Leste; pois estas boas pessoas tinham decidido adotá-lo e educá-lo como filho.

Através destes acontecimentos, o Sr. Harris procurou investigar o Espiritismo, o que fez para sua satisfação, recebendo provas abundantes da sua veracidade. A sua esposa continuava a ter “visões” e a comunicar com os espíritos, e a sua alma estava feliz e em paz.

O pequeno Georgie, agora já um jovem com perspetivas de deixar a sua marca no mundo, nunca mais viu a sua própria mãe desde a noite em que seguiu o seu espírito para longe da casa do seu torturador; mas regozija-se ao receber notícias da sua vigilante proteção, transmitidas pelos lábios da sua querida segunda mãe, a Sra. Harris, que frequentemente mantém comunhão com o seu espírito no silêncio da meia-noite.

CAPÍTULO X
A MISSÃO DE LUCY AIKEN

Ao relatar-lhe estes incidentes como ilustração da obra do espírito e da sua influência sobre os mortais, não se deve supor que sejam fictícios — a verdade é sempre mais estranha do que a ficção; e os acontecimentos que diariamente ocorrem na vida dos seres humanos são mais maravilhosos, mais significativos, nas suas implicações para a missão e destino de cada indivíduo, do que qualquer narrativa que um romancista possa conceber; pois, na realidade, aquele que tece a sua trama de ficção, repleta de cenas e incidentes surpreendentes para deleitar os leitores, encontra o fundamento do que há de mais real, surpreendente e belo no romance nos acontecimentos do dia a dia da vida real.

Vamos, pois, relatar mais um exemplo do empenho, da profundidade de sentimento, da intensidade de poder e da perseverante paciência demonstrados pelos espíritos no cumprimento da obra que lhes cabe realizar em benefício dos mortais.

Um terrível acidente tinha ocorrido numa das vossas grandes cidades. A explosão de uma caldeira de fábrica espalhara destruição em redor; mas o resultado mais triste da catástrofe podia ver-se num quarto de um prédio de rendimento, não muito distante. Um homem, outrora forte e ativo, mas agora reduzido a mero esqueleto, passava as horas respirando com dificuldade, mergulhado em miséria e dor.

A sua espinha dorsal ficara gravemente lesada com os efeitos da explosão, tornando-o um inválido indefeso e sem esperança, mas sem lhe causar, misericordiosamente, uma lesão fatal. Ah, não! Condenado a viver na agonia e na dor, privado de forças, via os dias sucederem-se sem trazer alívio algum à sua alma, salvo a presença alegre, de manhã e à noite, da sua jovem filha de rosto sorridente, que, com o seu frágil corpo, era a única barreira entre ele e a fome.

Essa jovem, com dezasseis anos, trabalhava numa fiação de algodão, onde, desde manhã até à noite, labutava pelo pequeno ordenado de quatro dólares por semana, com o qual tinha de comprar comida para si e para o pai, pagar a renda da humilde casa e adquirir medicamentos para o inválido. Depois disso,

nada parecia sobrar para o vestuário, e, no entanto, Katy estava sempre asseada, vestindo roupas simples mas limpas, confecionadas por ela mesma.

O tempo passou, e a nossa alegre jovem começou a definhar e a ceder sob o peso das responsabilidades que lhe haviam sido impostas. A saúde fraquejou, as forças esgotaram-se e, por fim, surgiu uma tosse aflitiva, que o médico do dispensário, que tratava o pai, declarou ser o prenúncio de uma tuberculose incipiente. Parecia inevitável que tivesse de abandonar o trabalho na fábrica; mas, se assim fosse, que seria do seu pai inválido e dela própria? Ah, quem poderia dizer!

AUXILIADORES INVISÍVEIS

Era este o estado em que se encontravam os protagonistas da nossa história no seu início. Katy mantinha-se no posto, apesar da dor e do cansaço, e apesar das advertências do médico e de outras pessoas; e constatou-se que conseguia produzir tanto trabalho, e com a mesma qualidade, que os mais fortes e competentes da fábrica. A razão desta resistência numa rapariga frágil, cujo respirar era já penoso, era um mistério para todos… mas não para os anjos.

Eram eles que lhe davam, dia após dia, a força para cumprir as suas tarefas com agrado de todos; eram eles que magnetizavam o seu corpo fatigado, noite após noite, travando o avanço da doença, ainda que não pudessem livrá-la do sofrimento.

Os mais humildes filhos de Deus têm amigos e acompanhantes espirituais, tal como os mais elevados e grandiosos; espíritos que vigiam, guiam e dirigem aqueles que lhes estão confiados acompanham tanto os pobres e humildes como os ricos e poderosos; ninguém é abandonado, ninguém é esquecido, todos são cuidados e abençoados pelas ministrações angélicas.

No caso de Katy, era a sua mãe espiritual que lhe trazia força e energia, auxiliada por sábios e bons médicos magnéticos da vida espiritual, que amavam beneficiar os necessitados e suavizar o sofrimento. E o pai, no seu leito de dor, podia ver a filha a cuidar dele, a suprir-lhe as necessidades, e a assistir-lhe de todas as formas possíveis. Certamente uma visão que alegraria os anjos, que se deleitam ao testemunhar boas ações e nobres gestos praticados em favor do próximo.

OS ESFORÇOS DE UM ESPÍRITO PARA CHEGAR AO PAI

O pai de Katy sofreu o desastre que o deixaria incapacitado para toda a vida numa fábrica — ou melhor, num moinho — pertencente a uma corporação, cujo presidente, homem severo e autoritário, perdera, apenas uns anos antes, a sua bela e única filha de catorze anos. Este espírito maravilhoso tentara, durante muito tempo, influenciar o pai para o convencer da sua existência continuada, mas tudo em vão, até que agora passara a dedicar-se às necessidades e

privações dos humildes e sofredores, entregando-se de corpo e alma ao trabalho de aliviar o seu sofrimento. Durante dez semanas após o acidente, a corporação de que falamos suportou as despesas do homem ferido; mas, terminado esse período, cessou toda a ajuda, e, como já dissemos, a única fonte de sustento para o inválido e para a filha eram os escassos ganhos de Katy.

Lucy, a filha espiritual do rico proprietário do moinho, tomou conhecimento destes factos e, sentindo-se fortemente atraída por Katy, procurou, por todos os meios ao seu alcance, aliviar-lhe os fardos. Redobrou então os seus esforços para alcançar e influenciar o pai, pois sentia que algo precisava de ser feito para ajudar a jovem operária e o homem sofredor. Até ao momento, os seus esforços não tinham tido êxito; mas persistia sem cessar, pois sabia que a sua missão era penetrar a crosta de mundanismo que se formara em torno do espírito do pai e elevá-lo para uma vida mais alta e melhor.

O tempo passou. Apesar de tudo o que os espíritos assistentes podiam fazer, Katy estava claramente a sucumbir sob o peso do trabalho extenuante que lhe era imposto; o corpo não podia resistir à tensão a que era submetido. Um dia, desmaiou no trabalho, e só ao fim de uma hora voltou a si, graças aos esforços das companheiras assustadas que se juntaram à sua volta; fraca e pálida, foi levada para casa, ficando sob os cuidados do médico que tratava do seu pai. Foi um período de dura provação para aquela pequena família; mas, embora eles o ignorassem, ajudantes espirituais trabalhavam a seu favor.

Duas semanas se tinham passado desde que Katy deixara o trabalho no moinho. O Sr. Aiken, o presidente, encontrava-se no escritório enquanto as operárias passavam para receber o salário semanal. Observou atentamente cada rosto na pequena abertura até que a última rapariga desapareceu, e então perguntou ao guarda-livros por “a rapariga de Morrow”, cujo comportamento sempre alegre, modesto e sorridente lhe chamara muitas vezes a atenção. Disseram-lhe que ela deixara o moinho por motivos de saúde, e o assunto ficou, por então, encerrado. Mas os espíritos — em especial a doce Lucy Aiken e a preocupada Sra. Morrow — estavam decididos a amolecer o coração endurecido daquele distinto homem de posses, e continuavam firmes na sua obra.

As semanas tornaram-se meses, e o Sr. Morrow continuava no seu leito de dor, enquanto Katy permanecia sentada junto à janela, esforçando-se por executar um trabalho de costura que uma companheira de fábrica lhe arranjara, e que insistia em fazer, apesar das advertências do médico nas suas visitas.

O ÚLTIMO TOSTÃO E O ÚLTIMO APELO

Muitas vezes o trabalho caía das mãos trémulas da jovem doente, quando o corpo era sacudido pela tosse espasmódica que a assolava, até que, por fim, também este trabalho teve de ser abandonado, ficando ela totalmente sem ocupação. Pouco tempo levou para que cada tostão da pequena reserva, arduamente ganha e cuidadosamente guardada, se esgotasse, e o frio e a fome se instalassem naquele lar. Foi então que o médico do dispensário, Dr. Jones, decidiu falar com o Sr. Aiken em nome dos seus pacientes.

Encontrou o Sr. Aiken sozinho no escritório e expôs de imediato o motivo da sua visita. O bondoso médico relatou a queda na fortuna e a miséria presente do Sr. Morrow e da sua corajosa filha Katy ao homem de olhar severo, que escutou em silêncio. Terminada a narrativa, e após um momento de espera sem que o milionário dissesse palavra, o médico prosseguiu:
— E, assim, Sr. Aiken, venho saber o que poderá fazer por este homem que sofreu a lesão que o tornou um inválido absoluto enquanto estava ao seu serviço.

— Não vejo que tenha obrigação de fazer coisa alguma — respondeu o homem abastado —; a regra da corporação é pagar todas as despesas de um empregado ferido durante dez semanas após o acidente. Essa regra foi cumprida no caso do Sr. Morrow, creio eu.

— Mas, Sr. Aiken — interrompeu o Dr. Jones —, considere por um instante as circunstâncias particulares deste caso, e estou certo de que o seu sentido de justiça o levará a fazer mais alguma coisa por este infeliz. Era um trabalhador constante, fiel e consciencioso, sempre no seu posto, cumprindo o dever com prontidão e diligência. Sem culpa sua, deu-se uma explosão que o privou do uso dos membros, tornando-o inválido para toda a vida. É verdade que a corporação suportou as despesas por algum tempo, mas a saúde não lhe voltou e, quando cessou esse apoio, a sua filha — jovem, enfermeira, companheira e dona de casa numa só pessoa — entrou na fábrica e trabalhou de manhã à noite até que também a sua saúde cedeu, ficando quase inválida. Eu sinto...

A INFLUÊNCIA DO ESPÍRITO COMEÇA A MANIFESTAR-SE

— Basta, doutor, chega — interrompeu o rico —; não posso ouvi-lo mais, tenho um compromisso dentro de cinco minutos. Aqui tem dez dólares; entregue-os ao Sr. Morrow e, talvez — não é certo, note bem, mas talvez — eu passe por lá antes de muitos dias.

O médico aceitou o dinheiro e retirou-se com um suspiro, pensando: “É bem verdade que as corporações não têm alma, e parece-me que os indivíduos que as compõem têm muito pouca. Esta quantia irrisória dará para sustentar os meus pacientes apenas por alguns dias; terei de procurar auxílio noutro lado.

Voltarei a pedir a sua admissão no hospital antes de o dinheiro acabar; terão de ser separados, mas não haverá alternativa.” E assim, imerso nestes pensamentos, seguiu o seu caminho.

Doce e terna Lucy Aiken! Espírito suave e benigno, trabalhando para iluminar o pai, esforçando-se por elevar a alma de um ente querido acima do egoísmo dos interesses mundanos e da vaidade pessoal! Não pensava deixar o assunto por aqui; ficou junto do pai, enchendo-lhe a mente com pensamentos sobre a família sofredora e necessitada cujas circunstâncias lhe tinham sido expostas nesse mesmo dia pelo Dr. Jones, levando-o a voltar-se, em espírito, muitas vezes para aquele humilde lar, até que, por fim, murmurando “para me ver livre disto”, o Sr. Aiken mandou aprontar a carruagem e dirigiu-se ao bairro pobre onde ficava a casa de Morrow.

O homem ferido jazia no leito, em plena crise de dor, quando o comerciante entrou. Ao seu lado, reclinada numa cadeira, estava a filha Katy, tão pálida, magra e abatida que mais parecia um espectro prestes a dissipar-se ao toque do que um ser humano. O Sr. Aiken estremeceu com a cena — os doentes, a extrema penúria e, ainda assim, a limpeza daquele lar humilde diziam-lhe mais do que cem sermões sobre os pobres. E, coisa estranha, ao interrogar a jovem pálida sobre a sua condição e a do pai, o lábio inferior do abastado visitante chegou mesmo a tremer de emoção.

A PRESENÇA DA FILHA-ESPÍRITO

Ah, este era um lugar onde os espíritos podiam reunir-se e realizar a sua obra, e Lucy Aiken aproximou-se tanto de Katy Morrow, naquela ocasião, que a sua presença chegou a ensombrar os traços da inválida, imprimindo-lhes a sua expressão e influência, de tal modo que o rosto da jovem mortal assumiu uma semelhança impressionante com os bem recordados traços do espírito — a querida e amada filha do Sr. Aiken. Foi esta visão que emocionou o visitante, fazendo-lhe turvar os olhos com lágrimas não vertidas.

Naquele encontro com os inválidos — o Sr. Morrow e a sua filha Kate — o orgulhoso coração do Sr. Aiken amoleceu como nunca antes; o tempo, o lugar e as circunstâncias exerceram sobre ele uma influência estranha, para a qual não encontrava explicação, e saiu prometendo enviar auxílio e também voltar, promessas essas que cumpriu fielmente. Uma enfermeira robusta e competente foi contratada para cuidar dos doentes, e foram feitos arranjos com os proprietários de várias lojas para fornecerem à família tudo o que necessitasse, sem restrições nem perguntas.

O Sr. Aiken descobriu que não conseguia ficar muito tempo afastado daquela humilde morada; era visto, repetidas vezes, na casa do Sr. Morrow, inquirindo o homem enfermo sobre a sua moléstia, conversando com a filha inválida sobre as suas aflições, ou dirigindo palavras de ânimo a ambos. A cada visita, a semelhança entre Katy Morrow e a filha adorada que perdera acentuava-se.

Ah, pouco sabia ele que era a presença da sua filha-anjinho que causava aquela semelhança maravilhosa, e que, a cada visita do pai, o espírito ganhava poder para aproximar-se mais e mais dele; ou, sequer, que era a própria Lucy Aiken, querida e terna, quem, dia após dia, lhe insuflava o desejo de visitar aquelas pessoas humildes, mas dignas.

RESULTADOS FELIZES DOS ESFORÇOS ESPIRITUAIS.

Passado pouco tempo, sob o tratamento generoso e os cuidados bondosos que lhes eram prestados, ambos os inválidos começaram a mostrar sinais de melhoria, e logo o bom Dr. Jones — que continuava a visitá-los e que encarava, com silenciosa mas aprovada admiração, as visitas e a ajuda do orgulhoso capitalista — declarou que, com a chegada da primavera, seria aconselhável levá-los para algum lugar no campo, onde pudessem gozar do ar fresco e da luz suave do sol. O Sr. Aiken encarregou-se de providenciar tal local.

A poucos quilómetros da grande cidade havia uma aldeia tranquila e aprazível, onde as flores desabrochavam e as aves entoavam melodias alegres durante todo o dourado verão. Era um recanto encantador, onde a Natureza se revestia das suas vestes mais belas e frescas, para encantar o olhar e deleitar os sentidos dos viajantes cansados que ali se demoravam, buscando força e repouso para o corpo e para o espírito. Foi neste local ameno que o Sr. Aiken, homem de fortuna, tinha a sua residência de verão; e foi aí que decidiu encontrar uma morada para o Sr. Morrow e a sua filha.

A esta altura, o Sr. Aiken já tinha despertado o interesse e a simpatia da esposa para o caso dos inválidos, e foi sobretudo graças aos esforços dela que se conseguiu, para eles, um bonito chalé situado numa vereda tranquila, parcialmente sombreado pelos ramos de um magnífico olmo antigo.

Em devido tempo, os nossos amigos foram transferidos para este refúgio agradável, e parecia, de facto, que a mudança estava destinada a operar uma cura maravilhosa na condição de ambos, tão rapidamente ganhavam forças no ambiente benigno em que agora viviam. Pouco depois, porém, percebeu-se que os dias do Sr. Morrow, no corpo físico, estavam contados. O problema na coluna, de que padecia, agravara-se de forma intensa, e tudo o que se podia fazer era aliviar-lhe o sofrimento com tratamento habilidoso e cuidados atentos. Tudo o que a bondade podia oferecer foi feito.

O Sr. Aiken e a esposa, que haviam criado um grande afeto por Katy Morrow, não pouparam esforços para tornar os últimos dias dele pacíficos e felizes; e, quando os seus olhos mortais se fecharam para as cenas da vida terrena, no final de agosto, fê-lo com a certeza de que amigos dedicados e corações fiéis cuidariam da filha órfã que deixava.

Entretanto, a Srta. Katy recuperava, lenta mas seguramente, a saúde e a força, iluminada pela nova vida que lhe surgira. Cuidadosamente tratada pelo médico e pela criada, reconduzida à saúde pela terna simpatia da Sra. Aiken e pela atenção generosa do comerciante, as rosas voltaram a despontar-lhe nas faces, e a sua figura e traços ganharam nova plenitude e vigor, até que, por fim, o Dr. Jones declarou que já não era uma inválida e que a inscreveria novamente entre os nomes dos sãos e robustos da terra.

Todos os dias, o espírito de Lucy Aiken visitava Katy Morrow, que escolhera como médium, e, através dela, conseguia comunicar-se espiritualmente com os seus pais amados, embora estes ainda não suspeitassem de tal coisa. Já então, o doce espírito tinha realizado uma obra maravilhosa: pela influência que exercera sobre o pai, fortalecera-lhe a parte mais elevada da natureza e dera-lhe poder para elevar-se acima do pântano de mundanismo, egoísmo e fria indiferença pelos outros, em que se afundara por tanto tempo; adoçara e enternecera-lhe o espírito, levando-o a florescer em atos de bondade e até de delicadeza, a ponto de Katy Morrow se declarar, em tom contrito, ao seu amigo Dr. Jones, arrependida de “alguma vez se ter atrevido a pensar no querido e bondoso Sr. Aiken como insensível e duro de coração.”

Quanto ao bom médico, vivia assombrado e admirado com a mudança inexplicável operada no temperamento do rico comerciante; mas cuidava de não manifestar tal opinião diante de outros, pois sentia que havia ali algo que não podia compreender.

E não era esta a única obra realizada pelo doce espírito. Até então, a Sra. Aiken fora uma criatura agitada, nervosa e facilmente excitável — alguém que, muitas vezes, declarava que ninguém a entendia desde a morte da sua querida Lucy, e que, não raras vezes, tornara o marido infeliz com as suas queixas melancólicas. Mas, desde que entrara em contacto com Kate Morrow e o seu pai inválido, e testemunhara a sua paciente resistência e fortaleza perante o sofrimento, bem como sentira a influência que os espíritos reunidos naquele lar humilde exerciam sobre si, esta senhora infeliz parecia uma nova criatura.

Tornara-se calma e serena e, no cuidado e solicitude pelos outros, esquecia-se de si própria e das suas muitas aflições. Assim se expandiu a obra do espírito, até abranger aqueles dois humanos no seu abraço amoroso; marido e mulher pareciam compreender-se de novo. Nesses dias, cresceram juntos e, das conversas sobre os humildes amigos, passaram a aconselhar-se mutuamente nos assuntos domésticos, até que, por fim, pareciam voltar a ser um só, em perfeita harmonia de pensamento e intenção.

Ficara decidido que, após a morte do Sr. Morrow, a sua filha Kate entraria para a casa da Sra. Aiken como companheira e dama particular, decisão esta que agradava a todas as partes e que encheu a mente do moribundo de serenidade quando soube.

AS VISITAS ANGÉLICAS NÃO FORAM POUCAS NEM DISTANTES

Três dias haviam passado desde a morte do corpo exausto, que acabara de ser confiado ao seio da mãe-terra, para ali repousar para sempre. Katy Morrow e os seus amigos, o Sr. e a Sra. Aiken, encontravam-se sentados na sua sala particular. A jovem parecia pálida e exausta pelos abalos dos últimos dias. A Sra. Aiken pensava em aconselhá-la a recolher-se para descansar, e olhava para ela com esse intuito, quando se assustou ao ver uma transformação tomar-lhe o rosto.

Ao princípio, julgou que Kate tinha desmaiado; mas logo percebeu que não era assim. O semblante transfigurou-se, iluminado por uma luz sobrenatural, assumindo o molde e a expressão de um rosto masculino. Lentamente, os traços tornaram-se nítidos e inconfundíveis: era o rosto bem conhecido do Sr. Morrow, cujas feições mortais haviam sido, apenas horas antes, cobertas e afastadas da vista.

Os lábios moveram-se, e o Sr. Aiken — que, advertido pelos gestos assustados da esposa, se aproximara — conseguiu ouvir estas palavras: “Venho dizer-vos que sou feliz; toda a dor se foi; digam à Kate que estou agora com a mãe dela; trazemos o nosso amor, a nossa bênção; cuidaremos dela; abençoamo-los a todos.”

Num instante, a cena mudou; os traços da jovem adormecida voltaram ao seu aspeto natural, mas apenas por um momento. Antes que os espantados assistentes pudessem proferir palavra, viram algo que lhes eletrizou as almas e — logo que o puderam compreender — os encheu de júbilo profundo: era o rosto bem lembrado da sua querida Lucy, que haviam chorado como perdida para sempre, fitando-os com uma expressão de amor e paz angélicos.

Pouco depois, o espírito ganhou força para falar aos pais, assegurando-lhes a sua presença junto deles desde o dia da sua morte física, os seus esforços para se anunciar, descrevendo cenas no mundo espiritual e falando-lhes da sua morada de luz. Assim continuou, até que as sombras de dúvida, perplexidade e incredulidade desapareceram do rosto do pai e o terror se desvaneceu do coração da mãe; então, com uma carícia terna a ambos, despediu-se.

Pode imaginar-se a felicidade que invadiu aquele lar com esta revelação de vida e amor vindos de além-túmulo. As palavras são insuficientes para exprimir a alegria sentida; é preciso vivê-la para compreendê-la plenamente.

Pouco tempo depois, tornou-se quase um acontecimento diário Kate Morrow ser controlada por algum espírito querido, dos lábios do qual os Aiken recebiam muitas lições úteis. A sua filha adorada pôde explicar o passado e os esforços feitos para os alcançar. Não só este espírito luminoso, e o Sr. e a Sra. Morrow,

traziam mensagens de amor e conselho, como outros entes queridos também manifestavam a sua presença, até que parecia que as portas do céu se tinham realmente aberto e os anjos entravam em multidão.

Não havia, em parte alguma, um lar mais feliz do que o dos Aiken. Das experiências passadas tinham aprendido muitas lições. Como benfeitores dos necessitados e sofredores, eram amplamente conhecidos, pois alegravam-se em empregar a sua riqueza para o bem, sob a orientação dos amigos angélicos; enquanto Katy Morrow era vista por todos como a filha favorecida de um casal amável e feliz.

CAPÍTULO XI

EXPERIÊNCIAS NA VIDA ESPIRITUAL

Nas minhas investigações sobre o modo e a forma de viver para além dos portais da terra, e no meu desejo de adquirir conhecimento das coisas espirituais, visitei muitos lugares, assisti a diversas cenas — algumas estranhas, outras familiares — e entrevistei vários espíritos sobre as suas próprias experiências. Uma parte da informação assim adquirida proponho-me transcrever para os meus leitores.

Não creio que o mortal — mesmo o Espiritualista instruído e esclarecido — compreenda plenamente que, à sua volta, vivem espíritos; que a própria atmosfera que o envolve está povoada por seres humanos, conscientes e individualizados, cada um dedicado ao seu próprio trabalho, propósito ou missão, seja ela boa ou má. Embora isto seja verdade, também é certo que o mundo espiritual tem as suas localidades, as suas moradas distintas das vossas, a sua paisagem natural e os seus locais de interesse; a sua vida é tão real quanto a vossa, e os seus habitantes passam por muitas e variadas experiências, tal como os habitantes da esfera terrena.

AS VÁRIAS CLASSES DE ESPÍRITOS PRÓXIMOS DA TERRA

De passagem, direi apenas que esses seres que povoam o mundo à vossa volta, que habitam lares terrenos e desenvolvem uma atividade ligada à vida material, não são todos atraídos a esta localidade pelas mesmas condições. Alguns estão presos à vida física devido à grosseria da sua natureza inferior; a sua alegria está em perseguir prazeres carnais; não têm desejo de se elevar acima das condições da matéria.

Uma parte dos espíritos que aqui permanecem é retida pelo afeto egoísta dos seus amigos mortais, que a eles se agarram — ainda que apenas na memória — com uma dor e um desespero apaixonados, que não lhes permitem elevar-se acima da esfera terrena; e, por algum tempo, tais espíritos permanecem em contacto com a vida material, porque ainda não têm poder para se libertar das

suas condições. Outros encontram aqui o seu trabalho e passam grande parte da sua existência ligados ao físico, fazendo o bem, atendendo às necessidades espirituais e esforçando-se por aliviar as carências e as dores físicas da humanidade sofredora.

E assim, tendes um mundo dentro de outro mundo, e uma vida dupla a pulsar, onde só percebeis as manifestações do exterior; e aqueles cujas aspirações são puras, cujo desejo é serem úteis no mundo, que se esforçam por fazer o bem, atraem para si os bons espíritos; eles vêm para ganhar força magnética das vossas vidas, o que lhes permite resistir ao atrito das condições materiais enquanto prosseguem os seus trabalhos pelos outros e, ao mesmo tempo, infundem uma bênção de paz nas vossas almas. Muitas vezes, hospedais, sem o saber, hóspedes puros e silenciosos, que vos observam com os seus olhos santos e vos leem o coração com infalível precisão.

E aqueles cujos objetivos são puramente pessoais e egoístas, cujos motivos são impuros e indignos, que não cultivam a caridade nem o sentimento de benevolência para com os outros, atraem para os seus lares espíritos pouco desenvolvidos e pouco fiáveis; estes vêm drenando-vos a força vital e espiritual, deixando-vos assim desarmados para as batalhas da vida. Semearão a discórdia nos vossos corações, e a sua presença é uma maldição para todos.

Onde imperam a desarmonia, a falta de simpatia e a desconfiança nas famílias, esses espíritos egoístas e maliciosos deleitam-se em acorrer, apinhando-se para aumentar a infelicidade no lar do conflito, ao mesmo tempo que alimentam a sua própria disposição para viver uma vida sensual. Por isso, cabe a cada habitante da Terra examinar bem a vida pessoal que leva, pois é do caráter desta que depende não só a sua própria felicidade, mas também o bem-estar de muitos outros.

O PODER E A EXTENSÃO DA INFLUÊNCIA PESSOAL

Estas coisas de que falo aprendi-as através das minhas experiências com os espíritos, e abriram-me um vasto campo de investigação sobre a influência que exercemos uns sobre os outros, como indivíduos, quer encarnados quer desencarnados — um campo que ainda está por ser explorado a fundo pelo espírito investigador do homem; e, quando os seus problemas forem resolvidos e as suas questões corretamente respondidas, creio que compreenderemos muitos mistérios que atualmente intrigam a humanidade, e perceberemos mais plenamente as condições que nos cercam e nos pressionam.

E, assim, e a partir destas experiências, aprenderemos a regular de tal forma as nossas vidas individuais que apenas as melhores influências emanem delas, e apenas os mais elevados resultados fluam do seu seio.

Tem-me interessado observar as vidas conduzidas pelos espíritos no corpo; pois, quando me aproximo intimamente de um mortal, consigo contemplar o labor interior do espírito nele e saber se a sua tendência é ascendente ou descendente; pois a vida é contínua em toda a parte, e o que são os seus ambientes e condições para o mortal, assim o são, da mesma natureza, para o espírito — separado do corpo — diferindo apenas em grau, sendo talvez as do espírito liberto menos limitadas, intolerantes e arbitrárias.

E, assim, os espíritos começam as suas experiências vitais no corpo e, através delas, projetam-se na liberdade maior, nas realidades mais amplas e na vasta expansão do mundo imortal. Estas verdades sugerem reflexões à mente estudiosa e ensinam a lição de que vós, mortais, sois filhos de Deus já agora — os Seus espíritos no presente tanto quanto alguma vez o sereis; e é vosso dever sagrado iluminar, desenvolver e abençoar a vossa vida espiritual no corpo, tanto quanto o será, um dia, quando deixardes o vosso invólucro de barro por outra morada “não feita por mãos humanas.”

BEULAH, UMA MISSIONÁRIA ESPIRITUAL

Quero falar-vos, meus amigos, de um espírito querido e belo, que é missionário de alegria e paz, um verdadeiro anjo ministrante para muitas almas tristes e cansadas — alguém a quem chamarei Beulah, ao referir-me a ela, pois é realmente um ser belo e abençoado. Este espírito viveu em forma mortal até idade avançada, mas há muito partiu para o mundo espiritual, após uma vida terrena de experiências variadas — por vezes iluminada por raios de sol, mas também densamente semeada de lágrimas; pois os problemas, as privações e as tristezas foram frequentemente a sua porção.

Olhar para este ser santificado agora — todo o seu ser iluminado pela luz interior de uma alma pura, os traços, já não marcados pelo desgaste e pela fraqueza da idade, mas resplandecendo com o viço da força e do vigor, revelando apenas a marca de experiência amadurecida e pensamento, radiante de benevolência e bondade — faria com que, a um observador casual, nunca ocorresse que esta mulher tivesse sofrido como poucas são chamadas a sofrer, mesmo nesta esfera terrena; e só o olhar atento e experiente detetaria o sinete da firme resistência e da paciência tranquila que repousava sobre aquele nobre semblante, e compreenderia que tal sinete fora conquistado através do padecimento de dores profundas e severas. Ainda assim, assim era; e é esta expressão calma, doce, quase santa — tal como imaginaríeis que os mártires ostentariam — que confere elevação de caráter aos traços deste ser verdadeiramente espiritual.

Da vida inicial de Beulah nada nos importa aqui; é apenas da sua experiência e obra espirituais que desejamos falar. Quando esta mulher entrou na terra dos espíritos, deposta a urna de carne com as suas fraquezas e cansaços, não se descobriu um ser exausto, carente da força vital da atividade, do fogo da

energia ou da potência da vontade; pois, ao longo de todas as lutas da sua carreira mortal, nunca perdera a fé no poder e na bondade de Deus para fazer surgir luz da escuridão, força da fraqueza, e conhecimento e sabedoria das provas amargas da existência. Nunca vacilou nem caiu exânime pelo caminho, mas antes avançou bravamente, apesar do desastre e das preocupações. Por isso, possuía um espírito corajoso e forte, que colhia poder das tempestades da adversidade, doçura da aflição e conhecimento das lições da vida; e, quando se libertou do corpo inútil de barro, encontrou os seus poderes interiores renovados e reanimados, prontos para se expressarem em trabalho útil pela humanidade.

Foi minha boa fortuna associar-me a esta querida mulher — de facto, foi uma das primeiras a trazer-me força e ânimo no meu recém-descoberto lar espiritual; pois é parente minha, e, quando o meu coração enfraquecia pela saudade da antiga vida terrena com pais e amigos mortais, como por vezes acontecia, eram as suas palavras, o seu ministério terno, corajoso e esperançoso que reanimavam o meu espírito abatido e me levavam a aprender algo sobre o labor útil, ativo e benevolente da sua vida nas esferas.

Nenhuma história de sofrimento é vertida ao seu ouvido sem encontrar uma resposta de simpatia e ânimo que, de imediato, alivia a alma cansada do seu fardo. Que Beulah tenha conhecimento de alguma alma em aflição — e está constantemente a saber de tais casos —, e ela prontamente busca essa criatura sofredora; e, pela influência que a sua presença transmite, consegue elevá-la, fortalecê-la e beneficiá-la.

A BENEVOLÊNCIA ABNEGADA DE BEULAH

Observei com atenção o trabalho desta mulher notável e nunca a vi falhar em transmitir alívio a qualquer sofredor que procurasse ajudar; o seu espírito indomável, mas terno e amoroso, parece desconhecer as palavras “fracasso” ou “derrota.”

Ela quer vencer na sua obra, empenha nela toda a sua alma; para ela é verdadeiramente um trabalho de amor; a sua própria experiência passada encheu-lhe o coração de simpatia e afeto pela humanidade; não despreza ninguém, nem mesmo o mais vil pecador; não hesitaria em descer às profundezas das condições mais sombrias e repugnantes para resgatar um ser humano, mesmo que as suas mãos puras e os seus belos trajes ficassem gravemente maculados por isso; e alcançaria êxito nos seus esforços pela redenção desse ser, pois a sua coragem inabalável, a sua paciência incansável e a sua gentileza constante levá-la-iam a obter vitória sobre todos os inimigos.

Podereis, talvez, formar uma ideia, a partir do que vos digo de Beulah, da utilidade, nobreza e grandeza de vidas como a dela; e vidas como essa são alcançadas por todos os espíritos firmes, perseverantes, pacientes e altruístas. Aqueles que se fortalecem através do sofrimento, tal como o carvalho ganha

força e vigor com os ventos que agitam o seu tronco robusto; aqueles cujos espíritos se tornam mais suaves, doces e maduros, apesar das calamidades que os atingem na sua jornada pela matéria, acabam por se tornar exatamente nesses belos ministros de amor e luz, de alegria e júbilo, tal como esta mulher de quem vos falo hoje.

Conheci ocasiões em que Beulah deixava o seu lar luminoso e feliz no reino supremo e se encerrava em algum lugar escuro, desagradável e miserável, onde um ser humano se arrastava nos antros de maldade, tristeza ou desespero, para fazer incidir sobre esse espírito infeliz os raios magnéticos de luz da sua presença pura e a influência serena e alentadora da sua bela esfera; e também a vi ausentar-se dos seus amigos mais próximos durante meses, tempo em que se dedicava a ministrar aos desgraçados e tristes, caminhando ao seu lado, vivendo entre eles, nunca retirando a sua influência benfazeja até ter conseguido elevar-lhes o espírito acima dos desejos grosseiros da vida carnal ou despertar-lhes emoções de paz e esperança onde antes reinavam apenas o desespero e a dor.

Oh, este único espírito abençoado já realizou um grande bem, à sua maneira humilde. Graças apenas ao seu ministério, centenas de almas florescem agora em alegria e beleza, quando antes estavam mergulhadas na desolação e na dor mais aguda.

A REFORMA DE ESPÍRITOS NAS ESFERAS INFERIORES

É verdade que centenas de espíritos mal-intencionados, ignorantes, rudes e não desenvolvidos deixam o corpo todos os anos, e é igualmente verdade que a maioria desses infelizes permanece por muito tempo na condição sombria criada pelos efeitos da sua vida terrena; mas, sendo assim, é doce saber e compreender que almas boas e nobres, espíritos esclarecidos e desenvolvidos, fazem esforços grandiosos e incansáveis para elevar, fortalecer e educar aqueles que chegam ao mundo eterno curvados pela fraqueza moral e pela enfermidade espiritual.

Estes esforços em prol dos outros não são inúteis — pelo contrário, são grandemente bem-sucedidos; e, embora recebamos constantemente novos contingentes de tais pobres desafortunados no mundo espiritual, necessitados do ministério de mestres e ajudantes puros e bons, encontramo-nos também, com igual frequência, com outros espíritos anteriormente mal-intencionados que despertam para as exigências do seu ser, para a necessidade de se esforçarem por se elevar acima da escuridão e da lama das condições más, e para o desejo de uma vida mais santa e melhor; e alegra-me poder relatar-vos esta grande verdade.

Diariamente, os anjos da bondade são chamados a regozijar-se por muitos pecadores que, arrependendo-se das suas faltas, se determinam a tornar-se membros dignos da humanidade. Portanto, embora amplamente povoadas por

seres humanos não desenvolvidos e impuros, até as esferas mais baixas do mundo espiritual são esferas de progresso, nas quais existem meios e oportunidades — isto é, condições — para o crescimento dos seus habitantes; condições essas que são aproveitadas logo que as mentes entorpecidas que aí se encontram são suficientemente despertadas, sob a luz estimulante e sustentadora lançada sobre elas por ministros altruístas de bondade útil, para se tornarem conscientes da sua verdadeira posição e da degradação que esta implica para uma alma humana.

EXEMPLO ILUSTRATIVO DA REFORMA DE UM ESPÍRITO

Há algum tempo — há anos, segundo a medida dos mortais — chegou ao mundo espiritual um indivíduo em estado deplorável e lastimoso. Fora um desses infelizes criados na iniquidade; dir-se-ia quase que a doutrina da depravação total se demonstrava no seu caso. A sua alma estava manchada de crimes em vários graus e, por fim, a sua carreira terrena terminou no cadafalso, em expiação pela vida de uma pequena criança inocente que destruíra sem piedade.

Ser-me-ia impossível descrever-vos as torturas de miséria por que este espírito passou; tais sofrimentos só posso conceber tenuemente; devem, sem dúvida, ser experimentados para serem compreendidos. Mas disto estou certa: os tormentos de um lago de fogo e enxofre literal seriam agradáveis em comparação. A princípio, parecia mergulhado num abismo de apatia, de miséria sórdida e estúpida impotência, do qual só ocasionalmente despertava para amaldiçoar a humanidade e lançar uma influência vingativa e diabólica que, pela intensidade do seu poder — dirigida pela vontade positiva deste homem malévolo contra aqueles que o acusaram e condenaram à sua presente condição — voava como uma bola de fogo, levando destruição no coração, contra a paz de espírito, a felicidade e a prosperidade de mais de um que testemunhara contra ele.

Tornou-se missão de Beulah operar sobre a mente desta criatura terrível, e ela empreendeu a tarefa sem vacilar. Durante muito tempo pareceu insensível às suas ministrações, alheio à sua presença e influência; mas ela não hesitou nem se cansou da obra. Finalmente, o magnetismo da sua presença começou a ser sentido, despertando-o da sua terrível condição; começou a perceber, vagamente, que um ser luminoso e belo estava junto dele. Isso tendeu a assustá-lo, e ele tentou afastar-se; mas foi em vão.

Tentou proferir um juramento, mas descobriu-se incapaz de o fazer. Havia sobre ele uma influência que não compreendia; parecia que uma luz irrompia sobre ele e, debalde, tentava ocultar-se dela. Uma luz iluminadora, que irradiava de Beulah e que todos os espíritos puros e elevados possuem, começara, enfim, a penetrar nas trevas da alma deste homem; todo-poderosa na sua ação, parecia expor cada recanto do seu ser, e ele recuava diante

dessa revelação. Não podia esconder-se na escuridão, pois toda a sombra se dissipara; nada restava senão aquela, para ele, terrível luz que lhe mostrava a vida passada em toda a sua deformidade. Esta era a punição mais atroz, e ele contorcia-se em tormento.

À luz clara do magnetismo de Beulah, contemplou o doce rosto da pequena que destruíra fisicamente, fitando-o com olhos compassivos e gentis. A visão sobrepujou-o, tentou afastá-la, mas não conseguiu; ela continuava a perseguí-lo e não podia livrar-se dela, até que fosse retirada para dar lugar a outro rosto — um rosto amoroso, sério, benevolente, pairando sobre ele como o de uma mãe angelical — apenas, ai!, esta pobre alma não tivera mãe angelical para guiá-la. O ser que lhe dera nascimento mortal ainda vivia na Terra, degradado, embrutecido e impotente.

O rosto que ele via agora era o rosto de Beulah. A doce e benigna expressão daquele semblante acalmou e confortou o homem; ele estendeu-lhe as mãos em súplica e, a partir desse momento, o mal que havia na sua natureza foi quebrado e domado; pois começou a despontar-lhe na alma uma ténue perceção dessa vida onde habitam os santos, como esse belo ser, e com ela entrou-lhe no íntimo — não uma esperança, não uma fé, mas apenas um desejo — de ser bom, desejo esse que o penetrou de parte a parte.

A experiência por que este homem passou, e que aqui vos esbocei de forma breve e apressada, foi amarga e intensa, não de momentos, mas de anos; e, durante todo esse tempo, Beulah trabalhou, esperou e vigiou pelo alvorecer da razão na sua mente, que chegou com o abandono dos pensamentos e propósitos maus, e com a adoção daquele estado de espírito que reconhece a supremacia do bem e deseja aprender e conhecer algo sobre ele.

A OBRA LEVADA ATÉ À CONCLUSÃO

Mas o trabalho apenas começara; pois, se antes era difícil enfrentar e dominar uma mente saturada de pensamentos maus e desejos impuros, quanto mais doloroso era agora assistir às lutas — quase desesperadas como eram — desse espírito para se libertar da recordação da sua vida passada. Quão triste era vê-lo fazer tímidas tentativas para sentir benevolência pelos outros, e cair depois, desesperado, ao pensar que nunca poderia associar-se a pessoas assim!

Quão comovente era testemunhar os seus esforços para acalentar apenas desejos puros e banir o mal da sua mente, mesmo quando a memória dos dias passados o assombrava de horror. E, no entanto, cada pensamento, desejo, aspiração e esforço para o bem que ele fazia trazia consigo tal poder de encorajar e sustentar o seu espírito, que lhe era impossível recair na antiga condição de degradação e iniquidade; e, com o passar do tempo, as suas lutas consigo próprio tornaram-se gradualmente menos frequentes e mais fáceis, até que, por fim, o bem triunfou e o mal foi vencido.

Durante todo esse tempo, Beulah encorajou-o e sustentou-o com a sua presença, o seu poder magnético e as suas palavras de ânimo; e, à medida que novas experiências chegavam, as suas condições melhoravam. Foi sendo conduzido para fora da escuridão, para fora das florestas de ambientes desagradáveis e desarmoniosos, até que, por fim, já não eram areais áridos e lugares pedregosos o seu lar, mas sim campos férteis e florestas em flor, que ofereciam abrigo e refrigério ao seu espírito.

E, por fim, quando o seu trabalho com ele terminou, e ela o viu uma alma redimida do pecado através do sofrimento, desenvolvida da ignorância pela experiência, tornada até pacífica pela capacidade e pelo desejo de ajudar os outros, Beulah trouxe-lhe o doce espírito, agora transformado numa bela mulher, que ele enviara antes de tempo para o mundo espiritual, para ser a sua mestra, ajudante e guia.

Ele já podia contemplar aquele doce rosto, já podia ouvir humildemente os ensinamentos de alguém tão puro e bom; toda a miséria e desgraça que lhe era possível sofrer tinham passado, e estava, portanto, preparado para aceitar o ministério deste belo ser, em substituição do de Beulah, cujo dever a chamava a outros lugares. Assim, a harmonia da vida foi restaurada à alma quebrada; a presença de quem outrora ferira servia apenas para o tornar mais humilde de espírito, mais altruísta e benigno, mais caridoso, compassivo e terno para com os errantes e degradados, onde quer que se encontrassem.

Beulah partiu para o seu lar celestial, onde a aguardava um acolhimento alegre e afetuoso; mas a alma que ela abençoara permaneceu no seu próprio lar espiritual, não para se tornar ociosa ou negligente para com os outros, mas para fazer aos necessitados o que lhe fora feito; para transmitir força, coragem e conhecimento aos seus semelhantes, continuando ele próprio a progredir em conquistas espirituais.

Poderíeis perguntar qual a ligação que o espírito que Beulah lhe trouxera tinha com o seu trabalho. A jovem criança não estava com ele todo o tempo; outros bons espíritos associavam-se a ele no lar e no labor; mas, sempre que sentia que podia ser-lhe útil, este doce espírito vinha conduzi-lo ao lugar onde percebia haver uma lição à espera da sua alma.

Por vezes, era a locais na Terra onde os mortais sofredores necessitavam de auxílio espiritual; outras vezes, a recantos da vida espiritual onde uma influência mais elevada era necessária para almas em luta; e outras, ainda, aos lares das crianças no “País do Verão”, cujas vidas felizes e pacíficas proporcionavam valiosa lição ao espírito observador. De todas essas experiências, o homem de quem vos falo colheu poder, força e luz para prosseguir na sua obra.

O ESPÍRITO REFORMADO VOLTA À TERRA PARA REFORMAR OUTROS

Um exemplo do bom trabalho realizado por este mesmo espírito regenerado devo relatar-vos. Foi depois de ter alcançado firmeza na sua maturidade e força para resistir e vencer o mal. Havia já algum tempo que sentia o desejo de revisitar os lugares mais baixos da vida espiritual, onde vivera antes, sentindo que talvez pudesse ajudar algum infeliz, tal como ele próprio fora ajudado.

Cedendo ao impulso, viu-se mergulhado na escuridão, mas apenas por um instante; pois a luz que emanava do seu próprio ser penetrou o negrume e permitiu-lhe contemplar claramente o que o rodeava. Não posso deter-me nas suas experiências aí, mas devo apressar-me a dizer que o primeiro espírito que encontrou, mergulhado na escuridão que uma vida terrena devassa e sensual traz, foi a sua própria mãe — o ser que lhe dera nascimento mortal. Aqui estava, de facto, trabalho para o nosso espírito; e ele pôs-se a ele com toda a nobreza, nunca vacilando, nunca sentindo repulsa ou desânimo.

Não vos posso descrever a quase infinita dose de cuidado, paciência, esforço e afeto que o nosso redimido gastou com aquela mãe egoísta, obtusa e ignorante, antes de ser recompensado com um único vislumbre de amor e com a visão de um débil desejo na alma dela de ser como ele. Mas, por fim, conseguiu o seu intento, e não cessou até que o poder redentor se fizesse sentir plena e livremente na alma daquela mulher, erguendo-a, lenta mas seguramente, ao nível dos puros e bons — um espetáculo sobre o qual anjos e serafins poderiam chorar de alegria —, o de um outrora criminoso endurecido, mas agora homem redimido e honesto, trabalhando de forma altruísta, ardorosa e constante para elevar uma mulher miserável, degradada e desonesta — a sua própria mãe — para fora dos grilhões da escuridão e dos antros do pecado, obra que foi finalmente concluída e que trouxe gratidão, alegria e honra a muitos corações.

Isto não é um esboço imaginário que vos escrevo, mas o relato do que realmente aconteceu, como me foi contado por uma testemunha interessada que presenciou todo o trabalho, desde o início até à conclusão.

PRIMEIRAS SENSAÇÕES AO ENTRAR NA VIDA ESPIRITUAL

“Vida! Esperança! Imortalidade!” — como estas palavras vibram no espírito quando desperta do sonho da existência mortal e se encontra um ser consciente, ativo e erguido no mundo natural e tangível das almas! Vi muitos recém-chegados à terra dos espíritos e observei, com interesse, as várias expressões de emoção percorrer-lhes o rosto eloquente, ao descobrirem que não estavam mortos, mas vivos, e rodeados de cenas tão naturais como quaisquer outras que já tivessem visto na Terra.

Alguns semblantes cintilam de alegria perante as grandiosas revelações da vida imortal; outros exibem sinais de assombro ou deceção; mas todos, por fim,

aprendem a usar uma expressão satisfeita e serena, como se (e é verdade) tivessem chegado a casa.

O que pode ser mais belo, para o espírito cansado, entristecido e marcado pela dor, do que a visão de um lar pacífico, feliz e confortável, à sua espera para lhe dar as boas-vindas? E aqui, no País do Verão, existem lares reais e verdadeiros, onde o amor se encontra, onde habita a paz, e onde uma luminosa medida de contentamento é oferecida aos fatigados e tristes. Vi algo dos lugares de passagem de espíritos pouco desenvolvidos e de mente rudimentar; testemunhei os seus arredores e condições desagradáveis.

Também visitei os lares dos puros e bons habitantes das esferas, contemplei as belas emanações das suas vidas, observei o seu trabalho e percebi a nobre e elevadora influência que difundem; e declaro, sem hesitar, que os bons superam largamente os maus e impuros — que milhares de espíritos procuram confortar, acalmar e abençoar os outros, contra apenas dezenas que procuram ferir e degradar os seus semelhantes.

Milhares de espíritos tornam os lares do mundo eterno belos e doces. O amor parece ser livre e sem restrições na sua expressão “do Outro Lado”. Brota espontaneamente do coração, alcança todas as almas afins e enriquece igualmente a vida de quem dá e de quem recebe. Quantas vezes vi um espírito fazer algo que agradaria e alegraria outro. Quantas vezes ouvi dizer: “Farei isto porque o meu amigo vai gostar.”

Solícitos pelo conforto e prazer dos outros, os bons espíritos não têm oportunidade, tempo ou desejo de se ocuparem com fins egoístas. Muitas vezes, o trabalho realizado ou planeado é para o conforto e benefício de algum ente querido que ainda está na carne, o qual, nesse momento, nem suspeita que anjos amados e amantes estão a trabalhar, de formas práticas, para o seu progresso.

O TRIUNFO FINAL DA PAZ E FELICIDADE NA TERRA

Na minha opinião, existe toda a esperança para a raça humana. A humanidade vai e deve avançar, pois milhares — milhões até — de entes amados ascensos trabalham pelo benefício da humanidade. Quando viajo de ponto em ponto, com a rapidez do voo espiritual, e vejo, em toda a parte onde passo — em cada vila, cidade e acampamento — multidões de seres angélicos vivendo em lares de amor, todos unidos e felizes, cada um devotando o seu pensamento, energia e tempo à tarefa de conceber e executar meios, planos e métodos para abençoar e elevar os seus semelhantes, sinto-me levada a rejubilar na certeza de que, algum dia, e talvez antes de muitos anos — pois a humanidade avança rapidamente em conhecimento, ciência e sabedoria —, a condição da humanidade será de felicidade, paz e verdadeira prosperidade.

Assim como o sol brilhante e as estrelas cintilantes estão acima e superam largamente, em número, as nuvens da atmosfera terrestre, também as formas radiantes e os lares luminosos dos espíritos elevados e sublimes estão acima e superam largamente os seres pouco desenvolvidos, cujas habitações são rudes, escuras e sombrias; e, embora a influência desses espíritos de mente grosseira se exerça sobre muitos habitantes da Terra e se faça sentir — tal como as nuvens e sombras do céu produzem efeito sobre a vida material —, ainda assim, tal como a gloriosa luz do céu dissipa toda a escuridão e tristeza, também a influência permanente de vidas mais elevadas e puras acabará por banir e neutralizar os efeitos daquele miasma funesto que emana das esferas inferiores.

Assim como o frio se transforma em calor e a escuridão se torna luz, sob os raios do sol, também o mal se transforma em bem e todo o erro é absorvido pela verdade divina, sob a influência inspiradora do amor celeste, que dura para sempre.

Por isso, sinto que o bem-estar futuro da humanidade está assegurado, e tudo o que cada um de nós tem a fazer é seguir os mais altos ditames de justiça que a alma consiga conceber, e sentir que o mundo angélico, com o seu poder e força, está a trabalhar pela causa da Verdade e da Justiça, e labora firme e intensamente pela elevação da Humanidade.

CAPÍTULO XII

SANATÓRIOS NA VIDA ESPIRITUAL

Creio que será do vosso interesse saber algo sobre os sanatórios da vida espiritual, onde os adultos — aqueles que, no corpo, eram fracos e lutavam espiritualmente, cujas naturezas estavam apenas parcialmente desenvolvidas, cujas qualidades superiores de ser se encontravam atrofiadas ou deformadas no crescimento, e que, por falta de oportunidade, força e condições favoráveis em geral, não puderam crescer em graça, beleza e doçura de espírito — adquirem saúde, força, vigor e poder.

Esses infelizes que, por qualquer motivo, durante a sua estadia na Terra, não conseguem desenvolver os atributos mais puros da alma, tornar-se mentalmente fortes e destemidos, elevar-se acima das tentações da vida mortal, resistir aos maus pensamentos que os assaltam ou que falham, de qualquer modo, em crescer em bondade e sabedoria, estão espiritualmente doentes e carecem de tratamento terno e criterioso.

No mundo espiritual existem sanatórios para tais como estes e, quando o espírito, fraco e débil, manifesta o desejo de se tornar forte e saudável, e de ser colocado em condições que lhe proporcionem meios de crescimento, desenvolvimento e conquista de poder, pode ser conduzido a um destes belos

lugares, onde apenas a vida, a saúde, o prazer, o vigor mental e a felicidade podem ser obtidos.

LOCALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS

Os nossos locais onde se busca e encontra saúde não são grandes edifícios sombrios onde dezenas de pessoas vivem, talvez sem que duas delas sejam iguais em temperamento, constituição e hábitos, mas onde todas têm de se submeter à mesma quantidade e qualidade de disciplina e tratamento; antes, são grandes jardins, belamente traçados, com canteiros de flores, taludes de musgo, caminhos de seixos e bosques de árvores, onde os pássaros cantam e as águas cintilantes saltam e brincam; onde o sol radiante é sentido por todos, e onde a vida é livre, desimpedida e feliz; ou, então, em bosques sombrios, onde a natureza convida o homem a participar do silêncio, calma e tranquilidade dos seus recantos florestais.

E eu conheço desses luminosos lares de repouso, onde o mar cintilante ruge e se desfaz sobre areias reluzentes, e outros que se erguem nas encostas das montanhas, onde o ar é forte, límpido e revigorante. As casas são pequenas, leves e arejadas, mobiliadas com deferência tanto ao gosto como à utilidade; ficam a curtas distâncias umas das outras e são separadas por jardins de flores, bosques de árvores, etc., conforme determina a configuração particular do lugar.

Apenas um espírito fraco, debilitado ou doente habita cada casa de cada vez, mas é sempre hóspede de um lar onde residem dois ou mais espíritos saudáveis, felizes e trabalhadores; estes vigorosos são os cuidadores e mestres do paciente, e a sua presença, cuidado e exemplo transmitem força, saúde e felicidade àquele de quem cuidam, ao mesmo tempo que este aprende lições de vida das quais foi privado na Terra, mas que são necessárias à construção e completude de toda alma inteligente e progressiva.

MÉTODOS DE TRATAMENTO

A paisagem natural destes lugares entra largamente no sistema de tratamento como agente ativo e exerce uma influência poderosa sobre o espírito fraco e sofredor. Por exemplo, a alma que é irritável, rabugenta, insatisfeita consigo mesma, necessita de uma influência suave, calma e branda. É levada a um dos grandes sanatórios-jardim e posta aos cuidados de uma família de seres ternos e compassivos, que se comprazem em tratá-la.

A influência harmoniosa do novo lar, a visão de flores em flor, árvores ondulantes e águas murmurantes, o som de vozes humanas suaves, de aves canoras e da música suave, elevadora e encantadora que os bondosos cuidadores lhe oferecem dos seus instrumentos melódicos, produzem um efeito tranquilizador em todo o seu ser, e ela vai-se tornando gradualmente repousada, satisfeita e em paz, assim trazendo a sua natureza mais elevada

para a devida condição de desabrochar em poder espiritual e progredir na aquisição de conhecimento. Frutas constituem a base da sua dieta e, assim, afastada de tudo o que é grosseiro da Terra — terreno, rude e sensual —, a sua alma cresce em força e beleza, até que, também ela, se encontra permeada de verdadeira vitalidade, perfeitamente saudável e pronta para assumir as funções de mestre, enfermeiro e médico, cuidando de outra pobre alma enferma.

Outro paciente pode necessitar do ar saudável e da parcial solidão de algum recanto da floresta; nesse caso, é-lhe providenciado tal lar, com cuidadores afetuosos, ambiente agradável e alimentação delicada. Outro, ainda, está abatido, desanima facilmente, não consegue resistir a qualquer condição que no momento sobre ele pese, tornando-se presa fácil ao avanço positivo da tentação.

Este é levado a um lar aprazível à beira-mar, onde a visão das grandes ondas azuis que correm para a costa ou se afastam para além, e o som do marulhar das vagas e do canto dos ventos, o estimulam com nova força, coragem e esforço vigoroso para ascender de uma condição doentia e obscurecida. Também ele possui guardiões e mestres espirituais, cuja tarefa é despertar-lhe aquela autoconfiança interior que permite à alma vencer todas as dificuldades e erguer-se acima de todos os obstáculos que venham a encontrar-se.

No seu lar, e em todos os lares destinados aos fracos e sofredores, e em todo o seu redor, encontram-se apenas as mais belas obras da natureza e da arte. Apenas as visões e sons que apelam à natureza mais alta e nobre do homem são aí vistos e ouvidos; e, assim, oferecem-se condições que permitem que a força, a saúde, o vigor mental e o poder espiritual substituam e erradiquem a má saúde, a pobreza mental, a fraqueza moral e as tendências sensuais.

A MÚSICA COMO MEIO DE RECUPERAÇÃO

O cultivo da voz humana no canto é um dos meios de progresso para o espírito. É também muito eficaz nos resultados obtidos nos sanatórios da vida espiritual, produzindo um efeito maravilhoso sobre os cansados e débeis. A música e o canto são usados como agentes curativos no tratamento das almas doentes ou enfraquecidas, com resultados notáveis. Vereis que todo amante da boa música e do canto pode, em certos momentos, tornar-se recetivo à influência angélica.

É uma obra sagrada, na vida superior, despertar este amor pela música nas mentes dos aflitos; pois, uma vez conseguido isso, as influências superiores podem transmitir o seu magnetismo aos que sofrem. Daí que muitos dos nossos maiores músicos e mais doces cantores possam, por vezes, ser encontrados no lar de algum espírito enfermo, exercendo os seus dons divinos com raro poder para o benefício especial daquele que está doente. A música, tão elevadora, alentadora e inspiradora para a alma, ergue o espírito acima das

condições que favorecem a má saúde, para uma atmosfera onde apenas vigor e vitalidade mental abundam.

RESTAURAÇÃO DOS DOENTES MENTAIS

Temos lares onde os espíritos que foram considerados insanos no corpo podem encontrar descanso, repouso e força. Não tendo podido exprimir-se de forma compreensível nem manifestar claramente os seus desejos através dos cérebros pobres e desequilibrados que pertenciam às suas formas terrenas, os seus espíritos são fracos, débeis, não desenvolvidos, e requerem tratamento que lhes restaure o tom, o poder e a energia das forças desperdiçadas. Assim, providenciam-se lares, guias, mestres e toda a atenção necessária. Flores, aves, música e rostos bondosos cercam-nos.

Não estão restringidos nem confinados, mas têm liberdade, embora sob a vigilância cuidadosa e terna dos amigos. Nenhum medicamento, senão o sol e o ar, lhes é administrado; nenhum tratamento rude é aplicado. Na atmosfera pura e benigna dos seus lares espirituais, e sob a influência suave do que os rodeia, alcançam perfeito equilíbrio mental, tornam-se fortes em espírito e adquirem conhecimento da vida em todos os seus diversos graus e departamentos de desenvolvimento.

Assim, ninguém na Terra, que tenha amigos fracos e sofredores no corpo ou na mente, ou que estejam espiritualmente subdesenvolvidos em saúde, força e poder, deve temer que essas condições desagradáveis persistam por muito tempo depois de terem passado da vida mortal.

A tendência da vida humana é sempre para cima e para a frente; o mundo espiritual oferece condições e oportunidades, meios e vantagens para o seu crescimento e progresso. Nenhuma alma pode avançar em sabedoria e felicidade enquanto estiver fraca e debilitada por qualquer causa; portanto, o primeiro trabalho a realizar é remover a fraqueza e a miséria, vencendo-as com força e poder, amigos e lares; e tudo quanto é necessário para a edificação de um belo espírito é providenciado ao infeliz.

Não há celas de prisão, nem enfermarias, nem muralhas maciças onde os doentes mentais languidescem em dor, no mundo espiritual; mas, tal como o sol e o ar de Deus, as suas flores e aves canoras são livres para todos, ali são oferecidos para o bem-estar e prazer de todas as almas, e têm-se revelado como meio de devolver à vida, à saúde e à felicidade muitos pobres seres humanos marcados pela dor e sofrimento.

As minhas experiências no mundo espiritual ensinaram-me que todo o crime, toda a malevolência, todo o egoísmo, toda a miséria humana, são doenças que precisam ser erradicadas do sistema humano e que, se não puderem ser eliminadas aqui, chegará certamente o tempo, no mundo espiritual, em que o serão.

Essas condições desagradáveis e infelizes de que falo correspondem às doenças físicas que atacam o homem, e creio que chegará o tempo em que serão reconhecidas pelos mortais como doenças e em que serão tomadas as medidas adequadas para as reprimir e vencer.

MELHOR TRATAMENTO MÉDICO NA TERRA

Como tudo tem origem no espiritual, e como as ideias de valor prático são dadas aos mortais através e a partir da inspiração silenciosa, mas poderosa, do espírito, creio que chegará o tempo em que indivíduos na Terra serão inspirados e imbuídos de ideias de tratamento médico, e da criação de sanatórios semelhantes aos que já existem além, quando a mente pública se ocupará seriamente da questão do tratamento e cuidado adequados dos doentes e sofredores, tanto do corpo como do espírito, e quando um novo pensamento será agitado sobre o dever para com os moralmente fracos e degradados.

Então, os vossos hospitais não serão enormes edifícios, mas pequenas habitações, com apenas um inválido em cada, de modo que nenhum magnetismo impuro ou doentio proveniente de outro corpo enfermo seja absorvido pelo ocupante. Luz, ar, água, música e flores substituirão drogas e pós, e uma assistência alegre e pronta será livremente dada.

Do mesmo modo, os vossos lares de refúgio, os vossos locais de detenção para criminosos — os que agora têm muros de pedra — darão lugar a habitações leves e arejadas, jardins belos a rodeá-los; música e flores, livros e jornais, ocupação ativa e agradável, e a companhia afável de mestres saudáveis e de bom coração substituirão o chicote e o látego, e fornecerão à natureza mental aquele tom revigorante tão necessário e, no vosso sistema atual de disciplina, tão raramente obtido; tudo isso despertará no espírito doente a retrospeção e trará o desejo de emenda, iniciando assim aquela cura radical que, com o tempo, se firmará em toda alma enferma pelo pecado.

UM DOS SANATÓRIOS DA VIDA ESPIRITUAL

Vou contar-vos uma bela cena que testemunhei recentemente num dos sanatórios da vida espiritual. Imaginai um imenso jardim, coberto por um tapete aparado da relva mais fresca, verde e macia que possais conceber, adornado com canteiros de flores fragrantes e de cores vivas. As árvores são altas, elegantes e graciosas, e a sua folhagem brilha como se estivesse salpicada de orvalho; regatos murmurantes compõem música rítmica agradável ao ouvido.

O céu é límpido e o sol brilha suavemente sobre a cena serena. A atmosfera tem um tom dourado peculiar que reveste cada objeto com um manto de beleza. Pássaros de canto melodioso e plumagem viva voejam de flor em flor, sem se perturbarem com os seres humanos que passeiam pelo recinto ou se sentam em diversos pontos do jardim. Pequenas casas brancas, acolhedoras,

simples e limpas, estão espalhadas aqui e ali, enquanto, no centro deste imenso parque, um templo branco e majestoso ergue a sua cúpula brilhante.

Este lugar é um sanatório ou lar onde mulheres cansadas, assim como crianças desamparadas, vindas da esfera terrena, são acolhidas para receber proteção, cuidado e instrução das puras almas-mãe que habitam este local encantador.

As professoras e enfermeiras deste plano radioso são de caráter verdadeiramente espiritual; as suas vidas são passadas a guiar, influenciar e encorajar espíritos infelizes a encontrar uma vida mais alta e melhor do que aquela que até então conheceram, e a esforçar-se pelo seu próprio aperfeiçoamento.

Aqui, mestres e preceptores são educados e conduzidos por um percurso de experiência que os prepara para guiar e guardar aquelas jovens almas que chegam ao mundo espiritual sem tutor ou pai natural que cuide delas. O amor é a força dominante nesta comunidade, e nenhum pensamento cruel ou insensível encontra aqui entrada.

EPISÓDIO INTERESSANTE: UMA MÃE ENCONTRA O SEU FILHO

Mas o episódio que me proponho relatar-vos foi tão belo que sinto que devo contá-lo agora, enquanto está fresco na minha memória: um lindo espírito feminino jovem, verdadeira educadora, uma alma-mãe nata, cujo ser inteiro é iluminado pela luz da benevolência e do amor, trouxera ao seu encantador cottage, neste delicioso jardim, uma criança pequena que recentemente passara para a vida superior, sem mão amiga para fechar-lhe os olhos mortais ou para deixar ternas carícias sobre a fronte marmórea — um dos enjeitados da sociedade, rejeitado pela humanidade e deixado a perecer ignobilmente na Terra.

Esta criança foi trazida para o radioso País do Verão e cuidada ternamente por anjos guardiães; todo o bem que havia na sua natureza foi incentivado a desenvolver-se e florescer; todos os atributos de mal, as condições da vida carnal que lhe haviam sido transmitidas por outros, estavam a desaparecer por falta de alimento e atenção.

O trabalho de cultivar e embelezar uma alma imortal, como era esta pequenina, sob a direção de um espírito doce, abnegado e amoroso, é delicioso de contemplar; mas o episódio mais emocionante neste caso particular, e que veio sob a minha observação direta, foi o seguinte:

Um dia chegou a este jardim de delícias uma pobre mulher, marcada pelo pecado e cansada — alguém que, apesar de toda a miséria acumulada sobre ela pelas condições de vício e crime, ainda conservava acesa na alma a luz do amor pelo seu filho. Vivia no mundo espiritual havia três anos, mas, por causa

das rudezas das condições físicas ainda aderentes ao seu espírito, permanecia retida junto à esfera terrena.

Agora, fora encontrada por um espírito benevolente e conduzida ao paraíso em flor de que vos falo. Triste, desalentada, desesperada, nada parecia capaz de despertá-la do seu estado de infelicidade. As ternas encorajadoras de seres bondosos, os belos objetos e sons suaves ao seu redor, o cuidado gentil dos espíritos amáveis, pareciam não surtir efeito no seu estado de apatia. Por fim, sugeriu-se que fosse levada ao bosque onde as crianças se ocupavam com os seus jogos inocentes; e, assim, a infeliz mulher foi conduzida a um recanto verde e sombreado, onde um grupo de pequenos espíritos, sob os cuidados das suas professoras e guias, se entretinham em atividades agradáveis.

Os olhos do espírito infeliz iluminaram-se, pela primeira vez, com um brilho de prazer ao pousarem sobre as crianças, e o seu condutor notou o sinal com o coração jubiloso. De repente, a mulher gritou, lançou-se para a frente e apertou uma das pequenas criaturas contra o peito. Era a mesma criança enjeitada que, não há muito, fora trazida para ali.

— Meu filho! meu filho! meu querido filho! — exclamou o espírito, enquanto lágrimas de alegria lhe corriam pelo rosto pálido. — Encontrei-te afinal! Encontrei-te!

Foi uma cena para fazer chorar os anjos, e lágrimas de simpatia brilharam nos olhos de mais de um daquele grupo celeste. Soube-se então que aquela pobre mulher sofredora era a mãe da criança; que, quando o pequeno completara três anos, a mãe sofrera um acidente que lhe arrojara o espírito para fora do corpo e, desde então, até aquele momento, vagueara nas trevas, procurando o filho que perdera.

A criança pôde acompanhar a sua professora e a mãe reencontrada até um refúgio aprazível e sossegado, onde, sob o encanto da presença do seu amado, e com os cuidados ternos de espíritos dedicados, o espírito materno se eleva rapidamente acima das nuvens de tristeza, degradação e sofrimento, emergindo para a luz da felicidade e da paz — desenvolvendo as suas faculdades superiores a tal ponto que sentimos a certeza de que, muito em breve, ela própria será auxiliadora, mestra e espírito benfazejo para aqueles que ainda caminham em trevas e dor.

O belo templo branco que ergue a sua cúpula brilhante no centro daquele jardim encantador de que falei é uma construção maciça, elegante no aspeto e maravilhosa na execução. Nenhuma descrição minha lhe poderia fazer justiça; é preciso vê-lo para lhe prestar toda a admiração que merece. Dedicado às Artes, é ele próprio uma obra-prima, erguendo-se como digno testemunho do prodigioso talento e perícia dos artistas que o conceberam e executaram em todos os seus pormenores.

O material de que é feito assemelha-se ao alabastro, branco como a neve, mas tão próximo da transparência que, quando os raios de sol o atingem diretamente, resplandece com todas as cores do arco-íris, oferecendo um espetáculo brilhante.

Delicadas esculturas de vinhas e flores, aves e insetos, percorrem as suas paredes angulares, revelando a mão de um mestre. No interior, há amplos salões dedicados às Musas, cada um deles usado como sala de instrução, onde se ministra e recebe conhecimento da arte a que se consagra. Salões de Música, de Pintura, de Escultura, de Poesia, de desenho e traço, encontram-se ali, presididos por mestres que dedicam especial atenção aos discípulos, acreditando ser melhor inspirar e ajudar a cultivar os talentos de outrem do que criar qualquer peça artística por si mesmos.

CULTIVO DE TALENTOS INATOS

A este templo são levadas as crianças para se verificar se têm ou não gosto, talento ou génio para qualquer das belas-artes. Aqui, onde tudo é belo, seja à vista ou ao ouvido, apelando igualmente ao instinto de harmonia e ao amor do belo que vive na alma, qualquer dom especial que a criança possua para música, poesia, etc., revela-se rapidamente, e ela fica aos cuidados de um professor competente que concentra todas as suas energias no desenvolvimento dos talentos do discípulo.

Uma criança que manifesta paixão pela música, mas nenhum interesse pelo desenho ou pintura, pode dedicar-se inteiramente ao cultivo do seu dom musical, sem perder energia e paciência numa tentativa vã de aprender regras de perspetiva, luz, sombra e cor. Aquela que mostra gosto pela escultura e modelagem, mas pouco apreço pela música, não é obrigada a perder tempo num labor que lhe repugna, mas é auxiliada a fazer florescer as capacidades naturais da sua alma.

Outra inclina-se para a pintura, mas não deseja esculpir uma estátua; outra dedica-se a rimas e métricas da poesia, mas não possui dote para as restantes artes. Todas são encorajadas e ensinadas a desenvolver as suas faculdades divinas, sem serem forçadas a trabalhos para os quais não sintam inclinação. As crianças que não revelam atração por qualquer arte, mas demonstram vocação e desejo de estudar outros ramos de conhecimento, podem seguir o rumo que lhes dita a natureza íntima, sem perder tempo com regras artísticas que não lhes falam ao coração.

Assim, percebeis logo que o trabalho de cada espírito é aquele para o qual está naturalmente apto; torna-se-lhe familiar e agradável. Amam exercê-lo, e dele retiram os melhores frutos possíveis. Há muitos templos de arte no mundo espiritual, como também há numerosas escolas, academias e colégios; a educação é o grande poder que há de elevar e abençoar a humanidade, e, na vida superior, as mais nobres formas de iluminação são oferecidas livremente a

todos. O belo templo branco no grande jardim, onde são recolhidas as crianças desamparadas da Terra, abre os seus fulgurantes portais a essas pequenas almas que, se tivessem permanecido no corpo, não teriam gozado de vantagens educativas nem de desenvolvimento espiritual.

Muitas delas revelam cedo marcada tendência para as artes e, nas condições favoráveis que encontram, começam logo a mostrar um talento surpreendente. Animadas a aprender, estimuladas pelo conselho, exemplo e auxílio, seguem prontamente o ensino dos seus mestres e, num espaço de tempo espantosamente breve — atendendo às circunstâncias da sua vida terrena —, os seus esforços são coroados de êxito. Assim, em condições próprias, todos os atributos e faculdades de uma alma imortal podem desabrochar, exibindo um grau de refinamento, beleza, cultura e poder de que a humanidade, por enquanto, mal suspeita.

CAPÍTULO XIII

AMBIENTES E CONDIÇÕES DOS ESPÍRITOS

Por vezes, os mortais interrogam-se se há frio e geada, neve e gelo, no mundo espiritual; e os espíritos, ao falarem das suas circunstâncias e do ambiente dessa terra, descrevem-nos segundo a própria experiência, que pode ser muito variada. Por mim, nunca presenciei qualquer tempestade severa, nem sofri extremos de frio ou calor, desde que passei para a “outra vida”. A atmosfera em que vivo é suave e benigna, mais estimulante do que deprimente, devido à predominância da corrente elétrica.

Ao respirar o ar do meu lar espiritual, sinto-me sempre forte e cheio de vitalidade. O trabalho ali é como brincar, tão facilmente é iniciado e prosseguido, e o simples ato de respirar é um prazer delicioso. A vida é plena de alegria, pois nenhuma condição exterior pesa sobre o corpo. As nossas vestes adaptam-se às necessidades do ser; o nosso alimento assimila-se ao sistema, nutrindo cada parte. Assim, gozando de boa saúde, ambiente agradável e abundância de ocupação, não podemos deixar de ser alegres e felizes.

Onde moro, não somos visitados por tempestades; a face da natureza recebe diariamente um banho suave de neblina deliciosa que desce das nuvens brancas, umedecendo árvores e flores e cobrindo tudo com um véu translúcido, através do qual a luz rosada do dia brilha com encantadora tonalidade. Esta neblina só permanece o tempo suficiente para banhar copiosamente o mundo em redor, desaparecendo depois perante o sol sempre benfazejo, nunca excessivo para nós.

RAZÕES PARA DIFERENTES VISÕES DO AMBIENTE ESPIRITUAL

Visitei outros lugares do mundo espiritual cujos habitantes se queixavam de frio intenso; embora não sentisse qualquer desconforto, vi-os tremer como se acometidos de febre. A paisagem, para eles, parecia fria, sem vida e estéril, como se fosse dezembro perpétuo; mas para mim, a cena era mais promissora, pois não estava sujeito às mesmas condições mentais e corporais dos que viviam nesses lugares de sofrimento.

Já conheci espíritos que, ao comunicarem-se com mortais, declaravam que as suas moradas tinham sido assoladas por tempestades terríveis e redemoinhos, e que o choque lhes fora quase insuportável. E isto era verdade; mas não percebiam que nunca tinham entrado, de facto, no mundo espiritual: devido à natureza terrena da sua própria atração magnética, gravitaram para alguma condição de vida terrestre, ligando-se a espíritos encarnados de mente rude, e assim sofreram tempestades e ventos próprios do mundo físico.

Outros espíritos dizem viver em lugares sombrios, agrestes e desolados. Estes habitam muito próximos da vida física. Nunca exploraram os domínios do espírito; os seus desejos são carnais; as pessoas que os atraem aos lugares terrenos são também grosseiras e incultas.

Não encontram, portanto, refinamento, cultura ou beleza; as suas vidas são áridas, e só quando desejarem receber, compreender e reconhecer as verdades que os espíritos missionários estão prontos a revelar-lhes, sairão dessa infeliz condição. “Não há pior cego que o que não quer ver”; e o espírito arrogante e autossuficiente prefere vaguear nas trevas e tropeçar num caminho áspero e espinhoso a reconhecer a própria miopia e admitir que deseja ser bem conduzido. Apenas o sofrimento, profundo e intenso, lhes trará a experiência capaz de lhes formar uma natureza melhor e mais doce.

Belos lares, afetuosas companhias e os laços mais ternos e duradouros — todos reais e palpáveis — aguardam cada espírito no mundo celeste; mas quem não for aspiracional, quem não estiver disposto a renunciar ao egoísmo da natureza animal, e a pôr de parte toda ambição de glória e grandeza pessoal, não poderá perceber, apreciar ou desfrutar dessas “moradas não feitas por mãos, eternas nos céus”.

CONDIÇÕES TERRENAS QUE ATRASAM O PROGRESSO ESPIRITUAL

Vi espíritos cuja condição terrena fora de prosperidade e grandeza — aqueles em que o sentido de ambição e engrandecimento mundano abafara todas as outras considerações da mente; cujos corações se haviam tornado altivos e arrogantes; cujas vidas se haviam feito morbidamente egoístas sob o domínio do desejo de satisfação pessoal e da ânsia de lucro. A princípio, os seus motivos de ação eram louváveis; mas, à medida que cresciam em influência, poder e esplendor terreno, a atmosfera sufocante dessa condição foi

comprimindo até extinguir todos os sentimentos e aspirações mais elevados que os de riqueza, autoridade e ambição terrena.

Encontro as condições desses espíritos pouco atraentes, embora dignas de compaixão. Privados do poder e influência, incapazes de exercer a autoridade que outrora lhes pertencia, impossibilitados de atrair a homenagem e louvor do mundo em que viveram e agiram, ansiando pelas coisas da vida material que já não podem alcançar com satisfação, e desconhecendo as coisas, condições e costumes da vida espiritual, são realmente inquietos e infelizes.

As coisas que desejam pertencem unicamente ao plano material, e, por isso, são constantemente atraídos de volta a esta esfera de vida. Mas já não possuem o prestígio e o poder de antes. Ao encontrarem-se com as mesmas pessoas que outrora os adulavam e reverenciavam, esses espíritos não conseguem exercer qualquer influência sobre as suas mentes.

Os invisíveis pronunciam palavras que julgam cheias de autoridade e dignidade, mas que são ignoradas, até mesmo inaudíveis, para os mortais a quem se dirigem. Mesmo que consigam manifestar a sua identidade e expressar os seus pensamentos por meio dos lábios de um médium em transe, continuam a ser tão desconsiderados por aqueles a quem se destinam como o são as leves vibrações de uma folha seca levada pelo vento de outono — quando não chegam a ser alvo de escárnio e desprezo por parte daqueles que, em vida, se curvavam em servil respeito perante um simples pedaço de papel com o nome agora pronunciado pelo espírito que regressa.

Imaginai a condição infeliz e inquieta de tal espírito, e compreendereis algo desse estado peculiar de tormento pessoal que, em tempos antigos, era figurado para a humanidade como um lago de fogo e enxofre.

O SUCESSO MUNDANO COMO FREQUENTE DESVENTURA

Imaginai um homem cheio de energia e poder, bem-sucedido em todos os empreendimentos, próspero nos negócios, influente nos seus círculos de vida — reconhecido pela sua grande capacidade executiva e rapidez, bajulado e até cortejado por uma multidão; alguém que tem sob o seu domínio e emprego uma vasta quantidade de seres humanos, perante os quais é autocrata em todas as questões que dizem respeito ao seu conforto e até à própria existência. A assinatura deste indivíduo é reconhecida e aceite por todos; a sua mais ligeira palavra é lei, e basta-lhe falar para ser imediatamente obedecido.

Um homem que exerce tal autoridade e nela se deleita é sempre ambicioso e arrogante; é temido pelos que estão sob o seu encargo, que procuram adulá-lo para obter algum grau de misericórdia, mesmo que o desprezem em segredo. Este poder, grandeza, prosperidade e influência mundana foram conquistados pela força de uma vontade dominadora e imperiosa; mas à custa da sua

natureza interior, despojada de todo o ornamento e estéril das condições frutuosas necessárias à felicidade e paz do espírito.

Tal homem parte do corpo. Com o templo de argila perde todo o seu poder, grandeza, influência e riqueza; pois aquilo que possuía era da Terra, temporal na sua natureza e perecível. Mas as qualidades da sua mente continuam a ser suas; a energia da sua natureza não partiu, a força positiva da sua vontade não o abandona; ele mantém-se ambicioso.

Não se torna um imbecil ou idiota, portanto é capaz de perceber tudo o que perdeu; mas ainda não aprendeu que tais coisas eram indignas de uma alma imortal e que existe algo de valor inestimável para o espírito que ainda pode ser adquirido. Está na condição de um homem forte e apaixonado, na Terra, que tivesse perdido tudo o que lhe era mais querido. Por vezes é violento na expressão das suas emoções, outras vezes afunda-se na apatia do desespero; frequentemente regressa à Terra, procurando impor atenção e forçar obediência às suas ordens, e por vezes tenta romper as condições que o rodeiam.

Perguntai a um espírito assim sobre as belezas da vida imortal e ele declarará que não existem — que a natureza aí é estéril e árida, que só se veem nuvens húmidas e nevoeiros, que estradas compostas de rochedos e pedras ásperas conduzem a habitações desconfortáveis e restritivas, e que os habitantes são desconformes e inóspitos.

A verdade é que tal ser está tão envolto na atmosfera turva do seu próprio ser, tão gelado pelos elementos inquietos e combativos da sua própria mente, tão dilacerado por emoções conflitantes, que não consegue ver além do contorno sombrio da sua natureza egoísta; e tudo o que cai no seu campo de visão se tinge ou escurece com o cinzento da sua própria vida, apresentando um aspeto correspondente às condições que o aprisionam.

CONDIÇÕES TERRENAS CONTINUADAS NA VIDA ESPIRITUAL

Existem muitos tais seres nessa vida imortal — homens e mulheres — que ainda não ultrapassaram as condições próprias da existência física. A intensidade da força de vontade dessas pessoas é tão poderosa quando aplicada a qualquer objetivo que se torna difícil desviá-la desse rumo e dirigi-la para outros canais de expressão.

Assim, o homem positivo, ambicioso e enérgico do mundo, que prossegue os seus negócios e prazeres sem considerar os direitos e privilégios alheios, permanece o mesmo indivíduo exigente e possessivo após deixar o corpo. Homens e mulheres outrora de moda e riqueza, autocráticos e altivos no trato — alguns deles governantes e soberanos sobre multidões — permaneceram durante muitos anos numa esfera de infelicidade. Envolvendo-se no orgulho do seu egoísmo, viveram numa condição de frio e trevas, cujo gelo e sombras não

eram senão emanações das suas próprias vidas, até que, cansados, ergueram as mãos em busca de luz e calor.

Por fim, quando tais indivíduos sentem a necessidade de se afastar da velha vida — necessidade essa que lhes surge após longa batalha contra forças contrárias, esforçando-se inutilmente por serem reconhecidos e obedecidos, e tentando em vão obter poder e domínio sobre outros, sendo finalmente obrigados a reconhecer a sua impotência e pequenez — começam a perceber a grandeza do labor espiritual e a responder aos esforços dos espíritos trabalhadores e benéficos que procuram ensiná-los e abençoá-los. As recordações da antiga vida terrestre esbatem-se perante as novas ideias acerca da vida futura que o espírito pode alcançar.

As tendências e desejos egoístas perdem força perante a nova luz do esforço da alma que desponta sobre o espírito sofredor; e, por vezes auxiliados por mortais simpáticos, para quem são atraídos, e sempre beneficiados pela assistência de espíritos sábios, amorosos e verdadeiros, esses seres errantes emergem gradualmente do seu estado infeliz para uma condição de paz e alegria.

Perguntai-lhes então sobre a vida no mundo espiritual, e dir-vos-ão que é bela, iluminada por uma luz gloriosa que nunca se extingue; que a terra que habitam é real e natural, com estradas pavimentadas de blocos brilhantes, suaves e planas aos pés, ladeadas de flores em flor; que as casas são confortáveis, elegantes e espaçosas, e que os habitantes são harmoniosos, gentis, hospitaleiros e amistosos. Agora veem com a visão clara da alma; nenhuma névoa obscurece o seu olhar, nenhum preconceito ou opinião formada distorce as suas declarações. Habitam no mundo espiritual, e não nos confins turvos da vida sensual.

UMA ILUSTRAÇÃO

Relatarei brevemente um pequeno episódio que recentemente me chegou à observação e que ilustrará mais claramente o meu assunto. O meu amado pai encontrava-se, há pouco tempo, na presença de uma médium espiritual — uma mulher idosa, amável e santa, cuja vida e aspirações não deixam de atrair à sua esfera trabalhadores benéficos de ambos os planos da existência. Esta médium foi tomada por um espírito que se mostrava profundamente aflito e que declarou haver um abismo entre ele e uma condição de paz feliz que não conseguia transpor. Depois de lamentar a sua posição desagradável, exprimiu um sincero desejo de se libertar dela.

O meu pai sentiu toda a sua alma derramar-se em simpatia por este ser sofredor e, com palavras de encorajamento, esperança e ânimo — também repletas de instrução — dirigiu-se ao espírito, que, pouco depois, ergueu a cabeça e, com expressão de alegria e triunfo, exclamou: “Vejo a ponte; agora posso atravessá-la em segurança.”

Após a partida deste espírito, o meu pai foi abordado por um dos nossos espíritos trabalhadores e benéficos, que explicou que o infeliz era ninguém menos que aquele que o mundo conheceu como Barão Rothschild — que, na juventude, concentrara a sua energia e poder na tarefa de acumular grande riqueza para um fim louvável: o de a empregar na restauração de Jerusalém — pátria da sua raça — à sua primitiva glória e esplendor, em benefício do seu povo infeliz. Mas, à medida que a riqueza, o poder e a glória lhe afluíam, a ambição crescia-lhe no espírito.

Vendo-se exaltado pela sua influência, adulado e cortejado pelos gentios que haviam desprezado a sua raça, cresceu nele o desejo de exercer uma influência sobre a humanidade que nenhum poder pudesse quebrar; e a intenção inicial de abençoar o seu povo, restaurando-o à sua legítima pátria, foi-se desvanecendo diante da determinação crescente de levar o altivo gentio a ajoelhar-se perante si, em súplica pela sua assistência no controlo dos interesses monetários do mundo.

Assim viveu, prosperou e morreu; mas, ao passar ao mundo espiritual, não pôde levar consigo a sua grandeza, poder, riqueza ou influência. Estas não pertenciam ao espiritual, mas sim à vida material. Infeliz e inquieto, gastando a sua energia na tentativa de readquirir o seu antigo prestígio, viveu até que, cansado de contendas e lutas vãs, se voltou do lado terreno para perscrutar a perspetiva do espiritual.

Podia divisar a luz e os lares dos espíritos felizes, mas não sabia como alcançá-los. Neste estado foi conduzido, por espíritos sábios, até ao meu pai, cuja terna simpatia, percebida e sentida pelo infeliz, despertou-lhe um novo estado de espírito, fez nascer nele uma nova cadeia de pensamentos e aspirações, que construiu a ponte e lhe deu forças para atingir o estado mais feliz, onde habitam seres úteis e contentes.

Oh, o poder da simpatia! Ó mortais, vós não o compreendeis! Quando verdadeiramente sentida e expressa, flui para a alma de quem a recebe em ondas de luz, que se tornam tangíveis para o sofredor e formam uma ponte sobre a qual ele pode passar a um estado de felicidade e paz.

CIRCUNSTÂNCIAS EXTERNAS PRODUZIDAS POR CONDIÇÕES MENTAIS

Para as mentes de tendência materialista, cujos pensamentos se ocupam com os assuntos da esfera terrena e que não reconhecem outra força na existência tão potente, vigorosa e eficaz na sua ação como a mera lei orgânica dependente unicamente da matéria, a ideia de que o estado mental de um indivíduo pode tornar-se tão ativo ao ponto de influenciar o seu meio exterior e determinar a forma, aspeto e caráter da vida objetiva em que habita parecerá apenas o sonho descabido de um visionário ou a especulação oca de um entusiasta.

Mas não é a tais mentes materiais que trago as minhas declarações acerca da vida espiritual e das suas condições; pois sei que aqueles que não encontram nada acima e além da matéria para estudar e investigar, que nada entendem desse poder subtil que permeia toda a vida material e que é puro espírito, que não podem compreender as leis superiores do universo sempre que estas transcendam, ainda que minimamente, as operações das leis que se ocupam apenas do mundo externo, visível e terreno, não serão capazes de apreender a verdade vital reconhecida e aceite por todos os seres profundamente estudiosos e espiritualizados — que o espírito, só ele, é o verdadeiro poder, a parte substancial do homem, a vida permanente que projeta a sua imagem sobre a forma exterior, afeta a condição do indivíduo, embeleza ou desfigura o seu meio e controla o seu estado mental; enquanto a matéria não é senão a expressão externa, o invólucro, a forma ou a projeção dessa força governante e poderosa.

CIENTISTAS MATERIALISTAS NA VIDA ESPIRITUAL

Tenho visto espíritos cuja condição terrena fora de grandeza, cuja vida mortal foi de estudo, experimentação, realização e triunfo — cientistas que dedicaram todo o seu pensamento, tempo e atenção à investigação de certas leis, elementos e forças do mundo físico e que fizeram descobertas grandiosas e importantes no domínio da Natureza. As suas demonstrações da lei científica foram valiosas para a humanidade; os seus feitos e os resultados práticos das suas descobertas e estudos beneficiaram o género humano.

Mas alguns destes eruditos não acreditaram na existência de qualquer força ou poder para além da lei orgânica — recusaram aceitar a ideia de que qualquer manifestação de inteligência humana ou divina, de habilidade ou de sabedoria, pudesse ter lugar fora da matéria — e declinaram investigar qualquer domínio da vida que não fosse o campo particular da investigação científica que monopolizava a sua atenção. Qualquer coisa que soasse a lei oculta, ou que indicasse a existência de forças subtis no universo que a ciência física não pudesse explicar, era alvo do seu escárnio, como indigna do seu pensamento e estudo.

A condição de tais espíritos, no mundo espiritual, não é invejável. Durante algum tempo não se apercebem de que deixaram o corpo material. Dependentes da matéria grosseira para o pensamento, estudo, trabalho e investigação, não se elevam acima da Terra e, por algum tempo, continuam as suas pesquisas e experiências nos laboratórios dos seus antigos companheiros terrenos.

Mas as leis que prosseguem deixam de lhes explicar as causas da existência, ou da variação e mutabilidade das formas, a origem da mente ou a fonte do poder. Os factos que se lhes apresentam, de tempos a tempos, não podem ser conciliados com as teorias que antes sustentavam. Faltam elos importantes na

cadeia de evidências científicas sobre a natureza das coisas que bem desejariam forjar, pois estão ausentes aqui e ali. Estes espíritos eruditos, com todos os seus notáveis dotes de capacidade mental, erudição e pensamento conservador, tornam-se inquietos, insatisfeitos e infelizes.

Quando descobrem que não dependem de um corpo mortal para existir, ficam maravilhados e até incomodados ao verem as suas opiniões e conclusões preconcebidas sobre a matéria terrestre serem refutadas pelo grande facto da vida consciente continuada após a dissolução da forma física; e não se sentem preparados para aceitar a vida espiritual que se abre diante deles. Perguntai a um ser assim sobre a beleza e a paz da vida superior, e ele dir-vos-á que é incapaz de encontrar tais condições — que, para ele, tudo parece confuso, desordenado, efémero e insubstancial.

A razão disto é clara para uma mente pensante. O espírito que, até então, tivera a mais absoluta confiança nas suas próprias faculdades mentais e na sua pronta perceção; que acreditara na incontestabilidade da sua posição sobre qualquer assunto; que considerara as suas opiniões e conclusões como inquestionáveis; e que se habituara a apresentar as suas proposições e teorias com o sentimento secreto de que estas exigiriam atenção e rápida aceitação de todos os outros — esse espírito, de repente, apercebe-se de que pisou terreno perigoso, de que as coisas, ideias e conclusões que considerava tão ponderosas e inegáveis não passam de fabricações da sua própria mente; de que seguiu luzes falsas, porque reconheceu apenas uma pequena parte do universo e acreditou ser o todo, e porque compreendeu o funcionamento de poucas das suas leis e pensou serem elas a vasta rede de toda a força e poder.

Não admira, pois, que tal ser não consiga ver claramente diante de si; que o seu meio lhe pareça caótico e desordenado e que o solo lhe pareça fugir debaixo dos pés. O seu estado mental determina o caráter do seu estado exterior, e ele nada percebe senão o reflexo das emoções conflitantes que agitam o seu íntimo.

O ALVORECER DA LUZ ESPIRITUAL

Com o tempo, as névoas deixarão de obscurecer a sua visão; possuindo uma mente inteligente, começará a raciocinar e a refletir sobre este estado de coisas, desejando alcançar a verdade acerca delas. Então, perceberá que, embora muito do trabalho que pensava ter realizado precise de ser retomado e reformulado, que muitas das opiniões que sustentava eram infundadas e que a plataforma teórica que ocupava era insustentável, ainda assim obteve factos sólidos suficientes; descobriu verdades, adquiriu conhecimentos e realizou trabalhos bastantes para formar uma nova base sobre a qual poderá erigir uma estrutura que perdurará para sempre.

Então, as sombras dissipar-se-ão; o espírito contemplará à sua volta a ordem sorridente e o desenho harmonioso. A nova vida apresentar-se-á ao seu olhar como cheia de paz, abundância e prosperidade. Dir-vos-á, então, que a vida superior é de beleza, felicidade e poder, repleta de lares aprazíveis, pessoas satisfeitas e ocupações ativas. As condições próprias do estado grosseiro e não desenvolvido do seu ser foram superadas pela parte espiritual, e ele pode agora contemplar o mundo espiritual na sua verdadeira imagem e semelhança.

Antes que tal mudança possa ocorrer no meio e na vida interior do espírito, este tem de ultrapassar o orgulho arrogante nas próprias capacidades que até então o dominara; tem de estar disposto a despir a veste de mestre e a vestir o barrete de aluno — desejoso de se tornar o estudioso paciente e de renunciar ao prazer de impor opiniões pessoais a outras mentes; tem, em suma, de tornar-se uma criança em humildade, reconhecer as suas falhas, erros e fracassos, e estar disposto a repará-los.

Não é necessário que perca de vista as suas realizações passadas ou o bom trabalho que tenha feito em benefício da humanidade; a memória dos seus labores pode ser conservada para o inspirar a maiores esforços futuros, mas não deve ser engrandecida ao ponto de inflamar a mente com orgulho e vaidade.

O CIENTISTA DE MENTE LIBERAL

Tenho igualmente observado a condição espiritual — que, na minha experiência, sempre determina o meio envolvente do indivíduo no mundo espiritual — do homem de ciência, ou de cultura geral, que, em vida, estava disposto a considerar opiniões diferentes das suas, era tolerante com os outros e pronto a adotar qualquer sugestão prática emanada da mente alheia, cuja atitude perante as coisas espirituais era respeitosa, ainda que não reverente. Tal pessoa pode surpreender-se com as revelações da vida imortal, mas estas não o incomodam; antes alegram a sua alma, pois abrem-lhe oportunidades de estudo, investigação e crescimento espiritual de que sentira necessidade, mas que até então não pudera satisfazer.

Está ansioso por iniciar de imediato uma nova fase de aprendizagem e por pedir auxílio aos mestres de ciência e filosofia que, há eras, adquirem saber e sabedoria nas escolas da vida superior. Um espírito assim está disposto a sentar-se aos pés dos seus mestres e a seguir as suas instruções. Escuta humildemente as sugestões que lhe são feitas, segue a linha de raciocínio apresentada e presta atenção às explicações, experiências e investigações que os seus instrutores lhe mostram. Assim, entra em sintonia com os sábios que o rodeiam e consegue compreender facilmente o seu trabalho e os seus vastos resultados.

Dentro de pouco tempo, um tal espírito fica apto para prosseguir o seu trabalho e estudos sem ajuda; compreende as leis que os regem e pode experimentar

em qualquer ramo particular da investigação científica que deseje, certo de que as suas pesquisas não deixarão de lhe trazer bons frutos. Mais tarde, estará apto a regressar à Terra e a procurar algum organismo, alguma mente semelhante à sua, através da qual possa transmitir as suas ideias e o conhecimento das suas descobertas e invenções para benefício dos mortais em luta.

Pode ser que o seu instrumento desconheça a presença de um espírito que o move e orienta, podendo até rejeitar tal ideia caso lhe fosse apresentada; mas tal falta de reconhecimento não diminui os esforços do espírito diligente. Ele está decidido a exprimir os resultados dos seus trabalhos ou a manifestar alguma verdade espiritual à humanidade ignorante, e não vacilará nem se desviará da sua missão.

Ou, essa inteligência pode entrar em contacto com algum mortal de grande capacidade mental ainda não desenvolvida, com um génio em embrião cujos dotes necessitam de estímulo, cujos poderes construtivos são grandiosos mas ainda não despertaram para uma ação vigorosa. O espírito exercerá a sua influência, concentrará a sua força magnética sobre tal indivíduo; visitá-lo-á em momentos de quietude ou nas horas de repouso corporal, e inspirá-lo-á quanto aos livros a ler, a linha de estudo a seguir, o tipo de trabalho a praticar, os hábitos a cultivar e o modo de vida a adotar; tudo isso calculado para estimular, desenvolver e fortalecer os poderes inatos da sua mente.

Gradualmente, o guia invisível, mas poderoso, verá desenvolverem-se as admiráveis capacidades que sabe pertencerem ao seu protegido; verá essas capacidades lançarem pequenos rebentos e tornarem-se mais fortes; a sua influência magnética e estimulante, atuando sobre aquela mente, faz pelos seus poderes o que o sol benéfico e as chuvas refrescantes fazem pelas flores de uma planta sobre a qual incidem — conduzindo-as a um desabrochar belo, saudável e vigoroso; e, mais tarde, o mundo aperceber-se-á de que possui um homem de génio ou uma mulher de poder transcendente no seu seio.

Nesse momento supremo de realização ou triunfo, o júbilo do mortal cujas capacidades se exprimem assim exteriormente numa forma duradoura será nada comparado com a satisfação do espírito inteligente que auxiliou a obra de desenvolvimento e, pelo seu poder superior, estimulou o crescimento mental do seu protegido. Não podeis vós compreender quão grandioso e altruísta foi esse labor, e apreciar, ao menos em parte, as dificuldades que ele superou e os benditos resultados que alcançou?

CAUSAS EFEITOS CONTRASTANTES

A diferença entre um espírito desta classe e o mencionado anteriormente está simplesmente no estado mental. Ambos eram igualmente instruídos, cultos, brilhantes e úteis quando no corpo; mas, onde um era dogmático na afirmação, intolerante na opinião, autocrático na asserção e materialista na crença, o outro

era atencioso para com os demais, respeitava a opinião honesta dos seus semelhantes, mostrava-se respeitoso para com toda a humanidade e buscava ardentemente a maior medida de luz que pudesse obter, ainda que isso o levasse a afastar-se da sua própria posição e a aproximar-se da de outros.

Consequentemente, o primeiro levou muitos anos a alcançar a condição e posição espiritual elevada que o segundo encontrou prontamente ao entrar na vida espiritual; e, enquanto o primeiro teve de passar por experiências penosas antes de conseguir abandonar o seu porte altivo, o seu ar de autoridade e a arrogância ofensiva, o segundo, não tendo tais fardos apegados às suas vestes, pôde imediatamente prosseguir os estudos da vida e levá-los até à sua grandiosa revelação.

Perguntai a este último sobre o seu meio no Céu, e ele defini-lo-á como belo, harmonioso e propício a grande felicidade para o espírito. Descrever-vos-á os seus companheiros como felizes, harmoniosos e agradáveis; o seu lar como cheio de adornos luxuosos e belas formas; a paisagem como formosa, doce e encantadora; e a própria vida como grandiosa e gloriosa.

O SIMPLESMENTE INTELECTUAL

Tenho observado o estado de espíritos que, quando habitantes da Terra, eram muito eruditos e intelectuais, mas que estavam tão intensamente ocupados na busca do conhecimento material que não prestavam qualquer atenção ao cultivo das suas faculdades espirituais. Estes indivíduos possuíam esplêndidas capacidades mentais, pois as suas aptidões intelectuais estavam bem desenvolvidas. Tinham grande poder de imaginação e criaram muitas imagens literárias de beleza que deram a conhecer ao público. Mas, como não reconheciam a existência de faculdades espirituais, nem procuravam desenvolver dentro de si os atributos que pertencem ao espírito, nem se esforçavam por conhecer a sua natureza interior, não estavam preparados para perceber e gozar as verdadeiras glórias do mundo espiritual.

O estado de tais seres, durante algum tempo após deixarem a forma terrena, é de insatisfação; pois, para eles, a vida imortal apresenta apenas formas frias e estéreis, desprovidas do calor e do vigor de uma atividade viva. Podem ter as suas casas adornadas com esplêndidas estátuas e belos quadros, pois tais formas são a expressão do gosto intelectual e artístico dos seus donos; mas esses objetos carecem da expressão e dos suaves efeitos da boa cor e da aparência de vida que só podem fazer deles produções de verdadeiras grandes mentes. Apenas um trabalho mecânico os criou; são apenas formas objetivas de ideias, destituídas do espírito que lhes deveria ter sido insuflado para que cada uma fosse um modelo de beleza e de força expressiva.

As casas destes eruditos, embora mobiladas e decoradas com luxo, apresentam uma aparência fria e inóspita ao verdadeiro ser espiritual; pois os seus habitantes são altivos, orgulhosos, insatisfeitos com a vida e desejosos de

algo mais, em termos de grandeza pessoal, do que aquilo que possuem; e a sua condição mental reflete-se tão fortemente nas suas envolventes exteriores que provoca um calafrio no coração de qualquer ser aspiracional ou devocional que os possa visitar.

A TRISTEZA DA FALTA DE ESPIRITUALIDADE

Imaginem-se numa vasta sala, de onde todos os raios de sol e calor foram excluídos. Imaginem esse espaço revestido de sumptuosos quadros da vida material, notáveis apenas pelo excesso de cores brilhantes e pela magnitude e variedade das formas que representam; cada canto e recanto preenchido com estátuas de homens, mulheres e animais — brancas, frias, rígidas, severas e sem vida na aparência; todo o edifício desprovido de calor, sem sinal de vida, de atividade ou de aconchego. Pensem no que seria para o vosso espírito estar condenado a vaguear continuamente por essa vasta sala, contemplando pinturas pouco atraentes e movendo-se entre estátuas inertes, frias e desagradáveis ao toque.

Tal vida corresponderia à existência dos espíritos de que falo. Na Terra eram apenas animais intelectuais e estéticos, pois o seu amor pelo belo desenvolvia-se apenas no lado material, sendo a parte espiritual da vida negligenciada. Aqui, encontram-se rodeados pelas personificações dos seus gostos mentais e artísticos; mas, como estas são meras formas e não estão imbuídas de qualquer ideia espiritual, parecem frias, inconscientes e mortas ao observador.

Vagueando continuamente entre as formas estéreis e sem sentido das suas próprias criações mentais, incapazes de ver qualquer beleza ou mérito nas produções de outros mais espirituais do que eles, estes indivíduos são como os que vivem nas regiões geladas do Norte — atrofiados na aparência e incapazes de compreender e apreciar a vida para além do seu próprio círculo restrito.

É certo que o período de despertar chegará para todos eles, quando se aperceberem da sua falsa posição no mundo espiritual e compreenderem que há dever ativo e esforço nobre para além deles, através dos quais alcançarão felicidade e um sentido de vida calorosa e vigorosa; e, eventualmente, voltar-se-ão para os domínios mais elevados da vida imortal, a fim de adquirir uma educação espiritual que desenvolva os seus poderes da alma e cultive o verdadeiro sentido do belo e as mais altas capacidades intelectuais que os seus espíritos possam exprimir.

Então, a sua condição será de calor, vigor e atividade; o seu ambiente, embora belo na forma e na expressão, participará de uma vida glorificada, e as suas casas parecerão luminosas, atraentes e acolhedoras para todos os que nelas entrem.

A FUSÃO DO ESPIRITUAL E DO INTELECTUAL

Tenho visto espíritos que, na Terra, eram intelectuais e amantes do belo, mas que também eram espirituais nas suas aspirações, inclinações e tendências — cujo gosto era delicado e cujos hábitos eram muito refinados. As produções de tais mentes, fossem literárias ou artísticas, apelavam sempre ao sentido do belo, ao amor pelo bom e à mais alta conceção de pureza nos corações daqueles para quem eram criadas. As condições, na vida superior, de tais almas são gloriosas. No espírito, são ativos, trabalhando sempre pelo bem geral da humanidade, procurando aperfeiçoar as suas próprias capacidades mentais para lhes dar uma expressão mais bela e completa, para deleite ou elevação dos outros.

Prontos a receber instrução das mentes mais avançadas que os rodeiam, estão constantemente a adquirir uma experiência mais rica e um maior desenvolvimento das suas faculdades. Aspiracionais por natureza e amorosos de espírito, estes seres emanam uma influência simpática e benéfica que atrai os bons e sábios para junto de si. As suas casas são luminosas, alegres e atraentes; um calor delicioso impregna os seus lares, pois são radiantes com a luz divina do amor que nunca se apaga.

O ambiente de tais celestiais é como um imenso e belo jardim, onde florescem as flores mais belas e perfumadas, onde correm as águas mais límpidas, onde as aves mais formosas entoam melodiosas canções de louvor, onde se veem as esculturas mais brancas e delicadas, onde as árvores mais imponentes elevam as suas copas, onde sopram as brisas mais suaves, onde se encontram os frutos mais ricos e deliciosos, e onde tudo convida continuamente ao gozo das formas mais finas, gloriosas e vivas de uma vida ativa e generosa. Quem não preferiria vaguear por tal paraíso de delícias do que ser forçado a deambular naquela sombria e gélida sala de pedra sem sentido e pinturas vãs e insatisfatórias acima descrita.

A diferença entre as duas classes de espíritos intelectuais e estéticos é esta: uma desenvolveu o gosto por belas formas e ocupações intelectuais apenas para satisfazer a sua própria natureza material e para a sua própria glorificação e engrandecimento pessoais e, enquanto alimentava o exterior, ignorava a parte vital ou espiritual do seu ser.

A outra classe cultivou o sentido do belo e educou o intelecto para instruir e elevar os outros; produziu obras literárias e artísticas com o objetivo de apelar à natureza interior e superior da humanidade; procurou e encontrou o elemento amoroso dentro de si, difundindo-o como força vivificadora para os outros; esforçou-se por cultivar os atributos espirituais do seu ser e por os colocar em harmonia consciente com as forças exteriores da natureza. Assim, enquanto a condição de uma classe, na vida espiritual, é desarmoniosa e insatisfatória para si própria e para os outros, a da outra é bela, feliz e agradável a todos.

A FELICIDADE PROVÉM APENAS DO INTERIOR

A observação e a experiência ensinaram-me que, no mundo espiritual, tal como na vida terrena, os indivíduos variam em disposição, constituição e características. O que é de maior interesse para uma pessoa não possui qualquer encanto para outra; e a ocupação particular para a qual um ser está apto pode ser totalmente inadequada para outro. A felicidade entre os espíritos não se extrai de fontes externas, mas encontra o seu centro de poder dentro da alma, de onde irradia para fora e reveste cada forma objetiva de beleza e cada prazer externo com um esplendor peculiar que, por sua vez, se reflete no coração e aumenta o gozo do indivíduo.

Nunca houve declaração mais verdadeira do que a atribuída ao meigo Nazareno: “O reino dos céus está dentro de vós”; e é tão verdadeira hoje como o poderia ter sido há dezoito ou vinte séculos. A menos que a alma esteja em paz consigo própria e com todos os outros — que não seja invejosa do bem que outro possa possuir, que viva num ambiente de pureza e de bons sentimentos e que deseje apenas fazer o bem — não poderá experimentar verdadeira felicidade, que, na sua essência, constitui o céu. Mas, quando um indivíduo atinge esse estado superior de espírito, consequência da posse de tais atributos belos, terá realmente chegado ao estado celestial de existência e não poderá deixar de ser feliz.

A NATUREZA HUMANA DOS ESPÍRITOS

A humanidade parece ser a mesma em todo o lado e em todos os graus de desenvolvimento. Muitos mortais parecem pensar que os espíritos — aqueles que passaram pela transição material chamada morte — devem ser algo diferentes de si próprios. Isto, porém, não é absolutamente verdade. Os espíritos são seres humanos, nada mais, muitos deles ainda muito imperfeitos, embora outros sejam puros de pensamento, progressivos e elevados, mas essencialmente humanos em todos os atributos e tendências. E por que não? O que há de mais belo, mais inteligente, mais poderoso e mais nobre do que a humanidade? Apenas a própria divindade.

A natureza humana pervertida é deplorável e deve ser lamentada ao mesmo tempo que condenada; mas a natureza humana em desenvolvimento e ascensão deve ser admirada e imitada, pois eleva-se continuamente rumo à divindade. A humanidade sempre esteve e está sujeita a vários graus de desenvolvimento; encontramos o homem em níveis muito baixos de avanço, quase brutal na manifestação da sua natureza, mas, gradualmente, ascendendo do imoral e degradado para o bom e o melhor, encontramos o homem purificado, desenvolvido em refinamentos espirituais, elevado até às alturas da condição angélica — mas ainda um ser humano.

Estas condições variáveis, inerentes à vida e à experiência da humanidade, são tão vívidas e operantes no mundo espiritual como na Terra; daí que, nesse plano de existência, haja o puro e o humilde, o exaltado e o simples, o sábio e o ignorante, o feliz e o miserável.

As condições de paz, satisfação e alegria no mundo espiritual não dependem da posse de grandeza exterior, de poder e riqueza externos ou de amor pela ostentação, como demasiadas vezes sucede na Terra, embora os mais felizes e livres de preocupações na vida superior sejam os mais ricos em posses espirituais e os seus ambientes revelem um gosto refinado e cultivado, acompanhado dos meios e da capacidade de satisfazer esse amor pelo belo. Não há qualquer incoerência nesta afirmação, porque, como já expliquei, as condições exteriores e envolventes dos espíritos são apenas a expressão e o reflexo da condição mental ou da alma no íntimo do ser, e hão de parecer belas, doces e delicadas — ou o contrário — de acordo com o estado mental e moral do indivíduo.

ESTADOS CORRETOS E INCORRETOS DE CONTENTAMENTO

Os espíritos progressivos estão contentes com a sua existência e com os seus ambientes o suficiente para desfrutar e apreciar todas as coisas boas e belas que lhes pertencem, mas não ao ponto de deixarem de aspirar a mais luz, instrução e exaltação da alma. São profundamente gratos pela vida e pelo seu poder de desenvolvimento, mas desejam sempre prosseguir firmemente na aquisição de sabedoria e na realização de boas obras.

Os espíritos pouco desenvolvidos tendem a manifestar uma indiferença em relação à sua condição que pode ser confundida com contentamento, mas que revela um tipo de inércia que os impede de tentar elevar-se a um estado de ser mais saudável e feliz. Infelizmente, este é muitas vezes o problema daqueles que necessitam de ajuda e constitui o principal obstáculo que os bons espíritos encontram nos seus esforços para beneficiar essas almas infelizes.

Só quando esses seres miseráveis manifestam um desejo de melhorar a sua própria condição é que os espíritos ministrantes, que se esforçam por ajudá-los, lhes podem ser úteis; mas, quando esse desejo de ascensão se expressa numa tentativa de alcançar mais alto, o ser degradado é envolto pela influência magnética desse amor humano, mas ainda assim divino, que emana dos sábios e benévolos que o rodeiam, através do qual, pela força motriz do seu íntimo desejo e esforço, ascende a alturas superiores e a condições mais agradáveis.

De grau em grau de desenvolvimento, de nível em nível de promoção, na grande escola da vida, a humanidade está sempre em marcha. Avançando em direção ao objetivo onde todos os belos atributos se fundem, e aproximando-se da esfera do Ser Perfeito, cada um, no tempo de Deus, através da experiência e da disciplina, deixará para trás todos os traços imperfeitos e todas as

tendências impuras, tornando-se, pela ação da mais grandiosa lei da natureza — o progresso —, aquilo que todos estão destinados a ser: seres humanos nobres, dignos, purificados e perfeitos.

CAPÍTULO XIV

AS NOSSAS SOCIEDADES COOPERATIVAS

Tenho contado aos meus amigos algo sobre o trabalho dos espíritos que laboram pelo bem da humanidade e descrevi algumas das condições que cercam os seres humanos — encarnados e desencarnados — que contribuem ou prejudicam a sua felicidade, elevam ou deprimem os seus ânimos. Tal como na Terra, assim também no mundo espiritual, existem várias organizações e sociedades para a supressão do vício e do mal, para a propagação da virtude e da verdade, para a difusão do conhecimento e a erradicação da ignorância, para a proteção da sociedade e para a elevação geral da humanidade.

Muitos dos vossos mais filantrópicos projetos, das vossas mais grandiosas instituições de beneficência, dos vossos métodos mais nobres de ajudar a humanidade, das vossas organizações mais puras e das vossas sociedades mais elevadas para o bem do homem são desdobramentos de trabalhos e estabelecimentos semelhantes que há muito florescem no mundo espiritual. Espíritos sábios e elevados unem-se para trabalhar pela bênção dos seus semelhantes; concebem métodos e meios e laboram continuamente para iluminar as mentes humanas acerca das leis da vida.

Sempre foi desejo destes espíritos dar a conhecer o seu trabalho aos mortais e alistar almas afins na Terra para labores idênticos. Sempre que encontram mortais suficientemente recetivos a influências sagradas, e possuidores de almas que batem em simpatia pela humanidade sofredora, trabalham sobre as suas sensibilidades até que estas se vivificam sob o poder angélico que sobre elas atua, respondendo ao pensamento dos espíritos assistentes.

Qual é o resultado? Projetos filantrópicos são iniciados, debatidos e discutidos; homens dedicados e mulheres nobres associam-se para elaborar planos em benefício dos humildes, dos fracos e dos que sofrem; um novo influxo de poder espiritual chega até eles, que o absorvem nas suas vidas, sem disso terem consciência, e muito em breve algum trabalho útil e benéfico está em curso, correspondendo a um labor semelhante e benéfico na vida superior.

AS REFORMAS TERRENAS ORIGINAM-SE NA VIDA ESPIRITUAL

Deste modo, as boas obras são concebidas e elaboradas na Terra. Não pretendo dizer que os mortais sejam incapazes de conceber e executar qualquer empresa filantrópica por si próprios, nem que os vossos homens e mulheres altruístas e dedicados sejam formados inteiramente pela influência de

outros invisíveis; mas afirmo que todos os bons espíritos trabalham no sentido da reforma humana e do benefício da humanidade; que muitas destas inteligências assim laboram há séculos; que as suas simpatias e a sua terna piedade pela condição infeliz de grande parte da humanidade os aproximam intimamente da Terra; e que, quando percebem um mortal igualmente compassivo, piedoso e desejoso de fazer o bem, são atraídos para esse ser e, pela influência magnética e pela energia vivificadora que sobre ele derramam, estimulam as suas faculdades, multiplicam os seus recursos e inspiram-no a expressar os seus santos desejos e boas intenções de forma prática e visível.

Assim, estabelecem-se na Terra instituições nobres para o esclarecimento, a educação e a elevação da nossa raça; desenvolvem-se grandiosas obras para a supressão do vício e a promoção da virtude; e estas são modelos, contrapartes e representações de instituições e boas obras semelhantes no mundo espiritual.

Tudo o que é bom, reformador ou benéfico na sua essência, tudo o que é progressivo e auxilia o desenvolvimento humano é duradouro, pois é do espírito. Tudo o que é degradante, egoísta na sua natureza e de tendência descendente é transitório; pertence ao material e não pode sobreviver às exigências da lei superior. Portanto, todas as boas obras têm a sua origem no espírito e obtêm o seu primeiro crescimento na terra das almas. Ao fim de algum tempo, quando as condições se tornam favoráveis à sua manifestação, expressam-se através da vida física e produzem resultados duradouros para o bem-estar da humanidade.

Os reinos espirituais habitados por inteligências que alcançaram um estado de felicidade proporcional à lição de verdade, sabedoria e abnegação que aprenderam; que sabem que a vida só é verdadeiramente bem empregada por aqueles que trabalham para o bem dos outros; que são puros de pensamento e atuam com amor por aqueles mais infelizes do que eles próprios — podem ser considerados como formando uma grande sociedade cooperativa, cujos vários membros estão tão unidos em simpatia e propósito que todos trabalham juntos como uma só pessoa para aliviar a tristeza e o sofrimento humanos.

Esta sociedade, porém, tem as suas várias funções a cumprir, podendo tais funções ser atribuídas a diferentes grupos de inteligências, formando assim um certo número de organizações ou grupos mais pequenos, todos com tarefas específicas e todos trabalhando para o grande objetivo de educar a humanidade.

Para que possais compreender melhor o trabalho destas sociedades espirituais, e os resultados vastos e importantes que continuamente delas fluem, tentarei apresentar-vos uma descrição dos labores, das finalidades e das intenções de algumas delas. Sei que a linguagem terrena que sou obrigado a usar é muito insuficiente para exprimir realidades espirituais, onde a vida é

rica em sinais e símbolos e onde as ideias se multiplicam para além da capacidade de expressão dos mortais; contudo, se conseguir transmitir-vos ainda que uma vaga noção destas coisas, já tereis ganho algum conhecimento da vida nas esferas e estareis melhor preparados para a experimentar por vós mesmos quando ascenderdes mais alto.

DIVISÕES DA MISSÃO ESPIRITUAL DE TRABALHO

Um grande número de espíritos associou-se com o objetivo de difundir a luz da verdade e o conhecimento prático da vida real entre os ignorantes e não esclarecidos de ambos os mundos. Para melhor utilizar as suas faculdades e empregar as suas energias de forma mais eficaz, este vasto grupo de trabalhadores subdivide-se em vários grupos, ou uniões, mais pequenos, cada qual com uma missão específica.

Assim, uma destas organizações encontra a sua missão particular entre os indivíduos humildes e pouco desenvolvidos da vida terrena; é dever dos seus membros usar a sua influência ao máximo para a elevação desses seres mal-orientados e sem instrução com quem contactam.

Embora os bons espíritos consigam, por vezes, muito, atuando diretamente sobre os corações e as mentes dos infelizes e despertando neles o desejo de progredir no conhecimento e na bondade, o seu meio de trabalho mais eficaz consiste em influenciar os habitantes da Terra que são instruídos, cultos e refinados, despertando neles a determinação de agitar a questão das necessidades e direitos humanos, até que, pelo poder e persistência que aplicam a tais temas, se crie um amplo sentimento público em seu favor, forçando a sociedade a reconhecer as suas reivindicações e a procurar algum método para a sua justa resolução.

Assim recebeu cada reforma que beneficiou a raça humana o seu impulso inicial na Terra a partir de grupos de espíritos cujo trabalho específico era esse. Foi assim que a questão da educação universal e gratuita foi levantada, debatida e encaminhada para uma solução prática e bem-sucedida neste país. Foi assim que a abolição da escravatura na nação americana recebeu o seu primeiro grande poder para alcançar os seus vastos resultados a partir do mundo espiritual.

Foi assim que o tema da temperança chegou ao pensamento e à atenção das mentes humanitárias, trazido por um grupo de inteligências invisíveis da vida superior, que se comprometeram a não cessar os seus esforços até verem todos os mortais considerar a intemperança um hábito pernicioso a ser religiosamente evitado e combatido.

O SUFRÁGIO FEMININO

Assim, a questão da liberdade universal foi despertada na mente dos pensadores de todas as nações — um tema que não pode ser afastado por qualquer ordem, mas que continuará a surgir até que todos os países se abram em acolhimento hospitaleiro a todos os povos e até que todos os direitos e privilégios se tornem livres e iguais para cada um.

Como desdobramento desta ideia surge a questão do Sufrágio Feminino, que apresenta as suas reivindicações com as leis da justiça e da razão do seu lado e que continuará a apresentar-se perante a humanidade até que as suas exigências e pedidos sejam reconhecidos e concedidos; pois esta causa — tão vital para todas as classes da sociedade e tão essencial ao verdadeiro progresso da raça — está sob a supervisão de uma sociedade cooperativa nos céus, cujos membros se dedicam à tarefa de a conduzir a um resultado grandioso e bem-sucedido.

OS ÍNDIOS

Decorrente também da questão da liberdade humana surge o problema de como os nativos americanos deste país — os índios — hão de ser protegidos e cuidados. E os grupos de espíritos que tratam deste assunto declaram que nada menos do que justiça plena para com o homem vermelho pode satisfazer as suas exigências neste campo. Mais cedo ou mais tarde, esta grande questão terá de ser resolvida pelo governo dos Estados Unidos, concedendo os privilégios de educação — industrial e intelectual —, a criação de lares, o direito à propriedade e os direitos de cidadania a todos os índios honestos e respeitáveis; pois eles (os espíritos) continuarão a exercer a sua influência e poder sobre os habitantes deste país até que o povo se levante em força e exija justiça para com o demasiado tempo ultrajado homem vermelho.

ARBITRAGEM PELA PAZ

O tema das guerras nacionais e regionais está também sob a atenção de uma grande organização de espíritos que trabalham para estabelecer um sistema de Arbitragem pela Paz na Terra, sob cuja regulação calma e harmoniosa todas as dificuldades nacionais ou outras, relacionadas com os interesses dos povos, possam ser sabiamente resolvidas; e não tenho dúvidas de que os seus esforços serão coroados de êxito.

HEREDITARIEDADE.

Existem muitos outros ramos de reforma relativos aos interesses humanos que são acompanhados por espíritos sábios que trabalham pelo progresso da humanidade, e um deles, especialmente importante, é aquele que se enquadra sob o título de Hereditariedade e que diz respeito, talvez mais vitalmente do

que qualquer outro assunto, à saúde, felicidade e prosperidade das gerações vindouras. Muito estudo e observação ensinaram há muito a um vasto grupo de espíritos pensadores aquilo que apenas alguns mortais começam agora a compreender, ou seja, que, a menos que o homem se preocupe com a descendência que gera, proporcionando-lhe as melhores condições pré-natais para o crescimento e desenvolvimento, será quase inútil tentar reformá-la de maus hábitos e tendências impuras depois de ter entrado na arena da existência e luta terrenas.

Só quando a humanidade estiver educada quanto às leis do seu ser e compreender que qualquer traço ou característica excessivamente desenvolvida no indivíduo, qualquer mácula de doença física ou moral permitida no seu sistema, transmitirá inevitavelmente os seus maus resultados aos filhos, e que é seu dever estudar a sua constituição e hábitos, regulando a sua vida diária de modo a legar à descendência apenas os traços de caráter ou os elementos de saúde física que produzam os resultados mais belos e satisfatórios; só então as gerações vindouras apresentarão um desenvolvimento adequado do poder físico e moral capaz de regenerar e redimir o mundo da miséria.

As leis da Hereditariedade, ou Transmissão, atuam em duas direções e, embora declarem que “os pecados dos pais serão visitados nos filhos”, também sustentam que as virtudes e os atributos belos dos pais hão de descer aos filhos com poder acrescido. Assim, espíritos sábios trabalham pela difusão desta grande verdade entre os mortais, trazendo constantemente um novo influxo de pensamento e o desejo de agitar o assunto àquelas poucas mentes na Terra preparadas para receber tal conhecimento e com coragem para expressar as suas convicções para a iluminação dos muitos.

UMA ORGANIZAÇÃO DE ESPÍRITOS PARA A ELEVAÇÃO DOS HABITANTES DA TERRA

Existe no mundo espiritual uma sociedade cujos membros estão todos comprometidos com a obra que lhes foi atribuída. As tarefas que lhes são designadas por espíritos sábios e elevados — cujas capacidades, inteligência, propósitos e práticas benéficas, bem como experiências espirituais, os qualificam para as suas posições como guias, diretores e conselheiros — nem sempre são agradáveis para os membros; no entanto, sabendo que estas missões se destinam a alcançar uma bênção duradoura para outros, não hesitam, mas cumprem fielmente o que se revela ser uma missão divinamente designada.

O trabalho desta sociedade é variado, mas converge sempre para o mesmo objetivo: purificar e educar a humanidade. Um ou mais dos seus membros podem ser enviados a um antro de iniquidade na Terra e, através de uma influência sagrada e edificante, procurar afastar e ajudar algum espírito infeliz e

miserável que ali permaneça, bem como exercer um poder magnético sobre algum mortal degradado até que este se sinta enojado de uma vida impura e deseje abandoná-la por uma melhor. Esta não é uma tarefa tão agradável e bela para os espíritos que nela participam como a missão de outros do mesmo grupo que são encarregados de velar por crianças pequenas, cujas vidas são inocentes e cujas condições são refinadas; mas sabem que no seu campo de ação reside a promessa de bons resultados, e aplicam-se fielmente ao cumprimento do seu dever.

Muito bem é realizado desta forma. Em cada grupo de seres imorais e pouco desenvolvidos que se apegam aos mais baixos recantos da vida humana na Terra, os espíritos sábios e benévolos encontram sempre pelo menos um mortal e um espírito que já se cansaram da indulgência das suas naturezas animais, que estão desgostosos com as suas vidas de erro e pecado e desejosos de iniciar uma vida mais santa.

Assim, estes missionários angélicos encontram terreno fértil para plantar a sua boa semente e, após muitas tentativas e grande paciência, têm a satisfação de ver os seus esforços coroados de êxito, sabendo que foram instrumentos para guiar mais de uma alma imortal para a vida de paz e felicidade que pertence a todos, mas que só pode ser alcançada por esforços dignos para a atingir — uma vida de empenho e de renúncia pessoal no que diz respeito à satisfação do orgulho, da paixão ou da ambição.

A sociedade de espíritos de que falo é vasta e inclui um grande número de inteligências que trabalham não só em ligação com este país, mas também com todo o mundo. Onde quer que haja um ser humano para ser elevado, instruído e abençoado; onde quer que haja uma alma imortal para ser redimida do erro, eles estão presentes.

A missão destes espíritos é fazer o bem; o seu trabalho não está limitado por raça, cor ou nação, estendendo-se a toda a humanidade. Seria impossível enumerar todos os métodos que adotam para realizar a sua obra ou as diversas tarefas que lhes ocupam a atenção; mas são dedicados, zelosos e fiéis ao dever, e sob a sua influência benigna os humildes são exaltados e os fracos recebem força.

A cooperação é um grande incentivo ao trabalho; traz também força e coragem aos que se unem nos seus laços luminosos. É criadora de harmonia, simpatia e fraternidade no coração de todos os que alcança. Sob o seu belo e eficaz ministério, a humanidade está destinada a crescer e desenvolver as suas mais elevadas faculdades e atributos até que o amor e a ternura universais floresçam em todos os corações, e cada alma, de todas as raças e climas, se una numa fraternidade e sororidade celestiais.

CUIDADO E PROTEÇÃO DOS MÉDIUNS

Uma das nossas amplas sociedades cooperativas é composta por jovens mulheres cujas funções são estudar as leis que regem a mediunidade, bem como compreender as forças elétricas que atuam entre o espírito e a matéria, das quais certos espíritos se aproveitam para manifestar a sua presença aos mortais.

Conscientes do grave erro acerca da vida imortal em que grande parte da humanidade está mergulhada, e desejosas de fazer tudo ao seu alcance para demonstrar a verdade à humanidade — para que a dúvida ceda à certeza, o medo à confiança, a ignorância ao conhecimento, e todos os corações se alegrem com a convicção confortadora de que não há morte, mas que a vida é eterna — estas espíritas associaram-se com o propósito de trabalhar em harmonia para a promoção da verdade espiritual na Terra.

Individualmente, aos pares ou em grupos, os jovens desta sociedade visitam diversos médiuns na Terra para lhes fornecer poder magnético e força espiritual. Envolvem cada um desses instrumentos sensíveis numa veste etérea tecida a partir dos elementos da própria vida dos espíritos, que, como um manto de luz, protege os médiuns das setas envenenadas da perseguição, do desprezo e da inveja lançadas contra eles por mentes maliciosas ou desconfiadas, e resguarda-os na sua obra de amor para os anjos.

Os espíritos sabem bem que os pensamentos são coisas tangíveis, que podem ser vistos e sentidos, e que podem ferir ou curar as almas sensíveis a quem se dirigem, conforme a sua natureza destrutiva ou benéfica. Assim, quando alguém é invejoso ou hostil em relação a outro, os pensamentos que envia a essa pessoa, carregados com o magnetismo viril que o ódio ou outra paixão gera, atingem o espírito de quem os recebe com efeito pungente.

Se o indivíduo assim visado for suscetível a influências espirituais ou outras — mantido num estado negativo devido ao frequente controlo do seu organismo por espíritos — sentirá intensamente os dardos silenciosos do pensamento lançados contra si e sofrerá por isso. Muitos médiuns experimentam dor mental e física, bem como enfraquecimento das suas faculdades, frequentemente sem estarem conscientes da causa; enquanto, ao mesmo tempo, alguma pessoa hostil a eles e ao seu trabalho pensa neles de forma maldosa, produzindo assim um efeito desastroso sobre a vida do sensitivo que é alvo desses pensamentos.

Por isso, a obra do grupo de espíritos aqui referido é de grande importância, pois a simpatia magnética e o amor destas jovens puras, dedicadas e ternas produzem um efeito tranquilizador e apaziguador na vida dos médiuns que se lhes aproximam, o que lhes é extremamente benéfico. E embora cada médium tenha um grupo de espíritos assistentes, composto de homens e mulheres, muitos dos quais são poderosos para proteger e cuidar do instrumento sensível

sob a sua guarda, estes ficam sempre felizes em ser ajudados no árduo dever de demonstrar a verdade imortal aos mortais, e ao mesmo tempo afastar condições desagradáveis e perigosas dos seus médiuns, pelos espíritos de que falo.

Permitam-me acrescentar que, assim como pensamentos maldosos e hostis ferem e perturbam alguém, também pensamentos gentis, amorosos e benevolentes em relação a um amigo chegam até ele com uma influência refrescante e doce, levando bênçãos consigo. Quão importante, então, que todos procuremos cultivar sentimentos bondosos nos nossos corações para com os nossos semelhantes, para que a nossa influência resulte no bem da humanidade.

DESENVOLVIMENTO DE NOVOS MÉDIUNS

Embora a sociedade de espíritos aqui mencionada tenha muito que fazer no sentido de manter os médiuns numa disposição alegre para que possam continuar o seu trabalho, isto não esgota a sua missão. Para difundir a verdade e iluminar a humanidade sobre a grande questão da vida imortal, é necessário desenvolver novos médiuns e trazê-los para o campo de trabalho espiritual. O mundo espiritual precisa de mais instrumentos; e os membros da nossa sociedade dedicam-se a visitar pessoas na Terra, procurando indivíduos com potencial mediúnico cujas faculdades possam ser desenvolvidas para uso dos auxiliares espirituais e para serviço da humanidade.

Esta tarefa é perseguida com zelo e empenho, e muitos mortais são assim descobertos e magneticamente influenciados, desenvolvendo capacidades que serão usadas no trabalho futuro. Enquanto certas pessoas de meia-idade ou mais avançada se tornam médiuns, muitos jovens desenvolvem, na intimidade do lar, faculdades mediúnicas que os espíritos pretendem utilizar para o prosseguimento da sua grande obra. E os grupos de jovens espíritos da nossa sociedade cooperativa estão decididos a fazer tudo ao seu alcance para que este trabalho seja um grande sucesso.

“A NOSSA SOCIEDADE COOPERATIVA”

Há cerca de três verões, um pequeno grupo de espiritualistas visitantes do Oeste, reunido numa sala de um dos maiores hotéis de Boston, foi interpelado por “Betsey”, a mensageira espiritual da Sra. J. C. Jackson, uma das mais populares e ativas médiuns de Cincinnati, sobre o tema da cooperação. Nessa ocasião, o espírito vivo e cativante que controlava a Sra. Jackson propôs que os presentes formassem uma sociedade com o objetivo de unir esforços para beneficiar e abençoar a humanidade.

Sugeriu que a organização se chamasse “A Nossa Sociedade Cooperativa” e fosse reconhecida como um ramo das Sociedades Cooperativas do Mundo Espiritual. Os seus membros não teriam de manter segredo sobre as suas

formas e condições, pois as suas ações seriam de tal natureza que suportariam o escrutínio público; o seu trabalho poderia estender-se em qualquer direção, desde que conduzisse a um único resultado: abençoar algum ser humano, mortal ou espírito, podendo ser realizado em conjunto ou separadamente, conforme as circunstâncias.

Acrescentou ainda que não haveria qualquer taxa de admissão ou pagamento periódico, pois as portas estariam abertas gratuitamente a todos os que tivessem no coração o desejo sincero de ser úteis no mundo. As regras desta sociedade seriam de tal forma simples que todos poderiam cumpri-las em espírito e na letra, exigindo apenas corações dedicados e mãos dispostas ao trabalho.

As tarefas dos membros seriam tais que todos poderiam desempenhá-las. O irmão que possuísse riqueza material deveria empregar parte dos seus recursos para ajudar os necessitados ou de outras formas benéficas, quando a ocasião surgisse. Aqueles que pudessem contribuir apenas com uma pequena quantia para algum bom trabalho, mas o fizessem de bom grado, cumpririam a sua parte tão verdadeiramente como o homem ou a mulher abastados que contribuíssem generosamente.

Os que não tivessem dinheiro para oferecer, mas pudessem pronunciar uma palavra de conforto a um aflito, seriam bem-vindos ao grupo; e os que, quando necessário, pudessem prestar algum serviço manual de ajuda a outros, seriam considerados associados e auxiliares. Em resumo, o dever dos membros seria tornar-se úteis aos outros e empregar as suas energias para beneficiar os semelhantes. Independentemente da direção ou circunstância em que encontrassem um ser humano necessitado de qualquer serviço que pudessem prestar — fosse de natureza material ou espiritual — deveriam exercer o seu poder e realizar esse trabalho.

A vida presente pode ser embelezada e prolongar a sua influência até à existência superior, e ao abençoarmos os mortais com a nossa ajuda também beneficiamos e elevamos os espíritos cansados que regressam às condições terrenas em busca de alívio para os seus sofrimentos, enquanto uma bênção de luz e paz se reflete das nossas boas ações sobre os belos mensageiros que voltam à vida mortal para se associarem e cooperarem com os que optam por aderir a uma sociedade como esta.

“Betsey” acrescentou ainda, ao seu grupo de atentos ouvintes, que “A Nossa Sociedade Cooperativa” não teria lugar fixo nem tempo regular de reunião; que os seus membros poderiam realizar o seu trabalho onde quer que estivessem; e que todo o mundo poderia considerar-se colaborador desta União, se assim o desejasse; enquanto, se a verdadeira caridade, o sentimento benevolente e o serviço útil fossem cultivados e conscientemente exercidos por cada um, não

seria necessário qualquer relatório das suas ações ou progresso. Os anjos saberiam, compreenderiam e aprovariam.

O QUE CONSTITUI A QUALIDADE DE MEMBROS

Somos todos irmãos e irmãs, filhos de um mesmo Pai e Mãe, membros de uma grande família, e é tempo de nos empenharmos em fortalecer os laços de fraternidade uns com os outros. Façamos isto para tornar mais felizes os nossos semelhantes ou para lhes aliviar o fardo. Provocar um sorriso num rosto cansado, fazer um coração cantar de alegria, levar outros a sentirem-se gratos pelas amenidades e bênçãos da vida, é uma obra nobre; e os mortais que se esforçam por fazer estas coisas, onde quer que estejam, ou quaisquer que sejam as condições em que trabalhem, são membros da “Nossa Sociedade Cooperativa”, originada e estabelecida no mundo espiritual e revelada aos mortais para a sua aprovação.

Foi assim que a questão da formação de uma sociedade cooperativa na Terra, semelhante nos seus princípios, objetivos e propósitos e destinada a ser tão ampla nos seus resultados como as mesmas organizações no mundo espiritual, foi primeiramente apresentada e aprovada por “Betsey”, o espírito-guia da Sra. Jackson, a alguns amigos na cidade de Boston; mas, na altura, nada se concretizou em termos de formação de uma união ou de adoção das sugestões práticas dessa digna e perspicaz entidade. Após o regresso do grupo às suas casas, em Cincinnati, formou-se uma sessão espiritual, que se reúne agora na residência da Sra. Dr. Jackson nas noites de sábado de cada semana.

Nessas ocasiões, é privilégio da irmã do meu pai — um belo espírito que é verdadeiramente ministra de paz, esperança e amor para muitas almas cansadas — controlar regularmente a Sra. J., através de cujo organismo consegue transmitir muitas lições instrutivas e importantes que resultam em grande benefício para os ouvintes.

Ao frequentar os círculos da sua amada e sempre fiel médium, a minha tia Sarah familiarizou-se com os seus assistentes habituais e, assim, compreendeu, em parte, as suas capacidades, forças e aspirações espirituais; e, em certo momento, retomando a ideia da “Nossa Sociedade Cooperativa”, como fora delineada por “Betsey” numa ocasião anterior, desenvolveu-a de tal modo que os amigos mortais presentes declararam estar em plena sintonia com o seu propósito e manifestaram-se prontos a unir-se ao mundo espiritual nas suas obras de amor pela humanidade.

OS SEUS PLANOS, PROPÓSITOS E INFLUÊNCIA

Assim, a “Nossa Sociedade Cooperativa” foi inaugurada e os seus membros estão empenhados. Desejam e tencionam fazer o bem sempre e onde quer que possam, e tentar tornar o mundo melhor por terem vivido. Não apenas os

amigos de Cincinnati pertencem a esta União, mas indivíduos em Boston e noutros lugares têm conhecimento da sua existência e associam-se ao seu trabalho, declarando-se membros e manifestando a intenção de realizar a sua parte nas boas obras; enquanto centenas de espíritos simpatizam com o movimento e são os associados invisíveis que o guiam para um resultado glorioso.

O poder e a influência da “Nossa Sociedade Cooperativa” já se estenderam em muitas direções, e ninguém pode prever a magnitude da sua futura utilidade e prosperidade. Os grandiosos ensinamentos morais e espirituais enunciados por visitantes celestiais, através da Sra. Jackson nas suas sessões de sábado, produzem os melhores resultados e constituem um elemento importante no trabalho e crescimento da sociedade.

Todas as reuniões em que as verdades ensinadas são transmitidas com sabedoria e amor, e recebidas com gratidão por mentes empenhadas que procuram incorporá-las nas suas vidas diárias, são locais onde se encontram os verdadeiros princípios de união e onde a harmonia de ação revela a existência da “Nossa Sociedade Cooperativa”.

Permitam-me convidar todos os meus leitores a juntar-se à nossa associação e a tornarem-se auxiliares na obra de abençoar a humanidade. Não precisam de enviar os seus nomes; basta resolverem fazer o bem sempre que possam e começarem de imediato, e serão reconhecidos pelos anjos como cooperadores e amigos.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO XV

INTRODUÇÃO — O ESPÍRITO MAY

Esta segunda parte do nosso volume conterá os escritos de um belo espírito jovem cujos trabalhos literários, transmitidos pela sua médium, a Srta. M. T. Shelhamer, foram adaptados ao gosto de crianças e jovens; embora se tenha recebido abundante testemunho de várias pessoas de idade madura de que estes poemas e narrativas, redigidos em linguagem simples e de fácil compreensão, sobre crianças espíritas e a vida infantil nas esferas, são repletos de interesse, ensinamento e prazer para “crianças de maior crescimento” do que aquelas para quem foram originalmente concebidos.

Mary G. Kinsey é irmã mais nova de Kate A. Kinsey — espírito Violet — cujas descrições da vida e do trabalho no mundo espiritual foram dadas nas páginas anteriores. Passou para a vida espiritual a 27 de junho de 1862, com a tenra idade de quatro meses e um dia, e adquiriu assim todo o seu conhecimento e experiência da vida já no mundo espiritual. No início do verão de 1879, o

espírito Violet informou a sua médium que a sua irmã Mary era professora de crianças no Summer-land; que amava profundamente os jovens e belos rebentos da humanidade e encontrava o seu maior prazer em atender às suas necessidades e proporcionar-lhes alegria; e anunciou a intenção de Mary de abrir uma secção infantil nas colunas do Voice of Angels, através da qual falaria às crianças da Terra — cantando-lhes rimas simples ou relatando incidentes e anedotas sobre as crianças do mundo espiritual.

Pouco depois, Mary apresentou-se à médium para pôr este plano em execução, redigindo, através do organismo da Srta. Shelhamer, a sua primeira contribuição para a Secção Infantil do Voice, sob a assinatura "Espírito May", pseudónimo que desde então manteve; e, desde essa altura até ao presente, esta doce jovem espírito tem-se empenhado em oferecer às crianças mortais algo novo e luminoso, retirado das tábuas da sua mente — fosse em verso ou em prosa — que fosse simultaneamente interessante e instrutivo. Ao princípio, as produções do espírito May eram dadas em forma de verso, para facilitar a compreensão dos seus jovens leitores; mas, mais tarde, passou a descrever com sucesso como vivem as crianças no Summer-land, com relatos do seu trabalho, estudos e recreios.

Como esta obra é publicada com o propósito de informar os mortais acerca da vida real no mundo espiritual, a parte que o espírito May contribuiu consistirá principalmente nos seus relatos sobre o trabalho, as atividades e o ambiente das crianças espíritas. Os quatro capítulos seguintes tratam exclusivamente destes temas. Segue-se um pequeno conto escrito pelo espírito May, intitulado "O Conselho das Flores", seguido de algumas seleções das suas contribuições poéticas para o Voice of Angels, com as quais se considerou melhor encerrar este capítulo.

O CONSELHO DAS FLORES

As suaves e brilhantes gotas de chuva de abril caíam sobre a cansada terra, que fora mantida durante longos meses pelo frio e pela tormenta do inverno. Os raios dourados do sol e as doces brisas perfumadas de maio varriam campos, bosques e caminhos, chamando as flores para desfrutarem a bela primavera de alegria e festa.

Miríades de flores — brancas e amarelas, vermelhas, roxas e azuis — brotaram dos seus ninhos de delicadas ervas e folhas verdes, balançando-se na brisa e sacudindo o perfume das suas pétalas para aromatizar o ar. Rosas e lírios, violetas e margaridas, cravos e prímulas, e mil outras flores tornavam sebes, jardins, prados e florestas alegres, belos e muito perfumados.

Chegaram junho, julho e agosto, com o esplendor ardente da luz e do calor. Muitas flores floresceram docemente por um breve tempo, depois largaram as folhas e morreram para as coisas terrenas, passando para o céu onde as flores

florescem para sempre. Outras, frescas e belas, vieram ocupar os seus lugares, e assim o mundo inteiro permaneceu perfumado até chegar o outono.

As folhas caíam das árvores, rodopiando pelo ar, já sem o verde de verão, trazendo no seu tom pardo a marca da idade. O tempo de outono chegara, e as flores mais velhas começaram a dizer umas às outras que era hora de partir, para que o inverno não as encontrasse ainda na Terra. Um grande vento de leste, que ouvira estas palavras, apanhou-as e, correndo por colinas e vales, bosques e campos, gritou-as aos ouvidos de todas as flores que ainda restavam, fazendo-as fechar as pétalas e estremecer de alarme.

Então, as velhas flores sábias disseram: “Vamos convocar um conselho e discutir a conveniência de deixar a Terra antes que o rei do inverno chegue.”

E reuniram-se todas as que puderam vir e concluíram que já tinham vivido o bastante neste mundo e que era tempo de voar para o grande Paraíso das flores, onde, num único e imenso jardim, viveriam e floresceriam, desfrutando para sempre o sol e o orvalho.

Então, uma grande rosa vermelha, a última da sua espécie, agitou as pétalas e disse suavemente: “Oh, bondoso vento oeste, decidimos deixar este mundo pelo nosso belo lar no alto. Leva esta mensagem aos nossos amigos e parentes em toda a parte. Onde quer que encontres uma flor, por mais humilde que seja ou qualquer que seja a sua cor, sussurra-lhe ao ouvido estas palavras:

‘Estejam prontas, quando o vento oeste voltar, para partir da Terra; todos os vossos amigos e parentes viajarão convosco para o Paraíso; a vossa missão terminou aqui; a vossa nova vida será vivida na companhia dos vossos doces amigos da primavera e do verão, que partiram antes de vós. Haverá um reencontro alegre para todas as flores. Aqui não florescerão mais. Quando o inverno se for, novas flores e outras fragrâncias encherão este lugar, mas vós e os vossos amigos florescereis no mundo eterno, onde nem o frio nem a geada jamais virão.’”

E o afável vento oeste levou a mensagem da velha rosa por toda a parte, sussurrando-a a cada flor; e as flores curvaram-se em silêncio enquanto ele falava; mas, quando passou, sacudiram as pétalas e prepararam-se para a viagem, cantando docemente: “Estamos a ir para casa, estamos a ir para casa; adeus, velho mundo, adeus.”

E quando o vento oeste voltou, encontrou-as prontas, e recolheu-as nos braços, levando-as para o feliz Paraíso.

O vento norte chegou com rajadas cortantes, mas não encontrou folha trémula nem flor encolhida; todas tinham partido com o seu amigo, o vento oeste, para permanecer para sempre nessa terra de luz do sol, onde o vento sul lhes canta sobre a paz e a beleza do seu lar celestial.

PARA OS PEQUENINOS

Todo o dia, os ramos verdes
Do altivo bordo a ondular,
Bandeiras soltas ao vento,
Fortes, livres a bailar;
Todo o dia, o sol dourado
Banhou flores no seu calor,
Que espreitaram por entre relvas
Mostrando o rosto em fulgor.

Todo o dia, um alegre pássaro
Cantou na árvore frondosa,
Enchendo o ar de música viva,
Hora após hora, tão formosa;
Pois guardava um doce segredo
Sob o peito escarlate e belo,
Razão de tanto canto puro,
Que saía do seu castelo.

Vou contar-vos o segredo—
Num ninho gentil e macio,
Entre folhas bem escondido,
Descansava num doce estio
Três filhotes pequeninos,
Vedes? são três a contar;
Era por isso que o pai cantava,
Feliz, contente a trinar.

Todo o dia, os passarinhos
Olhavam, querendo entender
Que mundo novo e brilhante
Poderiam conhecer;
E a mãe, de coração terno,
Os acalmava em doce “piu”,
Enquanto o pai lhes trazia
O alimento, como pediu.

Que verão alegre e lindo
Veio ao bordo abençoar,
À medida que as crias cresciam
Com vigor para voar;
Encheram o ar de cantigas,
Acordaram flores ao luar,
Trouxeram paz e alegria
Às horas douradas do lugar.

QUEM SABERÁ?

Qual será a flor mais bela
Que no campo vem crescer?
Pensa, pensa, ó criança,
Vê se a podes responder.
Será a branca margarida
Com seu coração dourado?
Será a perfumada campânula,
Do chão húmido arrancado?

Qual será a flor mais bela
Que na sombra vem brilhar?
Será a tímida violeta
Que no fresco quer ficar?
Será o lírio do prado
Com sua cabeça erguida?
Ou a rosa brava e pura
Pela orvalhada embebida?

Qual será a flor mais bela
Que nos prados se revê?—
Será o amarelo botão-de-ouro
Com seu porte de chiqué?
Será o dente-de-leão,
Como estrela a cintilar?
Ou o lírio-tigre audaz,
Que se impõe a quem passar?

Oh, quem me diz, crianças,
Qual a flor mais singular,
Da estatura nobre do lírio
À violeta a se ocultar?
Cada qual brilha e encanta,
Tem seu dom, tem sua vez,
E cumpre, do broto ao brilho,
O lugar que Deus lhe fez.

TRABALHO

Trabalhar! trabalhar! trabalhar!
É melhor que só brincar—
É melhor fazer algum bem
Enquanto o dia a passar;
É melhor ajudar o aflito
Do que o tempo desperdiçar.

Trabalho feito com zelo
Nunca é fardo demais,
Trabalho cheio de sentido
Traz forças sempre a mais;
Trabalho que alivie um triste
É bênção que satisfaz.

Oh, crianças, grandes ou pequenas,
Dai sorrisos, não pranto,
Dai olhares meigos e palavras
De amor, por todo o canto,
A quem vier com dor e medo,
Oprimido, em desencanto.

Dai do melhor que tendes
Para o mundo iluminar,
A todo aquele que cruze
O vosso simples caminhar;
Sede gentis, pacientes, leais,
Amigos de quem penar.

Anjos dão-vos alegria,
Guardam-vos no seu amor,
Velam com cuidado terno
Onde quer que vá o andor;
E guiam pelo caminho
Que leva ao céu do Senhor.

À MINHA IRMÃ GENEVIEVE

Conheço uma linda menina,
Tão doce, tão pura, tão bela,
Tem rosas no rosto sorridente,
Tem raios de sol na capela;
A voz suave e agradável
Transborda de notas de amor,
E os olhos brilham qual estrelas
Que no céu têm seu fulgor.

Esta feliz menininha
Possui joias a reluzir,
Riquezas de terno afeto,
Que a alma vem transmitir;
Pedras de amor e bondade
Que dos pais lhe vêm brilhar,
Tesouros de puro carinho
Que nunca hão de se acabar.

O seu caminho é enfeitado
De sorrisos e palavras gentis,
Que soam como doce música,
Como cantos primaveris;
Dos irmãos que a rodeiam,
Dos amores que tem perto,
Fazem da sua vida um dia
De orvalho puro e desperto.

Oh, meiga e doce menina,
Os anjos por ti têm ternura,
E enchem-te a vida de alegrias
Que língua humana não apura;
Sussurram-te à alma clara
Com voz pura e de amor:
“Sê gentil, pura e bondosa,
Pois Deus deu-te este labor—
Abençoar as almas mortais
E enchê-las de amor e calor,
Guiá-las pela senda estrelada
A mundos de mais fulgor;
Leva palavras de bondade
Por onde quer que vás passar,
Pelos campos até ao céu,
De onde Deus veio chamar.”

O MIMO DA AVÓ

Que simpática velhinha
Na poltrona a descansar,
Onde raios de sol passeiam
Sobre os cabelos de luar!
Sabem que ela é a avó
De três crianças a brincar,
À porta, rindo e saltando,
Cheias de vida no ar?

Lá está o traquina Harry,
Olhos pretos a faiscar,
Saltitantes, sempre vivos,
Com rosto de rosa a brilhar;
Há a risonha Susana,
Cabelos de puro ouro,
Que vive feliz e contente,
De dez anos é seu tesouro.

Eis a tímida Bessie,
A mais calma de todos,
Branca como lírio puro,
Doce nos seus modos;
Com seus caracóis castanhos
A cair-lhe no rosto risonho,
Bessie é um quadro vivo
De graça e de sonho.

Destas crianças, qual ama mais
A avó no seu coração?
Ouve sua resposta calma:
“Se me puseres à questão,
Não saberei responder-te,
Pois amo a todos igual:
Harry é meu orgulho e alegria,
Com seu riso sem igual;

Susie é às vezes travessa,
Nem sempre à mãe obedece,
Mas sei que é só distração,
E isso com o tempo esquece;
Bessie é minha boneca,
E preocupa-me a sua ausência,
Mas amo-as todas — meus anjos —
E peço a Deus em clemência
Que as guarde puras e boas
Até findar a existência.”

DOIS PASSARINHOS

Num fresco e musgoso vale
Cantam dois passarinhos,
Um de peito escarlate vivo,
Outro de asas com risquinhos;
Chilreiam, falam, cantam,
Como é costume fazer,
E enchem o ar dourado
De música a enaltecer.

Têm um ninho engenhoso
Seguro num velho tronco,
Onde quatro crias pequenas
Dormem num abrigo pronto;
E não há sombra que turve
O seu caminho solar,

Por isso cantam felizes
Todo o dia sem parar.

Quando o Robin traz comida
À Sra. Jenny Wren,
Um alegre tremor percorre
O seu vale de ar e bem;
Os pequeninos abrem o bico
Pedindo mais refeição,
Enquanto a mãe os alimenta
Com carinho e provisão.

Oh, crianças, ao brincarem
No vale fresco e gentil,
Cuidem de Robin Red
E da Jenny Wren sutil;
E prometam, ao vê-los juntos
Num ninho cheio de amor,
Nunca ferir um passarinho
Nem destruir seu labor.

ANOITECER

Quando o dia adormece,
E a noite vem despontar,
No céu as estrelas brilham,
Começam a cintilar;
E as aves, já cansadas,
No seu ninho vão repousar,
Sem medo, sem sobressalto,
Pois Deus as vem guardar.

As estrelas vão surgindo
No céu límpido e azul,
E as flores fecham-se ao sono
Sob o orvalho que é do céu;
Quando o vento já descansa
No seu passeio errante,
Quando a água fica calma,
E a folha se faz distante;

Tudo repousa sereno,
Natureza a descansar,
Até que o astro da manhã
Venha o dia anunciar;
E com flores, aves, abelhas,
As crianças vão dormir

Nos braços do amor eterno
Que as vem sempre assistir.

Quando brilham as estrelas,
As crianças, de branco a vestir,
Junto ao colo da mãe oram
Ao Senhor que rege a noite e o porvir;
E as suas preces suaves
Sobem com fé e amor,
Aos anjos que as recebem
Nos céus cheios de fulgor.

Do céu onde os anjos vivem,
Da terra, do ar e do mar,
Do coração de quem as ama,
E do Pai que está no altar,
Vem bênção pura e doce,
Com cuidado divinal,
Para as crianças que repetem
Sua oração vesperal.

O DESPERTAR DAS FLORES

Lá fora, ao sol, nos caminhos distantes,
Nas encostas verdes, nos campos vibrantes,
Nascendo na relva, no vale a sorrir,
Enchendo as florestas de doce sentir—
Vede as flores que vêm em cortejo,
Enfeitam as árvores, vestem de desejo,
Sobem aos montes, descem ao prado,
Tecendo um encanto em todo o lado.

Todo o inverno gelado dormiram,
E a Mãe Natureza, zelosa, as cobriu;
Bem aconchegadas, seguras ficaram,
De todo o perigo do frio se livraram.
Chega a Primavera e canta a chamar:
“Bom dia, flores! é hora de acordar,
O Inverno partiu para longe, ao mar,
Saiam, queridas, para o sol vos beijar!

Venham do vale, da encosta e do monte,
Pássaros ouvem-vos lá na outra fonte.
Violeta! Flor-de-Maio! e tu, Campainha,
Acordem e sorriam quando o robin vosinha.
O Verão vem com cantos e luz,
A vida é alegria, a todos seduz.

Acordai do sono, erguei vossas mãos,
Trazei vossos véus, coroeis vossos vãos!”

Ao doce chamado da sua rainha,
Saltam as flores, de muro e campina;
Tecem no prado, na mata sombria,
Tesouros de cor e de melodia;
E o canto das aves, tão puro e profundo,
Enche de música o vasto mundo;
O Verão, ao ver tal beleza no chão,
Achou que nada faltava à Criação.

A PEQUENA NELLIE

Pequena Nellie, tão linda e sagaz,
Com olhos azuis de ternura e paz,
Olha o mundo com ar de surpresa,
Como quem tudo encara à franqueza:
“Que povo gigante! que terras sem fim!
Nunca vi nada assim lá no meu jardim!”

Vede, crianças, Nellie chegou
De uma Terra-de-Elfos que a vida deixou,
Trazendo no riso um toque encantado,
Mas achando este mundo tão complicado.
Estica a mão para o raio dourado,
Ri para a hera no beiral pousado,
E o gato malhado, travesso e ligeiro,
É seu companheiro mais verdadeiro.

Um dentinho branco, no riso a brilhar,
Cabelos dourados, suaves ao tocar;
Com mãos pequeninas, pés cor-de-rosa,
É como uma flor, tão pura, tão formosa.
Oh, nossa querida, tesouro divino,
Mandada por Deus para enfeitar o destino,
Símbolo vivo de amor e bondade,
Anjo escondido em doce suavidade.

UM FELIZ ANO NOVO

Chegou o Ano Novo! chegou com fulgor,
Crianças, oiçam: vem cheio de amor!
Da nossa morada, de luz e ternura,
Vimos-lhe o rosto, de riso e frescura;
Traz ar travesso, tão doce a brincar,
Pronto a toda a Terra agradar.

Seus dias nascem em raios suaves,
Cheios de histórias e cantos suaves,
Traz nas mãos amor sem medida,
Para encher de alegria a vossa vida;
Vem partilhar brinquedo e canção,
Dar-vos contentamento e união,
E, quando ajudardes quem sofre ou chora,
Seus dias serão mais doces agora.

Oh, recebam-no, crianças queridas,
Com abraços e vozes erguidas,
Sorriam-lhe, dêem-lhe calor,
Ele é anjo que vem com amor,
Para guiar, passo a passo, o caminho
Que vos leva a um céu tão vizinho.

GOTAS DE NEVE

Sob o manto alvo a brilhar,
Duas flores começam a despontar;
Pálidas faces, suaves ao vento,
Lábios que cheiram a puro alento.
Ao frio primeiro tremem, encolhidas,
Depois, corajosas, erguem-se eretas,
Rompem a neve, folhas erguidas,
Mostrando ao sol faces diletas.

Uma diz: “Irmã, hoje está frio,
Mas creio que é bom ficar no vazio;
A terra é dura, o vento é forte,
As outras dormem na sua sorte,
Mas vamos cantar para anunciar
Que a Primavera está a chegar.”

Responde a outra: “Sim, lado a lado,
Daremos perfume ao mundo cansado;
Hão de ansiar pelo cheiro das flores,
E nós traremos suaves louvores.”
E assim ficaram, ao gelo e à chuva,
Querendo apenas, de forma pura,
Um cantinho para florir e encantar,
E a muitos corações vieram alegrar.

CANÇÃO DA TARDE

Descansai, horas doces do dia,
Após tanto trabalho e tanta alegria;
Do sol da manhã ao poente dourado,

Vosso caminho foi já trilhado.
Agora, em paz, repousai, contentes,
Sem dores nem mágoas prementes,
Pois o mundo vos deve amizade,
Pela vossa calma e bondade.

Saudemos as horas da noite que vem,
Com estrelas brilhantes no seu além;
Passos suaves descem ao chão,
Trazendo silêncio ao coração;
E com o bálsamo do vosso sono
Curais a fadiga sem abandono,
Até que, ao nascer da nova luz,
Se apague todo o cansaço que seduz.

AS CRIANÇAS

Por todo o lado se ouvem vozes,
Risos, cantigas, falas velozes,
Passos ligeiros a ecoar,
Nos campos verdes, na rua a brincar.
Caras alegres, meninas e meninos,
São o tesouro dos pais divinos,
Que, no futuro, hão de crescer,
Reger com verdade, saber e poder.

Crianças, nas vossas andanças,
Entre invernos brancos e primaveras mansas,
Lembrem que um dia, ao serem crescidos,
Devem buscar saber e sentidos;
E nunca esqueçam o amor profundo
Que vos sustenta em todo o mundo,
Pagai-o em gestos, palavras, calor,
Que soam aos pais mais doce que flor.

FLOCOS DE NEVE

Suavemente a neve a cair,
Flocos voando, sem ruído a seguir,
Como aves brancas no céu a passar,
Descendo à terra para a abraçar;
São mensageiros de amor, enviados
Por Deus aos campos desolados.

Trazem um manto fofo e macio,
Alvo e puro como o vazio,
Cobrindo flores no sono profundo,
Guardando-as do frio do mundo.

E as crianças, de olhos no ar,
Veem nos flocos um sonho a dançar,
Vestindo árvores de branco véu,
Dando à terra o brilho do céu.

Oh, neve doce, dá-nos calor,
És bênção pura do Criador,
Guardas as flores até chegar
A Primavera para as despertar.

CAPÍTULO XVI
UMA HISTÓRIA PARA AS CRIANÇAS

Nos arredores de uma grande cidade, um pouco afastada, já no campo fresco e agradável, erguia-se uma pequena casa térrea, que em tempos fora pintada de amarelo-claro, mas que o tempo e as intempéries haviam transformado num tom baço e acastanhado. Um pequeno terreno anexo, sombreado por um majestoso carvalho, parecia tornar-se num verdadeiro recanto encantado de vermelho, dourado, verde e púrpura, quando o sol de verão brilhava sobre os canteiros de belas beldroegas, coreópsis e esporas, envoltos na sua folhagem delicada.

Durante todo o dia, os pássaros chilreavam ou gorjeavam uns com os outros no topo da árvore, onde um ninho de pintos de tordo se encontrava bem escondido dos olhares curiosos de rapazes demasiado bisbilhoteiros. Que tesouros de sementes, rebentos e flores não conheciam esses pássaros ali perto; que cerejas e bagas, de que podiam desfrutar à vontade, depois de alimentarem com cuidado as crias meio esfomeadas!

Mas, de todos os sítios encantadores que estas aves alegres tinham visitado, nenhum lhes parecia tão apropriado para fazerem a sua casa como a copa farfalhuda desse velho carvalho, que lançava a sua sombra amiga sobre a pequena casa acastanhada. E foi aí que construíram o ninho — cinco pequenos ovos malhados, cuidadosamente aquecidos pela mãe, que em breve se abriram para revelar cinco bicos famintos, escancarados à espera de alimento.

Que verão feliz foi aquele! O pai-tordo, sempre atarefado e muito importante, trazia uma minhoca tenra ou uma baga saborosa para alimentar os filhos, ou então pousava no ramo mais alto da árvore e enchia o ar com o canto alegre; enquanto a mãe, a prudente senhora Jenny, vigiava ansiosa os seus pequeninos para que nada de mal lhes acontecesse, ou lhes falava à sua maneira, com um chilreio encorajador sempre que algum se atrevia a ensaiar o bater de asas para um pequeno voo entre as folhas.

Mas tenho de vos falar dos habitantes da pequena casa acastanhada, que tinha apenas duas divisões: uma cozinha e um quarto. Os soalhos estavam sempre limpos e brilhantes; nas janelas pendiam cortinas cor-de-rosa; na sala havia algumas cadeiras, uma mesa e um fogãozinho; e o quarto interior continha uma cama branca e asseada, uma mesinha e uma cadeira.

Moravam ali apenas duas pessoas — uma mulher pálida e delicada, que gastava a vida em intermináveis costuras (pois fazia roupa barata para uma firma da grande cidade) — e uma menina de cerca de seis anos. Essa menina tinha olhos azul-vivo e cabelo castanho e encaracolado; chamava-se Fannie, e vivia ali sozinha com a sua querida mãe. O pai de Fannie estava no mundo dos espíritos havia três anos, e a mãe via-se obrigada a coser sem descanso para garantir o pão e o abrigo para si e para a filha.

A pequena Fannie ajudava a mãe a enfiar agulhas, a coser etiquetas — que eram cartões com o número da peça escrito — e a apanhar os restos do chão. Era uma criança feliz, apesar de ter poucos brinquedos, e esses já velhos e gastos; mas adorava brincar no jardinzinho, cuidar das flores, arrancar ervas daninhas e colher sementes. Passava horas a ouvir os pássaros e falava com eles à sua maneira infantil. Eram os seus companheiros, pois não tinha amigos de brincadeira; e foi um verão feliz para a menina quando os tordos fizeram o ninho no velho carvalho.

Mas, ai!, certa noite uma terrível tempestade de vento e chuva destruiu o lar dos passarinhos. O ninho soltou-se e caiu, ficando preso num ramo mais baixo. Os pássaros adultos nada sofreram, mas dois filhotes morreram, e outro ficou no chão com a asa partida. Foi assim que a pequena Fannie os encontrou na manhã seguinte, quando o sol já brilhava depois da tormenta. Pobre menina, chorou ao enterrar os dois passarinhos no jardim, cobrindo-lhes a sepultura com as flores mais bonitas que tinha. O ferido levou-o para casa; a mãe atou-lhe a asa partida com um fio de algodão e deu-lhe migalhas de pão. Fannie preparou um ninho macio com restos de linho e cuidou dele até recuperar; então soltou-o de novo no mundo, para que fosse encontrar os pais, o ninho arranjado e os irmãos sobreviventes.

Mas algo de maravilhoso — assim lhe pareceu — aconteceu. Enquanto esteve em casa, ferido, o passarinho tornara-se tão manso que comia da mão dela; e quando ganhou forças, a menina sentiu tristeza por perder o novo amigo. Mas os passarinhos são gratos e não esquecem um gesto de bondade. Nas noites quentes de verão, a senhora Davis deixava a janela aberta, e era com enorme alegria que Fannie via o seu amigo entrar todos os dias de manhã. O passarinho pousava-lhe no ombro, comia sementes ou migalhas da sua mão, chilreava alegremente e depois partia de volta ao seu ninho ou a outros lugares do campo.

Um dia luminoso de agosto, Fannie brincava no jardim com flores e pedrinhas, quando avistou, do outro lado da cerca, o rosto de um menino de cabelos castanhos e brilhantes, meio escondido por um chapéu de palha branca com fita azul. O estranho espreitava-a com olhos vivos e marotos, indeciso entre falar ou não. Fannie correu a abrir o portão e chamou: “Queres entrar ver as minhas flores, menino?”

O rapaz sorriu e aproximou-se; em poucos minutos já conversava com a menina como se fossem velhos conhecidos. Chamava-se Franklin Hedge, vivia numa bela casa branca, a uns dois quilómetros dali, tinha uma querida mãe e um pai formidável de grandes barbas negras; não tinha irmãos, mas dizia acreditar que Deus lhe ia dar uma irmãzinha, porque já pedira tantas vezes; tinha cavalos, carruagens, brinquedos e o maior jardim, cheio de flores de todas as espécies. Estava de passeio com a professora, que entrara numa casa ali perto para visitar uma doente, e aproveitara para vaguear até ali.

Fannie ouvia tudo com espanto; nunca vira tais maravilhas. O menino parecia-lhe tão bonito e bondoso, diferente dos rapazes que atiravam pedras, que quase o julgou um anjo de outro mundo. Brincaram e conversaram juntos uma hora inteira, ela mostrando-lhe colares de flores, ele ensinando-lhe jogos de rapaz. A mãe chamou uma vez, curiosa com quem Fannie brincava, mas ela explicou e logo voltou com um copo de leite fresco, que Frankie bebeu com gosto.

Mas tudo tem um fim, e chegou a hora da despedida. Uma carruagem puxada por um cavalo branco apareceu ao longe; era a professora de Frankie, que o procurava ansiosa. O menino beijou a mão de Fannie em despedida e correu ao encontro dela; em instantes desapareceu no caminho.

Durante semanas, Fannie falou sem cessar do novo amigo, sonhando com o regresso dele; mas os dias transformaram-se em meses, as flores murcharam e deixaram apenas sementes secas, que ela guardou com cuidado; as folhas caíram do carvalho, o ninho dos tordos ficou vazio, e Frankie nunca mais voltou. No inverno, já só podia brincar um pouco nos dias mais soalheiros; sentia falta do passarinho, mas consolava-se imaginando-o feliz num lugar mais quente, e esperava pela primavera.

A senhora Davis, entretanto, estava cada vez mais fraca e magra; a tosse e as dores no peito quase não a deixavam. Custava-lhe levar o trabalho à cidade, mas era o único sustento da casa. O médico bondoso da vizinhança aparecia às vezes, deixando remédios que pouco alívio traziam.

O inverno aproximava-se, e a pobreza era grande. Com poucas provisões e quase sem lenha, mãe e filha viram a neve cair, cobrindo a terra com um manto branco e gelado. Fannie deitou-se junto da mãe, adormeceu nos seus braços, mas o sono não veio aliviar os olhos cansados da moribunda. A mulher sabia então que o seu tempo chegara, e rezava apenas pela segurança da filha.

Na manhã seguinte, o sol brilhou sobre a casa nevada. No quarto encontrava-se um pequeno grupo: a menina chorando agarrada à mão fria da mãe morta, o médico bondoso e uma senhora de luto, tão pálida como a defunta. A senhora Davis partira em paz, depois de o médico lhe prometer que a filha não ficaria desamparada.

Recordam-se do menino, Frankie Hedge, que passara uma hora de verão com Fannie? Pois bem, nunca a esquecera; falava dela aos pais, que lhe prometeram levá-lo a visitá-la depois das férias no litoral. Mas Frankie, que partira forte e feliz, regressou do mar um inválido pálido e debilitado. Os banhos prolongados enfraqueceram-lhe tanto o corpo que, ao apanhar um arrepio, caiu gravemente doente. Nada o conseguiu salvar; no início de dezembro, jazia sem forças, pálido nos travesseiros, suspirando e gemendo, os olhos tristes fixos no rosto da mãe.

Falava muitas vezes de Fannie, dizendo os bons momentos que queria ter com ela quando melhorasse. Mas agora sabia que não iria recuperar neste mundo. Numa dessas noites frias, enquanto a neve caía lá fora e a luz suave iluminava o quarto rico e silencioso, Frankie suplicou à mãe que fosse buscar Fannie Davis e a trouxesse ao seu lado.

O bondoso Dr. May ofereceu-se para ir buscá-la, mas nada acalmou a criança até a mãe lhe prometer que, na manhã seguinte, iria de trenó com o médico procurar Fannie e levá-la até ele.

Mas isso não bastava; nada acalmaria a criança doente até que a mãe lhe prometesse que, na manhã seguinte, iria de trenó com o bom doutor, encontrar Fannie e trazê-la para junto de Frankie.

“Oh, estou tão contente, mamã”, disse o menino; “está aqui um senhor alto e bom, e ele também está tão contente. Vi-o naquele dia no jardim onde a Fannie mora; disse-me que era o pai da Fannie. Ele diz que em breve a Fannie já não terá mamã na Terra. Leva-a para cá, mamã, e talvez quando ela já não tiver mamã, e tu já não tiveres menino, ela seja a tua menina e fique contigo para sempre; porque eu vou estar com os anjos; mas hei de vir visitar-te às vezes.”

Depois disto, o menino adormeceu, e de manhã, quando o sol brilhava sobre a neve recém-caída, a senhora Hedge foi levada no trenó do médico até à casa de Fannie Davis; e foi assim que encontraram a mulher moribunda e a criança a chorar.

A bondosa senhora Hedge não conseguiu convencer a pequena Fannie a afastar-se do lado da mãe; por isso, depois de o espírito da mulher sofredora ter partido em paz, viu-se obrigada a regressar a casa, deixando a menina ao cuidado de uma boa mulher que o médico arranjara para ficar com ela até depois do funeral do corpo da senhora Davis; porque é apenas o corpo, queridos meninos, que tem de ser afastado da vista; a verdadeira pessoa vive,

não está fria nem insensível; e se tiver sido boa, a felicidade é sua, e encontra um lar belo e doce junto dos entes queridos. A senhora Davis encontrara já o marido e os pais, e tinha um lar luminoso à sua espera; mas não abandonara nem esquecera a filha, que ficara aparentemente só na Terra.

Frankie Hedge não mostrou desilusão quando a mãe regressou sem Fannie. “Eu sabia que ela não viria”, disse-lhe, quando a viu entrar no quarto e tirar o manto e as peles. “Eu disse ao papá que ela não viria. Vi o papá dela outra vez há pouco, e estava com uma senhora de rosto tão doce e bonito. Fez-me lembrar-te, mamã, parecia tão bondosa e boa, e então percebi que a mamã da Fannie tinha morrido e que era ela.”

A senhora Hedge beijou o filho e disse-lhe que acreditava que Fannie viria depois do funeral. “Ah, sim, ela virá, mamã; o papá dela disse-me isso, e eu posso esperar, porque ainda não vou deixar-te já. Vi a querida avó ontem à noite, e ela beijou-me e disse: ‘Só quando soprarem os ventos de março, meu cordeirinho, é que estaremos prontos para te levar para o nosso lar do espírito.’”

Os olhos dos pais encheram-se de lágrimas; sabiam que o filho se encaminhava rapidamente para a Terra do Verão, mas não se afligiam como outros, porque sabiam que ele podia voltar a eles. Não pensavam que fosse apenas sonho, como o médico acreditava, quando falava de ver o pai da Fannie e a sua própria avó; sabiam que os anjos estão sempre por perto, a tentar fazer-se sentir pelos amigos.

Três dias depois, Fannie Davis foi levada para a casa de Frankie Hedge. Pobrezinha! como os olhos dela brilharam ao ver o menino que a esperava ansioso. Que encontro tão afetuoso! Ter-se-ia dito que eram irmãos há muito separados; mas os anjos sabiam e compreendiam. Ambos estavam diferentes daquele dia longínquo de verão em que se tinham conhecido. Frankie estava pálido e debilitado pela doença, e Fannie perdera o cor-de-rosa das faces e o brilho dos olhos pelo sofrimento e pela morte da mãe.

Nada satisfazia Frankie senão a promessa de que Fannie ficaria com ele enquanto vivesse, e esse desejo foi-lhe concedido.

O coração da senhora Hedge, já marcado pela dor, encheu-se de piedade e ternura pela órfã, que depressa se transformaram em amor; e o senhor Hedge, que disse que Fannie lhe lembrava muito uma irmãzinha sua falecida havia muitos anos, acolheu-a de imediato.

Prepararam-lhe um quartinho junto ao corredor do quarto de Frankie. Um belo tapete azul com lírios brancos espalhados cobria o chão; havia uma caminha de linho e renda alvíssimos, móveis azuis e brancos, alguns quadros graciosos nas paredes cor-de-rosa e cortinas azuis e brancas na janela. A pequena menina encantava-se com aquele aposento; nunca em vida vira algo tão

bonito, e às vezes chegava a prender a respiração e a beliscar-se para ter a certeza de que não sonhava.

A senhora Hedge também a vestiu, não de negro pesado, mas com delicados vestidos de caxemira branca, que enchiam Fannie de alegria e lhe faziam desejar que a mãe pudesse voltar para a ver assim.

As duas crianças eram agora companheiras inseparáveis durante o dia, salvo nas refeições ou quando Fannie saía a passear com a governanta de Frankie. O doutor May declarou que o menino melhorara muito desde a chegada da amiga, e os senhores Hedge começaram a ter esperança de que a saúde lhe regressasse.

Que tempos felizes passaram juntos! Frankie tinha inúmeros brinquedos e livros ilustrados, que eram para Fannie fonte constante de encanto; e contava-lhe histórias dos lugares por onde andara, até que os olhos dela se abriam de espanto. Mas o que mais gostava era de o ouvir falar das visitas do pai e da mãe dela, e da sua avó, ao leito dele, e das palavras que lhe diziam; e isso enchia Fannie de alegria, ao saber que os pais estavam felizes num lar doce, e que vinham todos os dias até Frankie para lhe mandar amor.

O tempo passou depressa, e chegou o início de fevereiro. A geada clara cobria o chão, cintilando ao sol ou ao luar como milhares de faíscas. Dentro de casa reinava igual serenidade; nada vinha perturbar a paz daquele lar.

Um belo harmónio estava no quarto de Frankie, e às vezes, ao cair da noite, o menino pedia à mãe para não acender o gás e tocar antes no instrumento; e, à medida que a penumbra se adensava, a boa senhora tocava docemente para os ouvidos atentos das crianças. Nessa hora, os anjos tornavam-se visíveis para Frankie, e ele falava com eles como se estivessem em corpo.

Numa noite de meados do mês, a senhora Hedge sentava-se numa grande cadeira de braços, com o filho ao colo; ele estivera inquieto todo o dia, e a mãe embalava-o com carinho. Fannie estava sentada um pouco afastada, com os olhos azuis sonhadores. O senhor Hedge tinha acabado de chegar e olhava tristemente para o filho.

De repente, Fannie levantou-se, foi até ao harmónio, sentou-se e começou a passar os dedos pelas teclas, produzindo uma melodia suave e doce. Logo depois começou a cantar uma bela canção, acompanhando-se ao som.

Os pais ficaram espantados e maravilhados, pois a menina nunca tocara instrumento algum; mas Frankie assistia com calma e prazer. Mais tarde contou-lhes que vira uma senhora muito bela pegar-lhe na mão, levá-la ao harmónio e guiar-lhe os dedos.

A canção que Fannie entoou a senhora Hedge reconheceu como uma das preferidas de uma irmã muito querida, que há muito partira para o mundo dos

espíritos; e, pela descrição que Frankie deu da senhora ao lado de Fannie, ficou convencida de que era mesmo a sua irmã, regressada para cantar-lhe uma vez mais.

Todas as noites, a doce presença voltava, tomava a menina e tocava e cantava para os ouvintes encantados; Frankie nunca deixava de a ver e de falar com ela e com outros espíritos, transmitindo as mensagens de amor e consolo que traziam. Parecia que o céu descera mesmo àquele quarto de doente, e que anjos habitavam a casa.

Eram dias tristes mas felizes para os senhores Hedge. Sabiam que nada — nem mesmo o grande amor — podia manter o menino no corpo; a força esvaía-se, mas as faculdades espirituais cresciam de tal forma que ele via os anjos a qualquer momento. Muitas horas sagradas passaram os pais em comunhão com os amigos espirituais, através destes dois pequenos seres unidos por destino tão singular; e, embora sofressem por ter de se separar do filho, alegravam-se por saber que ele seria feliz no além e que, enquanto vivessem, ele voltaria para os consolar.

Frankie estava calmo e feliz em tudo, exceto numa preocupação: a sua amiga Fannie. Era espantoso como estes dois se tinham afeiçoado um ao outro. Fannie, que sempre fora tão viva, passava horas sentada junto à cama, de mão dada com ele, a falar-lhe ou a cantar-lhe até que adormecia.

Ainda não falara da sua inquietação a ninguém; mas, à medida que o fim se aproximava, resolveu fazê-lo. Era noite, as cortinas corridas, a luz suave espalhada no quarto. As crianças já se tinham beijado de “boa noite” e Fannie recolhera-se. Os pais estavam com o filho; a enfermeira e o médico tinham-se retirado, e tudo estava em silêncio.

“Mamã, papá”, disse ele, “há uma coisa que eu quero tanto, tanto; vou deixar-vos muito em breve; a avó disse-me esta manhã que virá buscar-me; mas quero que me prometam uma coisa antes de eu partir.”

“O que é, meu amor?”, perguntou a mãe, beijando-lhe a fronte pálida.
“Quero que fiquem sempre com a Fannie, e que ela seja a vossa menina. Ela será o vosso consolo. Os espíritos também querem isto; acho que me mandaram até ela no verão passado, e trouxeram-na para nós. Por favor, digam que ela ficará sempre convosco.”

“Sim, querido”, respondeu o pai, “a tua mãe e eu já tínhamos decidido isso. Nunca a deixaremos partir. É demasiado preciosa para nós, e foi demasiado querida para o nosso menino para a afastarmos.”

Um sorriso de alegria iluminou o rosto da criança; estava em paz agora, nada mais o podia perturbar, pois aproximava-se dos portões da Terra do Verão. A sua pequena amiga ficaria protegida; era tudo o que desejava. Com um beijo de ternura e um olhar agradecido aos pais, caiu num sono doce e sem sonhos.

Chegaram os ventos de março, assobiando em volta da velha casa imponente; a neve branca ainda cobria o chão. O inverno fora especialmente rigoroso, e muitos sofreram; mas a pequena Fannie Davis, protegida por amigos amorosos e por anjos guardiães, foi poupada a todas as privações.

Era crepúsculo — a hora dos anjos naquele lar de riqueza e esplendor. O senhor e a senhora Hedge, o bom doutor May, a velha ama e a menina Fannie estavam reunidos junto ao leito do menino cuja vida terrena se esvaía rapidamente. Mas nesse quarto silencioso havia uma multidão maior — seres angélicos vieram buscá-lo — e os olhos da criança seguiam-nos com alegria solene. Calma, suave e docemente, a sua alma desprendeu-se do corpo, recebida com amor e conduzida aos jardins floridos da Terra do Verão, onde tudo é beleza, alegria e felicidade.

Mãos ternas vestiram a pequena forma de barro em roupas de um branco imaculado, adornaram-na com flores raras e perfumadas e, entre muitas lágrimas e carícias, entregaram-na ao seu último repouso. Mas o menino Frankie, agora feliz, forte e livre, continuava a viver num lar belo, de onde podia voltar aos que amava.

Três dias após o enterro do corpo, o senhor e a senhora Hedge estavam sentados juntos, conversando tristemente sobre os acontecimentos recentes. A pequena Fannie, presente, parecia não prestar atenção; tornara-se estranhamente silenciosa e triste, pois sentia a falta do seu companheiro mais do que as palavras podiam exprimir.

De repente, o seu corpo endireitou-se, os olhos brilharam e um sorriso iluminou-lhe o rosto. “Oh, Frankie, Frankie”, exclamou; “ele está aqui — vejam! vejam! Como está belo e luminoso!”

Logo os olhos se fecharam, as feições mudaram, e, passando para junto do sofá onde os mais velhos estavam, abraçou-os com ternura e, com a voz bem conhecida de Frankie, falou-lhes, contando da sua alegria, do lar maravilhoso, de como estava forte e saudável; falou dos entes queridos que o acompanhavam e expressou o júbilo que sentia por ter a oportunidade de voltar para junto dos seus queridos pais.

Que hora feliz foi aquela! O seu adorado filho regressava para lhes falar. Lágrimas de alegria caíram dos olhos dos pais, e os corações entristecidos encontraram motivo para se regozijar na bondade e misericórdia do nosso Pai do Céu.

Muitas vezes, a cena repetiu-se; quase todos os dias, Frankie voltava e tomava o corpo da pequena Fannie para falar com o pai e a mãe; muitas vezes aparecia à menina, e as crianças brincavam juntas como se ambos estivessem em corpo, de modo que a solidão e a tristeza desapareceram dos corações de todos, e parecia realmente que ele nunca tivesse morrido.

O senhor e a senhora Hedge nunca se arrependeram de ter adotado Fannie Davis; ela tornou-se a luz e a vida da casa, por quem os anjos vinham trazer alívio aos corações cansados. Muitas vidas foram consoladas, muitos lares iluminados pelas mensagens de amor, esperança e alegria que, através dela, os bons espíritos transmitiam.

Hoje, ela é já uma jovem — doce, gentil e amável — cuja maior felicidade é confortar os tristes e ajudar os necessitados. O espírito de Frankie, juntamente com o seu querido pai e a sua mãe, e muitos outros anjos, guardam-na e guiam-na na sua missão de amor e auxílio. Assim, meus queridos meninos, podem ver como os anjos cuidam sempre dos que estão em necessidade.

CAPÍTULO XVII

AS CRIANÇAS DA TERRA DO VERÃO

Penso que os queridos meninos e meninas da vida terrena gostariam de saber algo sobre as crianças que vivem na luminosa Terra do Verão; por isso vou contar-lhes sobre os pequeninos que vi nesse doce país e os belos lugares onde vivem.

Primeiro, meus amiguinhos, vou falar-vos de um sítio maravilhoso a que chamamos Vale dos Lírios. É um lugar encantador onde as flores florescem sempre, e onde os pássaros cantam alegremente para agradar às crianças que vivem e estudam ali. No centro do Vale dos Lírios há um grande lago de águas límpidas; em torno das suas margens crescem árvores imensas, cujos ramos, revestidos de folhas brilhantes, lançam uma sombra fresca sobre a água, fazendo-a parecer uma joia verde e reluzente. Pequenos barcos brancos — alguns em forma de cisne, outros em forma de conchas variadas — flutuam no lago, e é a delícia dos meninos poderem, com frequência, navegar neles, sob o cuidado do professor ou do guia.

Reúnem-se em grupos na margem: um guia e duas crianças em cada barco, e lançam-se pelo lago, gozando a brisa suave e o movimento delicioso do deslizar da embarcação, aprendendo ao mesmo tempo lições sobre a natureza, as qualidades e os usos da água, e as leis do movimento relacionadas com o ondular das vagas. A maneira de aprender estas coisas na Terra do Verão é diferente da da Terra, e receio que os meus pequenos leitores terrenos não a compreenderiam se eu tentasse explicá-la.

Pois bem, às vezes podem ver-se de vinte a trinta barquinhos, cada qual com três pessoas — um mestre e duas crianças — espalhados pelo lago. Hoje contentam-se em deslizar calmamente; amanhã podem vogar até uma parte distante do vale, onde fazem um passeio e um piquenique em Bosque do Bordo ou Clareira do Carvalho — dois lugares favoritos — aprendendo ali lições de botânica e de história natural. Tenho a certeza de que os meus

pequenos leitores gostariam de navegar nesse lago e de fazer parte do grupo feliz de crianças que nunca discutem, mas são sempre gentis, afetuosas e respeitosas com os mestres e entre si.

O Vale dos Lírios tem este nome porque o relvado macio e aveludado está salpicado de belos lírios fragrantes. Estas flores são a alegria das crianças e o orgulho dos professores, e fazem do lugar um verdadeiro templo de perfume e beleza. Altas árvores erguem-se por todo o vale, isoladas ou em pequenos bosques; sob a sua sombra, mestres e discípulos passam muitas horas felizes em estudo e ocupações. Além dos lírios, crescem outras flores, que as crianças cuidam com prazer, observando o seu crescimento dia após dia. O sol brilha radioso, e quando as plantas precisam de humidade, caem chuviscos suaves, em finas cortinas prateadas que refrescam tudo sem encharcar, deixando ver, através delas, uma luz dourada que emana do sol acima das nuvens alvas.

Ao longe — pois o Vale dos Lírios é vasto — erguem-se montanhas que cercam o vale; os seus cumes brilhantes, que resplandecem ao sol em tons de púrpura e rosa, parecem guardiões radiosos a velar pelas crianças, e muitas lições de firmeza, fidelidade e verdade elas aprendem da visão desses sentinelas fiéis.

E agora, meus pequenos amigos, quereis saber como vivem as crianças neste lugar encantador. Pois bem, vivem muito como vós nas vossas casas terrenas, só que muitas não vivem com pai e mãe — porque estes ainda estão na Terra, ou partiram esquecendo-se delas, ou por outra razão qualquer — mas vivem com professores ou guias, sempre bondosos, amorosos e atentos.

No Vale dos Lírios há muitas casinhas brancas, algumas maiores, outras mais pequenas, conforme o número dos que nelas habitam. Chamam-se “Rhonas”; são redondas como pavilhões, com entradas em todos os lados; as janelas abrem-se como portas do chão ao teto e ficam geralmente escancaradas. As colunas das “Rhonas” estão cobertas de trepadeiras, que lançam flores roxas, cor-de-rosa, douradas ou escarlates ao vento suave. O interior é simples mas bonito, limpo e agradável — tal como o lar das crianças deve ser, pois o ambiente tem grande influência no caráter e nos gostos.

Livros, imagens, música e tudo o que é belo encontram-se nesses lares, e todos vivem em harmonia. As crianças são obedientes e carinhosas para com os professores, que por sua vez lhes são respeitosos e ternos. Os mais velhos ajudam a educar e cuidar dos mais novos, e todos são felizes nesse lar da Terra do Verão.

Os professores não têm tantos alunos como na Terra; nenhum tem mais de sete, e muitos apenas um ou dois, porque acreditam que assim podem cuidar melhor do desenvolvimento de cada um. Às vezes, as lições são em casa, mas muitas vezes estudam ao ar livre, debaixo das árvores, junto ao lago ou noutros lugares, aprendendo diretamente da natureza.

Mas há ainda um edifício grandioso no Vale dos Lírios chamado “Templo da Arte”. É tão vasto e elevado, feito de uma substância branca e quase transparente, que se vê de longe e enche de admiração todos os que o contemplam. Não tem paredes laterais, está aberto de todos os lados, e o teto é sustentado por grandes colunas de pedra branca reluzente. O teto é pintado de azul celeste; o pavimento, de pedras coloridas dispostas em círculos; no centro, uma fonte de prata esguicha continuamente véus de água perfumada; em redor há assentos macios, e numa plataforma elevada, ao fundo, sentam-se os Mestres de Arte quando vêm instruir as crianças.

Em intervalos regulares, as crianças reúnem-se no templo para aprender música, pintura, escultura ou outras artes. Não são forçadas a estudar o que não apreciam; cada uma segue a inclinação do seu gosto, e assim há muitos alunos brilhantes. Quando as turmas se reúnem, são ensinadas por grandes e bons espíritos que, quando viveram na Terra, se dedicaram a essas artes, e agora se comprazem em transmitir o saber, ajudando a despertar os talentos das crianças. Ouvem-nas com atenção e mais tarde experimentam por si mesmas. As exposições de pintura e escultura que ali se fazem são magníficas, e os concertos tão belos que ultrapassam qualquer coisa que possais ouvir na Terra.

Assim, nesse lugar encantador, as crianças vivem, crescem e florescem; brincam e trabalham, vivem felizes, desenvolvem-se em bondade e verdade, aprendendo a ser homens e mulheres nobres e sinceros.

Há também outro lugar formoso, chamado Lago de Cristal. Não é como o Vale dos Lírios: é menor, mais raso e bem diferente. O Lago de Cristal é rodeado por margens de musgo fresco e macio, que servem de assentos às crianças que ali vêm brincar. Por toda a parte há árvores, flores e pássaros, tornando o sítio alegre e doce. Mas há uma particularidade: as águas nunca estão imóveis; a brisa agita-as constantemente, produzindo um som melodioso, como o tilintar de sinos de prata. Por isso o lago é chamado “Ondas Cantantes”. A sua superfície é tão límpida, e o fundo tão próximo, que este reluz ao sol em mil cores, como um chão incrustado de pedras preciosas.

Sob as árvores e nos espaços livres à volta do lago encontram-se toda a espécie de brinquedos e aparelhos para exercício: baloiços, bolas, cordas, engenhos aéreos semelhantes a balões — coisas que as crianças da Terra nem imaginam — tudo para recreio e desenvolvimento, pois na vida espiritual a diversão está sempre unida à utilidade, e todo o recreio serve também para fortalecer o corpo e expandir a mente.

As águas do Lago de Cristal são usadas principalmente para banhos das crianças, que adoram deslizar nelas e gozar a frescura deliciosa enquanto escutam o canto das ondas; e todos os dias se pode ver ali um quadro encantador, quando grupos de pequeninos, nenhum com mais de dez anos,

brincam na água e enchem o ar rosado com a música das suas gargalhadas e gritos de alegria.

O Lago de Cristal e a sua vizinhança formam aquilo a que chamamos um grande sanatório — isto é, um lugar onde se encontra saúde, onde ninguém pode estar doente nem fraco. Todos os que vivem ali, nas numerosas casinhas brancas, nunca sabem o que é debilidade; são fortes, ativos e felizes, pois a saúde perfeita traz consigo o gozo da vida.

Há muitos destes belos sanatórios no mundo espiritual, e nem todos são para crianças; alguns são para adultos que necessitam de cuidados. Mas esses não vamos agora visitar, porque a nossa tarefa é falar apenas das crianças da Terra do Verão.

Suponho, meus queridos, que já viram na Terra algumas crianças doentes e frágeis, que nunca são robustas nem saudáveis; e talvez tenham ouvido dizer que esses pobres anjinhos partiram, e que os seus corpos foram sepultados. Pois são precisamente essas crianças sofredoras que são levadas para os doces sanatórios, como o do Lago de Cristal, na Terra do Verão; e ali, nesses lugares maravilhosos, tornam-se fortes, alegres e saudáveis, e nunca mais adoecem nem sofrem.

Talvez os seus pais na Terra fossem muito pobres, e as crianças não tivessem nada de bonito nem alegre em vida; então ficam radiantes quando se veem neste doce lar, capazes de apreciar e gozar todas as belezas que os rodeiam. Na verdade, não importa quão pobres ou humildes tenham sido na Terra, todas são tratadas com igual ternura e amor, e rodeadas de beleza como se fossem filhas acarinhadas dos mais ricos pais; e os seus corações aprendem depressa a corresponder em afeto, pois não há distinções entre as crianças da doce Terra do Verão — todas são igualmente cuidadas.

Talvez, meus queridos, tenham ouvido falar de crianças na Terra que foram negligenciadas por todos, obrigadas a vaguear sozinhas, sem amor nem cuidados. Por vezes, essas crianças morrem e são levadas para o mundo espiritual. São pequenos seres pálidos e cansados, que precisam de força e alegria; são então colocados nestes brilhantes sanatórios, recebendo muito ar fresco e luz pura, os seus membros são banhados na água límpida, podem brincar, correr e cantar; usam todos os brinquedos e engenhos para se divertirem e exercitarem, e em pouco tempo mostram-se saudáveis e felizes.

As mais bondosas das mães-enfermeiras vivem nestes lugares; amam e mimam as crianças ao máximo. Nunca precisam de lhes dar remédios — aqui eles não existem nem são necessários. Nunca precisam de as castigar, pois há tanto amor e tanta bondade que é fácil para os pequenos serem sempre dóceis e bons.

Sanatórios como o Lago de Cristal, que é um grande jardim de flores, árvores e pássaros, com um lago encantador no centro, onde tudo é doce e belo, e onde é um prazer viver e gozar a liberdade da verdadeira existência, são o único tipo de hospitais infantis de que já ouvi falar na Terra do Verão; e são os sítios mais radiantes, saudáveis e encantadores que alguma vez visitei. As crianças que ali vivem são crianças de verdade — naturais, inocentes, alegres e livres.

Vale Feliz é o nome de outro lugar maravilhoso na Terra do Verão onde vivem crianças. Como o nome indica, é um vale, cercado por grandes colinas verdes, que o fecham como muralhas, e que o fazem brilhar como uma joia resplandecente no abraço dessas alturas arborizadas. As colinas em redor estão cobertas de bosques, cujas folhas verdes oferecem frescura e descanso à vista. Os habitantes, sobretudo os pequenos, adoram subir às colinas e realizar lá em cima as suas aulas, encontros, piqueniques e reuniões sociais. O vale é tão bonito como qualquer outro que descrevi, e os que nele vivem nunca conheceram lugar tão encantador.

Flores brilhantes e perfumadas salpicam a relva macia; roseiras de vermelho, amarelo, branco e cor-de-rosa abundam; trepadeiras de folhas verdes e longas flores roxas ou carmesins enlaçam-se nas paredes de todas as casas; tudo é doce e puro. Aqui e ali jorram ribeiros e fontes de água clara; pássaros cantam nas árvores e entram e saem das casas sem receio, tão mansos que pousam no dedo de qualquer menino ou menina que os chame, cantando-lhes uma melodia para seu grande deleite.

Vale Feliz é como uma imensa escola cheia de rostos alegres de crianças, com aqui e ali um adulto bondoso e meigo que lhes serve de professor. As lições são sempre ao ar livre, nunca dentro de casa, pois as crianças aprendem muito da própria natureza que constantemente contemplam. São muito musicais, e têm toda a oportunidade de cultivar este gosto.

Talvez já tenham ouvido falar de um instrumento chamado harpa eólica, que, colocado à janela, deixa o vento arrancar-lhe uma melodia suave e melancólica. Pois bem, no Vale Feliz cada criança que o deseja — e qual não deseja? — tem um instrumento semelhante, que coloca onde a brisa o faça soar, produzindo música doce e encantadora, mas não triste como a da Terra: alegre, inspiradora e harmoniosa.

Um estranho que entre no vale pela primeira vez e escute a música de tantos desses instrumentos, pode julgar que entrou em terra de fadas, ouvindo sinos de flores perfumadas; tão delicado é o som. Mas não, são apenas as harpas das crianças, tocadas pelos dedos místicos do vento, ensinando-lhes uma lição de esperança e alegria. Os mestres aproveitam para explicar-lhes as leis da vibração, da harmonia e do ritmo, mostrando-lhes como a brisa produz esse efeito glorioso nos instrumentos.

A menina de quem vou falar-vos tem apenas oito anos. É uma criança calma e delicada, cheia de atenção pelos outros. A sua maior alegria é tentar fazer os outros felizes. Não vos direi como é, mas se conhecerem alguma menina boa, carinhosa e generosa, que ajuda os outros, fala com suavidade e sorri quando lhe pedem algo, podem imaginá-la parecida com esta menina espiritual, a quem chamaremos Flora — em homenagem às flores.

Flora chegou à Terra do Verão com cerca de quatro anos. No início estava muito triste, sentava-se em silêncio à beira de um regato ou numa colina, sem ligar às brincadeiras das outras crianças, pois deixara uma querida mamã, um papá e um irmãozinho bebé na Terra, e sentia que eles a chamavam de volta. Mas em breve tornou-se alegre, porque descobriu que podia regressar a casa: de noite, quando os pais e o irmão dormiam, falava-lhes ao espírito e até lhes cantava, pois tinha voz muito doce.

E de manhã, às vezes, a mamã dizia: “Pareceu-me esta noite ouvir a minha menina a cantar para mim; até penso que vem ao bebé, ele está tão bem-disposto e sorri como fazia quando ela brincava com ele.” E o papá sorria e dizia: “Parece mesmo que há um anjo em casa; sinto-me mais perto do Céu.” Assim, a pequena Flora já fazia grande trabalho: visitar os pais em espírito, suavizar-lhes a vida com a sua presença alegre e luminosa.

Flora tinha uma pequena harpa, como as do Vale Feliz, e às vezes colocava-a à porta da casa do pai; o vento fazia soar as cordas com uma melodia suave. O bebé ria e batia palmas, e a mamã pousava o trabalho para escutar os sons misteriosos e doces. Isto repetiu-se até que a mãe de Flora se convenceu de que aquela música não era imaginação, mas real. Ouvindo falar de uma médium, decidiu visitá-la, e ali recebeu notícias dos espíritos, sempre incluindo mensagens de amor da sua Flora.

Assim, meus pequenos, a menina de Vale Feliz trouxe alegria, conforto e paz ao coração da mamã, e depois a grande certeza da vida imortal, provando-lhe que a filha continuava viva e amorosa. Tudo isto porque quis ajudar a mãe, levando-lhe a sua harpa eólica para que o vento tocasse sobre ela.

A nossa pequena Flora vai por vezes a casas terrenas onde há miséria ou dor, e de noite, quando todos dormem, toca e canta; e os espíritos das pessoas, que não dormem embora os corpos repousem, ouvem os sons celestes e ganham forças para continuar a sua vida. Não se lembram ao acordar da música, mas recordam sonhos agradáveis e sentem-se felizes e fortes para o dia.

Há um grande hospital numa das vossas cidades, onde jazem homens, mulheres e até crianças, em sofrimento. Os médicos e enfermeiros fazem o possível, mas não sabem quanto são ajudados pelos espíritos-crianças, como Flora, que colocam as suas harpas para o vento tocar, trazendo sons doces aos ouvidos espirituais dos enfermos, acalmando-lhes a dor e a febre.

Conto-vos um caso em que Flora fez grande bem. Um homem forte estava muito doente, com febre violenta que lhe incendiava o cérebro. Os médicos já o tinham desenganado. Flora visitava-o constantemente, colocando a sua harpa espiritual sobre a cama; a brisa suave fazia vibrar as cordas. O homem piorava cada vez mais, até que foi sedado com opiáceos e caiu em profundo torpor. Mas, embora os sentidos do corpo estivessem adormecidos, o ouvido do espírito estava desperto.

A música da harpa chegou-lhe, e Flora começou a cantar uma melodia doce e suave. O homem ouviu e acalmou-se. Os médicos, temendo o momento em que acordasse, observaram com espanto que, ao despertar, estava com a mente fresca e o pulso tranquilo. “Doutor”, exclamou, “vi um anjo; ouvi-o cantar-me; vou curar-me!” O médico sorriu, pensando tratar-se de imaginação; mas o paciente recuperou de facto. Desde o dia em que ouviu a música espiritual e a voz de Flora, começou a melhorar, até ser dado como curado. E, durante a lenta convalescença, sempre que adormecia, ouvia a harpa de Flora e, muitas vezes, a sua doce voz em canto.

Esses momentos davam-lhe sempre força, repouso, novo ânimo, e assim o seu espírito conseguia vencer a fraqueza e a dor do corpo. Recuperou a saúde e tornou-se também um firme crente no poder dos anjos de aliviar as doenças e sofrimentos dos mortais.

No mesmo hospital onde esse doente foi curado da febre, pelo poder de Flora e da sua harpa, muitas outras pessoas sofredoras também foram abençoadas e ajudadas de diversas maneiras pela mesma influência benéfica. Vou agora contar-vos o caso de uma jovem que ali jazia a definhar com tuberculose. Esta paciente não podia ser restabelecida na saúde do corpo, nem por mortais nem por espíritos; nem sequer seria desejável, pois a vida tinha-lhe sido dura.

O mundo fora-lhe muito cruel, e sofrera bastante. A única esperança de felicidade estava em partir para a luminosa Terra do Verão, onde encontraria amigos, bondade e um lar. Mas ela não sabia destas coisas como nós sabemos, meus queridos, e não queria “morrer”; não queria deixar o corpo, porque temia o Além.

Ora, esta mulher — a quem chamarei Lizzie — sofria tormentos de espírito ao pensar na morte, e a pequena Flora sentiu grande compaixão por ela. Procurava de todas as maneiras influenciar-lhe a mente com pensamentos luminosos e felizes. Cantava-lhe, colocava a sua harpa onde a música pudesse talvez ser ouvida, e, de muitas formas, tentava trazer conforto à jovem cansada. Finalmente, quando Lizzie estava já tão débil e pálida que parecia prestes a separar-se a alma do corpo, abriu-se-lhe o ouvido interior, e a música da pequena harpa chegou até ela. Escutou — escutou com toda a atenção. Em breve um sorriso iluminou-lhe o rosto abatido; era, de facto, música celestial

para ela. E, pouco depois, ouviu uma vozinha infantil, doce, a cantar estas palavras:—

Nós vimos, nós vimos,
Com o espírito a transbordar,
Guiar teus passos cansados
Ao lar do Pai, no seu lugar.
Nós vimos, nós vimos,
Logo a noite fugirá,
Há descanso, esperança e conforto,
Vida e Paz já a chegará.

A mulher doente sobressaltou-se e olhou de tal forma estranha para a enfermeira que esta lhe disse: “Que se passa, Lizzie?” “Não se passa nada,” respondeu Lizzie; “mas estou tão contente, sinto-me tão feliz. Já não tenho medo de morrer, Deus é bom; Ele não destruirá uma pobre rapariga como eu, que teve tanto que suportar. Acho que Ele me levará para a sua casa. Ouvi uma música tão doce, palavras tão ternas! Deus é bom; Ele vai ajudar-me. Estou pronta para ir ter com Ele.”

No dia seguinte, Lizzie morreu com um sorriso nos lábios e, ao sair-lhe a alma do corpo, ouviu a música suave da harpa e entreviu Flora a cantar:
“Há descanso, há esperança e consolo,
Vida e Paz estão a chegar!”

Só mais uma história de Flora e da sua harpa tenho tempo de contar-vos, meus queridos, e é a de um menino que estava muito doente. Também ele teria de partir para a Terra do Verão; era demasiado fraco e debilitado para recuperar a saúde do corpo. Os pais eram ricos, e ele era o único tesouro deles. Sentiam que não o podiam perder. Àquela casa luxuosa Flora encontrou o caminho muitas vezes, e o menino tinha-se tornado tão espiritual que conseguia ouvi-la cantar e escutar a música que ela tirava da sua harpa mística. Muitas vezes falava aos pais daquela música e daqueles cânticos doces que ouvia, e eles abanavam tristemente a cabeça, pois sabiam que ele se aproximava da porta do Céu.

Contudo, dois dias antes de o anjo vir buscá-lo para casa, a mãe, que estava sentada junto dele, também ouviu a música e o canto, e o seu coração encheu-se de consolo, como já acontecera com tantos outros. Na noite em que o espírito do menino passou para a vida mais alta, ambos os pais ouviram a música maravilhosa; e trouxe-lhes tal paz à alma que já não desejaram manter ali o seu tesouro a sofrer, mas, com uma prece murmurada e sem pensamento rebelde, beijaram-lhe a testa e entregaram o espírito à guarda dos anjos.

CAPÍTULO XVIII

O PEQUENO BERTIE E OUTROS

Na bela Terra do Verão onde vivo, os homens e mulheres que são sempre bons e amáveis são os professores das crianças. Viveram em tempos na Terra e amaram as crianças; por isso, agora, no céu resplandecente, são mestres. Se conhecerem algum homem ou mulher que goste de crianças e lhes seja bondoso, saibam que essas boas pessoas serão um dia professores e guias dos pequeninos noutra vida.

Quereis saber sobre a Terra do Verão onde habito. É como um imenso jardim, a perder de vista, cheio de canteiros de flores vistosas que perfumam o ar; lagos, regatos e fontes borbulham com águas cristalinas; há pomares e bosques onde as aves cantam e chilreiam todo o dia; borboletas esvoaçam de flor em flor, e a luz dourada do sol cobre tudo de beleza.

Neste vasto jardim temos as nossas casas; algumas são pequenas casinhas brancas, cobertas de trepadeiras floridas e cintilando no verde brilhante; outras são habitações imponentes, grandes e espaçosas, construídas em pedra branca, cor-de-rosa ou dourada.

Aqui vivemos com os que amamos, e esforçamo-nos por ser bons e gentis com todos. Quanto mais bondosos e suaves somos, mais belas se tornam as nossas casas e mais doces ficam as flores que nos rodeiam; pois, quando alguém é bom, emite uma luz radiante que envolve e embelece tudo o que toca. Mas, se alguém é cruel, liberta um vapor escuro como nuvem, que queima as flores e entristece o que o rodeia.

As crianças juntam-se em grupos neste belo jardim e, guiadas pelos seus mestres bondosos, aprendem as lições e cantam canções. Às vezes chega-lhes uma nova amiga, alguma criança recém-chegada da Terra que precisa de carinho e atenção, e logo a recebem com partilha, amizade e ternura, sem perguntar se foi rica ou pobre, tornando-a feliz. A este lugar doce todos podem vir, desde que sejam brandos e generosos; mas a luz aqui é tão intensa que feriria olhos habituados a encher-se de raiva. Um dia, quando os vossos corpos morrerem, vireis cá, se quiserdes ser ensinados, sendo crianças; ou para ensinar, se já crescidos.

Há pouco tempo chegou até nós uma menina; tão branca, tão calma e doce, que a vestimos de branco e chamámos-lhe Lírio. Nunca tinha conhecido um lugar tão belo; os pais eram pobres e não podiam viver no campo, morando antes numa rua estreita e escura da grande cidade. Imaginem o seu encanto ao descobrir-se na Terra do Verão, onde podia colher flores, ouvir as aves e brincar com elas o dia inteiro, se quisesse. (As aves aqui são muito mansas; pousam nos ombros e nas mãos, cantando sempre, sem receio, porque ninguém as magoa.)

Durante algum tempo, a menina esteve feliz e contente; era tão doce que todos a amámos logo. Mas depressa percebi que se tornava mais silenciosa e triste, pois sofria por pensar que tinha flores, aves, amigos e casa linda, enquanto a sua mãe e a irmãzinha coxa continuavam presas à rua sombria, sem nada belo a alegrar-lhes a vida. Queria-as consigo ou queria voltar para junto delas. Então mostrei-lhe que, embora ainda não fosse o tempo de a mãe e a irmã virem, ela podia regressar para lhes levar alegria. Radiante, colheu flores perfumadas e pediu-me para levá-la de volta.

Encontrámos a mãe a coser, e a pequena coxa a tentar ajudar. Tentámos influenciá-las, mas não sentiram a nossa presença. Deixando as flores, o espírito Lírio saiu entristecido. Porém, insistiu vez após vez, até que Nellie começou a ver as flores e a luz que cercava a sua irmãzinha-anjinho, e por fim pôde vê-la e falar-lhe, contando à mãe todas as maravilhas que esta lhe mostrava da Terra do Verão. Agora, a nossa Lírio está feliz, desejosa de aprender, para todos os dias regressar à Terra e ensinar a irmãzinha, levando flores e aves do Céu e consolando a mãe com a sua presença e amor.

O pequeno Bertie era um doce menino, o único filho que a mãe tinha; o pai partira já há muito para junto dos anjos, e a pobre mãe era obrigada a trabalhar arduamente para sustentar-se a si e ao filho. Viviam numa casinha branca com jardim, onde floresciam rosas, violetas e cravos durante os longos dias dourados do verão. A casinha erguia-se à saída da vila, perto da mansão de pedra da senhora que encomendava costura à mãe de Bertie.

Bertie tinha apenas sete anos, mas deliciava-se a cavar e plantar, a regar flores e a arrancar ervas daninhas, tudo ao som dos passarinhos que vinham cantar-lhe, enquanto saltitavam no único cerejal do jardim.

Um dia, enquanto cantava a trabalhar, uma sombra pequenina caiu-lhe ao lado. Levantando os olhos, viu uma menina de cerca de cinco anos, que olhava com desejo o ramo de rosas vermelhas que ele segurava. A estranha tinha entrado pelo portão aberto; era pálida, muito magra, os olhos azuis pareciam só ter visto miséria; mas agora brilhavam de prazer perante as flores. A roupa era pobre e gasta, e toda a figura mostrava sofrimento.

A curiosidade e a compaixão de Bertie despertaram; tentou falar-lhe, mas ela não podia responder, pois era muda. Por gestos fez-se entender, mostrando que viera de longe, cansada, e estendeu as mãos para as flores, como se nelas houvesse repouso. Bertie encheu-lhas de flores e levou-a à mãe, que lhe lavou o corpinho e lhe deu leite e pão.

Nessa noite, a menina adormeceu numa cama macia, junto da mãe de Bertie. No dia seguinte e durante muitos mais, tentaram descobrir de onde viera, mas em vão. Os anjos tinham-na guiado até aquela casa e queriam que lá ficasse. A mãe era já anjo, o pai negligenciara e maltratara-a. Bertie chamou-lhe irmãzinha e os dois depressa se afeiçoaram.

Chamaram-lhe Margarida, e todos os dias os dois eram vistos entre flores, que ambos amavam. A mãe de Bertie trabalhava agora mais, com mais uma boca para alimentar, mas não se queixava, pois adorava a menina, que tanto alegrava o filho. Muitas vezes, ao entardecer, Margarida ajoelhava aos pés da mulher, erguia os olhos ao céu e parecia escutar sons celestes ou contemplar visões divinas. E assim era: os anjos vinham muito perto dela, trazendo-lhe flores da Terra do Verão e cantando canções que ela ouvia.

Mas o inverno aproximava-se, e o pequeno Bertie adoeceu gravemente. Os anjos queriam-no na sua morada, e uma noite, pouco antes do Natal, chamou a mãe, beijou-a e sussurrou: “Vou-me embora, mamã; o papá diz que sim. Vejo-o; ele diz que a Margarida será tua filha agora; os anjos trouxeram-na para ti; e diz também que eu poderei voltar a ti.” E assim partiu para o mundo puro dos espíritos.

A mãe chorou sobre o corpo frio e branco do filho; mas Margarida apenas sorriu, pois vira o espírito do amiguinho sair do corpo e ser recebido nos braços do pai-anjo. Sabia que ele fora viver para a maravilhosa terra de sol e flores que às vezes visitava em sonhos.

E como estava o nosso Bertie? Oh, muito feliz! Brincava com passarinhos que vinham pousar-lhe na mão e cantar-lhe. Pois no mundo dos espíritos não há medo nem gaiolas; as aves vivem entre flores e arbustos e vêm quando as chamamos.

O pai de Bertie vivia perto do lugar que é a minha casa na Terra do Verão; e assim o menino foi-me confiado, para aprender as maravilhas desse mundo e conviver com outras crianças sob o meu cuidado. Que menino doce! Sempre contente, disposto a dar a flor ou o pássaro mais belo para alegrar outrem, ansioso por levar mensagens da parte dos espíritos aos que delas carecem. Amamo-lo todos pela sua bondade e verdade.

Cerca de duas semanas após a sua partida, a neve cobria a casinha terrestre da mãe. Tinha sido um dia duro de dor e trabalho para aquela pobre mulher, obrigada a coser enquanto uma tosse cruel lhe dilacerava o peito. E agora, ao cair do crepúsculo, com a pequena Margarida sentada a seus pés, as lágrimas corriam-lhe dos olhos cansados, pensando apenas no tumulozinho coberto de neve, lá no cemitério solitário.

De repente, uma luz suave e terna, como o último clarão do pôr-do-sol, entrou a jorros no quarto silencioso; mas o sol há muito se escondera atrás das nuvens, e não havia lua. A mãe não se mexeu, mas recostou-se na cadeira, com o olhar preso no rosto da pequena muda, sobre o qual caía aquela luz estranha, iluminando-o de uma beleza indizível. Os olhos da criança estavam fixos no vazio, como se visse algo para além da visão dos mortais — e via de facto; pois o pequeno Bertie, ao ouvir a queda suave das lágrimas da mãe, mesmo lá na sua morada espiritual, voltou cheio de carinho, trazendo nas

mãos flores do espírito, e era a sua figura que a pequena Margarida via naquele clarão suave que os anjos haviam trazido à casinha.

Deslizando até ao lado da menina, Bertie encheu-lhe as mãos de flores e, naquele instante fugaz, a pobre mulher cansada viu um quadro que nunca esqueceu: a figura e os traços do seu menino, o seu Bertie, curvando-se sobre a quieta Margarida, apinhando-lhe as mãos das flores mais belas que alguma vez vira. Ao mesmo tempo, uma lufada de perfume encheu-lhe os sentidos, e ouviu claramente as palavras ditas no tom bem conhecido do seu filho: “Para a mamã.” Margarida, a criança surda e muda para as coisas terrenas, ouviu também o sussurro angélico e, num clarão de alegria, estendeu o punhado de flores à mulher, que ficou atónita.

Num instante, tudo desapareceu — visão e som — restando apenas o quarto escuro como antes. Mas que sucedera à criança? Pegando numa lousa e num lápis que havia deixado no chão, Margarida escreveu, com letra clara e firme: “Querida Mary, não temas; os anjos guardam-te e guiam-te; os teus queridos não estão mortos; vivem numa morada luminosa, onde te esperam; podem voltar e abençoar-te; através desta criancinha podemos tornar a nossa presença conhecida; trazemos-te o nosso amor. — Henry.”

Henry era o nome do pai de Bertie, e Mary o da mãe. O que significava aquilo? Certamente só podia ser verdade. Margarida nem o seu próprio nome sabia escrever, e ali estava a letra de Henry. Assim pensou a boa mulher; e embora assustada e inquieta, o seu coração encheu-se de consolo, uma paz profunda desceu-lhe ao espírito, e deixou de chorar.

Quanto ao pequeno Bertie, estava radiante de alegria. Manifestara-se à mãe; ela já não podia temer que o tivesse perdido, pois não o vira ela com os próprios olhos? Não havia menino mais feliz na Terra do Verão. Contudo, a mãe nunca mais o viu assim, embora ele volte todos os dias com a oferta das suas flores escolhidas. Porém, Margarida vê-o sempre, e consegue indicar à mãe, por sinais, quando ele está ao seu lado. A lousa e o lápis ficam sempre à mão, e muitas vezes, ao cair da tarde, uma forte influência toma conta da pequena, levando-a a escrever mensagens de amor com a letra firme do pai de Bertie, ou com as letras impressas do próprio menino.

E o coração da mãe fica consolado. Ela sabe que os seus queridos vivem e a amam, e que um dia voltará a encontrá-los. Margarida tornou-se um dom de valor inestimável para aquela mulher solitária, que lhe é profundamente grata; enquanto, na sua morada espiritual, Bertie vive feliz ajudando outros e aprendendo tudo quanto pode.

Nem é só isso: pessoas ricas e bondosas tomaram interesse por Margarida e, em cooperação com os anjos, estão a educá-la para que se torne uma mulher instruída.

As crianças espirituais aprendem rapidamente ao regressar à Terra trazendo mensagens aos mortais; tornam-se belas e fortes assim. O seu saber aumenta, tornam-se sábias e experientes em pouco tempo. Conquistam as suas belas casas; tudo o que possuem é fruto do seu esforço, e sabem apreciar plenamente.

Agora, meus queridos, se nestas páginas escrevi ou escrever alguma palavra que não entendais, pedi aos vossos bons pais ou a um amigo carinhoso que vo-la explique; pois ao falar do labor dos espíritos, pode acontecer que eu não use sempre linguagem fácil para quem é pequenino. Mas prometo escrever tão simplesmente quanto posso, para que possais ler e compreender por vós mesmos.

Por vezes, as crianças espirituais vêm aos lares terrenos onde vivem meninos de carne e osso, e tentam trazer-lhes bons corações e vidas felizes. Espíritos-mensageiros levam recados de amor aos pequeninos da Terra e despertam neles o desejo de serem bondosos, afetuosos e gentis.

Conheço uma casa na Terra onde vivem três crianças com a mãe, que é pobre. Há um menino na Terra do Verão que é primo destes, e muitas vezes vem da sua casa, no “Ninho Dourado”, brincar com os primos; e sempre que está com eles, tornam-se tão gentis, unidos e afetuosos que a mãe gosta de os observar, e sente-se feliz, mesmo tendo de trabalhar tanto. Essas crianças não sabem que o menino-espírito está com elas, a alegrar-lhes os jogos e a encher-lhes o coração de bons pensamentos.

O pequeno Charley, do Ninho Dourado, não lhes pode trazer brinquedos caros nem comida rica, mas faz melhor: dá-lhes alegria com a sua presença luminosa. Com ele vem o sol, o perfume das flores e o canto dos pássaros — tudo da Terra do Verão. As crianças terrenas não podem ver a luz, cheirar o aroma ou ouvir os pássaros; mas sentem-nos, e os seus corações tornam-se mais doces, alegres e radiantes.

Assim, Charley é como um pássaro-mensageiro que espalha alegria por onde passa, e a pobre mãe consola-se com a felicidade dos filhos, sem saber que um anjo do Ninho Dourado ilumina o lar. Meus queridos, talvez também vós sejais agraciados com a companhia de um amiguinho da Terra do Verão; e se forem bondosos e amorosos entre vós, sentireis de certeza a alegria que os espíritos-mensageiros trazem às vossas vidas.

Sei de uma criança que vive na Terra do Verão, chamada Helena. Partiu do corpo ainda bebé, mas como isso foi há anos, já é uma bela menina. Helena dedica-se a ajudar os outros; não é nada egoísta, e só é verdadeiramente feliz quando consegue trazer alegria a alguém. É também uma pequena viajante, percorrendo lugares para levar mensagens de ânimo, procurando espíritos tristes para lhes dar paz e conforto.

Soube do seu trabalho em várias cidades da Terra, onde consolou muitos corações pesados de dor, levando-lhes notícias dos seus filhos ou amigos queridos, que lhes enviavam amor do mundo dos espíritos. Helena é um anjo — um verdadeiro espírito-mensageiro — e todos a amam pela sua doçura e carinho.

Há pouco tempo, Helena trouxe para o nosso lar na Terra do Verão um menino que encontrara. Era um órfão que havia morrido há pouco na Terra, sem mãe carinhosa nem pai bondoso que cuidasse dele. Fora acolhido por um espírito amável, mas Helena pediu tanto que lho deixassem confiar, que a bondosa senhora anuiu. A mãe do rapaz ainda vive no corpo, e está muito infeliz com a perda; não foi muito boa na vida, e julga que Deus lhe levou o filho em castigo dos seus erros. Helena descobriu que essa mulher é médium, e pensa que poderá levar-lhe o menino, para que a mãe reconheça a presença do filho e melhore a sua vida.

E é este o labor que Helena agora procura realizar. O menino ao seu cuidado é afetuoso e alegre, e certamente se tornará um jovem nobre. Retribui o carinho com gratidão e ternura, e o melhor do seu ser está a crescer e a vir à luz. Já foi levado a ver a mãe presa à Terra, e Helena conseguiu fazer-lhe acreditar que o filho pode ser autorizado a visitá-la. Este pensamento trouxe-lhe novas reflexões, e a mulher sente que, se o puro espírito do menino pode vir vê-la, então tem de se esforçar por viver melhor. Não quereria que o filho a visse praticar o mal, fazê-lo sofrer ou afastar-se dela; e assim tenta com empenho ser melhor.

Uma noite, viu o filho acompanhado de outro ser mais crescido. Ambos tão belos, os rostos resplandecentes, um doce sorriso nos lábios, que uma onda de alegria percorreu-lhe o corpo fatigado. Quando acordou e pensou ter sonhado, chorou amargamente; mas desde então não voltou a tocar em bebida, nem a dizer palavra feia, nem a praticar ato errado, pois sente que talvez os anjos a estejam a vigiar. E assim prossegue este bom labor, e duas crianças da Terra do Verão podem ter a honra de resgatar uma vida humana do erro e do pecado.

Chegou a época do ano em que as crianças da Terra recebem presentes dos pais ou dos amigos, e se ouvem por toda a parte os votos alegres de “Feliz Natal” e “Próspero Ano Novo”; e as crianças da Terra do Verão rejubilam com isso, pois gostam de ver as da Terra felizes.

Nesta quadra, meus pequeninos, estais em boas condições para receber a visita dos anjos, porque não vos sentis traquinas, nem sois maus uns com os outros, mas todos estais contentes com os presentes recebidos e prontos a partilhá-los. Assim, os anjinhos que vêm até vós sorriem e alegram-se de ver o Natal e o Ano Novo trazerem bênção e alegria a cada lar.

É também nesta altura que tereis belos sonhos; pois quando adormecem tranquilos nas vossas caminhas, os mensageiros da Terra do Verão têm poder de vos levar consigo ao seu lar luminoso, onde vos mostram maravilhas. Brincais até à luz da manhã, quando vos reconduzem ao corpo, e acordais refeitos e felizes, persuadidos de que sonhastes, mas de facto vivendo uma visita ao seu mundo.

Alguns espíritos andam a velar por uma menina da cidade, de rosto paciente e sorriso sempre pronto para ajudar a mãe. Essa menina, a quem chamarei Bessie, é muito pobre, mas não se queixa quando só há pão com melaço; come-o com um sorriso valente e diz: “Não faz mal, mamã; quando eu for grande trabalharei muito, e então teremos batatas todos os dias.”

Os anjos amam Bessie, e preferem embalar-lhe o sono com cânticos doces do que entrar em casas ricas cheias de adornos. No último Dia de Ação de Graças, teve bolachas e uma maçã vermelha, que a mãe lhe comprou como mimo. No Natal seguinte, não esperava nada, dizendo: “O Pai Natal não pode chegar a todos, e talvez este ano não venha por aqui.”

Um grupo de crianças-espírito resolveu dar-lhe um bom Natal; foram às casas dos ricos e inspiraram bondade nos corações. Por fim, encontraram uma menina, Sadie, que quis fazer alguém feliz. Os anjinhos sopravam-lhe o pensamento de ajudar a pequena que às vezes via à janela. Até que, um dia, Sadie pediu à mãe para oferecer um Natal àquela menina pobre.

Não posso contar todos os preparativos, mas na manhã de Natal bateram à porta de Bessie e a mãe encontrou um homem de cor que lhe deixou um grande cesto com um bilhete: “Para a menina e a mãe que aqui vivem, com votos de um alegre Natal, do Pai Natal.” E dentro — tantas coisas boas para comer, que duraram muitos dias!

Havia também um embrulho de brinquedos, um par de luvas de lã e um vestido axadrezado e brilhante para a Bessie, bem como um xale cinzento e quente para a mamã. Podeis imaginar a alegria da menina ao ver tudo aquilo. Batia palmas vezes sem conta, enquanto o coração da boa mãe transbordava de gratidão para com o amigo desconhecido que fizera a sua pequena tão feliz. Também a Sadie gozou o seu Natal como nunca antes; pois não só sentia no coração o fruto de uma boa ação, como também experimentava a doce influência dos anjos que a rodeavam, enquanto os espíritos-mensageiros da Terra do Verão se rejubilavam imensamente com a felicidade de todos.

CAPÍTULO XIX
NINHO DOURADO E OUTROS LUGARES

O Ninho Dourado é outro lugar belíssimo da Terra do Verão, onde as queridas criancinhas têm lares felizes. Nesse recanto delicioso, as aves saltitam entre os ramos verdes das árvores majestosas e trinam canções melodiosas. Admiraríeis as travessuras desses passarinhos de penas brilhantes, a dançar e a baloiçar-se no ombro ou no dedo de uma criança — sempre ousados e confiantes, nunca tímidos ou receosos. Os seus cantos rivalizam com as vozes humanas dos meninos e parecem acompanhar em harmonia as canções que estes entoam.

O Ninho Dourado é como um imenso ninho verde inundado de sol; tem forma circular, forrado do mais macio e vivo relvado e musgo; flores brotam em profusão, oferecendo beleza e perfume eternos aos sentidos de quem se aproxima. Regatinhos de água límpida borbulham sobre pedras brancas e redondas, cintilando ao sol como fitas de prata líquida. O ar é balsâmico, e é um deleite viver ao ar livre neste lugar encantado, que é um verdadeiro ninho dourado para as hostes de pequenos cantores humanos que ali habitam em amor e harmonia.

Mas estes meninos têm muito trabalho a fazer; encontram nele prazer, jogo e gozo, porque lhes dá vigor e entusiasmo sem limites. As crianças do Ninho Dourado são espíritos-mensageiros, levando recados entre os que vivem no corpo e os amigos do grande mundo espiritual. Não são apenas elas que desempenham esse papel — pois em todas as partes da Terra do Verão existem espíritos bons e benfazejos —, mas todos os pequenos que vivem no Ninho Dourado são trabalhadores desta espécie: trazem mensagens dos espíritos aos mortais, descem à Terra para inspirar pensamentos luminosos e imprimi-los nas mentes humanas; gravam no coração dos homens o desejo de serem puros e bons; vêm das suas belas moradas velar e amar as crianças no corpo, e, cantando-lhes suaves melodias ao ouvido durante o sono, dão-lhes sonhos felizes, para que desejem ser amáveis uns com os outros e obedientes, ternos e respeitosos para com os pais.

Vedes, assim, que as crianças do Ninho Dourado têm sempre muito em mãos; nunca estão ociosas, nunca travessas, nunca tristes. E embora lhes doa ver os pequenos da Terra a serem maus ou infelizes, ou encontrar homens e mulheres enfermos e amargurados, estão demasiado ocupadas em ajudá-los para dar lugar à tristeza no próprio coração; e assim esta logo se dissipa perante a grande luz de alegria em que habitam.

Se eu chamar anjos às crianças do Ninho Dourado, meus queridos, sabei que é porque são mensageiros; pois a palavra anjo significa portador de mensagem, “apenas isso e nada mais”. Mas, nestes tempos, fomos ensinados a considerar os anjos como seres puros, belos e santos. Ora, os meninos e

meninas do Ninho Dourado são de facto puros e santos, porque não alimentam maus pensamentos. Amam-se uns aos outros, desejam ser bons, esforçam-se por ajudar os demais a agir corretamente, e aplicam-se em fazer o bem de alguma forma; são belos, com rostos doces e sorridentes, olhos cintilantes de alegria, e parecem deixar atrás de si um rasto de claridade por onde passam. Além disso, são realmente mensageiros; por isso, creio que concordareis comigo que são, na verdade, anjos.

Há pouco tempo, um grupo destas crianças estava profundamente empenhado em conversa, e ao ver-lhes os rostos resplandecer de entusiasmo, compreendi que discutiam um novo plano em benefício dos mortais. E assim era, de facto. Contar-vos-ei resumidamente esse labor que agora empreendem: uma família, desejosa de conhecer por si mesma a vida imortal e de levar essa verdade à compreensão de outros, abriu um círculo — isto é, um lugar onde os espíritos regressam à Terra para se manifestarem aos mortais. Essa família perdera três lindos filhos que tinham partido para a Terra do Verão. O pai e a mãe abriram o lar, convidando amigos que também haviam sepultado filhos queridos a unirem-se a eles na invocação dos seus entes espirituais.

Ora, aquelas crianças que eu vira a conversar com tanto ardor eram justamente os filhos dessa boa gente; pois, ao saberem do que os pais se ocupavam, encheram-se de entusiasmo por tomar parte no labor do lado deles. Decidiu-se, então, que esses pequenos voltariam à Terra e, com a permissão dos seus mestres e guardiões, se instalariam por algum tempo na casa onde o círculo se reunia. Assim, poderiam trazer para o lar terrestre uma forte influência espiritual, ajudando-se a manifestar-se perante os pais e amigos. Deixaram, pois, o belo Ninho Dourado e estão agora a permanecer na Terra. Já controlaram um médium no círculo, disseram os seus nomes e anunciaram a presença aos pais maravilhados.

Logo que tiverem dado aos amigos terrenos toda a força espiritual que possam, deixarão o lar mortal para transmitir mensagens de cá para lá e de lá para cá.

O círculo, guardado por essa hoste de crianças do Ninho Dourado, está destinado a prestar grande serviço. Já foram admitidos estranhos, incrédulos receberam mensagens dos seus entes “perdidos”, muitos corações se encheram de alegria, e os nossos doces mensageiros trabalham com afinco para desenvolver a médium, de modo que ela possa ver os espíritos e descrevê-los aos amigos ansiosos. Dão-lhe força para suportar as provações da vida e alegria no serviço dos anjos.

É necessário que vivam com a médium por agora, para que ela sinta sempre a influência pura e elevadora dos seus espíritos infantis e desprendidos, e assim não desfaleça na obra que os mestres espirituais lhe traçaram; por isso, renunciaram de bom grado às belezas do Ninho Dourado, para habitar um humilde lar terrestre. Mas em breve, quando a tarefa estiver cumprida, e

espíritos de todas as ordens puderem manifestar-se no círculo e trazer mensagens de consolação a corações fatigados, bem como encontrar aí força e alegria para si próprios, esses pequenos anjos regressarão ao seu lar no Além, satisfeitos com o êxito do seu labor nobre.

Uma menina que vive no Ninho Dourado é mensageira há sete anos; partiu do corpo antes de completar um ano e foi conduzida aos seus amigos da Terra por outro anjo pequenino que quis fazer-lhes bem.

Quando a pequena Jennie controlou um médium pela primeira vez, só conseguia balbuciar nomes infantis para os pais; mas, vindo constantemente, ganhou força para se exprimir mais claramente. Com três anos de idade tornou-se mensageira de um médium, e desde então dá-se a conhecer quase todos os dias, trazendo sempre mensagens de espíritos para amigos terrenos, ou levando recados destes aos seus amados no Além, ou ajudando espíritos a virem eles próprios, ou ainda oferecendo conselhos espirituais a mortais em necessidade.

Esta mensageira já transmitiu mais de duas mil e quinhentas mensagens espirituais ao longo de sete anos, auxiliou mais de novecentos espíritos a controlar a sua médium e falar ou escrever por si mesmos, e levou alegria a muitos corações.

Eis a obra de uma só menina do Ninho Dourado. Achais, meus queridos, que ela tem tempo para ser travessa ou triste? Não, de modo algum; é meiga e prestável, sempre pronta a ajudar e a abençoar, sempre disposta a cumprir a tarefa que lhe cabe.

Vou dar-vos agora as palavras de uma doce canção que ouvi recentemente cantar a algumas destas crianças do Ninho Dourado. Não vos posso trazer a melodia que a acompanhava, embora o desejasse, pois era tão bela e produziu em mim um júbilo tão grande. Pudésseis vós ouvir os cânticos dos pequenos anjos nos seus lares de luz, estou certo de que nunca mais seríeis travessos; procuraríeis ser brandos e afetuosos, para os atrair sempre para junto de vós. Mas, meus queridos, todos nós vos amamos, e tentaremos alegrar-vos todos os dias. E agora, eis a canção, intitulada…

AMOR CELESTE

Alegria! alegria! A luz da manhã,
trazendo glória, desliza e vem,
enche o mundo de paz radiante,
torna este dia feliz, brilhante.
Assim o amor de Deus, o Pai,
rompe as trevas, a noite cai,
banha o mundo em luz fulgente,
leva o coração confiante.

Alegria! alegria! O poder do Senhor
traz consolo ao espírito em dor.
Logo a santa claridade
há de iluminar cada alma em verdade;
e cada vida se erguerá,
da dor e luta se libertará,
subindo em triunfo eterno,
para a alegria do céu superno.

Alegria! alegria! O amor dos anjos desce,
sua bênção consola e aquece;
traz mensagens de pura paz,
cura as dores que a carne traz.
Com ternura a todos alcança,
faz crescer a luz, a esperança,
e o coração humano consola,
ao elevar a vida que se desola.

Alegria! alegria! A luz vai crescendo,
nos seus raios vamos vivendo;
recolhamos feixes de sol,
entoando louvores ao Pai do farol.
Levemos a quem chora e sofre
o esplendor do divino e seu cofre;
abençoemos os corações cansados,
com o eterno amor abraçados.

Deixemos agora o **Ninho Dourado** e os seus felizes e ocupados moradores, e sigamos um pouco mais adiante na nossa procura das crianças que habitam a **Terra do Verão**. Em breve chegamos a **Recanto Rochoso**, onde vivem muitos pequeninos que se tornam fortes e belos sob a influência das brisas saudáveis que sopram continuamente nesse lugar abençoado.

Recanto Rochoso não é um sítio frio, árido ou estéril, embora, como o próprio nome indica, ali se encontrem bastantes rochas e pedras. Mas estas são redondas, lisas e brilhantes, de várias cores e tamanhos diferentes; são tão claras e belas que através delas se pode ver a areia branca a reluzir, e quando o sol lhes incide, brilham com todas as cores do arco-íris, cintilando como pedras preciosas. O lugar é, na verdade, uma praia de areia branca resplandecente, coberta por essas pedras luminosas.

Também se encontram ali delicadas conchas rosadas e brancas, de variadas formas, mais belas do que qualquer concha que possas ter visto na Terra. A água é transparente como cristal e, quando serena, reflete o céu azul e as nuvens imaculadas. Nas suas profundezas límpidas crescem musgos e anémonas que se assemelham a um vasto jardim florido, tamanha é a beleza

da vegetação marinha. Às vezes o mar vem rugindo contra a costa em grandes vagas espumosas, produzindo um som musical, semelhante ao toque de muitos sinos, muito agradável de ouvir. Pequenos barcos ou batéis deslizam sobre estas águas cintilantes, cheios de grupos de crianças que adoram flutuar sobre o seio do grande oceano. Não têm medo algum, porque nada há a temer. Mesmo que os barcos se virassem — coisa que penso nunca acontecer — não lhes sucederia nada de grave além de um mergulho refrescante, pois os espíritos não se afogam; e as crianças tomam muitas vezes o seu banho nesse grande lago, brincando com as ondas e rindo com grande alvoroço.

Recanto Rochoso estende-se por uma boa distância ao longo da praia. Aqui e ali erguem-se pequenos pavilhões construídos com as pedras brilhantes, cada uma colocada com precisão e cuidado. Alguns destes pequenos templos são circulares, outros de forma octogonal; todos, porém, são belíssimos. Foram edificados pelas próprias crianças que ali vivem, servindo-lhes de casas de brincar.

Este trabalho dá-lhes conhecimentos de arquitetura e design, e serve-lhes de modelo para empreendimentos mais grandiosos no futuro. Caminhando sobre as pedras lisas — que não magoam os pés — chegamos a uma grande estrutura erguida em coral branco como a neve, e ficamos surpreendidos ao perceber que, no mundo espiritual, devem existir também as minúsculas criaturas que formam esta substância perfurada e estranha, pois não poderia haver coral sem construtores de coral.

Hoje encontrei um grupo de crianças felizes, que dançavam, cantavam e riam em grande alegria. Os seus corações eram leves e jubilosos; nenhum franzir de testa perturbava a beleza dos seus rostos, nem palavra áspera alterava o fluxo prateado de canção e fala que lhes saía dos lábios. Contudo, estas crianças haviam conhecido sofrimento, dor e miséria; os seus lares terrenos estavam marcados pela pobreza e pela crueldade; muitas vezes sentiram o frio cortante do inverno e padeceram de fome.

Os seus pais eram pobres e ignorantes, incapazes de cuidar devidamente delas. Assim, os pequeninos foram definhando até “morrerem” — isto é, os corpos frágeis pereceram, mas os espíritos foram levados à Terra do Verão e confiados ao cuidado de mulheres bondosas e ternas, que trataram deles com dedicação, ensinaram-lhes as lições do amor e da verdade, até que superaram a condição infeliz em que a vida terrena os deixara. Agora são as crianças alegres e meigas que hoje vi, sorrindo e cantando em júbilo.

São estas as pequenas almas que vivem em Recanto Rochoso. À beira da água clara e cintilante, habitam em casinhas construídas um pouco afastadas da areia, rodeadas por bosques e canteiros de flores. Beneficiam do ar puro e revigorante que sopra das águas brilhantes e, ao mesmo tempo, das sombras acolhedoras das árvores antigas que ondulam os ramos um pouco mais para o

interior. Todos os dias reúnem-se na praia, estudam a composição das rochas, conchas e corais, velejam nas suas embarcações ou banham-se no mar fresco e revigorante. Com grande arte e precisão, erigiram a estrutura de coral de que falei, encaixando peça a peça com todo o cuidado, e deixaram-na sobre a areia como um farol cintilante para os amigos e companheiros que habitam a **Ilha Solarenga**, um belo recanto do outro lado da água.

Suponho que os meus pequenos amigos da Terra saibam que, quando as pessoas vivem oprimidas pela ignorância e pela pobreza, têm de empregar todas as forças na luta pela sobrevivência, e a parte espiritual da sua natureza, não tendo oportunidade de crescer, torna-se mirrada e atrofiada. Assim, quando as crianças de Recanto Rochoso chegaram pela primeira vez à Terra do Verão, eram pálidas e débeis, fracas e sem vigor; mas o ar salubre desta belíssima estância à beira-mar, as diversões ao ar livre, os cuidados amorosos e os ensinamentos das suas guardiãs, e ainda o fascínio das lições que ali aprendem, logo lhes tonificaram todo o ser.

Crescem então fortes e ativos, ansiosos por aprender, por ajudar-se mutuamente, e por se tornarem homens e mulheres bondosos e sábios. Desta forma, crianças que talvez, na Terra, tivessem crescido em ambientes de pecado e maldade, tornando-se adultos depravados, ao serem levadas à Terra do Verão recebem cuidados e instrução para se tornarem membros úteis e honrados da sociedade.

As crianças de Recanto Rochoso desfrutam de todas as vantagens da mais elevada instrução que a vida oferece. Todos os ramos do saber estão abertos para elas, e avançam rapidamente no conhecimento; pois, como todos os espíritos livres da Terra, têm grande facilidade em apreender e reter informação, e os seus sentidos de perceção e observação são muito aguçados.

À medida que crescem em estatura e sabedoria, chegando à juventude, deixam as casas e escolas de Recanto Rochoso e juntam-se a espíritos mais avançados, que há muito trabalham em ligação com pessoas de bem na Terra, ajudando a reduzir a ignorância humana e ensinando os mortais a viver melhor. Os lugares deixados vagos nesta estância encantadora à beira-mar são depressa ocupados por outras crianças desamparadas da vida terrena, que ali são levadas para receber educação e crescimento, preparando-se assim para se tornarem mestres e guias dos ignorantes e sofredores da Terra.

As crianças de Recanto Rochoso raramente regressam à Terra. A lembrança da vida mortal é-lhes desagradável, e não gostam de pensar nela; mas, à medida que crescem, se tornam sábias e bondosas, e conhecem as duras condições em que muitos pobres vivem, nasce-lhes o desejo de os ajudar. É então que estes espíritos luminosos encontram a sua missão: levantar os humildes, fortalecer os que caem no erro, para que possam resistir à tentação do mal.

Eles então preparam-se para o trabalho que têm pela frente e, quando chega a hora, deixam o seu lar agradável junto à água e procuram a companhia dos espíritos que têm experiência em trabalhar pela humanidade, sendo por eles guiados na sua tarefa de beneficiar os mortais. Deixem-me dizer-vos algo, queridos filhos, que talvez nunca tenham ouvido. Sabem, suponho, que há muitas crianças na Terra a crescer na ignorância e em condições terríveis de extrema pobreza e crime.

Ora, o ambiente sombrio e imoral das suas vidas atrai espíritos pouco desenvolvidos que ainda não superaram as suas inclinações perversas; e tais espíritos revivem as suas vidas de pecado em ligação com aqueles que crescem em tais condições adversas. Mas, embora as crianças infelizes estejam assim desagradavelmente situadas, cada uma delas é acompanhada por um anjo da guarda ou mensageiro de luz, que aproveita todas as oportunidades para as beneficiar e abençoar, e que estará com elas até que surjam do pecado e da infelicidade para uma condição de pureza e paz, ainda que isso apenas aconteça depois de terem deixado a Terra e vivido muitos anos no mundo espiritual.

Espíritos como os que vivem em Rocky Nook são os anjos da guarda das crianças pobres, ignorantes, impuras e miseráveis da Terra; a sua missão é atender a estas criaturas infelizes e trabalhar em seu favor, sugerindo um bom pensamento ou um impulso generoso nos seus corações sempre que as condições sejam favoráveis; velando por elas, visitando os mais afortunados da Terra e influenciando-os a sentir piedade, ajudar e ensinar os seus semelhantes miseráveis. Assim trabalham incansavelmente, cuidando dos seus protegidos mesmo que estes vivam uma vida de erro, acompanhando-os até ao mundo espiritual e agindo sobre as suas sensibilidades, até que finalmente, de algum modo, reconheçam a presença dos bons anjos, afastem-se dos maus que os rodeiam, se arrependam do passado, busquem a luz, a encontrem e comecem a trabalhar pelo bem dos outros.

E assim Rocky Nook é uma escola de preparação onde os professores se qualificam para atender às necessidades dos mais humildes da Terra; é um lugar belo, digno de ocupar um espaço no País do Verão. O labor que os seus habitantes realizam está destinado a produzir grandes resultados para a humanidade; e quando os filhos privilegiados da Terra cooperarem com eles, a vitória sobre a ignorância e o mal será em breve conquistada.

Sunny Isle é uma bela ilha coberta pela mais verde das relvas e salpicada com as flores mais doces e bonitas. O sol derrama os seus raios dourados sobre um conjunto de lares acolhedores nesta radiante ilha, onde pequenas crianças habitam em harmonia e amor. As casas de Sunny Isle são circulares na forma e compostas de um material branco que se assemelha ao mármore da Terra, mas mais translúcido; os telhados são sustentados por colunas em torno das quais se enlaçam trepadeiras floridas, espalhando o seu perfume no ar brando.

Os interiores destes lares são decorados com belos quadros e estatuária, e mobilados com móveis bonitos mas simples, para conforto e conveniência dos habitantes.

Nesta ilha, muitas crianças vivem com os seus pais e professores, e prosseguem os seus estudos dia após dia. Estas pequenas outrora viveram em formas terrenas; mas as condições da esfera material eram demasiado severas para que as suportassem, e assim partiram para o País do Verão. Algumas estão com os próprios pais, que faleceram antes delas; enquanto os pais de outras ainda vivem na esfera mortal e não sabem que os seus pequenos são cuidados, ensinados e protegidos por guardiões amorosos que trabalham pelo bem dos outros.

As crianças de Sunny Isle aprendem os primeiros princípios do conhecimento; estão a lançar os alicerces de uma educação ampla e, sob a instrução sábia dos seus tutores, recebem informações práticas acerca da origem, usos e destino da vida. Aqui desenvolvem os seus gostos e inclinações naturais, e cedo revelam para que tipo particular de labor estão melhor dotadas. As aptidões da criança são encorajadas a desabrochar, e são-lhes dadas oportunidades para expressão em forma concreta.

Mais tarde, estas pequenas terão concluído a disciplina preparatória nesta ilha e estarão qualificadas para ingressar num grau mais elevado de formação e de conhecimento. Então deixarão este lugar para um lar noutra parte, talvez numa das nossas grandes cidades da vida espiritual, ou em alguns dos bosques académicos onde mestres eruditos de arte e ciência dão instruções práticas nas várias disciplinas aos seus alunos. Depois outras crianças serão levadas a Sunny Isle para tomar os estudos e avançar na mesma direção daqueles que as precederam.

Mas, porque os pequeninos que vivem neste lugar luminoso são estudiosos e aplicados, não pensem que são infelizes, pois na verdade são o grupo mais alegre e saudável de pequenos tagarelas que jamais se viu. Sem horas tardias, sem lições severas além da idade e compreensão, sem quartos mal arejados, sem alimentos que não se adaptem ao seu organismo — nada lhes sobrecarrega as forças mentais e físicas para além do suportável, como sucede com tantas crianças da Terra.

Muito sol fresco, ar, água, frutos, etc., são fornecidos a estas crianças espirituais; lições adaptadas ao seu entendimento são explicadas e geralmente ilustradas com experiências objetivas; são autorizadas a praticar qualquer tipo de trabalho que as interesse, obtendo assim informações práticas em relação a ele. As suas roupas são soltas e confortáveis, não restringindo os seus movimentos, e tudo concorre para a sua saúde e felicidade, de modo que não podem deixar de ser alegres e livres.

Sunny Isle é frequentemente visitada pelas crianças de Rocky Nook, que não fica muito longe através das águas cintilantes que banham as margens desta graciosa ilha, e muitas vezes vêem-se flutuadores ou barquinhos crestando as ondas ondulantes, cheios de pequenos alegres vindos de um ou de outro destes lugares, em visita uns aos outros. Também se avistam carros aéreos flutuando na atmosfera, transportando as suas preciosas cargas de crianças felizes e destemidas de ponto em ponto de interesse, seja qual for o destino.

Estes jovens podem também deslizar pela atmosfera com a força da sua própria vontade, sem recorrer a qualquer meio de transporte. Este poder de navegar pelo ar pelo simples exercício da vontade é natural ao espírito, mas não pode ser adquirido enquanto revestido pela forma mortal, porque o corpo físico é demasiado pesado para ser conduzido pelo ar sem apoio mecânico.

Espíritos que viveram na Terra apenas algumas horas, meses ou até dois ou três anos conseguem flutuar quase de imediato ao chegar ao País do Verão; mas aqueles que permaneceram na Terra durante vários anos têm de se habituar a este método de exercer a vontade para se moverem pela atmosfera, pois o esforço não lhes surge com facilidade; são tímidos e receosos, e têm de praticar muitas vezes antes de adquirirem confiança para flutuar a qualquer distância.

As crianças mortais, quando nascem, poderiam nadar facilmente se fossem colocadas na água e lhes fosse permitido usar os membros, e se a prática fosse continuada não teriam dificuldade em navegar na água, porque nadar é-lhes natural; mas, se forem afastadas da água durante anos, perdem essa aptidão natural, tornam-se tímidas e receosas e precisam de praticar muitas vezes antes de adquirirem força para nadar alguma distância. E assim acontece com as faculdades naturais do espírito — precisam de ser exercitadas para terem utilidade.

Sunny Isle é uma de um grupo de três ilhas; as outras duas são de aparência semelhante à primeira. Também são habitadas por pequenas crianças e os seus professores. Os estudos e ocupações são semelhantes aos de que falei. Estas ilhas chamam-se Concordia e Melodie. São lares de pequenos seres felizes, inocentes e ativos, destinados a realizar grande bem pela humanidade. Os habitantes destas três ilhas do mar convivem livremente entre si, porque se amam.

Quando as crianças destas ilhas estudaram determinada lição, ou praticaram certo trabalho por algum tempo, é-lhes permitido mudar a atenção para outro labor interessante, ou encontrar recreação em algum passatempo que lhes seja agradável. Isto serve para que as suas mentes e forças não se cansem, e para que os seus deveres não se tornem desagradáveis. Estes pequeninos dispõem de todos os meios necessários para a sua saúde e prazer. Têm barcos, baloiços, carros aéreos e outras comodidades para a sua diversão.

Instrumentos musicais abundam, e muitos dos alunos são excelentes cantores. As crianças riem, gritam, brincam, chapinham na água e comportam-se geralmente como as crianças da Terra quando querem divertir-se. Nunca empurram nem magoam uns aos outros, porque a primeira lição que aprendem nesta escola — e uma que nunca esquecem — é a de serem gentis uns para com os outros e de amarem toda a gente.

Onde quer que haja crianças no País do Verão, seja qual for o nome do seu lar — seja Ninho de Fadas ou Vale Feliz, Ninho Dourado, Rocky Nook ou Sunny Isle — hão de encontrar-se belas paisagens e doces sons; porque a expressão da infância é beleza, e na vida celeste os pequenos espíritos são providos de ambientes e condições que harmonizam com a sua vida interior. Os métodos de instrução nos diferentes lares podem variar, mas todos são concebidos para cumprir o seu objetivo com bondade e fidelidade.

Toda criança no País do Verão é ensinada a compreender que o labor é enobrecedor, e todas estão ansiosas por aprender algum ramo de ocupação. Gostam de trabalhar, porque sabem que a verdadeira felicidade está na atividade; e como cada uma é autorizada a seguir a ocupação que mais lhe agrada e a escolher o que deseja ser, todas se sentem contentes com o seu labor. A criança na Terra que salta, corre, grita, usa os seus membros, é feliz, enquanto a que é obrigada a ficar quieta ou ociosa é triste, descontente e infeliz. Isto mostra que a ociosidade é antinatural e que a atividade é a condição verdadeira da vida. No País do Verão, o natural tem sempre livre e plena expressão.

Agora, meus pequenos amigos, se não compreenderem o que vos digo sobre estas coisas, peçam por favor ao vosso bondoso pai ou mãe que vo-lo expliquem; pois desejo que ganhem uma clara compreensão da forma real, natural e bela como as crianças do mundo espiritual vivem, estudam e se divertem, para que pensem nelas como pequenos trabalhadores ocupados, tão vivos e ativos como vós mesmos.

As ocupações destes jovens residentes da vida superior, assim como os seus estudos, são variadas; mas o que quer que cada um se proponha a aprender a fazer é levado a cabo com empenho e diligência. Não temos alunos enfadonhos, porque todos se deleitam no estudo; e não temos vadios preguiçosos, porque cada qual encontra prazer em praticar ou experimentar algum ramo de labor por si mesmo.

Os nossos jovens são estudantes de astronomia, acompanhando os movimentos dos planetas e procurando com vivo interesse conhecimento do sistema solar, ou do grandioso universo de estrelas; de química, adquirindo informações sobre os vários elementos e suas combinações, dia após dia; das forças elétricas na natureza e das leis que as regem; e, na verdade, temos entre nós alunos em todos os ramos da ciência, bem como da filosofia, que se

encantam com os seus estudos e os assumem com louvável zelo. Temos também alunos a seguir os ramos da educação abrangidos por números algébricos, geometria, arquitetura, forma e desenho, e outros estudos práticos; enquanto muitos dos nossos jovens, quando as suas mentes estão suficientemente maduras, adotam o estudo da medicina e entram no campo do magnetismo para seguir as ocupações que escolheram; pois há muitos mortais doentes e débeis, e muitos espíritos malformados, que necessitam do cuidado e assistência de médicos magnéticos; e aqui há um grande trabalho para aqueles que estão vocacionados para ele.

Assim, meus amigos, veem que as vidas das crianças no País do Verão são ocupadas, úteis e sérias. Estas pequenas têm todas as diversões e recreações que desejam, ao mesmo tempo que encontram incentivo para estudar ou trabalhar na alegria que sentem quando dominaram a sua lição ou concluíram a sua tarefa. Não têm tempo para disputas nem para descontentamentos, e são sempre felizes.

PARTE TERCEIRA

CAPÍTULO XX
JOHN CRITCHLEY PRINCE —
AS SUAS EXPERIÊNCIAS NO MUNDO ESPIRITUAL

Os capítulos que se seguem contêm o relato das experiências espirituais de John Critchley Prince, o controlo poético do médium, que apareceu pela primeira vez nas colunas da *Voice of Angels* e suscitou calorosas expressões de elogio e aprovação de vários escritores. O nome de Prince é bem conhecido em Inglaterra, pois os seus poemas há muito ocupam um lugar no afeto dos seus compatriotas; mas, como ele próprio fala da sua vida e trabalhos terrenos na primeira parte da sua narrativa de experiências, não anteciparemos aqui o que aí está declarado.

Convém talvez mencionar como o espírito Prince veio a sentir-se atraído por Miss Shelhamer, e a descobrir no organismo dela elementos que se assimilavam tão bem com certos dos seus, tornando-a um instrumento adequado para a transmissão do seu pensamento aos mortais; e daremos a explicação nas suas próprias palavras, tal como publicadas no *Voice* de 1 de novembro de 1878:

“Eu sinto que devo ao público a explicação da minha presença aqui, e de como aconteceu que eu primeiro controlasse este médium. Na juventude, relativamente falando, encontrei-me com o atual presidente do círculo da *Voice of Angels* — um velho amigo, o Sr. Robert Anderson, de Morpeth, Inglaterra —

ele próprio um tanto poeta, e dotado de um espírito competente para criticar, admirar ou condenar as produções das almas poéticas.

“Ele interessou-se de certo modo por mim nesses primeiros tempos, em Ashton-under-Lyne, Inglaterra, e formámos uma afinidade espiritual que sobreviveu à separação física e até à própria morte. Perdemos o contacto; mas, depois das minhas primeiras experiências na vida espiritual, decidi visitar a América. Pela lei da afinidade espiritual fui atraído para um ‘círculo’ realizado por este médium, então uma rapariga na adolescência.

O meu antigo amigo, Robert Anderson, que há muito residia em Boston e se interessara pelas revelações do Espiritualismo, descobrindo qualidades mediúnicas em si próprio que lhe permitiam perceber e conversar com espíritos, estava presente nesse círculo. Os laços de simpatia que outrora nos uniram revelaram-se de imediato, e eu dei-lhe uma saudação espiritual. Desde então, há uns seis anos, tenho sido visitante frequente desta casa, encontrando-me com o meu velho amigo e mantendo conversa social com ele.

Nem sempre necessito de controlar o médium para esse fim, pois ele é tanto clarividente como clariaudiente, e por vezes agrada-me entrar na esfera da sua aura espiritual e conversar com ele no dialeto de Lancashire, o que parece evocar velhas recordações às nossas mentes.”

O Sr. Prince refere-se acima à saudação espiritual que deu ao seu amigo, o Sr. Anderson, que durante muitos anos mantivera uma amizade devotada pelos pais de Miss Shelhamer, a médium, sendo sempre um visitante bem-vindo no seu lar, aquando da sua primeira aparição desde a vida superior. Essa saudação foi expressa em verso, e apresentamo-la a seguir. O destinatário deste tributo poético ficou profundamente satisfeito e surpreendido com a produção, pois reconheceu na sua composição o estilo bem recordado do seu antigo amigo Prince, bem como citações de um poema escrito pelo autor espiritual em Inglaterra, muitos anos antes de partir do corpo, e que nunca tinha sido publicado neste país. O poema assim transmitido intitula-se:

VENHO A TI

Quando à tarde a sombra cai,
E a Terra dorme em santa paz,
Quando o labor já não se ouve mais,
E o som da festa já se desfaz,
Eu venho a ti.

Quando nos céus serenos brilha
A estrela d’ouro em vigia fiel,
Como mil olhos de anjos velam,
Guardando o mundo em sono doce e belo,
Eu venho a ti.

Não quando a rosa sobe ao muro
E perfuma o vento terno e puro,
Nem quando o pássaro canta feliz
Nas árvores verdes em doce matiz,
Eu venho a ti.

Mas quando reina o Inverno austero,
Com seu poder estranho e severo,
Quando a neve luz ao luar brilhante,
E a geada pinta o vidro em instante,
Eu venho a ti.

Não quando o Sol, na alvorada clara,
Em teu semblante brando se depara,
Mas quando a neve do Inverno da vida
Te cobre a fronte cansada e querida,
Eu venho a ti.

Das terras de fadas, de luz prateada,
Que cruzam por vezes tua estrada,
Onde a vida é mais bela que um sonho a arder,
E o dia perfeito começa a nascer,
Eu venho a ti.

Para falar da praia sem fim,
Onde o tempo toca suave o jardim,
Onde as brisas cantam canção divinal,
E a vida é sempre pura e imortal,
Eu venho a ti.

Para pôr rosas aos teus pés cansados,
De eterno amor e perfumes sagrados;
Para plantar lírios de branca paz,
Vindos do Céu, do mundo que atrás,
Eu venho a ti.

Das terras além do frio sepulcro,
Onde a verdade floresce em fulgor,
Guiar-te-ei às regiões do amor,
A climas mais belos, mais cheios de cor,
Eu venho a ti.

E quando enfim teus pés de peregrino
Cruzarem o estelado caminho divino,
E à margem brilhante chegares sorrindo,
Com anjos as mãos em amor se unindo,
Eu virei a ti.

Saudar-te-ei então com alegria,
Sem sombra ou dor na melodia,
Cantando as notas da doce canção,
Ensinando a Palavra da Salvação,
Eu virei a ti.

5. *O poema foi transmitido em pleno Inverno.*

6. *Citação retirada de um dos seus primeiros poemas.*

Algumas semanas após a produção do acima referido, o autor espiritual presenteou o seu amigo com a seguinte efusão poética: —

TESOUROS DO CORAÇÃO

A Terra pode dar seus bens,
Prata e ouro, jóias reais,
Riquezas dignas de reis
Com suas coroas triunfais.

O homem pode exibir arte,
Esculturas de primor,
Mas não achará jamais parte
Do tesouro do amor.

Ó coração humano ardente,
Cheio de luz e de verdade,
Brilhando em glória fulgente,
Eterna na eternidade!

Luzes que nunca se apagam
No nevoeiro do amanhã,
Gemas que brilham e inflamam
Mesmo em lágrimas de aflição vã.

Vê o ouro da afeição pura,
Duas vezes já depurado,
E a prata da doce ternura,
Ao lado sempre ligado.

Olha o altar da amizade sincera,
Obra celeste sem igual,
E compara com a riqueza da Terra,
Nada é tão belo, nada é igual.

O coração guarda em si
Minas de encanto escondido,
Mais rico que o ouro daqui,
Mais belo que o brilho perdido.

Modelos de arte não contêm
Formas tão belas e divinas,
Pois no coração elas vêm
Radiantes, claras, cristalinas.

O coração é joia viva,
Oculta em barro terreno,
Mas sua luz nunca cativa,
Brilha em fulgor sempre pleno.

Mesmo na sombra ou na vergonha,
Arde a chama do eterno bem,
Sagrado fogo que não se apaga,
Do amor que nunca se contém.

E esta joia hoje te dou,
A brilhar constante e serena,
No diadema que Deus formou,
Com luz que nunca se condena.

Eterno canto ecoará
De amizade, verdade e amor,
E a joia no Céu brilhará,
Na coroa do Senhor.

E ELE O REVELARÁ

O trilho da vida é duro e escuro
Para quem sofre e vai a penar,
Por nuvens de medo, pecado e muro,
Buscamos a luz sem a encontrar.

Almas errantes na noite fria
Suspiram o dia que não vem,
E espíritos choram na agonia,
Ansiando o tempo do claro bem.

Cegos, buscamos sem ver o fim,
Tremendo os passos no chão hostil,
Não endireitamos o trilho assim,
Nem damos descanso ao coração febril.

E vamos fracos sem compreender
O mistério da vida e seu labor,
Por que a alma há de sofrer
E o coração sangrar de dor.

Mas sobre as nuvens brilha o sol,
E mesmo na hora de sombra e pesar,

A alma ganha força maior,
E nova esperança começa a cantar.

Não vemos agora o consolo inteiro,
Nem todo o sentido da provação,
Mas Deus é o intérprete verdadeiro,
E Ele o revelará, então.

Ó corações tristes, almas feridas,
Que buscam descanso e paz no Senhor,
O Pai envolve as vossas vidas,
E nisso já há consolo e amor.

O Infinito não pode errar,
E os seus mistérios há de explicar;
“Deus é intérprete sem igual,
E Ele o revelará afinal.”

Ó mestres da Palavra Viva,
Cujos espíritos brilham em luz,
Com fé que nunca se cansa ou esquiva,
Que luta sempre em nome da cruz,

Para vós, nunca haverá vã procura,
Pois Deus vos fala no seu clarão:
“Ele é intérprete da Escritura,
E Ele o tornará claro, então.”

Pai eterno, a Ti oramos,
Força dá para o Teu querer,
E enquanto seguimos, cantamos,
Cumpre em nós o Teu viver.

E em toda fraqueza entoaremos também:
“Deus é intérprete do seu desígnio,
E Ele o revelará. Amém.”

JUNTO AO MAR

Junto ao mar, na areia a luzir,
As ondas vêm sempre beijar,
A gaivota pousa ou quer partir,
No rochedo abriga-se a cantar.
E as vagas entoam doce canção,
De vida eterna, grandiosa e livre,
Com vozes graves em repetição,
Mistério do mar que nunca se extingue.

Junto ao mar nasce a manhã,
E todo o oriente em fogo resplende,
A claridade ao mundo se derrama,
E o coração em êxtase acende.
O sol dourado sobe ao zénite ardente,
Brilha nas ondas que dançam risonhas,
E meio ocultas, num sonho envolvente,
São como jóias de luz radiosa.

Junto ao mar, o céu do ocidente
Arde em rubores de luz carmesim,
O rei de fogo desce lentamente,
De véus brilhantes vestido enfim.
E nas cristalinas ondas prateadas
O arco-íris do pôr-do-sol cintila,
Mostra à alma glórias inesperadas
E encanta-a com surpresa tranquila.

Junto ao mar — o mar glorioso —
Vemos veleiros de velas alvas
Seguir caminho largo e formoso,
Levando mensagens, notícias salvas.
As vagas brilham, acariciam a areia,
Deitam-se brandas no colo da praia,
Enquanto o mar feliz em paz ondeia
E a calma santa do céu desmaia.

Junto ao mar, por vezes, irrompe
Corrente imensa, profunda e forte,
Que varre o leito, que tudo rompe,
E acorda as águas do seu transporte.
Grandes vagas verdes, de cristas brancas,
Correm soltas, selvagens, em furia,
Revelam forças que o abismo guarda,
Junto ao mar sem igual, em glória pura.

Junto ao mar sentimos de Deus o amor,
Em cada sopro, em cada brisa,
Escutamos sua voz de esplendor
Em reverência calma e precisa.
O ar vibra cheio de pensamentos
D'Aquele que rege o mar e a terra,
Que prende as águas em seus fundamentos
Na palma da mão que tudo encerra.

REGRESSO A CASA

Cada vez mais perto das portas
Da morada feliz dos anjos,
Chegam mortais de alma torta,
Entre forças ou desenganos.
As velas brancas, já de avistar,
Brilham no mar da vida aberta,
E a brisa celeste vem soprar,
Doce e quente, sempre desperta.

Nuvens pesadas sobre eles caíram,
Tempestades os fizeram sofrer,
As velas todas no vento fugiram,
No mar zangado, difícil de vencer.
Mas volta a aurora em triunfo a brilhar,
Doura o convés com ternos raios,
E faz do naufrágio um novo cantar,
Apaga o rasto de dores e ensaios.

Rostos cansados, marcados de dor,
Do poder cruel da tentação,
Mostram no olhar tristeza e pavor,
Mas cai sobre eles doce unção.
Uma ternura clara os envolve,
À medida que ao porto vão,
E em plenitude suave se movem,
Rumo à casa além do chão.

Sempre em frente, em chuva ou calor,
Na tempestade ou no sol de verão,
Até que juntos ouçam com fervor
O barqueiro chamar em doce canção.
Elevai o canto, ó almas imortais,
Num coro unido, sublime e fiel,
Ao entrarem nas portas celestiais
Da bela Terra da Manhã de Éden!

UM CONSELHO DE AMIGO

Permite-me, amigo, o privilégio de amigo
De deixar cair umas palavras ao teu ouvido:
Tu já viveste muito na vida mortal,
E temo que fizeste coisas de peso desigual;
Mas o verão da vida ainda não terminou,
E frutos podem ser colhidos, bem o sabes, meu irmão,

Por todos quantos seguem este ditado:
Regar e mondar à medida que vais do teu lado.

O campo da vida é vasto e aberto,
Muita semente preciosa já foi ali deitar,
Alguma esmagada por erva sem rumo certo,
Outra escondida debaixo da pedra a pesar;
Precisa de todo o cuidado e atenção
Que os mortais podem dar em sua mão;
Ouve então o meu conselho bem claro:
Regar e mondar à medida que vais no teu passo.

A geada e a neve do inverno frio
O sol vai derretendo devagar,
Revelando o bosque e o seu perfil,
E as flores de maio começam a brotar;
Ensinando-nos bem a importância vital
De cuidar da semente no tempo inicial,
E guardando a lição que ora te dou:
Regar e mondar à medida que vais, onde for.

A primavera vem com sua promessa,
Falando do chão verde que a veste,
Nas flores que brilham com beleza,
Na multiforme sabedoria celeste.
Ó homem, aprende bem o que ensinam,
Que a vida do Pai é a fonte que anima;
Torna-a tão pura como a flor que nasceu,
E rega e monda à medida que corre o teu ser.

E a colheita virá no tempo certo,
Recompensa do esforço e do cuidar;
Então verás que os que vivem no deserto
Poderão também do teu pão partilhar.
Esta é a voz que o espírito envia
Aos irmãos e irmãs da terra sombria:
“Enquanto viverdes no mundo mortal,
Regae e mondai no caminho terrenal.”

A SAUDAÇÃO QUE OS ANJOS DÃO

Pouco tempo após a morte física desse grande homem, Wm. Lloyd Garrison, John Critchley Prince escreveu o seguinte esboço — pela mão do seu médium regular — publicado no *Voice of Angels*, a 15 de junho de 1879, e depois copiado no *Mind and Matter*:

Tive recentemente a boa fortuna de presenciar uma cena cuja imponência e grandeza só podem ser plenamente compreendidas por aqueles que já não estão sujeitos ao corpo físico, mas que são apenas espírito, apenas sentido, apenas perceção. Essa cena foi a receção espiritual, a saudação angélica dada a um dos mais nobres heróis da vida, uma das almas mais puras e grandiosas que alguma vez trilharam o caminho da existência mortal. E, embora não possa transmitir à Terra senão um pálido retrato da visão, ainda assim tentarei dar ao leitor uma ideia da saudação que os anjos dão.

Depois de mais de setenta anos de existência e experiência terrena, William Lloyd Garrison — amigo dos oprimidos, defensor da justiça, campeão da liberdade — depôs calma, quieta e pacificamente o fardo da mortalidade e, erguendo-se grandioso, majestoso e livre, espírito cheio de poder, passou aos domínios da luz eterna.

Em companhia de um grupo de espíritos afins — entre os quais cito o meu amigo Robert Burns, Felicia Hemans e Elizabeth B. Browning, nobres almas que verteram lágrimas pelos oprimidos mesmo ao dedilhar melodias de liberdade — tive o privilégio de assistir à receção espiritual dada a este herói ascendido. Não falo da saudação dos mais íntimos do coração, demasiado sagrada até para os olhos de amigos espirituais, mas do encontro de almas irmãs, que trilharam os mesmos caminhos de verdade, atravessaram os mesmos mares de oposição e perigo, e ergueram a mesma bandeira de liberdade até à vitória.

O espírito de Garrison não foi cercado apenas por amigos do seu próprio país; não apenas recebeu as mãos de heróis morais como Washington, Adams, Lincoln, Andrew, Sumner e muitos outros homens e mulheres de sua pátria, mas estavam também Lafayette, Lamartine, Wilberforce, Wilcoxson, George Thompson, Harriet Martineau, e uma multidão inumerável, reunidos para lhe dar boas-vindas. Na verdade, todos os grandes reformadores de todas as eras e climas, cujas almas hoje vigiam dos baluartes do céu o avanço da liberdade e da verdade na Terra — e que ainda intervêm nos destinos da humanidade — juntaram-se para prestar homenagem perfeita, em amor, simpatia e bênçãos, ao amigo de todos os homens, inimigo de toda tirania, perseguição e escravidão.

Mas a visão mais bela foi a de John Brown, o bravo Ossawottamie, cuja alma "continua a marchar", e Charles Sumner, que ainda trabalha pelo reconhecimento da igualdade de todos perante a lei, sentados aos pés de Garrison e olhando para ele como para um mestre e guia amado.

Sem limites, sem paredes ou barreiras, ao ar livre, sob a luz clara do sol, acariciados pela brisa amena, refrescados pelo perfume das flores, pelo brilho das águas e pelo canto dos pássaros, a própria poesia da expressão e o néctar da simpatia jorravam das fontes de cada alma, formando um mar de luz que glorificava o espírito do nosso hóspede com vitalidade e calor.

Vós, que estais em sintonia com grandes mentes e com almas que anseiam pela emancipação da humanidade, podeis conceber apenas de modo imperfeito a grandeza, a beleza e a alegria de tal encontro. Incontáveis almas nobres reunidas para dar boas-vindas e prestar tributo a um apóstolo amado da verdade. Nenhuma pena ou língua pode fazer justiça ao quadro.

Na periferia do círculo de luz formado por essa assembleia celestial observei rostos marcados pelo selo do génio e da inteligência, mas também pelo estigma da infidelidade à verdade — espíritos outrora célebres na Terra que, em lugares altos, haviam condenado publicamente os defensores da liberdade, da tolerância e da justiça. Agora arrependem-se da vida gasta em ambições.

Mas não era tudo: de todos os lados vinham espíritos — desde a criança trémula ao ancião venerável — entoando cânticos de boas-vindas. A melodia celeste ecoava pelas esferas, enchendo tudo de doçura divina que arrebatava as almas em êxtase. Era um cântico de gratidão, um hino imenso de louvor, um coro universal de bênçãos pela libertação.

E à medida que ganhava força e esplendor, os seus tons suaves, a beleza das expressões e a inspiração grandiosa formavam uma cascata de harmonia divina que descia sobre o espírito entronizado no nosso meio — William Lloyd Garrison, a glória central da nossa constelação.

Avançavam trazendo ramos verdes e palmas ondulantes, coroas de flores fragrantes, lírios brancos como neve e rosas reais, para espalhar aos pés do seu espírito. Mas mais doces que todas as dádivas, e mais caros a quem as recebia, eram os sorrisos de afeto, as lágrimas de gratidão, as bênçãos murmuradas pelos que vinham — outrora pobres, desprezados, ignorantes e escravizados, agora livres, honrados e cultivados — os que trabalhavam pela redenção de almas da servidão.

Primeiros ajoelharam-se os negros outrora desprezados, erguendo as mãos em bênção, mudos de emoção, com olhos a brilhar de alegria. Não só os que haviam alcançado liberdade em vida, mas também os que morreram acorrentados e açoitados vieram oferecer a sua bênção a este homem que tanto fizera pela sua raça, e receber dele força, inspiração e coragem.

Seguiram-se multidões de todas as raças e cores: o índio norte-americano, o servo russo, mulheres frágeis que sofreram em lares de violência e intemperança — todos vieram abençoar este bom homem como benfeitor e amigo, e a sua presença encheu o espírito de Garrison de uma alegria que nenhum mortal pode entender.

Então vimos a Terra como que envolta em vagas de luz dourada, ondas cor-de-rosa, nuvens de azul e branco radiante subindo e envolvendo o nosso hóspede com esplendor fragrante, iluminando-o de uma nova claridade e expressão. Cada cor trazia uma emoção: o dourado era verdade e firmeza, o rosado amor e simpatia, o azul fidelidade e gratidão, o branco pureza e paz.

Percebemos estas auras a fundirem-se em perfeita harmonia, fluindo de corações ainda mortais que, embora entristecidos pela partida de Garrison, enviavam ao seu espírito ascendido amor, simpatia e bênçãos.

Dos negros reunidos para prestar tributo; das mulheres de fé que falavam da sua ajuda e coragem; das almas boas que o amaram e honraram; do orador eloquente que ousou erguer voz em homenagem justa; do poeta sereno que cantou a sua glória em versos doces — de todos estes emanaram luz, beleza e perfume.

Musicais com a suavidade prateada que vinha das almas amigas na Terra, essas emanações banharam o seu espírito numa fonte de eterna alegria e bênção.

7. *Wendell Phillips.*
8. *John G. Whittier.*

Que necessidade há de harpas de ouro e ruas de pérola? Ele percorre os caminhos floridos da vida espiritual, não ocioso, não repousando em descanso sem sonhos. A energia do poder, a força do anseio, o impulso do desejo, tudo isso é seu, e já a sua alma avança nas fileiras daqueles sublimes cuja missão é trabalhar até que o homem se eleve à esfera do Amor universal; até que todo o erro desapareça, a tirania morra e a liberdade e o conhecimento habitem nos lares de todos os povos.

Segue em frente, nobre alma! A palma do vencedor é tua, pois testemunhaste o triunfo da justiça e da verdade; a coroa da glória é tua, pois a tua alma está coroada com o diadema do Amor perfeito.
Segue em frente, alma de túnica branca! para a frutificação luminosa que te aguarda!

Os capítulos que se seguem são dedicados ao relato das experiências de J. C. Prince, tal como narradas por ele próprio e publicadas na *Voice of Angels*. Já aludimos a cartas de aprovação e interesse acerca dessas experiências, recebidas pelo editor desse jornal de vários pontos. O excerto que a seguir se

dá, retirado de uma dessas cartas publicadas, é aqui incluído pelo facto de ter sido escrito por alguém que conheceu intimamente o Sr. Prince em vida terrena, estando familiarizado com o estilo geral das suas composições:

"Nephi, Utah, 6 de setembro de 1878.
Ao Editor da *Voice of Angels*:

Caro Irmão,—Tenho sentido vontade de lhe escrever desde que começou a publicar as experiências espirituais de John Critchley Prince, pois tenho lido com grande interesse as suas declarações à medida que aparecem no seu jornal. Sou da mesma região de Inglaterra onde o Sr. Prince residia quando estava no corpo, e em 1850 era tecelão de tear mecânico nos *West Mills* em Ashton-under-Lyne, onde ele então vivia. Sempre admirei os seus poemas e, a seguir a Byron, considerei a sua poesia a mais grandiosa e bela que então lera.
*****

Reconheço a mente de John Critchley Prince, o poeta de Lancashire, em cada linha do relato da sua vida terrena no seu jornal; a minha esposa também o reconhece, pois assistiu a reuniões privadas onde ele recitou alguns dos seus melhores poemas, em Duckenfield e Ashton-under-Lyne, e lemos com surpresa e espanto a sua primeira contribuição para a *Voice*, não esperando coisa semelhante; para nós foi da maior novidade e agrado. Felicitamo-lo pela aquisição de tão nobre alma para o seu corpo de colaboradores, e esperamos que ele muitas vezes nos ofereça as suas ricas efusões através do seu jornal.

Seu irmão e bem-querente,
Thomas J. Schofield."

CAPÍTULO XXI

A MINHA VIDA E EXPERIÊNCIAS NA TERRA

Meus amigos,—Trazendo as saudações fraternais não só minhas, mas também de uma multidão de espíritos superiores, cujo prazer e dever é misturar-se convosco aqui e procurar ensinar-vos sabedoria e conhecimento acerca da fase mais elevada e grandiosa da existência humana — a da alma imortal — venho carregado com as experiências de um curto período passado nas esferas supramundanas, e imploro a oportunidade de as expor diante de vós, não com o desejo de reconhecimento ou adulação terrena, mas com a esperança de poder mostrar à humanidade a realidade das condições que agregamos a nós próprios durante a vida mortal e os seus efeitos práticos sobre a alma, confiando em poder iluminar-vos um pouco quanto à verdadeira vida e ao modo como ela se manifesta nas esferas superiores; pois é tempo de os mortais compreenderem melhor a vida para a qual caminham.

Faz agora [9] setenta anos que eu, John Critchley Prince, nasci no plano terreno, em Wigan, Lancashire, Inglaterra, de pais pobres, trabalhadores e honestos.

A minha única escolaridade foi recebida numa escola dominical batista, onde obtive um leve conhecimento de leitura e escrita. Mas, como lia avidamente todo o tipo de livros que me caíam nas mãos, adquiri um certo domínio da linguagem e noções de composição que, em anos posteriores, serviram de nobre substituto da educação que não pude obter, mas que sempre desejei. Aos nove anos fui obrigado a trabalhar para viver, como fabricante de canas para tecelões, no que me ocupava dezasseis horas por dia, e a única oportunidade de me entregar ao luxo da leitura era roubada ao sono.

9. *O texto acima foi escrito na primavera de 1878.*

Em 1821 acompanhei o meu pai a Manchester, onde ambos conseguimos emprego como maquinistas. Foi aí que, pela primeira vez, me deparei com um exemplar das obras de Byron, que devorei com rapidez surpreendente, bebendo e retendo todo o esplendor, o fogo e a beleza daquelas linhas sublimes e da sua delicada imagética, que fizeram de Byron, apesar dos seus defeitos, um poeta da natureza. Que mundo de deleite, que cena de encantamento se abriu diante de mim!

Parecia respirar uma nova atmosfera, que eletrizava o meu ser até ao âmago; e, enquanto me deleitava nos campos de esplendor que tinha descoberto, esquecia a pobreza e o trabalho; a minha alma erguia-se ereta, consciente da sua dignidade e orgulho, sentindo-se já não um pobre escravo laborioso, mas uma criatura do universo, com poderes e capacidades de expansão e crescimento. Foi então que determinei que um dia cantaria os meus próprios cantos e os daria ao mundo.

Mas a minha vida continuava na mesma rotina, ainda no trabalho da oficina, sonhando sonhos que ninguém conhecia, até que o meu pai mudou novamente de residência para Hyde, levando-me consigo. Ali, nos primeiros ardores da juventude, antes que dezanove verões tivessem passado sobre a minha cabeça, veio à minha alma expectante a mais sublime de todas as experiências da vida, o “primeiro sonho de amor”.

Caiu sobre mim como o doce rubor da aurora, banhando o meu espírito numa maré de glória inefável e enchendo o meu coração de bem-aventurança extática, que julgo só uma alma poética, em harmonia com a natureza e as suas obras, capaz de encontrar felicidade apesar do labor e da dor, pode compreender plenamente. E aqui digo que, até hoje, regressando como regresso da margem imortal, agradeço a Deus por essa experiência de verdadeira e sentida emoção. Acompanhou-me por toda a vida como a melodia de uma canção feliz, e sustentou a minha alma desesperada com a sua

doçura. Passou mesmo pelos meus dias de erro como um fio dourado, cujo brilho me revelava a glória e a pureza de uma vida que poderia ter sido minha.

É inútil tentar descrever-vos a imagem da minha encantadora. Para outros, era apenas uma vizinha, boa e bonita à sua maneira, mas nada de extraordinário. Para mim era tudo o que havia de mais belo e gracioso, tão formosa e boa como Eva terá aparecido a Adão, em toda a inocente pureza da expressão daquele primeiro despertar da antiga alegoria.

Em 1827 uni-me à minha querida, e começámos vida nova, tão felizes como duas aves; e, ainda que a minha fantasia poética e o meu temperamento ardente me levassem a esperar mais felicidade de uma vida conjugal do que é possível aos mortais alcançar, ainda assim, no geral, a minha vida doméstica foi bênção para o meu íntimo, e nos seus recantos teci algumas das mais doces grinaldas que enfeitaram o meu nome.

A pobreza e o trabalho, com a sua comitiva de males, continuaram a acompanhar-me, e em 1830, estando o labor escasso em casa, fui para a Picardia, deixando mulher e três filhos. A revolução tinha paralisado o comércio em França e era impossível encontrar emprego; por isso, depois de muito sofrer, regressei a casa apenas para encontrar a família num asilo, donde os retirei para uma água-furtada em Manchester, onde teríamos morrido à fome não fossem os labores de minha esposa no tear mecânico. Foi tempo de miséria. Por fim, obtive trabalho temporário e as nossas perspetivas começaram a melhorar um pouco, mas em toda a minha vida parecia perseguir-me a fatalidade da falta de trabalho remunerador.

Durante a minha estada em Manchester comecei a contribuir com pequenos poemas para jornais e revistas locais, que, graças à bondade de amigos e de pessoas influentes no governo, cuja atenção fora atraída pela leitura das minhas produções literárias, foram publicados em volumes de tempos a tempos. O primeiro, *Hours with the Muses*, saiu em 1840 e chegou à terceira edição em dois anos. Seguiram-se *Dreams and Realities in Verse* (1847), *The Poetic Rosary* (1856), *Miscellaneous Poems* (1861) e, por fim, uma coletânea de todos os meus principais poemas, publicada no ano da minha morte, 1866.

Acusaram-me de imitar o estilo de outros, mas, embora o pudesse ter feito em certa medida, creio que nenhum dos meus críticos negará que as ideias expressas e os pensamentos incorporados, bem como a disposição da linguagem nas minhas produções, eram inteiramente meus. Contudo, nunca me senti satisfeito com os meus esforços; nenhum deles atingia o meu padrão de excelência, e muitas vezes traziam a marca da minha deceção e insatisfação.

Das desilusões da primeira juventude resultou que demasiado facilmente me deixava levar do meu pobre lar para a taberna, onde, na companhia de homens que fingiam admirar o meu “género” e desejar a minha sociedade, passava

horas, dias até, ausente de casa, entregando-me ao vício, procurando afogar a memória da ambição desapontada e das esperanças frustradas. A este hábito, juntamente com a inconstância de propósito que me impedia de manter emprego por muito tempo, devo muitas das minhas primeiras experiências na vida espiritual, de que espero dar-vos conta, para que aprendais como uma alma é mergulhada em trevas pelos atos praticados no corpo e também como pode progredir da degradação e da dor para cenas de felicidade e paz, se apenas o desejar.

Fui assim prolixo quanto à minha vida mortal para que melhor compreendais as minhas experiências no espírito, e embora possa parecer demasiado pessoal, foi inevitável, e peço a vossa indulgência. É-me impossível transmitir-vos uma conceção adequada da bem-aventurança extática que experimentei em espírito, quando liberto das cadeias materiais e embriagado no reino da fantasia poética; do labor e dor da minha existência física; ou da sensação de degradação e desprezo de mim mesmo ao recuperar de um excesso — tudo o que tive de reviver no espírito.

CAPÍTULO XXII

A MINHA VIDA E EXPERIÊNCIAS NO MUNDO ESPIRITUAL

A 5 de maio de 1866 deixei o meu tabernáculo de barro e nasci para o mundo não só das causas primordiais, mas também daquele em que todos os efeitos da vida passada se manifestam. Mente e corpo eram ambos ruína. Não tinha grande satisfação do passado, nem muita esperança para o futuro.

Ao desprender-me da matéria, senti vagamente uma multidão de seres a rodear-me — rostos que conhecera em tempos idos, mas que há muitos anos não via; formas familiares que a sucessão de acontecimentos da vida apagou da memória; homens que eu encontrara outrora à mesa de convívio, em cenas de sedução e festa, onde desperdiçáramos momentos preciosos de Deus em cantos ou histórias sem fruto algum. Ignorava o destino deles e supunha que me tinham esquecido, como eu deixara de os lembrar; mas lá estavam, recordando com a sua presença cenas e memórias que eu desejaria estivessem mortas e enterradas além de toda ressurreição.

Todos os acontecimentos da minha vida passaram diante da minha visão interior como um panorama, e vi-me como os outros me viam — vítima de energias desperdiçadas e de uma vida mal vivida. Com que intensidade lamentei tanto do que fizera, e muito mais do que poderia ter feito e não fiz! Foi então, aparentemente inconsciente das coisas mortais, que comecei a compreender que a omissão é muitas vezes tão grande pecado como a ação — que a inatividade é tão desastrosa para o espírito quanto a vontade mal dirigida.

Nesse momento não vi as formas e rostos daqueles a quem amara e que se suporia estarem primeiro ao leito de morte de alguém que lhes fora tão próximo. As formas e fantasmas que me cercavam estavam envoltos numa nuvem espessa de vapor que me velava todo o horizonte. Esforcei-me por me afastar deles, mas não pude; cercavam-me por todos os lados e, embora não falassem, parecia que me zombavam com os seus olhares e gestos de escárnio.

Esta foi a minha primeira experiência espiritual. Depois aprendi que consistia inteiramente no reflexo das recordações passadas sobre a minha mente, mas foi extremamente penosa e desagradável.

A experiência seguinte foi encontrar-me em pé, fora do meu corpo físico, sozinho, até onde a vista alcançava, olhando para o velho tabernáculo gasto que acabara de abandonar. Descobri-me vestido num corpo precisamente semelhante ao que deixara, e aparentemente não em muito melhor estado. Estava perplexo e confuso; pois, embora tivesse rejeitado muitas das antigas noções teológicas do Além, isto não correspondia de modo algum às minhas conceções de vida futura.

Olhei em redor, esperando atrair a atenção de alguém que me pudesse dar explicação, ou na expectativa de encontrar companheiros de outrora; mas em vão — não via ninguém. Tudo era nevoento, como numa fumarada espessa, semelhante às ruas de Londres ao meio-dia; embora, como depois me disseram, não estivesse só: havia espíritos bondosos a velar por mim, prontos a ajudar-me quando fosse possível, mas o meu estado mental impedia-me de os perceber. Quanto ao vapor fumacento, era uma emanação do meu próprio espírito e não da atmosfera envolvente.

Enquanto ruminava comigo mesmo, tão recolhido quanto a minha condição permitia, observei um grupo de indivíduos aproximar-se e lançar um olhar sobre os meus restos; e o que me pareceu muito curioso foi que, embora estivessem muito longe de mim, conseguia ouvir distintamente os seus comentários. Eram mortais, ainda a viver na Terra, atraídos por um mórbido interesse em dar uma última vista de olhos ao meu corpo. Contudo, bem preferia que tivessem ficado longe, pois fizeram mais mal do que bem ao meu espírito.

— “Pobre diabo — disse um —, lá se foi ele, enfim. Bem, arruinou-se, sem dúvida.”
— “Pois,” respondeu outro, “podia ter feito melhor, mas não quis; e assim lá se foi. Sempre soube como isto ia acabar.”
— “Com toda a sua cantoria e sonhos,” observou um terceiro, “não era melhor do que o resto de nós. O velho lado dele aparecia muitas vezes.”
— “Assim mesmo,” acrescentou um quarto, “olha bem para ele agora, ali

estendido, quando podia estar vivo e são, como nós! Pois bem, foi agora prestar contas, pobre rapaz!”

Não esperei ouvir mais. Mente e cérebro enlouqueceram com o que escutara. Era verdade, sem dúvida; mas cada palavra parecia um aguilhão de escorpião a trespassar-me a alma. Quem eram eles, para condenar quem não tinha poder de se defender? Estariam livres da mácula comum do pecado?

Assim me interrogava; mas, incapaz de resolver os tremendos problemas que me oprimiam, fiz um esforço hercúleo e, rebentando os laços que me prendiam ao corpo inútil, corri dali, não sabia para onde, nem me importava; queria apenas alívio para a alma abrasada e torturada.

E aqui permiti, se quiserdes, uma digressão. Deixai que vos alerte, ó mortais, para que cuideis das palavras e pensamentos que tendes acerca dos que partiram da vida terrena. Que os vossos pensamentos e palavras sejam tão caridosos e bondosos quanto possível; pois, ao assim fazer, podereis acender uma luz de farol que ilumine o seu caminho ascendente. Mas, se falais mal deles, se atirais a pedra da censura aos espíritos que partem, podereis acrescentar-lhes o peso que os arrastará para baixo.

Ai de mim, eu não compreendia a cura das almas enfermas de pecado e tortura; procurei o refúgio que fora, e era ainda, a minha maldição, mas que, em vão, julguei que afogaria toda a lembrança e traria alívio.

Logo me achei num sítio bem conhecido, um dos meus antigos refúgios — a saleta dos fundos, logo além da taberna — de uma estalagem. Sentei-me como sempre fazia, e esperei que alguém satisfizesse o meu pedido de bebida; mas, embora a taberneira passasse de um lado para o outro, roçando-se até por várias vezes contra mim, não me deu a mínima atenção, e senti-me de facto negligenciado.

Pouco depois reparei que entrava no aposento um que eu vira ocasionalmente nesse local e que sabia ser grande beberrão. Pediu bebida, e quando lhe foi trazida, ergueu o copo aos lábios. Subitamente, por uma espécie de fascinação, senti-me atraído para o seu lado, e, enquanto ele despejava o líquido ardente pela garganta, todo o meu ser parecia vibrar em simpatia, e ficava saturado dos fumos da bebida.

A cada gole que ele dava, parecia-me beber outro em correspondência; e percebi que podia entregar-me assim quanto quisesse. Permaneci ao seu lado, bebendo longa e profundamente. Ah, o desejo ardente que sentia por aquele fluido mortal! O prazer intenso e o abandono absoluto de mim próprio que experimentei não podeis imaginar.

Por fim, as libações cessaram. A natureza, abusada e violentada, não pôde suportar mais, e o meu companheiro tombou num estado de completa inconsciência. Então procurei afastar-me dele, mas em vão; estava preso ao

seu corpo prostrado por um laço tão inflexível como tiras de aço; não podia libertar-me da condição em que me metera.

E foi aí que a minha retribuição começou; pois, enquanto o líquido que juntos havíamos bebido adormecera os sentidos dele e entorpecera as suas faculdades, em mim surtira efeito totalmente diverso, excitando todas as minhas sensibilidades, inflamando o meu sistema nervoso com chamas de desejo inextinguível e, de facto, tornando-me intensamente consciente de tudo à minha volta. O mais leve ruído soava-me aos ouvidos como o dobre fúnebre de uma alma perdida; o som de um passo a passar assustava-me como estrondo de trovão; e quando o relógio da velha casa batia a hora, todo o meu ser vibrava em uníssono.

Desejava fugir de toda a gente e de tudo o que conhecera — estar sozinho, onde ninguém me pudesse encontrar, onde vida e atividade fossem desconhecidas, e onde pudesse descansar o cérebro em chamas.

Ai de mim, não podia! Como alguém atado a uma estaca, estava condenado a passar o que me pareceu um século junto de quem nada tinha em comum comigo, salvo o apetite pervertido. Não vos consigo transmitir a ideia do horror, da escuridão e do desespero que dilaceravam a minha alma, preso a essa forma de humanidade embrutecida. As horas arrastavam-se, até que por fim surgiu um vislumbre de alívio.

O estalajadeiro entrou no aposento, despertou o meu companheiro e mandou-o à casa da bomba para lhe molhar a cabeça. Ao primeiro jato de água senti um prazer delicioso; ao segundo, ao terceiro, e o laço que me prendia rompeu-se em duas partes, e estava livre. Nunca cativo exultou tanto com a libertação como eu naquele instante. Não fiquei, mas apressei-me a sair, e nunca mais vi esse lugar nem os seus frequentadores.

Continuando à deriva, tendo por único propósito encontrar algum recanto solitário e retirado onde pudesse achar descanso e refrigério, dei por mim a elevar-me gradualmente do chão, flutuando, pairando por cima das cabeças das pessoas.

Pouco depois, as ruas da cidade desapareceram da minha vista, e pareceu-me que me aproximava de uma região estranha; casas e armazéns sumiram-se, clareiras soalheiras e recantos sombrios surgiram; árvores frondosas, vestidas de verde vivo, sob as quais minúsculas flores abanavam as cabecinhas perfumadas, enchendo o ar brando de fragrância.

À esquerda vislumbrei o azul cintilante de águas ondulantes e brilhantes; ao longe, erguiam-se picos elevados de montanhas coroadas de púrpura; o sol resplandecia no céu, enquanto a atmosfera se tornava melodiosa com o zumbido dos insetos e o chilrear das aves. Não percebia sinal de vida humana;

tudo era silêncio, salvo os murmúrios da natureza, que caíam sobre o meu ser torturado como hino de paz.

“Certamente,” disse para mim, “isto deve ser outro país; é inteiramente diferente de qualquer que já tenha visto; a atmosfera traz aquele tom transparente peculiar que só se encontra em terras de clima meridional.”

Mas estava demasiado cansado para novas reflexões. Parecia beber o encanto e a beleza da cena sem qualquer esforço de vontade ou pensamento, e achar consolo e descanso nisso.

Por fim, distingui um recanto perfeito, que parecia feito para ser alcova de fadas; logo além de um regato saltitante e cristalino, aninhado ao sopé de uma muralha rochosa em arco, coberta de musgo, vi um pequeno recanto tão belo que parecia quase sacrilégio ali penetrar.

Margens de esmeralda, macias como veludo, salpicadas de flores brancas de corola dourada; trepadeiras semelhantes a avencas a rastejar pelas rochas; arbustos de verde vivo com campainhas escarlates a balançar os seus incensórios perfumados na brisa; raios de sol cintilantes e sombras frescas compunham um lugar de repouso digno de um monarca.

E ali, entre as belezas da obra da Natureza, rodeado pelos esplendores da criação, testemunhos do poder e da bondade de Deus, desci sobre o tapete esmeraldino; e, embalado pela paz e quietude do lugar, os meus sentidos febris acalmaram-se, o pulso serenou, o sangue arrefeceu nas veias, e caí num sono tão profundo quanto possível a um espírito desencarnado.

Não tive consciência da passagem do tempo, mas sei agora que se passaram vários dias antes de voltar a despertar para o conhecimento do exterior. Continuava só; não discernia presença humana alguma; as flores ainda floriam, as águas ainda dançavam e brilhavam, o sol ainda resplandecia, e tudo estava tão belo e real como antes. Pareceu-me que ali repousara apenas algumas curtas horas.

Levantei-me e, descendo à margem do regato, lavei o rosto e as mãos, exatamente como teria feito em corpo. A água refrescou-me. Senti-me renovado de vida e vigor; mas com a nova força veio também a lembrança do que fora e do que fizera, e voltei a cair sobre o leito de musgo esmagado pela recordação da minha loucura.

O remorso regressara à minha presença, e a minha alma vergou-se diante dele em amarga agonia; lágrimas e soluços misturaram-se, sacudindo-me até ao âmago, e lutei em espírito com o “poderia ter sido”, tão tangível para mim como qualquer forma objetiva o seria para os mortais.

À medida que a tempestade dentro de mim amainava, comecei a sentir uma presença santa a aproximar-se. Logo um som suave de música deliciosamente

modulada chegou aos meus ouvidos; tão ténue e tão doce que ao princípio parecia confundir-se com a música das águas murmurantes e das folhas sussurrantes. Pouco a pouco cresceu, mais claro e mais doce, até culminar numa explosão de êxtase triunfante que fez a própria erva saltitar em uníssono.

Todo o meu ser se aquietou; uma paz profunda perpassou pelo meu sistema. Era de novo um homem — criatura de Deus, digna de se tornar representante do seu reino.

Enquanto estes pensamentos penetravam no meu ser, trazendo calma e descanso, senti sobre as têmporas o que parecia ser um sopro de ar fresco e revigorante, percorrendo-me todo o corpo com uma sensação de delícia indescritível e, ao levantar os olhos, surpreendeu-me, sem me assustar, ver a figura de um patriarca venerando a inclinar-se sobre mim, acariciando-me a fronte com as pontas dos dedos.

O seu rosto era liso e claro, como se nenhuma preocupação o tivesse marcado, encimado por uma larga testa a reluzir com a força da inteligência, coroada por abundantes cabelos de seda, brancos como neve. Uma longa barba farta, também alva e lustrosa, caía-lhe sobre o peito. Estava vestido com uma túnica longa de seda púrpura; nos pés trazia sandálias resplandecentes; e na mão segurava um cajado notável pelo seu brilho. Os seus traços eram luminosos com a luz do amor e da benevolência refletidos; um halo de radiação envolvia-lhe todo o ser, cintilando em faíscas de luz a cada movimento.

Mais tarde aprendi que esse halo era a aura a fluir da sua estrutura espiritual, cujo brilho revelava a pureza e a beleza da sua condição interior.

Humilhado perante a majestosa glória daquela presença, escondi o rosto e encolhi-me como para me ocultar.

“Não temas, meu filho, vim para te ajudar e encorajar; os teus caminhos mortais foram ásperos e desviados; os teus trilhos espirituais hão de tornar-se sendas de paz. Ergue a cabeça, para que a tua alma seja ungida com o bálsamo da cura.”

Não ouvira som algum de voz, e todavia estes pensamentos fluíam ao sensorium interior da minha mente, enquanto o ser místico continuava a acalmar-me a fronte com as pontas dos dedos. Levantei a cabeça, espantado, e contemplei-o em maravilha.

“Perguntas quem e o que sou eu,” novamente chegaram os pensamentos, não falados mas impressos na mente; “sou um designado para procurar e instruir almas como a tua, que precisam de auxílio; podes chamar-me *Benja, o Missionário*; fui atraído a ti para te indicar o caminho da salvação, e dar-te força e encorajamento; travaste a primeira batalha e alcançaste a vitória; segue em frente, e alcançarás a meta.”

Os pensamentos, e de facto a presença do missionário, fizeram vibrar de prazer todo o meu ser. A esperança abriu sobre mim as asas rosadas, e senti-me forte, pronto, julgava eu, para qualquer conflito.

“Venceste a primeira vitória,” repetiu o sábio, “mas ainda outros ensaios te aguardam; a abnegação de si e a renúncia dos apetites e paixões que em parte dominaram o espírito não vêm de uma só vez. A reforma é obra de tempo. Portanto, meu filho, não confies demasiado na tua própria força, mas antes que as aspirações da tua alma se estendam para o alto e para o divino, levando consigo o desejo de auxílio e orientação. Nem te deixes abater, pois uma nobre existência será por fim tua. Olha em redor, para estes prados risonhos e estas águas saltitantes. Queres saber em que lugar te encontras.

“Este é o vale do autoexame. Cada alma, ao sair da vida material, é conduzida a algum ponto ligado a este lugar. Certos temperamentos são levados àquelas montanhas distantes, nos altos cumes das quais as suas almas ficam a olhar retrospetivamente para as vidas passadas, os atos e motivos, e a comungar silenciosamente consigo próprios acerca da vida e dos seus deveres; outros são levados àquele lençol de água límpida que vês ao longe, no qual são forçados a mergulhar, a fim de se purificarem das impurezas que se agarram aos seus espíritos.”

“As almas poéticas como a tua são conduzidas a este vale encantador, onde, na contemplação das obras da Natureza, encontram paz e força para prosseguir a tarefa do autoexame, e para adquirir o desejo de se tornarem dignas de coisas melhores.”

As ideias que fluíam do sábio para a minha mente cessaram, e, num instante, estava novamente só. De repente, surgiu-me o desejo de mergulhar no regato que murmurava aos meus pés. Assim fiz; a sensação era a de banhar-me num curso de água morna e perfumada; parecia penetrar-me pelos poros da pele, revigorando o meu ser de modo prodigioso. Permanecei pouco tempo no regato e, ao emergir do banho e observar-me, percebi que sofrera uma mudança evidente. A minha pele tornara-se macia e clara; a cor carregada desaparecera, muitos dos fios prateados tinham-se ido do cabelo, e os membros sentiam-se ágeis e elásticos.

As minhas vestes, também, estavam renovadas, sem o aspeto gasto, e, no todo, sentia-me e agia como uma nova criatura. Ao pé de um arbusto florido reparei num cajado polido, que tomei para mim, e com ele, como apoio, pus-me a explorar os arredores.

Caminhei sem pressa; a cada passo surgiam novas belezas, cujo esplendor é impossível descrever — bosques sombrios, onde as dríades de outrora poderiam ter amado vaguear; clareiras soalheiras, ricas com o seu tapete de verdura bordada de flores; ribeiros a jorrar e fontes naturais a brotar de rochas cobertas de musgo. Tudo o que podia deleitar o olhar e encantar os sentidos

estendia-se diante de mim, e eu avançava, aspirando a beleza em redor, sem desejo nem pensamento de companhia.

Mais adiante deparei-me com uma sebe perene; era muito longa, mas, passado algum tempo, encontrei uma ampla abertura por onde passei, achando-me num vasto jardim, cuja beleza nunca vira igualada. Canteros de flores lindíssimas estendiam-se diante de mim, testemunhando o cultivo da arte e perfumando o ar balsâmico.

Bacias de mármore recebiam as águas cintilantes de inúmeras fontes prateadas; árvores altas agitavam os ramos no ar e lançavam uma sombra aprazível; aqui e ali, bancos musgosos convidavam ao repouso; aves cantavam nas árvores e entre os arbustos floridos. Ao longe, vi o azul cintilar de um grande lago, na margem do qual distinguia várias formas alvas, de túnica, a mover-se de um lado para o outro; a atmosfera estava impregnada de beleza e doçura, enquanto o sol dourado resplandecia no firmamento azul.

Até ali estivera em plena natureza, onde nenhum esforço fora feito para alterar ou melhorar as obras naturais; mas ali viam-se sinais da arte e do engenho humanos, introduzidos para cultivar e elevar a natureza a formas superiores de beleza. Entrei num dos bosques à minha esquerda e sentei-me num banco rústico diante de uma longa mesa de pedra, sobre a qual estavam espalhados frutos de toda a espécie, alguns dos quais me eram desconhecidos. Por cima da mesa pendia uma inscrição: *“Todos são bem-vindos; toma e refresca-te.”*

Não precisei de mais convite; estava faminto e fraco; e nunca iguarias ou néctar souberam melhor aos deuses do que aqueles frutos e a água fresca que retirei de uma fonte próxima, para a minha boca ressequida.

Descansei por um tempo e segui adiante. Ao aproximar-me do lago, vi-me de súbito rodeado por um grupo de criaturas alvas, todas jovens, belas e encantadoras de contemplar. Comparei a minha aparência com a delas e, embora pouco antes me tivesse felicitado pela minha melhoria, agora parecia-me escuro e gasto em comparação com estas jovens almas frescas.

Procurei retirar-me, mas não mo permitiram; fechando-se em círculo ao meu redor, cortaram-me toda a saída. Fiquei de olhos baixos, humilhado e envergonhado, quando uma jovem se aproximou, e, pousando a mão no meu ombro, disse, em tons cuja doçura flautada nunca esquecerei:

— “Não me reconheces? Sou alguém que te foi muito querida; tenho vivido neste belo lugar há tanto tempo, à tua espera; certamente me deves reconhecer, e receberás o amor que guardei para ti.”

Ergui os olhos e contemplei aqueles traços formosos. Certo, sim, certo que os reconhecia; mais belos, mais desenvolvidos, marcados por graça e expressão mais encantadora do que eu jamais conhecera; e, contudo, o mesmo sorriso

cativante, os cabelos brilhantes, os olhos faiscantes da minha amada estavam diante de mim, em esplendor radiante.

Não consegui falar; era demasiado! Oh, se eu soubesse que encontraria assim a minha bem-amada, como me teria preparado para ser digno de entrar na sua presença celestial!

Adivinhando os meus pensamentos, a querida enlaçou os braços alvos ao meu pescoço e, murmurando: “Estou tão feliz, oh, tão feliz por te encontrar!”, pousou a cabeça sedosa no meu peito, e eu, por mais indigno que me soubesse, apertei-a num abraço terno, amoroso, cheio de alma.

Erguendo a cabeça, disse ela: “Estas são as minhas companheiras, que vieram dar-te as boas-vindas à Terra do Verão. Todas te conhecem e estimam pelo que vales; estiveram contigo quando expressaste as doçuras da alma, e sabem do que és capaz de te tornar.”

Conduziu-me a um assento musgoso, e o grupo formoso, dispondo-se em volta de nós, começou a entoar um cântico de boas-vindas, cuja doçura não pode ser ultrapassada.

Não pretendo alongar em demasia estas experiências, e, por isso, não vos posso relatar tudo o que sucedeu nesse lugar formoso.

Fui acolhido, deram-me um lar feliz onde permanecer, mas deixaram-me livre para vaguear como quisesse. Rodeado de rostos amorosos, tratado com cuidado e ternura, mergulhei num estado de bem-aventurada fantasia, bem adequado ao meu temperamento peculiar.

Poderíeis pensar que já havia passado pelas tentações da vida, que renunciara às suas loucuras e me arrependera dos seus erros. Mas o arrependimento não é coisa de um dia nem de um mês; a memória inscreveu a sua marca nas tábuas da alma, e, se manchada e marcada, requer tempo e esforço para apagar as fealdades. Eu não o sabia então, mas a inatividade é o veneno da vida, e a alma ociosa não pode avançar.

Algum tempo depois de ter entrado nesse paraíso e recebido as boas-vindas dos anjos, encontrava-me sentado no interior de um pavilhão de mármore, a olhar sonhadoramente para a encosta soalheira, quando me apercebi da presença do missionário que encontrara no vale, o qual disse estas palavras e desapareceu:

— “Meu filho, a vida é séria; perguntaste por que não podes escrever os poemas arrebatadores de outrora. É porque estás inativo. Olha em redor e vê se nada há a fazer, se não por ti, por outro necessitado. Queres tornar-te nobre e grandioso? Então trabalha por isso. Neste mundo, a colheita só vem a quem semeia e cuida da semente.”

Fiquei atónito e confuso. Ferido pela advertência, não esperei por ninguém, mas saí apressadamente daquele lugar e do maravilhoso jardim. Decidi fazer algo, ir a algum lado; mas não sabia que rumo seguir. Logo senti o desejo de voltar à Terra e ver o que se passava por lá. Talvez pudesse encontrar algo a fazer, ou alguma inspiração para a poesia. Ah, eu não sabia que ainda era fraco, incapaz de enfrentar a tentação; que estava novamente destinado a cair no lodo. Mas assim foi; todavia, graças a Deus, pela última vez! Disso vos falarei no próximo capítulo.

CAPÍTULO XXIII
O CONSELHO DO POETA

Mais uma vez senti-me atraído para a Terra. Recordações de velhas ligações começaram a despertar na minha mente, e senti o desejo de regressar e tornar a misturar-me com a vida mortal, movido pela ideia de que talvez lá encontrasse algo a fazer.

Impulsionado por um impulso interior, encontrei-me em breve nas ruas apinhadas de uma vasta cidade: tudo me era familiar, e quando avistei a cruz cintilante de São Paulo a reluzir por entre o fumo e o pó, soube que estava novamente no coração de Londres.

Ninguém parecia reparar em mim; todos se apressavam, atentos apenas aos próprios afazeres, e eu era como alguém virtualmente só, mesmo no mercado fervilhante e apinhado da grande metrópole.

Segui o meu caminho sem pressa (pois, desde que tornara a entrar no plano material, a impetuosidade desenfreada que antes me levava havia desaparecido), detendo-me aqui e ali para observar a maré de humanidade inquieta que corria sem rumo definido, quando de súbito parei ao ouvir o meu próprio nome pronunciado por um dos dois cavalheiros à minha frente.

— “Sim — disse ele —, vamos ter hoje à noite uma pequena receção social no clube, e prestar a nossa homenagem à memória de Critchley Prince. Pobre homem, foi o seu pior inimigo, manchou a sua própria carreira; mas as obras que deixou e os cantos que cantou mostram que possuía uma alma dotada e sensível. Por essa razão redigimos um conjunto de resoluções e decidimos reunir-nos esta noite em honra do poeta falecido. Será melhor que vás connosco.”

O outro cavalheiro respondeu que, se pudesse, estaria presente; e eu decidi que também lá estaria.

Reconheci o primeiro orador como um dos mais brilhantes e célebres literatos do tempo, que ainda hoje habita a Terra, cortejado pelo seu génio, amado e respeitado pelo coração benevolente e alma compassiva; na altura teria cerca

de cinquenta anos, cheio de vida e energia. Sabia que era membro de certo clube literário, cujos sócios eram homens de intelecto brilhante, muitos dos quais conhecidos no mundo das letras; e era precisamente essa reunião que decidi visitar, parte por curiosidade em ouvir o que diriam de mim, parte para assistir aos trabalhos, certo de que um banquete de delícias intelectuais aguardava quem fosse suficientemente afortunado para entrar.

Os dois amigos separaram-se numa esquina, mas permaneci com o homem de génio, resolvido a não deixá-lo até à hora do encontro; e assim foi.

À hora marcada, a assembleia reuniu-se nos salões da instituição, eu entre eles.

Não tenciono revelar tudo o que foi dito e feito nessa ocasião. A reunião foi extremamente agradável; joias de pensamento, ideias originais, réplicas brilhantes e ditos espirituosos circularam livremente de mente em mente; em suma, foi um festim de glória intelectual que não podia deixar de despertar entusiasmo em todos, salvo nos espíritos mais entorpecidos. O elogio e os encómios à memória de Critchley Prince foram amáveis, e bem capazes, vindo do coração dos filhos mais dotados de Inglaterra, de despertar orgulho e satisfação naquele de quem falavam.

Mas, ai!, esse banquete de pensamento nobre e expressão pura e requintada, que por si só teria revigorado a alma e no qual até os anjos do céu se poderiam ter comprazido em presidir — essa mesa festiva — teve de ser maculada pela presença de vinhos caros e iguarias ricas e pesadas. Sim, é verdade que ali, onde nenhum banquete material era necessário, onde de facto só servia para rebaixar o tempo e o lugar a cena de festim sensual, o copo de vinho passou de mão em mão, brindes brilhantes foram dados e repetidos, e eu, em companhia dos outros, provei de novo a bebida perfumada que sempre tende a degradar a humanidade.

É verdade que não me entorpeci até à inconsciência, nem nenhum dos presentes o fez; nem fiquei tão intensamente desperto em cada sentido e via de sensação como antes; mas participei do líquido, e mais uma vez percebi que não era suficientemente forte para resistir à tentação e superar o mau hábito.

Permaneci nesse local encantado durante horas, até que a assembleia se dispersou, cada membro procurando o seu lar, com a mente acesa por estimulantes alcoólicos, e ainda assim, aparentemente, sem piora alguma pelo que ingerira.

Muito satisfeito com a receção e o convívio, separei-me dos bons amigos e, desejando dar um passeio, vagueei sob os astros gloriosos da madrugada. O meu cérebro estava excitado e fervilhava de pensamentos fantasmagóricos. Logo parei sobre uma ponte do Tamisa e, de súbito, entrou-me na mente o

desejo de me lançar nas profundezas do rio. Perguntei a mim mesmo que efeito tal ato teria sobre mim; sabia que era espírito desencarnado, e, portanto, não podia destruir a existência; mas não sabia se poderia sentir algum choque no sistema, semelhante ao que sofre o mortal que se afoga.

Decidi, no entanto, lançar-me, e assim o fiz. Mal o fizera, em vez de afundar sob as águas, percebi que me erguia lentamente. Não sentia a água de forma alguma; parecia antes que flutuava para o alto sobre uma nuvem.

Subindo cada vez mais alto, acabei por me encontrar pousado sobre uma faixa de terra rochosa e árida; sabia que estava novamente para além dos limites da Terra, mas em que parte da vida espiritual, ignorava por completo; tudo era triste e desolado. A essa altura já recuperara, em parte, dos efeitos da bebida, e o pensamento e a memória voltavam a correr pela minha mente com intensidade avassaladora.

Recostado contra uma rocha gigantesca, que erguia a sua cabeça para o céu turvo, entreguei-me a sombrias retrospeções. Que bem fizera eu? Que obra realizara? Nenhuma; caíra de novo perante o tentador; era fraco e indefeso, sem força de vontade, inútil para mim e para os meus semelhantes! Porque havia eu de continuar a arrastar tão vergonhosa existência?

Assim meditava e lamentava, gemendo na dor da alma; o meu remorso era sincero, mas não tinha forças (ou, melhor dizendo, julgava não ter) para me erguer de novo após esta última queda no respeito próprio.

O sol ardente surgiu e brilhou com luz mortiça; não se via arbusto nem vestígio de vegetação; tudo era pedregoso e estéril — nenhum sinal de vida, exceto, lá no alto, empoleirado nos rochedos, um pássaro de plumagem negra, que de quando em quando batia as asas e parecia grasnar em escárnio do meu tormento. Lembrei-me do *Corvo* do poeta americano, e perguntei a mim mesmo se também este não seria uma criação da minha mente febril, destinada a assombrar-me com a presença daquela criatura funesta. Por fim, bateu as asas e voou para longe, e eu caí numa espécie de letargia meio sonâmbula, de duração incerta; mas afinal fui despertado pelo toque de uma mão fresca sobre a cabeça, e encontrei a presença do meu guia missionário, “Benja”.

— “Vem, meu filho — disse ele —; procedeste bem; não precisas de temer. Estás nas alturas da autocrítica. É certo que ainda tens algumas provas a suportar antes de poderes gozar em pleno as glórias da existência espiritual; mas todos os passos que deste eram necessários ao teu bem-estar; eram o que precisavas para chegares à plena consciência do passado. Levanta-te e vem comigo, para que possas alcançar um vislumbre das realidades da vida, um raio da gloriosa manifestação de poder que te aguarda.”

Tomando-me pela mão, o espírito bem-aventurado começou a erguer-se lentamente, atraindo-me com ele. Voámos por sobre alturas escarpadas e

desertos lúgubres, até que nos aproximámos da entrada de um vale mais belo do que qualquer outro que eu tivesse contemplado. Dali saíam melodias encantadoras, misturadas com explosões de riso alegre e sons do mais doce cantar.

Ao entrar no vale, fomos saudados pelo hálito perfumado das flores, trazido até nós pela brisa balsâmica da manhã; aves cantavam entre as folhas das árvores ou esvoaçavam em torno dos jatos cintilantes de águas límpidas, a brotar de fontes de alabastro puro; tudo era calma e serenidade, quadro de contentamento e repouso. Lindas casas, de brancura singular e cobertas de trepadeiras floridas, aninhavam-se ao fundo do vale.

Essas moradas não tinham portas nem janelas, mas os lados estavam inteiramente abertos, revelando a vida simples e inocente dos seus habitantes; os telhados eram sustentados por colunas de mármore, em torno das quais as ramas se enroscavam com carinhosa ternura. Desses lares vinham os sons de alegria e felicidade que ouvíramos antes de entrar.

Ao longe, erguendo-se de ambos os lados, apareciam montanhas de cumes roxos; e, não muito à frente, um belo rio cintilava e faiscava ao sol. No centro do vale observei uma imensa cúpula, de maravilhosa beleza, que se erguia no meio de um bosque, e para a qual o meu guia me conduziu.

Ao aproximar-me, vi que o edifício era um templo vasto e estupendo, trabalhado com arte e beleza inexcedíveis, com delicadas esculturas e lavores nunca antes igualados. Os terrenos que o rodeavam apresentavam um cenário de incomparável formosura. O relvado verde, macio como veludo, brilhava ao sol como uma enorme esmeralda de valor inestimável. Silvados de rosas bravas espalhavam o seu perfume régio pela brisa; trepadeiras subiam pelos troncos das árvores, entre cujos ramos esvoaçavam e cantavam aves de plumagem refulgente.

Segui o meu guia por uma escadaria de mármore até a um espaçoso vestíbulo, ao fundo do qual pendia um pesado reposteiro de veludo roxo. O pavimento era em mosaico de mármores multicolores, formando um belo conjunto, no centro do qual se erguia uma fonte magnífica de cristal alvíssimo, primorosamente esculpida, de onde brotavam jatos de água fresca e cintilante. *Água, água por toda a parte!* Em todas as minhas peregrinações no mundo eterno, nunca estive por muito tempo afastado da visão de águas claras, vivas, faiscantes. É o elemento vital do espírito, a par da luz solar e do ar, e não carece de qualquer outro fluido para se tornar agradável e saboroso.

Pelos interstícios abertos dessa entrada, o ar perfumado do exterior difundia uma brisa refrescante por todo o recinto. À esquerda notei o que parecia ser um plano inclinado, de superfície lisa como vidro e branca como porcelana. Essa estrada vítrea subia para além do teto pintado, até desaparecer da vista.

Lancei um olhar interrogativo ao meu companheiro, que assim respondeu ao meu silêncio:

— “Estás, meu filho, dentro das paredes de um dos nossos templos dedicados à Arte. Este é o *Palácio das Delícias* — o *Lar dos Artistas*! Para além daquele reposteiro fica o *Salão da Poesia*, onde se congregam almas já perfeitas e completas, capazes de se exprimir em medida plena e doce; as suas vidas são poemas vivos, ativos, de beleza e amor. A escadaria em espiral, ali à direita” — disse, apontando para uma escada que cintilava como ouro brunido — “leva às salas dedicadas aos deuses da música, da pintura e da escultura, onde almas sintonizadas com essas expressões divinas de energia criadora se reúnem para verter toda a riqueza e glória escondidas das suas conceções espirituais da vida.

“Aquele caminho de cristal conduz ao templo supremo, onde se reúnem poetas, artistas, escultores, músicos, profetas e sábios, unidos em laços de simpatia e amor, para comparar ideias e encantar e instruir-se mutuamente com as produções das suas mentes. Repara que é sempre a subir, estendendo-se para além da tua visão, e que a estrada é escorregadia e aparentemente impossível de escalar — simbolizando a vereda que o génio em luta é forçado a trilhar, escorregando aqui e ali, tropeçando muitas vezes, até que pluma as asas para voo mais ousado e, por esforço e perseverança, alcança a meta.

“O noviço que entra pela primeira vez neste templo das Musas deseja logo subir por aquele caminho, mas descobre que não o consegue; pois tem primeiro de visitar cada uma das salas de aprendizagem, antes de tentar entrar no grande templo da Arte. Quando o faz, já não precisa de se arrastar penosamente por esse plano; concentrando a sua vontade no ponto desejado, pela força assim adquirida, eleva-se sem receio e alcança o alvo.

“Mas tu, meu filho, deves agora passar para além daquela cortina; lá encontrarás o que a tua alma precisa de conquistar. Encontrarás espíritos afins, e, a seu tempo, o teu direito de nascimento. Eu devo deixar-te; a minha missão chama-me; outros te ensinarão a lição da vida. Adeus, e que Deus te abençoe.”

O sábio desapareceu, e fiquei novamente só. Curiosidade e interesse levaram-me a aproximar-me e a afastar o reposteiro que me vedava a visão. Fá-lo, e contemplei um vasto salão, cujo teto, rendilhado de dourados, era sustentado por colunas de mármore finamente veado e ricamente lavrado. O piso era mosaico de pérola e marfim, em formas de ramalhetes de flores. Ao fundo erguia-se um estrado, coberto de tecido carmesim acetinado, sobre o qual, pendendo de varas douradas, desciam nuvens de rendas diáfanas e alvas.

No estrado achava-se sentado o vulto imponente de um espírito masculino, cujo porte majestoso, testa nobre e fisionomia inteligente, afável e iluminada

pelo amor atraíam e prendiam a admiração e o respeito de quem o contemplasse. De cada lado sentava-se uma figura de aspeto suave e gentil, com a marca inconfundível do génio estampada na fronte. Em semicírculo em redor do estrado dispunham-se assentos ocupados por ambos os sexos, todos atentos ao espírito principal da hora.

Os presentes trajavam vestes variadas, ao gosto de cada um; mas com tal correção e harmonia de cores e estilos, que tudo se fundia num quadro soberbo e radiante, perfeito em cada detalhe. Notei um halo suave de luz dourada a branca a emanar de cada um, iluminando-lhes os rostos de beleza indizível. Estavam envolvidos na própria riqueza de amor, simpatia e harmonia.

Bastou-me fitar a testa larga, o semblante eloquente e os olhos sorridentes daquela figura central para perceber: era Addison — Addison, o dotado, o nobre e o verdadeiro, cujas obras sempre admirara e que julgava inimitáveis. O rosto pálido e santo à direita reconheci como o de Cowper, o bondoso. À esquerda, de olhar faiscante e feições ardentes, estava Byron — mas Byron purificado das impurezas e grosseiros excessos da vida sensual.

Olhei em redor e reconheci quem eram aquelas figuras. Vi os traços serenos e os olhos luminosos de Felicia Hemans, de Elizabeth B. Browning, de Letitia Landon, e outros que bem conhecia pelas melodiosas efusões do espírito. Estavam ali Dryden, Thomson e Pope — outrora o pequeno e deformado Alexander Pope, agora erguido, esbelto e gracioso, sem descontento no rosto, sentado aos pés de Addison, absorvendo a luz refletida daquela presença majestosa.

Não compreendia o que se passava. Nada ouvia senão um doce som rítmico, vindo do estrado, incompreensível para mim, mas que claramente não o era para os demais, atentos e interessados. Não avancei além da cortina; não ousava intrometer-me naquela assembleia celeste. Tornei a olhar para mim, e ao ver o contraste entre o meu aspeto gasto, empoeirado e miserável, e a pureza e frescura daqueles espíritos harmoniosos, pensei que, se tivesse feito mais e sido mais no passado, também poderia ali estar sentado entre aquela hoste angélica, em vez de entrar furtivamente como proscrito e forasteiro. Cobri o rosto e fugi do salão e do lugar.

Encontrei-me então numa praia arenosa, a observar e ouvir o rugido das ondas alterosas que rebentavam aos meus pés. Tudo era selvagem e tempestuoso. Como ali viera, não sabia; por que caminhos tortuosos me perdera, não podia explicar. Sentia-me como quem passara por uma fornalha ardente; ainda ardia e sofria com a dor das memórias acusadoras.

Senti um toque no ombro e, voltando-me, encarei uns olhos bondosos e cheios de simpatia — os olhos de quem senti de imediato ser meu amigo e irmão; de alguém cujo nome ainda será cantado em toda a Inglaterra; alguém que partira da Terra poucos anos antes de mim, aos trinta e dois anos apenas. Vi que era

Robert Brough, poeta e amigo. Soube de pronto que encontrara quem me ajudaria e ensinaria o que o meu espírito carecia.

— “Vim ajudar-te — disse, apertando-me a mão com firmeza. — Segui-te de perto, estive no Conselho dos Poetas e vi-te entrar. Observando os teus gestos e o teu rosto, compreendi o teu estado, e quando te precipitaste dali, segui-te, esperando poder auxiliar-te. Desde então tenho-te mantido à vista, mas, devido às nuvens que te envolviam, até agora não me foi possível dar-me a conhecer. Agora que a força das tuas emoções se esgotou, e começas a ficar sereno e recolhido, venho oferecer-te a minha ajuda e mostrar-te como resgatar nobremente o passado e encontrar a paz perfeita para a tua alma. Aceitarás o meu auxílio?”

Apertei-lhe a mão, e exclamei, com a voz embargada pela emoção:

— “Aceito! Aceito! Apenas mostra-me o caminho, e eu seguir-te-ei.”

— “A ti — continuou o amigo, apontando para as vagas tumultuosas diante de nós — é apresentada esta cena como símbolo da praia desolada e solitária, e das ondas revoltas de pensamentos atormentados pela paixão, nas quais o homem pode, insensato, naufragar toda a sua existência. Mas, para além do areal e das profundezas do oceano, há águas calmas e campos sorridentes, onde podemos encontrar redenção e fazer a reparação necessária à paz da mente. Vem comigo e eu guiar-te-ei para a saúde e felicidade. Concentra o teu pensamento em mim e permanece passivo.”

Assim o fiz, e imediatamente dei por mim e pelo meu companheiro transportados da costa desolada para o mesmo vale que eu tinha visitado na minha primeira entrada no mundo imortal.

“Admiro-te o modo de transporte”, disse Robert, notando a minha surpresa, “mas em breve te habituarás a ele, pois é o verdadeiro modo de viagem rápida do espírito. Basta fixarmos a nossa vontade no lugar aonde desejamos ir, e imediatamente o espaço é aniquilado, e já lá estamos. Quando tiveres sacudido mais alguns dos laços da vida terrena, poderás compreender esta lei e muitas outras; e, para que isso aconteça, quero que te lances naquela névoa que ali se ergue diante de nós.”

A poucos passos de distância elevava-se, do fundo de um pequeno lago, um denso banco de nevoeiro ou vapor, e, obedecendo ao pedido do meu amigo, atirei-me para dentro dessa bruma, que, ao fazê-lo, pareceu penetrar cada átomo do meu ser.

Quando emergi, parecia realmente ter renascido, ter recebido um batismo que lavara grande parte daquilo que havia de pesado e grosseiro no meu sistema, e sentia-me leve como o ar, quase imponderável.

“Agora começas a sentir-te verdadeiramente como um espírito”, disse o meu amigo, sentando-se num talude de musgo e indicando-me um lugar a seu lado; “estás a regenerar-te; olha para ti mesmo e verás a mudança; também poderás ver, ouvir e sentir com mais clareza e nitidez; todos os teus sentidos estão despertos e avivados, porque o espírito começa a libertar-se das cruezas da materialidade.”

Era de facto verdade; os meus sentidos pareciam intensificados dez vezes; a distância já não era obstáculo à minha visão; esta parecia ilimitada. Podia distinguir formas radiantes de beleza angélica movendo-se de um lado para o outro; cidades e povoados refulgindo brancos ao sol onde antes a vista se limitava apenas ao horizonte, sem nada além do belo vale e sem presença humana senão a nossa.

Também o meu ouvido estava aguçado; doces sons harmoniosos insinuavam-se-me aos ouvidos, onde antes nada ouvira; todos os meus sentidos pareciam triplicados em vida, despertos para a atividade; a própria estrutura externa se tornara tão límpida e bela que roçava a transparência, enquanto as minhas vestes assumiam uma pureza nunca antes notada.

“Em breve poderás entrar e gozar todos os verdadeiros prazeres da existência”, prosseguiu o poeta. “Também eu passei por experiências e provas semelhantes às tuas; e embora não fossem provocadas exatamente pela mesma causa, foram bastante severas para me levarem a simpatizar contigo e a dar-te forças.”

Calou-se, e a minha alma encheu-se de tal gratidão que não encontrava palavras. Notando-o, acrescentou:

“Mais tarde todas estas coisas te serão explicadas, e agradecerás ao bom Pai por te ter concedido estas experiências, pelas quais o teu espírito pôde desenvolver-se e fortalecer-se. Mas vem, devo mostrar-te a tua obra. Mantém-te passivo e confia em mim.”

Mais uma vez obedeci, e num instante estávamos a deslizar pelas ruas de uma cidade terrena. De novo me encontrava nos domínios da velha Inglaterra, mas as impressões materiais de sons e imagens pareciam mais distantes do que nunca.

“Vou levar-te”, disse o meu guia, “a alguém nobre e fiel aos severos deveres da vida; alguém que, apesar das provas e perplexidades, das aflições e cuidados, permaneceu leal às mais altas ordens do seu espírito interior; que, criado na pobreza, conseguiu abrir caminho para si mesmo, e, rejeitando os deslumbramentos ilusórios da vida, conquistou os corações de muitos — uma alma régia, uma mente soberana, ainda no corpo físico. Levo-te até ele, para que, pelo exemplo da sua vida e pela força da sua alma, aprendas a tua lição e encontres ânimo para seguir e fazer o mesmo.”

Cessou de falar, e imediatamente encontrámo-nos num aposento que reconheci como o quarto de um pensador, de um estudante e de um poeta. Havia apenas um ocupante; uma figura esguia, de cabeça erguida e fronte nobre, com feições marcadas de seriedade intelectual. Estava absorto na leitura de um livro, que, pela intensidade do seu olhar, concluí ser de estudo profundo.

Quão calmo e pacífico era o ambiente daquele lugar! O ar estava impregnado de serenidade e repouso.

“Deixar-te-ei aqui”, disse o meu guia. “Quando nos reencontrarmos, serás já um trabalhador, alguém que encontrou contentamento e alegria. Adeus.”

Partira; e ali, no santuário silencioso do estudo do poeta, em companhia daquela alma leal, cujo pensamento sincero era elevar a humanidade; contemplando a sua obra e haurindo forças e ânimo da sua fidelidade à verdade e do seu desejo de beneficiar o próximo, tornei-me forte e perseverante, capaz de afastar as seduções da vida, expandir as minhas faculdades à luz do desenvolvimento espiritual; e acendeu-se em mim um desejo que nunca se apagou — o desejo de ser útil, de fazer o bem aos outros, de socorrer os necessitados, erguer os oprimidos e iluminar e instruir os que jazem nas trevas.

Sentado na companhia daquela mente nobre, lendo com ele as suas obras, escutando os seus cânticos de beleza, presenciando os seus sonhos de redenção das misérias humanas, pintados como estavam no sensorium da sua alma em cores de esplendor deslumbrante; respirando o perfume das suas mais santas aspirações, observando as suas lutas e triunfos — purifiquei-me e libertei-me de velhas asperezas, e saí daquela presença com a determinação de fazer algo pela humanidade, de ser algo na grande arena da vida; e dessa determinação nunca me desviei.

Deste desejo — o de fazer algo pelo bem da humanidade — nasceu na minha alma uma força nova, como nunca antes conhecera; uma força que me permitia entrar em antros de vício em busca de almas a ajudar, sem perigo de contaminação ou de cair vítima da tentação. Do meu trabalho nesse sentido falarei num capítulo futuro; mas primeiro quero contar-vos uma visita que fiz a um dos nossos espíritos mais luminosos, cujos cânticos são conhecidos e entoados em todo o vasto mundo.

CAPÍTULO XXIV

UMA VISITA A ROBERT BURNS

Havia muito tempo que sentia o apelo e a pressão de visitar o lar espiritual de Robert Burns, o filho dileto da Escócia, onde ele estende a mais franca hospitalidade de um coração jovial, e onde todas as almas afins são acolhidas com cordialidade régia.

Tinha encontrado Burns em muitas ocasiões desde a minha entrada nos gozos da vida espiritual. Vi-o em assembleias públicas de poetas, estive com ele em convívios de amizade, onde almas como a sua se reúnem para fruir das ricas e variadas produções das mentes umas das outras; vi-o em salões e jardins, em cenas elevadas e humildes; e, finalmente, recebera dele uma visita no meu próprio domínio. Mas até então nunca tinha retribuído as suas afetuosas e insistentes convites, nem respondido aos meus próprios impulsos de o visitar.

Por fim surgiu a oportunidade, e assim, com um amigo que desejava que eu viajasse calmamente como fazem os mortais, e que me acompanhava para me apontar as belezas naturais e os pontos de interesse ao longo do percurso, parti, de espírito jubiloso e na expectativa de uma rica experiência, para visitar o lar espiritual do imortal bardo da Escócia.

Não vos cansarei com descrições da viagem. Há de chegar o tempo em que os lugares e paisagens da vida espiritual serão descritos aos mortais por aqueles que para isso forem plenamente competentes. Por agora, limitar-me-ei ao objetivo da minha jornada, isto é, a chegada ao lar espiritual do poeta.

Eu e o meu companheiro prosseguimos caminho — ele entretendo-me com relatos de episódios históricos ou curiosidades dos lugares por onde passávamos, e com anedotas sobre o povo e os seus costumes — até chegarmos à entrada de um vale natural que se estendia como um vasto esmeralda entre duas cadeias de montanhas imponentes.

À direita, o maciço erguia-se em majestosa grandeza; as sombras da manhã repousavam sobre ele, acentuando ainda mais a imponência da sua altura e poder. A base, de tom castanho-escuro, sustentava a massa rochosa, que se tornava mais profunda em cor à medida que subia, até que o cimo apresentava o aspeto de uma gigantesca ametista a reluzir na luz matinal em esplendor púrpura indescritível.

À esquerda elevava-se uma cadeia de pedra polida, branca como mármore esculpido, que cintilava ao sol como uma montanha de cristal gelado. Os seus inúmeros picos e penedos brilhavam como lanças de neve congelada, e a luz rosada que repousava na sua superfície cintilante dava-lhe um aspeto maravilhoso e fascinante ao olhar.

No vale formado entre essas montanhas estendia-se uma luxuriante vegetação. Campos de searas maduras, jardins floridos a encantar os sentidos com o perfume e a beleza, árvores ondulantes em toda a exuberância da folhagem, viam-se em todas as direções, enquanto os brancos casebres dos habitantes cintilavam aqui e ali, mostrando em todo o seu conjunto sinais de conforto e de lar.

O povo que víamos ocupado nos jardins, ou que divisávamos pelas portas abertas das casas, parecia feliz e contente; trajava roupas simples, aparentemente usadas pela comodidade; os rostos denotavam paz e liberdade. Cantos de inocência e alegria erguiam-se no ar balsâmico, misturando-se com o riso festivo das crianças. Era, em suma, uma verdadeira Arcádia, como qualquer poeta se orgulharia de sonhar e descrever para deleite dos seus semelhantes.

“Eis”, disse o meu amigo, “o povo que se reuniu em torno de Robbie Burns, como um rebanho em volta do pastor querido; ou melhor, como um grupo de crianças em torno do pai amado e venerado, para ouvir os seus conselhos e seguir as suas orientações, sabendo que são para o seu bem.

“Robert Burns fez deste povo o que ele é. Vieram para a vida espiritual um a um, cansados e abatidos pelas preocupações da Terra; alguns até enfermos de pecado e degradados por vidas contra a natureza, levadas no corpo. Ele reuniu-os, ensinou-lhes confiança em si próprios, pregou-lhes através da flor que se abre, do riacho que corre e do canto das aves. Ensinou-os a esquecer os cuidados e a desejar uma existência mais nobre. Pôs-nos a trabalhar nos seus jardins e a construir as suas casas. E, fazendo isso, tornaram-se felizes e encontraram descanso.

“Dele aprenderam paciência, autodomínio e abnegação, a crença na divindade de cada espírito e o amor pela humanidade.

“Alguns, cansados e destroçados, vieram a ele por si mesmos. Tinham ouvido falar de Burns na Terra, lido as suas palavras de simpatia, de amor e ternura; sabiam que ele pecara e sofrera, e que, apesar de tudo, tivera fé no homem. Pelo intenso desejo das suas almas de o ver, foram atraídos à sua presença, e o seu grande e bondoso coração, compreendendo as suas necessidades, falou-lhes palavras de alento, que trouxeram alívio e força.

“Outros encontrou-os ele próprio pelo caminho, mergulhados em miséria e degradação; estendeu-lhes a mão amiga, acendeu-lhes no peito o arrependimento pelas faltas cometidas, que lhes despertou o desejo de ser melhores. Trouxe-lhes os entes amados; e todos o reverenciam com amor e bênção. As crianças que aqui habitam são pequenos enjeitados, lançados fora da Terra, que não conheceram cuidados ternos antes do nascimento espiritual; aqui são cuidados e instruídos por aqueles capazes de orientar mentes em crescimento.”

Um grupo de crianças alegres, rindo e gritando de prazer, passou a correr diante de nós quando o meu companheiro terminou de falar, os rostos radiantes de alegria e felicidade.

Detivemo-nos então à entrada de um jardim magnífico, cujos limites se estendiam por largas distâncias. Os passeios bem cuidados, os soberbos canteiros de flores em flor, os arbustos erguendo os ramos graciosos como que conscientes da sua beleza, as velhas árvores majestosamente erguidas, lançando sombras acolhedoras, o lago no fundo a cintilar ao sol, os bancos rústicos aqui e ali, os relvados de riqueza aveludada, brilhando no verde vivo da esmeralda — tudo mostrava ser aquele o domínio de alguém que amava a Natureza e trabalhava de boa vontade em embelezar e adornar as suas produções.

Este vasto jardim não era separado do caminho público senão por uma sebe baixa de sempre-vivas, cujos topos se coroavam de delicadas flores creme e perfumadas, lembrando-me fortemente o nosso próprio pilriteiro. Nenhum portão barrava a entrada; estava aberta à livre passagem de todos.

Ao fundo da alameda principal erguia-se uma habitação simples e sem ostentação, cujas paredes brancas reluziam em pureza e paz. Tínhamos avançado tanto pelo vale que essa casinha parecia repousar na base da montanha coroada de roxo, como ninho preso a penedo firme.

“Aqui”, disse o meu guia, “tens o lar de Robert Burns. Agora deixo-te ao seu cuidado.” Antes que prosseguisse, uma figura saiu do vão aberto da casa e apressou-se pelo caminho para nos receber.

Aquele rosto radiante, aqueles olhos bondosos e as mãos quentes e cordiais estendidas para nos saudar; aquela figura imponente, embora despretensiosa, vestida com simples traje rústico, não poderia pertencer a nenhum outro homem no universo de Deus senão a Robert Burns. Não eram precisos discursos açucarados, palavras formais de boas-vindas, nem convenções para nos dizer que éramos bem-vindos; o espírito do nosso anfitrião transbordava hospitalidade, e a sua alma resplandecia de todo o fervor da alegria de nos encontrar.

Oh, o prazer que envolveu o meu ser quando entrei pela primeira vez no santuário do grande coração daquele bom homem, sentindo que éramos companheiros afins! Sem constrangimento, sem formalidades convencionais; tudo era liberdade e inteira naturalidade.

O meu guia alegou necessidades de negócio como desculpa para me deixar a sós com o anfitrião, e, como ambos preferíamos percorrer o seu vasto jardim de tesouros a entrar em casa — eu sentindo-me refrescado e vigoroso de espírito, como se tivesse acabado de me alimentar (o que era verdade, pois vinha nutrindo a alma com as delícias que encontrara ao longo do caminho) —

seguimos por um carreiro lateral, e comecei a observar as plantas raras e a elegante folhagem do lugar, enquanto o anfitrião me mostrava e explicava os seus tesouros.

“Estou surpreendido”, disse eu, “com a abundância de flores luxuriantes, a beleza e também a delicadeza do perfume destas plantas; superam tudo o que até agora vi; devem dar-te muito trabalho.”

“Pois bem, rapaz,” respondeu o meu companheiro, “não é tanto isso. Claro que tomo conta delas todos os dias, dou-lhes água e a justa medida de luz, e aparo e guio quando há grande necessidade; mas creio que é a sua adaptação ao meio que as torna tão belas. Eu amo-as — a cada uma — e é verdadeiro prazer cuidar delas.” E com sincero afeto inclinou-se sobre um raro pé de gerânios, erguendo uma magnífica flor para eu ver.

Prosseguimos, conversando sobre este arbusto e aquela planta; o tratamento adequado desta variedade, o grau certo de cultivo daquela outra. A natureza e o tempo tinham feito dele um floricultor completo; era o refinamento espiritual desse amor à Natureza que, em rapaz lavrador, se manifestava com o arado e a enxada, e em versos de rica beleza entoados sobre o trabalho.

Detivemo-nos de novo, desta vez junto a um canteiro dos mais belos lírios que jamais contemplara. As flores cremosas em forma de cálice, no topo de hastes esguias, erguiam-se direitas a partir de um maciço baixo de folhagem escura, densa e lustrosa; e aquelas flores régias, de brancura nevada salpicada de diminutas listras douradas, exalavam o mais requintado e subtil dos perfumes. Eram dezenas e dezenas dessas flores reais, enchendo o ar de fragrância rica e convidando as abelhas a visitá-las em busca de néctar.

Parei a admirar aquele magnífico conjunto de belezas — comparando-as mentalmente a um coro de anjos de alma pura e vestes brancas — e a sorver toda a riqueza e glória da cena diante de mim, quando, trazida no ar impregnado de aromas, chegou uma melodia suavíssima, como tantas vezes ouvira no espírito, mas que só almas altamente cultivadas ou adiantadas conseguem produzir — acompanhada, naquele caso, por voz feminina em canto. E que canto! Tão cheio de melodia, de ternura expressiva, com um fundo rico de harmonia, que nenhuma língua ou pena mortal poderia descrever. Olhei para o meu companheiro em interrogação. Disse ele:

“É a minha Highland Mary, a alma santificada que partiu antes de mim, e que fez de mim o que sou. Este canteiro de lírios é o seu orgulho especial. Dei-lhes o seu nome, e chamo-lhes ‘As Neves de Mary’. Em breve estaremos com ela, e tu mesmo a verás.”

Encantei-me com a perspetiva de conhecer “Highland Mary”, encanto que ele naturalmente percebeu.

Avançámos por entre leitos de flores e verdura de todas as cores, até chegarmos ao lago, um soberbo lençol de água límpida como cristal, estendendo-se em larga superfície, a margem ladeada de pedrinhas brancas, dando-lhe um ar limpo e gracioso. Um barquinho encantado estava atracado ao cais, com um viçoso cardo pintado no costado.

Uma ponte rústica atravessava o lago, e sobre ela seguimos. Do outro lado erguia-se uma série de pequenos pavilhões, cobertos e entrelaçados de trepadeiras floridas, algumas bem familiares para mim. Para o mais próximo desses refúgios enfeitados de flores dirigiu-se o meu companheiro. O canto cessara, mas através das folhagens móveis das trepadeiras divisava eu o branco das vestes femininas.

Um instante mais, e estávamos na presença daquela doce e longamente amada e imortalizada “Highland Mary”; e bem podia Robert Burns ter chorado a sua perda, e bem podia a alma do poeta ter cantado o seu mais terno poema “A Maria no Céu”. Os traços daquela donzela santificada eram quase translúcidos; uma auréola de beleza celeste resplandecia em torno da sua figura em movimento; os belos olhos irradiavam luz que deveria ser ofuscante para quem não estivesse apto a entrar na sua esfera de pureza; os seus cabelos dourados ondulavam-lhe pelas costas em vagas de luz.

A beleza da mente, a pureza de um coração inocente, a ternura da alma, expressa em simpatia para com o fraco e o errante, unida a marcas de experiência no sofrimento humano, manifestavam-se no refinamento sereno daquele rosto amável, e na esfera de pureza que envolvia aquele ser angélico.

Fiquei diante dela envergonhado e humilde; mas logo a doce voz da Maria de Burns me deu as boas-vindas, e senti-me em casa.

Anos de experiência na vida superior tinham sido de valor inestimável para aquela donzela; tivera a instrução de espíritos altamente desenvolvidos, e a beleza, brilho e graça de uma mente cultivada, habituada a pensamentos profundos, eram claramente visíveis nas suas palavras. Eu estava contente em ser apenas ouvinte, a beber das águas vivas da verdade que fluíam da mente inspirada do meu anfitrião e da alma terna e amorosa da sua companheira.

Mas a nossa permanência no pavilhão foi breve; eu teria ficado ali bem mais tempo, mas a senhora, movida por pensamentos de hospitalidade, como as mulheres em toda a parte, mostrou-se ansiosa por conduzir-me à casa e oferecer-me refrescos. As minhas objeções foram vencidas, e assim seguimos em direção à habitação — não pelo caminho por onde eu e o anfitrião tínhamos vindo, mas pelo lado exterior do jardim.

No percurso fiz uma nova descoberta: Mary voltara-se antes para mim e dissera: “Gostaria que visses o meu aviário, o lugar onde guardo os meus animais de estimação; na verdade, a sua casa.” Logo compreendi o que queria

dizer. Aproximávamo-nos de um maciço de arbustos — reconheci tojos, giestas e pilriteiros entre eles. Atravessando esse matagal, entrámos numa extensão do jardim, igualmente traçado em canteiros de belas flores. Um arvoredo, no centro do qual uma fonte graciosa lançava jatos de água cristalina, prendeu-me a atenção, e além dele brilhava o telhado cintilante de um grande edifício de vidro.

Os arbustos e árvores ressoavam de melodias vindas das gargantas coloridas de inúmeras aves canoras, de todas as dimensões e variedades. Era um reino das aves em pequena escala. Ao entrarmos, os pássaros rodearam-nos, pousando nas cabeças e ombros dos meus companheiros; mas embora voassem perto e à roda de mim, apenas um, um minúsculo pássaro branco, ousou pousar sobre mim. Instalou-se-me no ombro, chilreando e acenando com a maior vivacidade.

Entrámos no edifício de vidro. No interior cresciam arbustos e árvores, alguns com frutos, outros com sementes. Não havia gaiolas, mas notei inúmeros ninhos presos às plantas. O chão era de terra natural; o sol aquecia, e tudo era belo. Não havia portas, apenas entradas abertas, para a conveniência dos alados habitantes, que entravam e saíam à vontade. Um regato jorrava de uma rocha, borbulhando sobre um amontoado de pedras. Esta era a casa das aves da propriedade, o orgulho especial da “Highland Mary”.

Ali ficámos alguns momentos, e logo prosseguimos até à casa, à qual chegámos em breve. Que cena diferente! Uma habitação branca, simples e sem ostentação, sem artifícios decorativos, o sol a incidir sobre ela, revelando toda a sua simplicidade. O interior era do mesmo modo: limpo e acolhedor, sugerindo conforto e repouso, mas sem nada de rebuscado ou de vistoso; sem brilho, sem ostentação.

Os soalhos frescos e brancos não tinham revestimento, salvo aqui e ali uma esteira de juncos verdes. As paredes da sala para onde fui conduzido estavam cobertas de tecido diáfano, como gaze de neve; as cadeiras eram redondas, largas e cómodas, as mesas ovais e simples. Aqui fomos servidos com refrescos — frutos de várias espécies, bolos doces feitos de mel e miolo de noz, e água cintilante.

Depois entrei na sala de estar da Maria espiritual. Aqui as paredes estavam forradas de seda azul; o mobiliário era mais elaborado e elegante do que no resto da casa, tudo disposto com gosto requintado. A minha anfitriã encantou-nos com o seu canto terno e cheio de alma, acompanhando-se num instrumento em forma de harpa, que lançava um delicioso acompanhamento à canção.

No aposento de Mary, o seu boudoir, notei um vaso de prímulas em plena floração, as pétalas amarelas trazendo-me à memória cenas familiares da Terra; e lembrei-me também que eram as únicas flores que vira dentro da

habitação. Estranho me pareceu; com toda aquela abundância de flores e perfumes lá fora, seria natural encontrar cada quarto adornado de ramos e mudas. O rumo do meu pensamento foi percebido. Burns sorriu, mas Mary explicou-me:

“O Robbie nunca colhe uma flor”, disse ela, “para uso próprio; não acha certo arrancá-las do seu meio natural e privá-las da vida no caule. Crê que elas sofrem quando são colhidas; além disso, deixa-as para que todos quantos passem possam gozá-las; mas já o vi muitas vezes colher flores para uma menina pobre, ou um rapazito, que as olha com desejo. Sabe que não tiveram muitas flores nem alegrias na Terra.”

Olhei para Burns; o seu rosto bondoso iluminava-se de inteligência e de beleza espiritual; cada traço resplandecia de bondade, cada membro do corpo vibrava de energia, de poder contido, de atividade concentrada, em repouso, mas pronto a irromper para o bem do próximo — ele, que se elevara acima de todas as paixões terrenas pelo grande amor e fé na humanidade. E pensei como era característica do homem aquela morada de paz e repouso — o lar, o santuário da sua fé e amor — simples e modesto, mas cheio de alegria e de interesse — sem brilho nem ostentação — como o seu próprio coração bondoso, despretensioso, cheio de generosidade, transbordante de interesse por Deus, pela Natureza e pelo homem!

Lá fora, tudo beleza e fragrância; mas as produções naturais da vida, refinadas pelo cuidado e cultivo, eram típicas das ricas e belas expressões da sua alma de poeta — refinada pelo amor, cultivada pela simpatia, manifestada nos cânticos mais doces, exemplificada nos lares pacíficos que eu vira, cujos habitantes se erguem e o chamam bem-aventurado! Característico da alma é isto: que colha uma flor para alegrar um coração pobre, mas nunca a colha para si, privando-a da vida natural — aquele que, ao arrancar inadvertidamente a pequenina flor silvestre com o seu arado, a imortalizou no poema dedicado à humilde margarida.

Ainda o mesmo bom homem, terno tanto para “homem como para animalzinho”, compassivo para com a flor e a erva do caminho.

Outro compartimento da casa do bardo do povo está arranjado como estudo ou biblioteca. Ali se reúnem volumes dos verdadeiros poetas e filósofos de todas as eras. Alguns são protótipos do que é ou foi na Terra; outros são produções exteriores de mentes grandiosas e gloriosas no esplendor do pensamento, radiantes de imagens delicadas, brilhando de génio descritivo, ou ternos e patéticos nos apelos às mais suaves emoções da alma, em simples e sentidos relatos da vida e do amor — obras que jamais chegaram ao ouvido mortal.

Mas não deveis supor, nem por um momento, que Robert Burns dependa dos livros para o gozo intelectual ou para a aquisição de conhecimento. A alma é ilimitada nos seus recursos, sem fronteiras na sua capacidade de expansão; e

o espírito que deseja ardentemente alcançar saber encontra a desenvolver-se no seu íntimo uma força que o habilita a compreender os vastos campos de aprendizagem que se lhe abrem à visão; ao mesmo tempo, dispõe de meios e oportunidades que permitem a um buscador honesto apreender a verdade que lhe surge diante dos olhos.

Se pudesses sequer conceber, ainda que vagamente, o alcance do espírito, a sua perfeita liberdade, o seu poder e direito de viajar para onde lhe apraz, compreenderias que, na vida superior, basta-nos desejar ardentemente estar na presença de qualquer grande alma, para colher prazer e proveito das joias de amor, beleza e sabedoria que caem sobre mentes recetivas vindas desses grandes repositórios de pensamento — e, eis, logo lá estamos, bebendo grandes e poderosas verdades daquelas almas que nos ultrapassam em grandeza de pensamento, beleza de expressão e doçura de espírito.

Robert Burns não está de modo algum confinado aos seus livros; mas, como me disse, embora os seus pensamentos mais brilhantes se nutram da vida da Natureza ou do coração da Humanidade, ele gosta de reunir em torno de si todas as expressões dos ideais mais doces, sentidos e nobres que outros produziram. Muito daquilo de que, pela força das circunstâncias, foi privado na Terra, é agora seu; tudo quanto tende a enobrecer e elevar a sua alma, que lhe foi negado aqui, ele encontra do outro lado.

O motivo por que não ornamenta a sua casa com adereços que, ao olhar exterior, denotam posição e riqueza, é porque a sua alma abominava a arrogância, e aprendera a desprezar a soberba que encontrara nos corações — muitas vezes estampada nos rostos e patente no porte — de numerosas figuras aristocráticas e ricas com quem se cruzara na Terra.

Ele é filho da Natureza até ao âmago do seu ser, e nenhum fausto reluzente adornará o seu coração e o seu lar; seria o mesmo que tentar dourar a rosa ou pintar o lírio para lhes acrescentar beleza.

Juntos, saímos para o vale sorridente. Um regato corria, serpeando à sombra das árvores ondulantes, junto à base da montanha; para lá dirigimos os passos, pois ele queria mostrar-me, com uma espécie de orgulho paternal, os grandes tufos de urze roxa que coroavam os flancos das colossais colinas.

Uma criancinha, brincando nas águas escuras do regato, os seus pés alvos a cintilar de brancura perolada entre as sombras projetadas pela ramagem verde das árvores, os cabelos castanhos a caírem-lhe em cachos fartos e luxuriantes sobre os ombros redondos, meio velando o olhar azul e a face rosada, chamou-nos a atenção e compôs um quadro tão belo quanto se poderia imaginar. E a alma de poeta do meu companheiro, sorvendo a beleza da cena, sentiu a doçura da vida transbordar-lhe, quando exclamou no seu pitoresco modo escocês: —

Tu, formosa e terna criaturinha,
Meia de humana, meia de rainha,
Tua alma em cada traço adivinha
Luz e alegria;
Enquanto a vida, mestra que é, te aninha,
Fada vadia!

Teus olhos, azuis como o céu de verão,
Refletem o gozo da eterna canção,
Brilham de doce e pura emoção,
Sem manha vil;
E sobem louvores em tua direção,
Anjos gentis.

As belas tranças velam-te o rosto
Com tanta graça, pudor e gosto,
Que o meu espírito, num só impulso e alvoroço,
Quer-te abraçar,
Num fervoroso e puro regaço,
Como a rosa no ar.

Teus pés nevados, quais duas pérolas raras,
Cintilam sob as ondas claras,
Enquanto a água em torno se prepara
Em doce cantar;
Deus ama-te mais, entre as donzelas caras
Que o Céu quis abençoar.

Ao fazer passar um fio de água cristalina por um cano lamacento, o líquido perde grande parte da sua limpidez e ganha sedimento do canal por onde corre. Assim também, ao procurar transmitir ao teu entendimento algo do transbordar de um espírito nobre, muito se perde da transparência e clareza, ficando turvo através do meio da expressão terrena, e por vezes até distorcido pela crueza da materialidade por onde é forçado a passar. Por isso, toma o que aqui relato apenas como símbolo do que tive a boa fortuna de desfrutar.

Aprendi, nas nossas deambulações, que os habitantes deste vale sorridente não eram todos compatriotas de Robert Burns; nem todos, em vida terrena, haviam seguido uma mesma crença ou religião. Havia-os de todas as raças e climas. Alguns tinham sido ferozes detratores da verdade; outros, defensores convictos de antigas ideias e doutrinas teológicas; outros ainda não haviam tido religião alguma, nem fé em Deus ou no homem. Mas era claro que todos tinham sofrido, tinham sido cansados, arrependidos, solitários, de coração doente e saudosos de lar; e todos haviam encontrado aqui um lar, repouso, acção para as energias antes contidas, desenvolvimento para as faculdades

reprimidas, amor, gozo e paz, sob a ministração deste bom homem e da sua terna companheira.

Encontrei alguns destes felizes habitantes; conversei com eles, à maneira dos espíritos, li as condições interiores das suas almas, e achei-os todos puros, amantes, simples, inteligentes, respeitando o homem, honrando o divino na humanidade, e reconhecendo Deus como autor da vida, cujo espírito se encontra em todas as coisas. Oh, como os seus espíritos irradiavam um halo de luz que, brotando do amor ilimitado e da veneração que sentiam por Robert Burns, se fixava em torno dele como uma atmosfera de glória!

Bem pude eu avaliar o bem que este homem havia realizado; a beleza da sua obra de vida, a grandeza do seu espírito que, erguendo-se acima da adversidade, rejeitando a tentação, conseguira, pelo exemplo e pelo esforço, tão nobre resultado como este: a emancipação de almas do cativeiro. Quantas, poucos o poderiam dizer; porque os seus esforços não tiveram limite, e os frutos do seu labor não se confinam a este vale, mas espalham-se por toda a vida espiritual e pela própria Terra.

De que precisa Robert Burns de regressar à Terra e cantar as suas canções pelos lábios de médiuns? Fá-lo raramente; e porquê? O seu espírito de amor, de fé em Deus, de esperança no progresso humano, é tão amplo, tão livre e sem entraves, que se respira como bênção de bem sobre toda a humanidade. Manifesta-se sempre que uma alma ora para ser útil a si mesma e aos outros; inspira os fracos com força, e abençoa os que erraram com a determinação de redimir faltas passadas; sente-se na Terra e na vida espiritual, purificando, elevando e regenerando.

Não será esta a mais elevada das poesias, a mais doce das canções, a mais grandiosa das narrativas que bardo ou profeta jamais poderiam sonhar? Não será esta a realização, em linhas de glória viva, do mais sublime e ao mesmo tempo sentido hino de louvor a Deus que o espírito possa conceber? Não será o sopro, a chama vivificante, o poema da vida que se tece a partir das inspirações e aspirações de uma alma outrora mortal, mas dotada, que encontra a culminação perfeita de tudo o que sonhou, manifestando-se na fruição de uma obra de beleza, glória e grandeza — não de arte mecânica, mas de vida natural, desperta, sensível?

Se os detratores mortais de Robert Burns pudessem testemunhar o seu triunfo espiritual sobre a matéria, a sua vitória sobre toda a sensualidade, os seus esforços admiráveis em prol do bem alheio, e a sua alma gloriosa, radiante com a luz da verdade, curvar-se-iam diante dele na mais pobre das humildades de espírito. Um entre uma plêiade de nobres trabalhadores, o seu espírito expande-se em amor e perdão para com todos os inimigos, e em bênção para toda a humanidade.

Mesmo na vida espiritual, esta alma lembra e ama a sua pátria e os cenários terrenos. As fragas ásperas e as torrentes sombrias, o solo salpicado de margaridas, e os montes coroados de urze da Escócia, são-lhe ainda queridos. Estávamos sentados sobre um banco musgoso, gozando a formosura da paisagem: o vale resplandecente, salpicado de jardins em flor e de habitações alvíssimas; o regato cristalino murmurando aos nossos pés; os pássaros chilreando nas ramagens; as montanhas erguidas em majestade diante de nós; e o sol glorioso, lançando uma enchente de ouro sobre tudo. Cercado por tais condições, percebi que os pensamentos do meu companheiro regressavam a cenas terrenas, e logo, com o peito a arfar e os seus grandes olhos negros a arder de emoção, irrompeu: —

Belos os teus campos verdes a sorrir, ó vale,
Doces as flores que esmaltam teu chão de esmeralda;
Nos teus ares há perfumes em cada sopro suave,
E homem e natureza erguem-se a Deus em fala.

Cristalinas correm as águas em melodia,
E nas árvores cantam aves em doce ardor;
Montes erguem-se altivos, cheios de harmonia,
Contemplando em grandeza toda a terra em flor.

Mas tão formosa e doce como és, minha morada,
Não tocas tanto o coração que a ti se prende,
Como a Escócia, onde em campos d'alva madrugada
Eu colhia a rosa-brava e a flor que o sol acende.

Claros são teus regatos — mas da Escócia os ribeiros
São mais belos, onde em dias de verão,
Criança, chapinhava, leve, verdadeiro,
Ouvindo o melro entoar sua doce canção.

E ainda que teus montes brilhem de mistério e glória,
Não são mais belos ao olhar do meu espírito
Que as fragas cinzentas da Escócia, velhas de história,
Que na infância me deram júbilo infinito.

Sim, terras da Escócia, sois ternas e encantadas,
Como nos dias em que errava nos vossos prados,
Com amigo leal, ou criança em risadas —
Doces bênçãos guardadas dos tempos idos e amados.

Como um raio de luz, ao atravessar um painel de vidro, pode tornar-se quebrado ou refratado, ou como um bastão direito colocado num vaso de água pode apresentar ao observador uma aparência disforme, assim também, ao tentar apresentar-vos as linhas direitas e simétricas do pensamento, os raios dourados de luz que emanam da alma de um poeta, eles tornam-se quebrados

e distorcidos na sua passagem através da matéria; mas, por meio desses raios refratados, podereis ser capazes de alcançar uma ténue compreensão da glória da alma de onde se originaram.

E assim passámos o nosso tempo, com grande proveito para mim; pois, da convivência com o meu amigo, adquiri um conhecimento da verdadeira beleza da vida natural do espírito, e uma conceção mais ampla da grandeza da vida individualizada, quando cumpre a sua missão própria e se expande até à sua plena capacidade, mesmo enquanto sorvia a beleza da paisagem em redor, a harmonia da cena, os goles de gotas cristalinas ou de pensamento inspirador que preenchiam a alma do meu companheiro, e absorvia dessa paz profunda e alegria que imbuíam todo o seu ser.

Ao tentar retratar-vos uma ínfima parte do prazer e do proveito que o meu espírito colheu desta visita a Robert Burns, procurei dar-vos uma ideia do lar e da ocupação do imortal filho da Escócia, cujas canções e poemas enriqueceram a literatura da terra e alegraram os corações de incontáveis seres, aqui e no mundo imortal; mas, ao fazê-lo, percebi profundamente que é impossível aos espíritos transmitir aos mortais uma conceção adequada da vida no mundo da alma tal como realmente é.

Tenho consciência de nada ter dito acerca dos mais próximos parentes e amigos do poeta, — os seus bravos e honestos pais, a quem sempre prestou respeito filial, e também aqueles a quem dedicou simpatia e consideração fraterna, — os seus nobres filhos, a sua doce e meiga filha, a menina querida e bênção do seu coração, cuja perda precoce chorou até à morte; e, por último, mas de modo algum menos importante, a sua fiel e indulgente Jean, sua conselheira e guia até ao fim.

Ainda que não os tenha mencionado, não é por se encontrarem afastados ou separados do nosso poeta. Estão com ele, como um agrupamento de estrelas em redor de um centro brilhante e de longo alcance; e sobre ele derramam esse verdadeiro amor espiritual e simpatia que ele retribui na mesma medida.

Mas detive-me sobretudo na sua ligação ao belo ideal da sua juventude; pois nela está centrado o poder de suscitar as mais nobres e puras aspirações da sua alma. Como uma luz de farol, uma estrela radiante, o seu espírito imaculado, transbordante do amor que abençoou e enriqueceu o seu ser, sempre o conduziu em frente e para o alto, sobre os sulcos e armadilhas da vida sensual, até que alcançou as alturas da autodominação e do respeito próprio. Em todo o sentido, Mary Campbell foi a salvadora e sustentadora de Robert Burns.

CAPÍTULO XXV

O MEU TRABALHO ESPIRITUAL

Não me ficaria bem falar dos meus próprios esforços. Há tanto por fazer que o trabalho individual de um só é necessariamente pequeno; mas se procurarmos fazer o bem, com vontade e desejo de beneficiar os outros, não podemos deixar de ser úteis; e, para que saibais de que modo um espírito labora em conjunto com os mortais, falarei brevemente do meu método de trabalho e dar-vos-ei alguns exemplos do que fiz ou procurei fazer.

Recordo bem uma circunstância. Numa casa de jogo de uma grande cidade inglesa, encontrei um rapaz de cerca de dezoito anos, que pude ver tinha sido atraído para ali pelas visões sedutoras de uma fortuna a alcançar, pintadas para ele por aqueles bem versados nos segredos das práticas pecaminosas. Era um jovem pálido, delicado, com feições de ar intelectual, porte distinto e evidentemente digno de melhor destino. Atraiu-me a atenção quando o vi sentado à mesa, a mente toda concentrada no jogo que disputava.

De súbito, empurrou a cadeira para trás, esfregou a testa de modo confuso e, murmurando: “Perdido, tudo perdido; contava com esta oportunidade para recuperar a sorte, mas não adianta, tudo está contra mim”, agarrou o chapéu e fugiu dali. Segui-o, sem saber o que faria, mas desejando servi-lo se estivesse ao meu alcance. Fomos ao seu quarto, no sótão de uma pensão sombria num bairro obscuro da cidade. Descobri que era estudante, a esforçar-se por custear os estudos com trabalhos literários. Os pais eram pobres, gente trabalhadora do campo, que tinha feito tudo o que podia para ajudar o filho.

Atirando-se sobre a cama humilde, o jovem entregou-se a pensamentos lúgubres, desejando morrer. O dinheiro desaparecera, nada lhe restava senão os livros; não encontrava emprego remunerado, e não sabia como assegurar o sustento. Não podia recorrer aos amigos; de facto, não queria que ninguém soubesse da sua situação, e só lhe restava afastar-se do caminho da vida o mais depressa possível. Em vão procurei desviar-lhe os pensamentos; em vão lhe mostrei o horror e a angústia que causaria aos pais ao saberem do ato. Não estava em estado de ser tocado por qualquer influência que pudesse exercer.

Saiu de novo de casa e continuei a acompanhá-lo. Entrou numa pequena drogaria da esquina e, acenando com familiaridade ao rapaz do balcão, disse: “Ned, queria que me fiasses uns tostões de arsénico; os ratos andam a incomodar no meu sótão e tenho de fazer alguma coisa, já que a senhoria não liga às minhas queixas.”

“Está bem”, respondeu o empregado, pegando num frasco de pó branco da prateleira e preparando um pequeno embrulho. “Mas tem de ter muito cuidado com isto. Suponho que sabes usar?”

“Sim, obrigado; logo que possa pago-te”, replicou o jovem, e, tomando o pacote, saiu apressado.

Não sabia o que fazer. Não queria vê-lo perder-se daquela maneira; mas como impedi-lo? Pouco depois, chegou à porta o carro de um médico; um homem corpulento e de semblante bondoso, de uns quarenta e cinco anos, apeou-se e entrou na loja. “Ned”, disse ele, “prepara um frasco desta mistura para a tosse e manda com uma caixa de pós calmantes à senhora Simms. Está muito mal.”

“Está bem, senhor”, respondeu o empregado; “mas veja isto: o Harold H., que vive no número 8, esteve aqui agora mesmo a pedir arsénico. Disse que era para matar ratos. Dei-lho, mas fiquei nervoso com isso.”

Percebi de imediato que aquele médico era o instrumento certo para agir, e fui eu quem incutira no rapaz a inquietação que o levou a falar. “Ah”, disse o médico, “vou já ver isso; e tu, Ned, tem mais cuidado com a venda de venenos.”

O médico correu até ao número 8, entrou sem cerimónia e subiu ao sótão. Segui-o. Encontrámos o jovem a escrever uma carta, com o veneno junto à mão. Não é preciso relatar tudo o que se passou. Basta dizer que, com algumas perguntas certeiras, o bom homem descobriu a situação do rapaz e falou-lhe seriamente, mas com bondade, do pecado que meditava, da dor que causaria à mãe e da angústia que infligiria a todos os que o amavam.

O jovem desfez-se em lágrimas, prometeu viver para ser melhor, e o médico deixou-lhe meios para as necessidades imediatas, garantiu interceder junto de amigos influentes, e levou consigo o veneno. Cumpriu a promessa, e, graças ao seu apoio, Harold H. conseguiu estudar, ergueu-se a uma vida digna e hoje vive como membro útil da sociedade, orgulho dos pais e amigos.

Mais de uma vez visitei tabernas, na esperança de afastar algum infeliz da maldição da aguardente e dos seus atrativos. Nem sempre tive êxito, mas por vezes consegui.

Numa dessas ocasiões, um homem na força da vida, que bebia copiosamente e rapidamente se tornava pior do que uma besta, prendeu a minha atenção; mas não consegui impressioná-lo. Enquanto tentava, um músico de rua começou a tocar uma melodia de dança. O músico, um rapaz jovem e frágil, acompanhado por uma criança ainda mais nova, que dançava, era alguém a quem eu podia influenciar. Assim o fiz, levando-o a interromper a música de dança e a começar a tocar aquela doce e comovente ária de Payne, “Lar, Doce Lar”. A pequena deixou de dançar, pareceu confusa por um momento e, apanhando a inspiração, começou a cantar as palavras com voz clara e melodiosa, como um pássaro.

Observei o efeito sobre o bebedor. A princípio parecia não ouvir, mas pouco a pouco uma expressão de atenção lhe foi surgindo no rosto, até que a cabeça

tombou sobre as mãos. Então era o meu momento. Sussurrei-lhe acerca da mãe, do velho lar da infância, da esposa e do filho que o aguardavam ansiosos, e daquela querida que havia falecido e o chamava da sua morada celestial. Ele, claro, julgava que eram pensamentos seus, despertados pela música. Em parte eram, mas o poder era intensificado pela presença e ajuda espirituais. A sua filha espiritual estava ao meu lado, ansiosa por ver o pai afastar-se daquele lugar. Foi dela que soube da mãe e da irmã inválida, ainda vivas, e delas lhe murmurei ao ouvido.

A música cessou e, erguendo-se, o homem deixou o local, ignorando o apelo do taberneiro para "ficar e beber mais um". Segui-o até casa, vi a esposa e a filha coxa, e percebi pelo estado de espírito delas que ele tinha resistido a todos os rogos para não frequentar a taberna, chegando até a levantar a mão de forma ameaçadora contra a criança. Nessa noite nada disse, mas deitou-se em silêncio. De manhã lá estava eu.

Suavizado e humilde, o homem sentava-se a olhar pela janela. Inspirei a filha a chamá-lo e a falar-lhe como nunca antes o fizera. Era a voz do espírito a chamá-lo para olhar mais alto, para rezar por forças contra a tentação e procurar viver melhor. Entre lágrimas de contrição, prometeu; ao lado do leito da filha enferma fez o voto, e até agora tem sido cumprido. A família está contente e a filha espiritual feliz.

Noutra ocasião, encontrei-me numa casa, levado por um espírito que pedia auxílio para o irmão, viciado em bebida. Também ele tinha esposa e filhos pequenos. No momento da visita, estava possuído por um desejo insano de álcool. Ouvi-o prometer à esposa que não beberia, mas não acreditei. Saiu, e eu influenciei a filhinha, de cerca de oito anos, a segui-lo.

Era uma criança assustada com o pai. Vimo-lo entrar numa taberna. Tentei que a menina entrasse, mas ela temia. "Queria seguir o papá", disse, "mas não ouso; ele batia-me." Insisti, e por fim, reunindo coragem do mundo espiritual, entrou ousadamente e disse ao taberneiro, que preparava uma bebida para o pai:

"Não dê nada ao meu pai, senhor; isso deixa-o doente e furioso, e em casa tudo fica horrível, e a mamã está sempre a chorar." Foi recebida com gargalhadas, mas sem dar atenção agarrou a mão do pai e disse: "Vamos embora, papá; vamos passear."

"Sim, sim, pequenina, vamos passear; este não é lugar para ti", respondeu ele, piscando o olho ao taberneiro e murmurando: "Volto já", enquanto deixava a filha conduzi-lo.

Inspirei a criança a levá-lo para junto da água. A aragem fresca soprava. "Papá", disse a menina, "Deus não está a ver-nos agora?"

O homem sobressaltou-se, mas respondeu: “Sim, suponho que sim, se é que há Deus.”

“Claro que há”, replicou a criança. “Não diz o pastor? E a avó não costumava rezar-lhe? A avó é anjo agora. Achas que nos viu naquele sítio horrível, papá?”

“Valha-me Deus, espero que não”, respondeu ele. “Anda, é melhor ires para casa.”

“Não, fiquemos um pouco; está fresco aqui”, continuou a menina. Ganhava coragem: “Acho que a avó nos viu, porque os anjos podem ir a todo o lado. Não gostou de nos ver ali. Espero que peça a Deus para te afastar de lá, porque isso faz a mamã chorar sempre.”

“Chorar sempre, é?”, murmurou o homem. “Bem, deves ir para casa agora.”

A brisa fresca acalmara-lhe o sangue; as palavras da filha tinham afastado a ideia de beber. Submisso e humilde, levou-a para casa e já não saiu nessa noite. De manhã o patrão veio chamá-lo para o trabalho e não teve ocasião de voltar à taberna.

Nesse dia, influenciei um daqueles nobres espíritos ainda em carne, que andam a fazer o bem, a visitar aquela casa, onde tomou conhecimento da situação. Voltou à hora do jantar, conheceu o pai e marido, e, interessando-se pelas suas ocupações e prazeres, ganhou-lhe o coração e convenceu-o a acompanhá-lo a uma palestra de temperança.

Este foi o início. Antes de o inverno se instalar, aquele homem assinara o compromisso e era membro de uma organização de temperança. É certo que a vitória não foi facilmente ganha. Houve muitas batalhas a travar contra o apetite; e se não fosse pelas nobres almas em carne que estiveram a seu lado, pouco teríamos conseguido; mas, como foi, o demónio da aguardente foi vencido.

Este é um dos métodos do meu trabalho espiritual — aliar-me a espíritos, encarnados e desencarnados, cujas almas se dedicam com zelo a laborar pela humanidade. Mais foi alcançado do que me importo em contar; mas ainda muito pouco em comparação com o que há a fazer, e continuo a trabalhar em cooperação com outros, pelo bom tempo que há de vir para toda a humanidade.

O que acima expus são apenas ilustrações de um ramo dos meus esforços para ajudar os que estão nas trevas. Os meus labores não se limitaram a uma única direção, mas procurei obedecer ao mandato que me foi imposto de sair e dar luz ao povo. Nas minhas viagens, encontrei mortais possuidores, em grande medida, de poder mediúnico, que apenas precisava ser despertado para a vida e para a atividade, a fim de ser útil ao género humano.

Muitas vezes esses indivíduos estavam rodeados de condições muito desfavoráveis ao desenvolvimento da mediunidade. Nesses casos, procurei suprir, em parte, as condições favoráveis a partir da vida espiritual, e consegui desabrochar faculdades que se tornaram fonte de conforto para outros.

Para ilustrar: há alguns anos fui levado a visitar um círculo espiritual, cujo médium possuía raros poderes e capacidades, mas que careciam desesperadamente de cultivo. Era uma jovem donzela, filha de pais pobres, igualmente ignorantes das leis da mediunidade e das condições necessárias ao seu desabrochar. Naturalmente, as manifestações da presença espiritual eram toscas e irregulares; mas, ao perceber que podia assimilar as minhas forças com as desse médium, decidi tomá-la sob o meu cuidado durante algum tempo e ver se não poderia estimular suficientemente as suas forças espirituais para ajudá-las a crescer e a agir de forma saudável.

Assim fiz, sem que ela ou outros o soubessem, e, orientando-lhe a mente por certo canal, tive êxito na tarefa. Selecionei determinadas obras para a sua leitura — filosóficas, morais, poéticas — e impressionei-a a lê-las; despertei nela o desejo de escrever composições e versos; influenciei-a a assistir a palestras e sermões proferidos pelos mais elevados intelectos da época; trouxe ao seu lar pessoas que a pudessem auxiliar na busca do saber; e, assim, apesar das condições adversas, avançou firmemente, até que hoje se encontra muito além da sua família em conquistas literárias, sendo lida e ouvida com respeito por muitas mentes inteligentes e pensadoras.

O caso dessa médium é um exemplo notável do que os espíritos podem fazer na educação dos mortais, ensinando-lhes verdades imortais, que por sua vez devem transmitir à multidão.

Muitas vezes ofereci as minhas canções ao mundo pelos lábios dos mortais. Às vezes surgiam toscas e mal expressas, limitadas e deformadas pelos canais pouco desenvolvidos por onde fluíam; mas mesmo assim rejubilava por saber que podiam levar consolo e esperança às almas sofredoras ou pecadoras a quem estavam destinadas. Outras vezes, as minhas produções ganhavam riqueza de expressão, uma bela e harmoniosa fusão de sentimento e ritmo, extraída das profundezas das almas mediúnicas por onde vinham, de modo a ressoar intensamente nos corações de quem lia ou ouvia, até parecerem elevá-los ao ar límpido do céu.

Mas a minha maior alegria tem sido ajudar os poderes interiores de outros a crescer e expandir-se, guiando-os nos seus anseios de conhecimento e auxiliando-lhes os passos vacilantes pelas ásperas alturas da vida, em busca da verdade e do bem. Quando encontro uma alma que se deleita em tomar um sentimento e exprimi-lo claramente em verso, animo esse espírito, não importa quão toscos ou incertos sejam os seus esforços, pois percebo que a alma está a lançar as suas forças, como as gavinhas de uma planta que procuram apoio

onde se firmar no crescimento; e que, se receber a força e o amparo de que necessita, desenvolver-se-á em algo de florescente beleza. Mas não encorajo essas almas a apresentar ao mundo as suas primeiras e frágeis expressões, mais do que aconselharia o florista a colocar uma pequena e delicada estaca de planta sob o sol ardente de um dia de verão. Vigio-as e, dirigindo-lhes os pensamentos para os canais adequados e influenciando-as quanto ao que devem ler para expandirem as suas mentes, consigo por vezes criar um raro património, que oferece ao mundo abundância de flores ricas e perfumadas.

Milhares de espíritos estão empenhados nesse trabalho, em diversas direções e de múltiplas formas; pois reconhecem que, para que o mundo espiritual seja povoado por uma raça de almas nobres, reflexivas, morais e intelectuais, é necessário refinar e educar os que ainda estão na terra — educá-los no conhecimento da vida e das suas leis, na compreensão da alma e das suas exigências, e na apreciação da verdade e do seu desdobramento; e para isso estamos a ensinar e a dirigir essas almas sensíveis e intuitivas que captam as inspirações das esferas, enviando-as como mestres às massas.

Nas minhas andanças como espírito, tornei-me um cosmopolita — um cidadão do mundo — reclamando como lar qualquer lugar onde possa ser útil à humanidade. Mas os meus esforços para o alívio do sofrimento não se limitaram apenas à vida material. Encontrei muitos espíritos aflitos que haviam partido do corpo marcados e queimados pelo pecado e pela paixão e que, em consequência, se viram mergulhados em trevas mentais; a eles procurei levar esperança e alento. O mundo além está repleto dessas almas infelizes e, embora não possamos salvá-las, pois cada uma deve trabalhar pela sua própria salvação, podemos ajudá-las e ensiná-las a encontrar o caminho melhor, e encorajá-las a perseverar nos esforços de expiação do passado pelo bem que façam.

Na ânsia de reparar a minha própria insensatez ajudando outros, não dei conta do passar do tempo, estando toda a minha alma absorvida no meu trabalho.

Numa noite, encontrava-me numa sessão em Londres e conseguira a posse parcial de um jovem que desejava desenvolver como médium. Nesse estado, sem conseguir tornar a minha presença conhecida, um dos presentes comentou: “Devemos ter hoje uma sessão excecional, pois é a última do ano; amanhã entraremos em 1872.” Essas palavras trouxeram-me a visão de passadas vésperas de Ano Novo, e com ela um anseio por ver rostos queridos e familiares.

Comecei a sentir saudades do lar e cansaço. Cinco anos antes deixara o corpo e passara a maior parte do tempo entre estranhos. Com esse pensamento, senti que perdia o controlo do meu sujeito e, num instante, estava longe das coisas materiais, no domínio do espírito. Havia já muito aprendido a viajar pela força da vontade, como os espíritos fazem, e podia, ao desejar estar em

qualquer lugar, ali estar de imediato. O tempo e a distância nada podem contra a alma elevada, que viaja com a velocidade do pensamento. Num momento, encontrava-me no magnífico jardim que já visitara. Tudo florescia em riqueza e beleza. Entrei nos portais majestosos de um soberbo palácio, no centro do qual um grupo de espíritos se reunia em amena conversa. Julgai da minha alegria ao reconhecer todos os que me eram mais queridos — pais, parentes e amigos. Ao entrar, ouvi a minha mãe dizer: “Passei o dia a chamar por Critchley. Tenho a certeza de que virá, todos o queremos tanto; está a fazer um bom trabalho — Deus o abençoe —, mas gostaria de o encontrar aqui.”

A minha alma exultou em resposta a essas palavras. Fui imediatamente visto e reconhecido. É impossível descrever a ventura e o êxtase desse reencontro. Só quem o experimenta pode compreender. A receção mais que compensou as dores e tristezas passadas. Trouxe uma paz infinita e um sossego que o mundo jamais poderá tirar. Permaneci com os meus por algum tempo, mas não inativo; aprendi que a verdadeira alegria não chega à alma inerte. A ação é a lei da vida.

Muito havia a aprender acerca da vida espiritual e das suas leis, e entreguei-me ao estudo, sem esquecer de voltar frequentemente à terra para ver se havia algo a fazer, nem de ministrar aos espíritos infortunados que encontrava. Ao tempo em que escrevo, aprendi ainda pouco em comparação com o que há a alcançar; mas, com as faculdades ativas, treinadas para o trabalho e o estudo, assistido por sábios e benévolos mestres e rodeado de almas afetuosas, seria estranho que o percurso de um espírito não fosse sempre ascendente em direção aos reinos da luz e da verdade infinitas.

Absorvido na obra escolhida, não tinha tempo para remorsos. A retrospeção deixou de ser um flagelo, para se tornar um guia que, mostrando-me onde errara, apontava o verdadeiro caminho da emenda; e, ao procurar alcançar o conhecimento de uma forma mais elevada e melhor de viver — a vida do espírito, não presa a nenhuma via da existência sensual, mas em busca dos recantos intelectuais da sabedoria e da verdade —, encontrei paz de espírito e, ao tentar levar felicidade aos outros, tornei-me verdadeiramente feliz.

Voltei a encontrar-me no Templo da Arte; de novo entrei na Câmara do Poeta, mas já não como proscrito e estrangeiro. Com efeito, fui acolhido como alguém cuja vinda era esperada e recebido com cordialidade calorosa e fervor régio que muito confortaram a minha alma.

A mesma assembleia régia estava reunida, mas acrescida de vários outros espíritos, ricos do seu manancial de imagens poéticas. A assembleia já não era composta apenas pelos meus compatriotas, como anteriormente; pois entre aquela imensa multidão podiam ver-se os rostos sorridentes, francos e inteligentes de Thomas Moore, o doce cantor da Ilha Esmeralda, e Robert Burns, que encontrou a sua melhor inspiração entre as alturas agrestes e

colinas coroada de urze da terra da Escócia. Muitos outros estavam presentes, que não consegui identificar, vestidos com túnicas e vestes púrpura do período romano, ou com as roupas clássicas da Grécia antiga.

Mas a delegação de Inglaterra era numerosa, abrangendo figuras de todos os séculos e épocas: Pope e Spenser, Johnson, Cowley e Butler, Dryden, Gay, Thomson e Young — não o triste e melancólico Edward Young da terra, mas o radiante, sereno e satisfeito Edward Young da vida espiritual; o gentil Henry Kirke White, o amante da liberdade Thomas Campbell, e o corajoso, firme e leal Walter Scott que, embora não inglês de nascimento, parecia muito próximo de mim.

Addison, que eu mencionara antes como ocupando o assento de honra, agora se encontrava sentado mais abaixo, aos pés daquele que ocupava a posição de Mestre de Cerimónias, e que reconheci como a alma verdadeira, leal, longanimemente sofredora, mas coroada como monarca, Milton. À sua direita via-se a fronte elevada e o semblante ousado, destemido e expressivo de William Shakespeare; à esquerda, Dryden parecia atuar como assistente ou secretário.

Na minha experiência do poder e das possibilidades do espírito, aprendera a compreender e interpretar as ondas de pensamento que fluem de alma para alma; por isso não tive dificuldade em entender o propósito e os fins daquela convenção. Era um ajuntamento de almas afins, reunidas para comunicar entre si os mais elevados pensamentos e as mais doces aspirações, assim distribuindo os abundantes dons do espírito a todos os que quisessem partilhar.

Não posso descrever-vos os pensamentos ricos e enobrecedores, revestidos das mais doces imagens, que fluíam da alma daquele que presidia para as nossas, que os recebíamos; nem a grandeza e sublimidade das ideias com que enfiava, como contas de pérolas cintilantes, a trama do seu discurso. Mas tudo era grandioso e glorioso, além da capacidade de conceção dos mortais. No fim das suas palavras, a assembleia agrupou-se em pequenos núcleos, debatendo o discurso, comparando experiências ou revelando uns aos outros as profundezas secretas das suas almas poéticas, de onde haveriam de brotar versos resplandecentes com a beleza e fragrância de vidas harmoniosas.

Foi então que percebi que toda a alma que se afina em harmonia com a vida interior, que vive em simpatia com a Mente Divina, tal como se manifesta nas Suas criações exteriores de vontade, nas Suas expressões naturais de amor e beleza, é em si mesma um poema de rara delicadeza e poder; um poema vivo, palpitante, animado, vibrante com o mágico poder do pensamento, e marcado pela eterna glória da liberdade individualizada; que toda alma poética é, em si, a produção da Mente Infinita, destinada a fazer-se ouvir em versos de pensamento resplandecente e inspirador ao longo da senda do labor e do

sofrimento humanos, não podendo deixar de despertar as energias ocultas e as possibilidades adormecidas de poder daqueles com quem entra em contacto.

Foi então que fui supremamente abençoado, ao ser tomado pela mão por almas como Cowper, Byron — o ideal da minha juventude —, Burns, Scott, Campbell, Moore, Mrs. Browning, Felicia Hemans e outros, e acolhido neste refúgio do belo e do bom. E não consigo transmitir-vos o prazer intenso que senti quando a minha mão voltou a ser apertada pela do meu ajudante e amigo, Robert B. Brough, a quem pude abençoar pelas sendas de tranquilidade e paz que me abrira. Mas não devo demorar-me aqui, por mais doces e agradáveis que sejam para mim estas reminiscências de vida real nas esferas.

Deixando a Câmara dos Poetas, visitei sucessivamente a Galeria dos Músicos, o Salão dos Escultores e o Estúdio dos Artistas. É impossível para mãos mortais escrever a descrição do que ali se vê e ouve. As palavras falham, e a linguagem torna-se fria e sem sentido perante as esplêndidas realizações do mundo superior.

Imaginai, se puderdes, todos os sons mais doces que a vossa alma já ouviu ou sonhou, fundidos num todo harmonioso, crescendo mais alto, mais claro e mais suave, ou esvaindo-se ao longe, como o suave declínio de um glorioso pôr-do-sol, absorvido por uma beleza mais fina e etérea de brilho azul, e tereis uma pálida ideia da música e do canto das esferas.

Imaginai, se puderdes, todas as formas mais graciosas, belamente modeladas, perfeitamente formadas e arredondadas, primorosamente talhadas e delicadamente esculpidas em estatuária, de que já ouvistes ou lestes, reunidas em conjunto, formando uma classe da mais rara arte e mestria que o engenho humano jamais conseguiu extrair do bloco de mármore, e tereis uma ligeira noção da magnífica expressão da alma do escultor que se aperfeiçoa no mundo imortal.

Sonhai, se puderdes, com os cenários mais magníficos que o mundo oferece, as mais régias paisagens, as mais sublimes vistas de água, e talvez consigais aproximar-vos em pensamento da ideia das produções da alma do artista que revestem as paredes do estúdio dos artistas na vida espiritual.

Recordai todas as doces, belas e variadas expressões do rosto humano — o fogo, o vigor e o triunfo cintilante do olhar, a energia inquieta ou o repouso tranquilo dos membros, a expressão sorridente e falante dos lábios — e podereis conceber vagamente os modelos e padrões que os artistas e escultores espirituais procuram emular. E terão eles conseguido? Até certo ponto, decididamente sim.

Entrai num salão de estatuária e, nas belezas de mármore ali reunidas, encontrais a expressão de paz, esperança ou alegria retratada com maravilhosa fidelidade; observais o contorno dos membros tão perfeito como

na vida, e tudo parece impregnado daquele algo indefinível que lhes dá a aparência de poderem mover-se, agir e caminhar à vontade.

Ao entrar no estúdio dos artistas, onde, ao fundo, está suspensa uma magnífica paisagem pintada, acreditaríeis, à primeira vista, estar a contemplar uma cena de vida e beleza natural. As luzes e sombras parecem deslocar-se continuamente, as árvores acenarem os ramos, e o regato correr alegremente murmurando. As nuvens parecem assentar lentamente sobre as montanhas distantes, enquanto vos parece ver claramente o gado a mover-se vagarosamente pelos prados, semi-exausto pelo zumbido incessante dos insetos que pairam.

Assim é com a música da vida superior. Aproxima-se tanto quanto é possível da perfeita harmonia e fusão das várias partes da voz humana; e os dizeres dos poetas participam da vida do emissor e animam-se de verdadeiro fogo e vigor, que são em si mesmos parte daquela Voz Eterna que é autora e sustentadora de toda vida e ser.

Mas estes artistas espirituais estão longe de se dar por satisfeitos com o que produziram; veem algo mais grandioso, mais belo, sublime e perfeito, que procuram alcançar. O seu ideal permanece ainda por exprimir; mas, com o perfeito desenvolvimento da alma e das suas possibilidades, tudo o que já foi sonhado há de encontrar expressão nas obras do espírito.

Mas descobri que, apesar de todo o esforço em emular e exprimir as obras da Natureza, na sua forma perfeita, a alma do verdadeiro artista, poeta e cantor encontra o seu mais fino deleite em imprimir os seus poemas, quadros e canções na mente humana recetiva que esteja pronta a receber; que o verdadeiro poeta respira as suas ardentes inspirações sobre a alma adormecida, despertando-a para a vida e a atividade, trazendo-lhe um gozo e uma apreciação das belezas da vida interior e dos esplendores da criação natural.

Que o verdadeiro artista pinta em cores vivas, nas almas sensíveis dos mortais, uma bela paisagem da vida superior, que desperta nessas almas um sentido real do belo e nelas desenvolve um ideal pelo qual hão de sempre lutar; que o verdadeiro músico e cantor envia as suas doces melodias a ecoar pelas almas dos mortais, desenvolvendo nelas os seus mais nobres poderes, para abençoar e enriquecer o mundo musical; e que o verdadeiro escultor encontra prazer em moldar e talhar as possibilidades daqueles a quem pode alcançar, aparando e afastando tudo o que prejudica o crescimento do espírito, e trazendo à luz um anjo de poder e beleza a partir da massa bruta e não polida da individualidade.

Em suma, que os trabalhadores da vida superior não encontram deleite em trazer as suas próprias produções à terra, mas que a sua maior bênção e privilégio está em poderem impressionar, atuar sobre e guiar os poderes

ocultos e interiores das almas em formas mortais, até que estas desenvolvam a beleza e a glória que trazem dentro de si, e despertem para a compreensão da vida bela, para a apreciação do bom e do verdadeiro, e para o conhecimento da possibilidade do poder que lhes pertence.

As minhas visitas não se limitaram ao Templo da Arte; embora atraído a esse lugar pelas leis da simpatia e associação, o meu desejo de adquirir conhecimento e compreensão da verdade levou-me, em companhia de outras mentes inquiridoras, a visitar o Congresso Espiritual, e a prestar atenção ao corpo sábio e honorável ali reunido, ocupado em elaborar vários planos para a iluminação, melhoria e bem-estar da humanidade; a visitar os Círculos da Sabedoria e receber esclarecimento sobre as leis que regem a vida e o seu desenvolvimento; e a visitar as nossas faculdades de medicina e aprender o verdadeiro método, não de curar a doença, mas de prevenir a enfermidade e preservar a saúde. E digo-vos que a humanidade na terra ainda tem de aprender mais acerca da jurisprudência médica e legal do que jamais sonhou.

Mas devo pôr termo a esta narrativa. Poderia continuar a multiplicar experiências quase ad infinitum, se tivesse tempo e espaço; mas esse não foi o meu objetivo ao vir. Procurei mostrar-vos como um espírito, abatido pela consciência de dias mal gastos e poderes e energias mal aplicados, vergado sob o peso das faltas passadas e das loucuras, obscurecido pelo trabalho negligenciado e pelos deveres não cumpridos, pode, pelo desejo da sua própria alma e pelo auxílio e simpatia de outros, erguer-se da sua condição sombria para a luz, trabalhar a sua salvação do pecado e o seu caminho para a retidão. Mas não foi tarefa fácil. Não vos relatei todas as tentações ardentes que me assaltaram na busca da vida melhor, nem as lutas amargas por que passou a minha alma antes de se tornar senhora de si mesma.

Por veredas tortuosas e sendas sinuosas tem de passar a alma que fez mal a si própria e a outros; mas se for sincera no desejo de se tornar melhor, se ansiar por força e auxílio das potências superiores, se estender as suas aspirações para a vida melhor, mais pura e mais grandiosa do espírito, podeis estar certos de que há de, e irá, triunfar.

Posso entrever vagamente que, num futuro distante, a humanidade há de alargar-se e desenvolver-se até ao tipo perfeito de angelitude; que os atributos mais divinos da alma hão de ainda governar e dominar o corpo; e que a ignorância, as trevas e o crime hão de fugir perante a luz nascente do conhecimento e da sabedoria; e que a vida humana há de tornar-se iluminada com a glória do amor universal e da harmonia.

Posso acreditar que o “bom tempo que há de vir”, o “ano do jubileu”, o “milénio”, tantas vezes predito por profetas e videntes, tantas vezes mencionado em canto e história, o sonho do poeta e a fantasia do idealista, há de finalmente despontar sobre o mundo desperto; quando o homem, fortalecido

pelos educadores do amor e da simpatia, tornado sábio pela aquisição do conhecimento e pelo reconhecimento da verdade, olhará para todos os humanos como irmãos e irmãs, aprenderá que a guerra é um crime contra a família humana, e a tirania, a injustiça e a opressão são pecados contra o Espírito Santo. Então a humanidade fraternizará, e as nações assentar-se-ão em paz universal. Creio que a forma humana há de ainda trazer em si o selo e a marca de tudo o que é belo e divino.

Estava eu com um amigo numa assembleia de espíritos, onde se reunia uma grande multidão de seres refinados e inteligentes, cada um marcado por uma beleza própria, e divertia-me a comparar os diferentes indivíduos com as belas formas da natureza que me lembravam, e a semelhança — por assim dizer — era tão evidente que chamei a atenção do meu amigo, dizendo:

“Já observaste que há certa semelhança entre a humanidade e as formas da Natureza? Por exemplo, aquela senhora, com o rosto puro e branco, as feições delicadamente talhadas e a figura flexível e esguia, não me lembra senão um lírio altaneiro de jardim, a cintilar de brancura; e aquela donzela risonha de faces rosadas, com a forma arredondada e os traços bem desenvolvidos, faz-me pensar na régia rosa corada do verão.”

“Muito certo”, respondeu o meu amigo; “e ali, repara no orador; não te recorda a sua figura maciça, membros bem proporcionados, fronte elevada e feições resplandecentes algum enorme penedo, erguendo a cabeça com consciência da sua força e grandeza?”

“Com efeito; a sombra de uma grande rocha em terra árida; e mesmo ao seu lado repousa alguém cuja forma alta e direita, aspeto benfazejo e ar de proteção faz lembrar a árvore da floresta, com a sua ampla provisão de sombra e abrigo.”

E assim prosseguimos, fazendo comparações — uma, com o sorriso sereno e benévolo, e um manancial de amor e simpatia a transbordar da sua natureza e a expressar-se no brilho dos olhos, comparámos ao mar sorridente e aberto, a transbordar da sua riqueza e a regar e refrescar a terra. Outra, que extravasava de alegria e contentamento, comparámos ao regato saltitante e gargarejante, que transborda de margens e corre jovial pelo caminho. Um, de forma majestosa, repleto de força vital, com olhar de determinação concentrada e expressão de energia impressa, lembrava-nos o oceano, poderoso na sua majestade e poder. Um resplandecia como o sol, outro cintilava como um raio solar; um trazia consigo a frescura de arrefecimento, outro brilhava e faiscava como os dias de outono.

“A verdade é”, disse o meu amigo, “que tudo o que há de bom e belo na natureza está personificado e individualizado, por assim dizer, nos tipos mais elevados da humanidade. Toda a riqueza e esplendor da criação culminam as suas mais grandiosas expressões na forma humana; e, quando a

espiritualidade amadurecer e desenvolver a alma, o seu invólucro exterior tornar-se-á tão harmonizado com a vida natural da criação, tão fundido com as manifestações externas de Deus, que se impregnará da Sua vida, refletindo toda a beleza e fragrância, toda a graça e simetria, das Suas obras. Compreendes?"

Compreendia, mas não sei se consigo torná-lo claro aos mortais; basta dizer que creio virá o dia em que cada alma terá crescido de tal modo em harmonia com as leis da vida que refletirá na sua forma exterior apenas o belo e o bom.

Não tardara muito após o meu regresso à vida espiritual que voltei a encontrar o meu antigo amigo e mestre, "Benja, o missionário". O sábio estava ocupado, como sempre, a ajudar almas necessitadas. O prazer do nosso reencontro foi mútuo, mas não pode ser expresso por pena mortal; era da alma, verdadeiro e fervoroso, e brilhava no olhar e no lábio trémulo. Desde então muitas vezes procurei a companhia do sábio, sempre com proveito para mim. Tem sido um guia inestimável na minha busca de conhecimento, elevando o meu espírito a uma atmosfera pura. A vida espiritual está cheia de tais trabalhadores, e pelos seus esforços, combinados com os desejos das almas enfermas de pecado para se tornarem melhores, é que aguardamos a redenção da raça humana do erro.

E agora, bons amigos, vós, a quem revelei algumas das mais vitalizantes experiências da minha vida espiritual, sinto que devo encerrar estas páginas e, tomando espiritualmente cada um de vós pela mão, rogo-vos que prossigais nos vossos esforços de autoformação e progresso; e que Deus vos conduza avante no trabalho pelas vossas próprias almas e pela humanidade.

Repito: é-me impossível transmitir-vos mais do que um simples esboço da experiência interior do espírito; cada um de vós tem de passar pelo processo por si próprio antes de poder compreender quão intensos em pensamento e sentimento, e quão plenamente despertos para a vida, são todos os sentidos da existência espiritual. Na verdade, o espírito é todo pensamento, todo sensibilidade, e é tão impossível escapar de nós mesmos, e das consequências das nossas vidas, como é existir sem o modo ordinário de respiração.

Por isso, deixai-me suplicar-vos que procureis constantemente e com empenho viver de tal modo que apenas o reflexo de uma vida pura se projete sobre o vosso espírito; que apenas a recordação do bem realizado e do mal resistido visite a vossa alma quando tiverdes alcançado as alturas imortais do outro mundo.

Mas, antes de terminar, sinto que devo dizer uma palavra acerca da causa que me é mais cara. Interessado como estou, e devo estar, em todos os movimentos de reforma, em todos os métodos de progresso destinados a melhorar a condição da humanidade, e ansioso como estou por ver a raça

avançar por um plano mais elevado, mais puro e mais espiritualizado de vida, ainda assim os melhores esforços da minha alma devem ser empregados na causa da temperança. Como alguém que pecou e sofreu, como alguém que experimentou a agonia e as vicissitudes da intemperança, sinto ser meu dever içar uma bandeira de aviso aos outros, que seja sinal de perigo para quem por aí olha.

Triste, sim, demasiado triste é que, enquanto mulheres choram e crianças se lamentam pela miséria que lhes é infligida, a vida espiritual esteja cheia de almas que saíram da terra com a nódoa da intemperança a macular-lhes os seres e a arrastá-las para baixo. Não admira, pois, que os anjos chorem de compaixão; não admira que nobres almas voltem em multidão, suplicando-vos que procureis o bem, resistais ao mal e ergais a cabeça acima dos antros do erro e da maldade.

Até quando, oh, até quando há de persistir este estado de coisas? Quando há de despontar a manhã que anuncie um novo dia, um dia de temperança e pureza universais sobre a terra? Quando hão de romper as trevas, e uma nova era de luz, de conhecimento e de sabedoria vir inundar-nos? Não antes que o homem estude as leis do seu próprio ser e, assim estudando, aprenda a viver em harmonia com essas leis. Não antes que cada homem e cada mulher se torne fisiologista, compreendendo a estrutura e a composição do seu próprio organismo, e aprendendo a sabedoria que diz:

“Não participeis senão daquilo que se assimila com os componentes do vosso corpo, ou satisfaz as exigências naturais da natureza.” Não antes que homens e mulheres estudem a lei da hereditariedade, da transmissão, que ensina que todo o traço de carácter, toda a peculiaridade de disposição, todo o apetite fatal ou hábito que os pais possuem, é transmitido à descendência, seja em grau atenuado ou agravado, e há de manifestar-se algures, em algum tempo e sob alguma forma. Não antes que a humanidade, aprendendo estas verdades, viva de acordo com elas, em obediência a todas as suas exigências, é que o dia da felicidade, paz e pureza universais despontará na terra.

Alegra-me ver que se está a formar um sentimento público acerca deste assunto — um sentimento público que se faz sentir em toda a extensão das nações — um sentimento favorável à supressão da fabricação e venda de bebidas alcoólicas, e ao esforço por elevar e promover a causa da temperança em todos os tempos e lugares. Penetrou nas igrejas, e já os clérigos ousam proclamar sentimentos em seu favor; faz-se ouvir nas ruas e nas tribunas; entra nos salões legislativos e exige audiência; e já formou organizações cujo poder e influência se fazem sentir por toda a parte.

Eis o que se conseguiu para a causa da temperança; e, encorajada pelo sentimento público, há de e deverá prosperar, e finalmente triunfar. O sentimento público a seu favor há de continuar a crescer até que a fabricação e

a venda de álcool como bebida seja universalmente reconhecida como crime contra a humanidade; nenhum homem que se importe com a opinião dos seus semelhantes (e que homem não se importa?) ousará entrar nesse negócio, e a intemperança será de tal modo considerada um mal que nenhum homem ou mulher levará o copo de vinho aos lábios. Esse tempo há de vir, e que Deus e os anjos apresse o dia.

Agora, algumas palavras finais para os infelizes que se encontram presos ao hábito da intemperança: toda a minha alma se volta para vós em simpatia e, se fosse possível, elevar-vos-ia a todos a uma plataforma de força mental e integridade moral. Não condeno, tenho pena; não ouso censurar, compadeço-me. Pela minha própria experiência sei o caminho que tendes de percorrer e, se pudesse, envolver-vos-ia naquela força divina que vos permitiria esmagar a serpente sob os pés.

Deixai-me implorar-vos, com toda a compaixão da minha alma, que vos esforceis, com toda a vossa determinada vontade e firmeza, por lançar fora o fatal hábito que vos prende; que vos torneis seres livres, escravos de nenhum apetite nem paixão; que os esmagueis e afirmeis a vossa dignidade humana. Assim, com o amor e auxílio dos anjos, tornar-vos-eis puros e dignos da sua companhia. Segui em frente, e que o céu vos abençoe nos vossos esforços de autorredenção.

E agora, bons amigos, adeus. Que os anjos do amor e da harmonia, da pureza e da paz, permaneçam sempre convosco, preparando as vossas vidas para uma morada de luz e uma experiência de alegria no mundo espiritual.

FIM